

ANDREA H. JAPP

**NA MENTE,
O VENENO**

Diane Silver
inicia sua
caça ao serial
killer...

VERTIGO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANDREA H. JAPP

NA MENTE, O VENENO

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Tradução Vinicius Carneiro

VERTIGO

*"Sem forma, ele não pode
ser dominado, nem enganado,
nem mesmo decifrado."*

*Huainanzi,
século II a.C.*

Base militar de Quantico,
Estados Unidos, abril de 2008

– Pesadelos? – perguntou suavemente o doutor William Folston.

Diane Silver o olhou por um momento. Ele se perguntou o que ela via por trás daquele olhar de um azul tão pálido que se tornava intimidador. Que imagens sua mente estava criando? No fundo, não tinha certeza se queria saber.

– Pesadelos? – ela repetiu, como se o significado da palavra lhe escapasse.

Folston amava sua voz lenta, séria, quase sem fôlego. Uma voz cujo ritmo parecia ser imutável.

– William... meus piores pesadelos aparecem quando estou acordada. E nunca são os meus. São os dos outros, daqueles que estão mortos. Não são sonhos apavorantes, mas a horrível e diária realidade.

– Eu sei... estava me referindo mais a esse... acidente ocorrido há seis meses...

– “Acidente”? Um eufemismo caridoso... – rebateu ela com um sorriso triste. – “Homicídio” é o termo correto.

– Não. É “legítima defesa”. Este é o termo correto, e peço que você se convença disso, Diane, porque é a verdade.

Ela passou a ponta dos dedos nos lábios. O médico notou a unha amarelada do indicador. Ela ainda não tinha parado de fumar. Talvez nunca parasse. Diane não se importava com isso, como com quase tudo. Mas falar sobre a necessidade de parar... William via nisso uma espécie de grotesca obscenidade. Diane tinha tocado,

sentido, vivido o pior. Fumar três maços de cigarros por dia apenas evidenciava esse fato.

Estranho. Enquanto seu empregador, o FBI, desejava que ela fosse acompanhada por um psicólogo na base militar, Diane já tinha escolhido um especialista – ele – que nunca foi alguém particularmente reconhecido por tratar de pacientes com estresse pós-traumático. Mas será que ela esperava que ele aliviasse aquelas coisas que, por delicadeza, por respeito ou, talvez, um pouco por amizade, simplesmente se recusava a lhe dizer? Ela realmente nutria uma amizade por ele ou por qualquer outra pessoa? Não tinha certeza.

– Não foi legítima defesa – ela continuou –, mas um fracasso colossal. Eu sou suficientemente treinada pra não ter de recorrer às armas. É meu trabalho.

– Aquele cara tinha tomado muitas anfetaminas. Era imprevisível. Perigoso. Ele ameaçava você com uma navalha e tentou estuprar você. É bem provável que a matasse em seguida, pra eliminar uma testemunha. Lembro que ele já havia matado uma mulher de sessenta e cinco anos em circunstâncias parecidas.

– Com certeza. Porém, eu não sabia disso na época. William, eu estava com medo, eu atirei. Esvaziei o cartucho na barriga dele porque estava aterrorizada, o dedo colado no gatilho. Eu não devia ter medo, fui treinada pra guardar o medo encoleirado, amordaçado em qualquer canto de minha mente.

Fazia três meses que ela apresentava os mesmos argumentos. Um roubo que deu errado, como centenas de outros a cada ano. Um ladrãozinho traficante reincidente, entupido de anfetamina, que descobriu que a proprietária se encontrava no local e pensou que uma trepada, além de todo o resto, não seria má ideia.

Mas William ainda não conseguira determinar o que incomodava mais Diane : ter matado um homem ou reagido como uma mortal qualquer, com medo e agressividade.

– Não é porque você é uma das *profilers* mais bem conceituadas do Hemisfério Norte que está imune ao medo – ele argumentou,

como sempre. – O medo é uma reação animal, hormonal, poderosa, uma manifestação do instinto de sobrevivência.

O olhar azul pálido o abandonou, perdendo-se atrás de seu ombro. A boca de Diane se contraiu. Ele notou as belas rugas finas que se formavam sobre a pele lívida das bochechas. A acreditar em seu dossiê, tinha quarenta e sete anos, sendo que mais de doze passados a perseguir os piores recônditos da mente criminosa, como especialista em traçar perfis. Uma surpreendente longevidade mental, mantida, segundo os mais próximos, graças às faxinas que fazia em sua casa, de cima a baixo, com cuidado obsessivo, após cada investigação. Ela deslocava todos os móveis, rearranjando-os de modo diferente. Limpar o exterior para purificar o interior.

– Exatamente, William... Eu luto com unhas e dentes pra me livrar de meu instinto de sobrevivência.

Uma tristeza difusa invadiu o psicanalista. Leonor. Ela estava pensando em Leonor.

– Tendências suicidas? – ele se preocupou.

– Nenhuma – ela sorriu. – Caso contrário, isso já teria acontecido, e eu não teria mais o privilégio das nossas conversas. Não se trata de querer destruir a própria vida... a minha, no caso. Trata-se justamente de saber que a vida possui uma importância ínfima. Se eu não soubesse, aquele cara estaria vivo, e eu, provavelmente, morta.

– Não me diga que você pensa que a existência daquele canalha insignificante era mais importante que a sua – contrapôs William Folston, com um traço de irritação na voz.

– Oh, não tem nada a ver com ele. – Fez uma pausa e perguntou : – Você já matou alguém, William?

– Não, felizmente, não : desse tipo de provação eu fui poupado.

– Bom pra você ! O mais terrível, o mais inaceitável é que, no momento em que você mete uma bala em alguém... durante esse interminável segundo, você não se importa. O remorso vem depois.

– Você estava em pânico, guiada pelo instinto de sobrevivência, não pelo intelecto. – Uma ideia passou pela mente do psicanalista, que protestou : – Oh ! Isso ! Percebo aonde você quer chegar...

Não, Diane, você não é como os assassinos que persegue há anos. Não, eles não transmitiram isso a você !

– Eu sei – ela o tranquilizou. – Eles deixam marcas por onde passam, marcas enormes. Não foi o meu caso.

Ela olhou rapidamente o relógio de parede e disse :

– Ah, nossa sessão chega ao fim. Você me faz bem, William, mesmo eu achando que às vezes encho sua paciência ao repetir sempre a mesma coisa.

– Você nunca me enche a paciência. E mesmo que fosse assim, não existem repetições. Cada vez que temos a sensação de remoer a mesma coisa, na verdade avançamos um passo minúsculo, talvez imperceptível, mas muito real.

Ela se levantou e caminhou até a porta do escritório que servia de consultório para Folston quando ele vinha à Quantico.

Folston hesitou por um segundo.

– Diane... Posso fazer uma pergunta... um pouco fora de contexto?

– Pode.

– Por que você me escolheu, uma vez que poderia ter selecionado um psicólogo entre os melhores terapeutas especializados no tratamento de estresse pós-traumático? Enfim... alguns dos meus colegas se destacaram por cuidar de gente que volta do Iraque, de vítimas que sobreviveram a atentados ou a sequestros... ou a catástrofes naturais, ou seja lá o que for...

Ela baixou os olhos. Depois de três meses, William tinha aprendido a decifrar um pouco de seu gestual. Fixar o outro era um tipo de controle por parte de Diane. Ela calculava cada atitude dele. Desviar o olhar, deixar que este se perdesse atrás dele era uma delicadeza : assim ela o poupava do azul de suas íris, tão pálido que às vezes parecia gelado. O menor gesto nervoso da mão revelava sua incerteza quanto a uma palavra, uma frase. Baixar os olhos significava que ela se voltava para dentro de si mesma para refletir.

– Várias razões... Você tem uma boa reputação no Fredericksburg. É mais um médico de família que um psicólogo. Não me leve a mal, isso é um elogio, vindo de mim. Sua... normalidade

é reconfortante. Eu ganho minha vida graças à anormalidade. – E acrescentou, com um sorriso : – A normalidade é muito rara, você sabe. Trata-se de um ponto de equilíbrio que muito poucos apresentam.

– Obrigado por me consolar – brincou ele. – Pra você se tranquilizar, fique sabendo : eu não acredito que “normal” seja sinônimo de “banal”, especialmente no nosso mundo. Mas você disse “razões”, no plural, e eu só vejo uma...

O olhar dela o fixou sem doçura :

– O tratamento do estresse pós-traumático das vítimas. É isso... eu não sou uma vítima. – Ela suspirou : – Até depois de amanhã, William. Tenha um bom dia.

Cannes, França, abril de 2008

Irritada, Élodie Menez deixou o carro no estacionamento de seu prédio. Olhou o relógio pela décima vez em dois minutos. Droga, quase sete da noite ! Estava cansada das intermináveis reuniões que Bertrand, o chefe do seu departamento, teimosamente programava na sexta-feira à noite, quando todos os técnicos não tinham mais que uma ideia na cabeça : o fim de semana ! Só tinha trinta minutos para tomar uma ducha, se maquiar um pouco, colocar um jeans e ir direto se juntar a Magali, Corinne, Stéphanie e Luce para a noite quinzenal entre mulheres. Um grupo bastante incompatível de antigas amigas do ensino fundamental que tinham aos poucos perdido o contato e se reencontraram anos mais tarde. Porque só sobraram elas. Suas vidas se tornaram (ou tinham sempre sido) pequenos desertos, pouco perceptíveis de fora, quase aceitáveis internamente. "Somos uma legião de minúsculos desertos." Élodie tinha aprendido isso a duras penas. Crueldade final das inexistências : outro fragmento de deserto pode se pôr ao lado do seu sem que isso signifique povoá-lo. Ao fim e ao cabo, tornam-se duas desolações contíguas.

Exceto uma vez. Uma vez, seu deserto tinha sido invadido, incitado por uma energia louca. Naquele momento, uma vida nova tinha começado. Efêmera. Em seguida o deserto voltou a ser o que era, inicialmente um pouco mais caótico, depois, à medida que ela retomava seus hábitos, nem melhor nem pior do que antes.

No elevador, Élodie apertou o botão de seu andar e suspirou. No fundo, ela realmente queria uma noite tradicional de pizza-fofocascineminha seguida de uma passada no cassino? Sem exagero, uma

passada é igual a vinte euros cada uma, nunca mais do que isso, mas com duas taças de champanhe de graça, oferecidas com um sorriso pelas garçonetes que percorriam os corredores de máquinas caça-níqueis. Uma sexta à noite sim, outra não.

Fora Magali, Élodie não tinha muita afinidade com as meninas. A amizade entre elas, se muito, era o que se poderia chamar de um encontro oportuno, preso por um fio : elas se tornaram a principal distração, o único conforto umas das outras. Não se tratava de apoio ou afeição : era apenas um cobertor confortável que escondia de cada uma seus próprios defeitos, suas próprias frustrações. O fio se rompia logo que algo mais atraente se apresentava. Todas sabiam que eram como um analgésico umas para as outras, uma distração? Provavelmente não. Corinne e Stéphanie não eram exemplos de inteligência, e ainda menos de lucidez. Quanto a Luce, a única resposta que tinha encontrado para sua depressão após o recente divórcio era tão banal que não se dava conta : ela sempre tinha razão em tudo, e os outros estavam errados, sobretudo seu ex-marido. Ela afundava gradualmente em uma espécie de egoísmo cego e vingativo, tornando-se o centro de seu universo estreito e limitado.

Magali destoava no grupo de mancas sentimentais que suturavam suas feridas e dissimulavam suas cicatrizes a golpes de grande gargalhadas, de um pretenso cinismo e de falsa camaradagem. Como Élodie, Magali esperava. Nem uma nem outra sabia exatamente o quê. Melhor assim, em todo caso. Melhor que suas vidas naquele momento, naqueles últimos anos. Melhor que a boia de salvamento quinzenal : pizza-fofocas-filmezinho-cassino. Magali, ela também, tinha sido abandonada. Fazia dois anos, sem saber bem por quê. Um dia, ele tinha falado em férias românticas na Martinica; um mês mais tarde, anunciou que a estava deixando por outra mulher – mais dinâmica, mais empreendedora, mais bonita. Ela se viu sozinha, inútil, molenga e feia, tudo depois de uma única frase, exatamente antes que ele fechasse a porta. Ela se juntou ao grupo das antigas amigas do colégio, refeito às pressas. Uma espécie de confissão de impotência mal disfarçada. Receber um golpe devastador como aquele fez com que dissesse a si mesma

que não conseguiria se recuperar. Mas a gente se recupera de tudo, não é? Somente a morte é definitiva.

Foram as batidas loucas de seu coração que a detiveram no momento em que abria a porta de seu apartamento. Batidas tão desordenadas, tão ferozes que golpeavam suas têmporas, seu crânio. Bem antes de ela ouvir, ver, saber. Uma dor como um soco na boca do estômago a impediu de respirar. As chaves escaparam de sua mão e foram quicando sobre as lajes cinza do corredor mal iluminado.

Ela ouviu. A música proibida. A música mortífera. *Ebben? ne andri lontana*. Aquela do CD que tinha jogado dez, cem vezes no lixo para depois o resgatar. *La Wally* de Catalani. Maria Callas. A música, as vozes a faziam fechar os olhos de felicidade e gritar que o mundo era maravilhoso. Ele.

Élodie hesitou. Fugir. Descer as escadas e pegar o carro. Começar chutando o balde, passando por cima de tudo. Ou avançar verdadeiramente. Lembrar-se, pela milésima vez, de que não vivia, que esses dois últimos anos e quatro meses sem ele tinham sido um pesadelo gélido e dolorido. A cada instante, salvo quando conseguia odiá-lo. Raramente. Após tudo, o que ele tinha feito de tão imperdoável? Nada. Ele a tinha deixado, sem uma palavra, sem uma explanação. Desaparecido. Evaporado. Entretanto, ela havia se perguntado várias vezes o que ele poderia ter visto nela. Ele devia ter acabado por perceber a total inadequação dos dois. Como culpá-lo? Ele era brilhante, bonito, alegre, um pouco louco, totalmente generoso. Um homem solar. Existem poucos. Mesmo com esforços constantes, ela era um pouco sem graça, um pouco sem sal. Não bobinha, mas também não muito inteligente. Não sem graça, mas também não engraçada. Não apagada, mas também não conquistadora. Uma banalidade desoladora que repercutia até mesmo fisicamente. Não pequena, mas também não alta. Não gorda, mas também não magrinha. Não loira, mas também não morena. Não feia, mas também não uma beldade. Uma mulher pau pra toda obra e que pode ser trocada. Daquele tipo que o açougueiro não reconhece na rua, embora ela compre carne no mesmo local há mais de cinco anos. A Senhora Todo-mundo que

queria tanto ser a Senhora Alguém-muito-especial, um tipo inesquecível, que é acompanhado por olhares quando entra nos restaurantes, nas lojas, que é saudado por sorrisos de apreciação ou por explosões de ciúmes. Como ele em versão masculina. Muito masculina.

Entrou no apartamento mesmo sem querer, sem mesmo se dar conta.

Ele. Estava diante do computador, de costas para ela. Não parecia ter percebido sua chegada, absorto que estava em sua pesquisa. Do marco da porta, ela apenas distinguia vagas formas marrom-bege sobre a tela. Subitamente, um frio na espinha. Ele se virou lentamente e a cumprimentou com um de seus sorrisos. Um sorriso que a perturbava até às lágrimas. Ela procurava desesperadamente o que dizer, ao mesmo tempo que tudo parecia inapropriado : “Bom dia”, “Tudo bem?”, “Você voltou?”.

Ele se virou de novo para a tela e fechou a janela da página que consultava, dizendo, com uma voz suave e triste :

– Você não deve ver isso.

– O que é?

– Uma petição internacional sobre um suposto artista costarriquenho.¹ Ele pegou um cão de rua e o prendeu dentro de uma galeria para uma exposição. Ele o deixou morrer, como... “obra de arte”. Ali, na tela... eram as fotos do cachorro agonizando. Toda a resignação e a incompreensão do mundo em seu olhar. Droga, eu tenho certeza de que ele acreditou até o fim que alguém iria salvar o bichinho. Mas ninguém fez isso. Os visitantes passavam diante dele. Estranhamente, nem urina nem excremento em torno dele. Era preciso limpar tudo cuidadosamente, deixando-o morrer sozinho. Uma merda de cachorro não era para ser... artístico ! Isso fede.

Lágrimas embaçaram o olhar azul-marinho com que ele a encarava. O belo queixo quadrado se contraía. Ela sentiu sua raiva, sua dor, e se segurou para não correr e consolá-lo. Murmurou :

– Que horror ! É repugnante !

– Você sabe... não tenho certeza se amo ou não a nossa espécie
– explicou ele, franzindo a testa. – Nós todos vamos apodrecer.

Mesmo a arte e a criação.

Inexplicavelmente, apesar da monstruosidade do que ele contava, uma espécie de alívio quase insuportável invadia Élodie. Ele retomava as conversas que costumavam ter do ponto em que a tinha abandonado dois anos e quatro meses atrás, eliminando a ausência, aniquilando, com algumas frases, o minideserto no qual ela se escondia desde então.

– Ele vai ser processado pela justiça?

– Espero que sim. Não tenho certeza. – Ele fechou os olhos e continuou, com uma voz estranha, que a incomodava : – Nós somos os últimos predadores. Os outros predadores matam por necessidade, pra comer, se defender, proteger seus filhotes e seu território. Isso é normal. É brutal, mas é assim que a vida funciona, que ela sempre funcionou desde o início dos tempos. Nós somos a única espécie que mata por sadismo, pelo gosto de ter vantagem, pelo tédio, ou mesmo pela “beleza” do gesto. É a razão pela qual um dia nós desapareceremos. Todas as outras formas de vida respirarão aliviadas quando nós não estivermos mais aqui pra atormentá-las.

– Você está me deixando totalmente angustiada.

Ele se levantou e veio na direção dela, de braços abertos. Meu Deus... como ela tinha esperado por aqueles braços ! Como tinha sofrido por eles não mais a acolherem. Um longo e terrível pesadelo. Silêncio, sem mais pesadelo. Ele estava ali.

– Que cretino eu sou. Perdão. Vamos parar de pensar sobre isso... Muito deprimente. Como você está? Seu dia foi muito cansativo? – Apertou os olhos e perguntou, com voz descontraída : – Ah... você tinha algo previsto pra esta noite, não?

– Eu... sim. Enfim, não, nada de mais. Vou ligar pra avisar que não vou. – Subitamente, em pânico por causa de detalhes, que eram mais fáceis de abordar que o resto, ela se perturbou : – Vou sair... não tenho nada pra comer... o que você quer...

– Oh... Mulher de pouca fé ! Eu trouxe tudo. Certo, não cozinhei nada... Nós temos *foie gras*, que parece bem bom. Metade de uma lagosta pra cada um, duas saladas e... O que eu comprei pra você? Seu grande pecado favorito... – ele brincou, satisfeito.

– Algo de chocolate?

Ela fazia um esforço desesperado para demonstrar um ar tão alegre, tão relaxado e leve como o dele. No entanto, tudo estava se quebrando dentro dela. Não conseguia entender uma coisa : como alguém pode ter o poder de colocar tudo em equilíbrio em sua vida, de justificar quem você é, de legitimar sua existência? Quer dizer que ela não tinha vida real sem ele? Sim, era exatamente isso. E ele mal tinha passado pelo seu caminho nos últimos cinco meses. E ainda. Indo, vindo, partindo, reaparecendo. Uma espécie de miragem, de alucinação imperceptível. Merda ! Ela dependia, havia dois anos e quatro meses, de uma magnífica ilusão em forma de homem que permanecera na sua vida somente algumas semanas. Pior. Se quisesse ser absolutamente objetiva, pressupondo-se que antes dele, em seus trinta e quatro anos de existência, ela nunca tinha vivido, ela devia a esse homem as seis semanas durante as quais tinha realmente tido a sensação de ser plena. De viver.

– Um bolo recheado... com muito, muito, mas muito chocolate...
É simples : você vai se dar mal.

– E vou engordar um quilo – ela riu, sem jeito.

– Minha experiência diz que as coisas boas nunca engordam – ele sentenciou, fazendo Élodie ter vontade de rir.

Porém, ela sentia muito medo para sorrir. Muito medo de que ele desaparecesse de novo.

– Ah, mulheres e suas manias ! Vamos correr um pouco, depois. Isso vale um grande bolo, não?

Quando acordou, embalada pelo cheiro dele, ela congelou. Não se mover, não abrir os olhos, mal respirar. Aproveitar cada segundo com ele, a leve camada de suor daquela pele tão desejada em sua boca. Ele se remexeu durante o sono, virou-se de lado, de costas para ela. Relutantemente, Élodie decidiu se levantar. Deslizou para fora da cama com cuidado especial. Um forte desejo de fixar aquele momento a invadiu. Agir como se tudo fosse normal, como de costume, como se acordasse todas as manhãs ao lado dele. Eliminar a ansiedade que não a deixava desde a véspera, quando ele reapareceu : e se ele partisse de novo, por um motivo qualquer?

Preparar um suntuoso café da manhã. Algo normal, é claro, uma manifestação clássica da vida de um casal de amantes. Telefonaria em seguida para a clínica. Inventaria qualquer mentira para justificar sua ausência. Afinal, nunca faltava ao trabalho. Riu baixinho ao colocar os fones de ouvido do MP3. Um dia perfeito na vida de Élodie Menez. Com ele. Abriu a porta do refrigerador e verificou o que havia com um olhar exigente. Estava morrendo de fome. Que noite. Que maravilha. Durante horas, tinha oscilado entre a sensação de ser uma massa de nervos, de células nervosas, captando cada sopro, cada leve toque com uma nitidez quase dolorosa e um mergulho abençoado. Em dado momento, enquanto o tinha dentro dela, tinha certeza de ter perdido os limites de seu corpo. Era uma parede de músculos quentes envolvendo o pênis, se contraindo em espasmos em torno dele.

Perdida em seus pensamentos, rodeada pela música, não o ouviu chegar por trás. Pulou quando ele deu uma série de pequenos beijos ao longo do seu pescoço.

– Eu comeria um boi inteiro – ele murmurou.

– Muito grande pro meu refrigerador. Entretanto, nós podemos começar com omelete, presunto, torradas. O queijo está um pouco duro, e não tenho mais suco de laranja – ela constatou.

– É um bom começo – ele comentou, verificando o que havia nas prateleiras, um pouco decepcionado. – Sendo assim, vai faltar munição.

– Tenho uma proposta : tomamos o café da manhã. Eu ligo pra clínica e me faço de doente, depois vou ao supermercado.

– Ótimo. Nesse meio-tempo, respondo alguns e-mails e, em seguida, fico livrinho da silva. Ao seu dispor, *madame*.

Um arrepio de prazer e de alívio percorreu Élodie.

Élodie entrou depressa no estacionamento de seu prédio, MP3 nas orelhas, marcando o ritmo dos pequenos movimentos que fazia com a cabeça. Estacionou em sua vaga e saiu do carro. Pegou as duas grandes sacolas plásticas recicláveis no banco traseiro e, carregada como um burro, caminhou para o elevador, cujo botão para chamá-lo estava vermelho. Não tinha se esquecido de nada.

Uma enorme chuleta de boi, batatas *sautéés* congeladas, cerejas, creme de leite, queijo e duas garrafas de um bom vinho, sem esquecer um pouco de embutidos e da baguete. O suficiente para sustentar um ninho de amor.

Cantarolando, ela esperou, as duas sacolas no chão, a seus pés. Droga, quem estaria prendendo o elevador? Ele estaria de novo em pane?

Alguma coisa de muito estranha e de muito dura passou pela sua garganta. Durante uma fração de segundo, ela não compreendeu, até que a corda de metal a estrangulou, inexoravelmente. Tentou se debater, lutar, gritar. Depois pensou apenas em soltar a corda, respirar.

Desmoronou de joelhos sobre as sacolas, um fio de saliva escorrendo pelo queixo. Um véu preto encobriu seu crânio. Suas unhas se soltaram da corda.

Ele a olhou por alguns instantes e murmurou, aborrecido :

– Desculpe, não tinha outra opção. Entretanto, não fiz mal pra você, não é?

Ergueu o corpo sem vida de Élodie e caminhou em direção a uma das grandes lixeiras que tinha reservado um pouco antes atrás de um dos pilares do prédio. Com um pouco de sorte, ela seria encontrada depois de três ou quatro dias. Talvez menos, por causa do calor. Era mais tempo do que ele precisava.

Pegou as duas sacolas e abriu a porta de incêndio que dava para a escada de segurança. Tendo chegado ao terceiro andar, tirou o jornal que bloqueava a porta do elevador. Já na cozinha, verificou as compras. Legal, uma costela de boi e batatas *sautéés* ! Ligou o forno e se serviu de um copo de vinho. Um pouco morno. Bastante leve e frutado, no entanto.

A grande faxina começava. Ele se lembrava com precisão de cada lugar onde tinha colocado os dedos. Um hábito. Uma simples questão de treinamento. Quanto aos lençóis, às toalhas de rosto, aos guardanapos e ao teclado do computador, foram direto para o saco de lixo.

Regra nº 1 : nada substitui o treinamento.

Regra nº 2 : não importa a presa, se for dotada de um mínimo de inteligência, ela sabe que deve ficar alerta. Jamais fechar os ouvidos quando um predador estiver no seu encalço.

Élodie ignorava isso? Que besteira. Principalmente porque, pensando bem, a situação das presas humanas é muito mais confortável que a de um pobre coelho. O coelho fica impedido de fugir diante de tantas mandíbulas ferozes. Por outro lado, um único predador ameaça as criaturas humanas e suas vidas insignificantes : o Homem.

Com um sorriso de *gourmet*, Nathan colocou no forno a chuleta do boi; depois, retirou de sua mochila de couro um par de luvas de látex e um longo estojo de couro preto. Após o almoço, ele se permitiria fumar um excelente Habano. Uma comemoração.

[1](#) Ver a petição internacional para a retirada dos trabalhos de Guillermo Vargas Habacuc da Bienal de arte contemporânea de 2008 de Honduras.

Paris, França, maio de 2008

Instalada no deque de um café, Sara Heurtel pôs seus óculos escuros. Um dia perfeito, suave, quase quente, luminoso. Uma quarta-feira como tinha se prometido uma centena de vezes, mas que uma centena de vezes não tinha se permitido. Seu olhar passou pela multidão de transeuntes, de turistas que encobriam todas as arcadas do Louvre, perdendo-se em seguida em direção aos Jardins das Tulherias. Ela soltou um suspiro de contentamento e esticou as pernas sob a mesa. Um erro logo saudado pelo grunhido de um pedestre que tropeçou em um de seus pés e lhe lançou um olhar enfurecido :

– Está bom aí, né?

Sara virou-se para o homenzinho instalado ao seu lado. Victor, seu filho de doze anos, que tomava um refrigerante, uma concessão reservada aos bons momentos. Ele a fitou com um ar muito sério, ponderado. Dois olhos amendoados, do azul cambiante de um mar frio e profundo.

– Está muito gostoso aqui, querido... Eu quero que isso... A gente deveria se permitir mais vezes este tipo de escapulida. O problema é que sempre tem algo que acontece no último momento.

– Não é sua culpa. – Ele sorriu, encolhendo os ombros. – Você trabalha muito. É o seu trabalho, que determina isso... Não é como o trabalho de todo mundo – acrescentou num tom orgulhoso.

Victor, razoável e sutil. Victor, cuja inteligência precoce a desconcertava. A propósito disso, ela se esforçava para ser lúcida. Faria parte de uma legião de mães que estão convencidas de que sua prole é a coisa mais preciosa do planeta? Ou, ao contrário, ele

era mesmo tão extraordinário como ela acreditava? Victor, a justificação de uma vida. Sua compensação deslumbrante. Uma vaga sensação de culpa temperou sua satisfação. Louise. Sua filha de dezesseis anos. A idade ingrata, melhor dizendo – frase que poderia ter sido inventada para sua primogênita. Louise se empenhava em arruinar a vida de todo mundo, como se tivesse um recorde a bater.

Muito poucas coisas pareciam ligar o irmão à irmã, exceto a cor dos cabelos, castanho médio com um reflexo ruivo que mudava para o cobre no verão, os cabelos de sua mãe. Victor tinha herdado também outras características de seu biotipo – era um pouco comprido demais, um pouco magro demais – e de seu olhar azul carregado, enquanto Louise era coberta de curvas que pareciam uma concha ou uma armadura. A morte de Éric, cinco anos atrás, tinha perturbado terrivelmente a filha, a ponto de Sara ter sufocado a própria tristeza. Provavelmente, Victor era ainda muito pequeno para compreender a que ponto aquele estúpido acidente de moto iria devastar suas vidas. Não devia pensar no carro que tinha batido na Honda do marido, jogando-o em alta velocidade contra o parapeito de uma ponte. Sem parar. Éric tinha morrido de uma hemorragia no fígado pouco depois de ser internado na emergência do hospital. Se o motorista do carro tivesse chamado uma ambulância, talvez Éric ainda estivesse vivo. Não devia pensar nisso, não hoje. Devia evitar a raiva descontrolada que a sacudia a cada vez que refletia sobre o ser hediondo que tinha abandonado seu marido em agonia, no meio da noite, em uma ponte.

– A gente precisa encontrar uma lembrancinha pra Louise, de qualquer maneira – repetiu o filho pela quinta vez, apontando a camiseta que Sara acabara de lhe oferecer. Um tigre rugia, cercado pela frase *Knowledge is Power !, Conhecimento é poder !*

– Neste caso, é melhor que você escolha, porque, se vem de você, é mais fácil – argumentou Sara.

– Sim, ela tem um ar um pouco soturno ultimamente. Na verdade, essa gente igual ao Nosferatu, cheia de *piercings*, toda de couro preto... é um saco.

– Eu não ligo pra roupas extravagantes, pra mim, isso é indiferente. – E acrescentou, com um sorriso : – Sua mãe – que tem um ar de uma mulher séria – teve também sua turma, mais do tipo empetecado. Não, o que me aborrece é que ela parece tão bizarra com aqueles tênis, *é estranho demais...* Mas não há como conversar. Ela me repele.

– Bem, pra mim também... Eu não ligo – retrucou Victor.

– E tem mais : ela passa um tempão naquele computador...

– Eu também, mãe.

– Sim... mas eu não sinto que ela se diverte muito.

Sara desviou o olhar para o homem que estava em pé na frente de sua mesa. Ele sorria, a cabeça inclinada para o lado, esperando. Fez um gesto hesitante na direção da cadeira ao lado da de Sara, sobre a qual estava a sacola de uma livraria onde mãe e filho tinham feito boas compras um pouco antes.

– Desculpe – disse Sara, pegando precipitadamente a sacola.

O homem agradeceu com um aceno de cabeça e se instalou ao lado dela, empurrando um pouco sua cadeira, apesar da falta de espaço.

Apontando a sacola da livraria que ela segurava, brincou :

– Não vamos trocar uma pela outra. Você teria uma surpresa ruim quando chegasse em casa.

Ele falava com um leve sotaque norte-americano. Sara o analisou. Cara bonito, entre trinta e três e trinta e seis anos, cabelo castanho-claro um pouco comprido, cortado reto. Usava óculos de sol em moda, com as lentes retangulares, muito escuros e curvados, que lembravam olhos de insetos. Ela teve certeza de que seus olhos eram azuis.

– Você também, provavelmente – respondeu gentilmente.

– Estou certo de que há histórias em quadrinhos dentro da sua – acrescentou ele, analisando Victor.

– Você ganhou – admitiu Sara.

– Adoro sua camiseta – disse ele ao menino. – *E é verdade*, o conhecimento traz poder.

– Minha mãe acabou de me dar.

– A propósito, eu me chamo Nathan – prosseguiu o estrangeiro, estendendo a mão a Sara.

Ela a apertou sem entusiasmo e, principalmente, sem dizer seu nome. O cara começava a irritá-la. Certamente, ela reagia como uma boa parisiense : fechada. Não era para menos : tinha bastante prática com norte-americanos para saber que eles são mais comunicativos, principalmente quando se transformam em turistas. Entretanto, ela não queria nenhum tipo de conversinha casual numa mesa de um café.

Ele teria percebido? Talvez. Ele lançou um olhar para seu belo e discreto relógio e disse em tom de lamento, ao se levantar :

– Ah, Paris, Paris, eu adoro esta cidade... Porém, não se pode ter pressa...

Neste caso, o melhor ainda é fazer seu pedido no bar – ela o despachou com naturalidade.

Ele respondeu com um sorriso alegre e se afastou, dizendo :

– Tenha um bom dia.

Ela o seguiu com o olhar por alguns instantes. Ele fez uma pausa sem se voltar para olhá-la e acendeu um charuto longo antes de continuar caminhando. Victor comentou :

– Puxa, você foi muito fria !

– Ele começava a me cansar – admitiu. – *Não é porque querem conversar que as pessoas devem puxar assunto com um estranho.*

A vivacidade de sua reação a surpreendeu. Não era próprio dela fazer tanto barulho porque um turista teve a audácia de lhe dirigir a palavra. Era um dia agradável e descontraído, na companhia de seu filho...

Paris, França, maio de 2008

Sara parou na porta do quarto e repetiu, exasperada :

– Louise, você vem? O jantar está servido, já faz dez minutos que estamos à mesa.

O rosto carrancudo da filha se voltou para ela. Os cabelos endurecidos e pintados de preto azulado a faziam parecer pálida, de uma lividez cuidadosamente alimentada pela base quase branca e a tinta carregada do delineador preto. Sara se perguntou, pela milésima vez, quando a crise de *adolescência* ficaria, enfim, para trás.

– Eu já disse que não estou com fome. E, além do mais, estou no meio de uma venda no *eBay*.

– O que você está vendendo?

– Coisas – respondeu Louise num tom que indicava que ela não contaria mais nada.

Sua atenção se voltou para a tela. A conversa tinha terminado.

Sara fechou a porta atrás de si. Pelo menos, com o tanto que comia de guloseimas, sua filha não era anoréxica. Sara se preocupava mesmo com o contrário, tentando avaliar o avanço da obesidade de sua primogênita, apesar dos vestidos largos, das saias sobrepostas, dos casacos longos – escuros, é claro – atrás dos quais ela dissimulava seus “pneus”.

Foi se juntar a Victor, já sentado à mesa.

– Ela ainda está de mau humor? – perguntou o menino.

– Parece que ela conseguiu um pouco de dinheiro vendendo coisas em leilões.

– O quê? ! – se surpreendeu Victor.

– Eu não sei... Você sabe, sua irmã...
– É coisa de menina, esse humor, essas crises?
– *Não sei. Em todo caso, eu imploro, não seja assim em alguns anos !*

– Oh ! Não... ela é muito gorda ! – riu o garoto. – E depois, veja aquele *look* ! Eu não fico dizendo por aí, mas não ousa mais sair com ela.

Sara se esforçou para mudar de assunto a fim de atenuar o clima.

Ela se esforçava para encontrar desculpas para a primogênita : a morte do pai, os hormônios, o trabalho que tomava todo o tempo da *mãe, a influência de seu grupinho de góticos*, que pareciam bastante bonitinhos e inofensivos, principalmente esse “senhor Fausto”, cujo nome verdadeiro era Cyril. Um jovem charmoso e educado. E ajuizado : provavelmente pensando na futura carreira de advogado ou de funcionário de alto escalão, ele tinha optado por usar *piercings* magnéticos.

O mais saboroso era o uso de frases formais e informais entre os membros do grupo. Sua filha e os três outros jovens eram muito formais com o tal do Fausto, o qual, em contrapartida, retribuía com informalidade. Ritos que assinalavam um pertencimento. Por vezes, a lucidez de Sara passava por cima de tudo, trazendo de volta seu espírito materno. De uma inteligência medíocre, incapaz de superar a preguiça e a falta de curiosidade intelectual, nem seu permanente azedume, para não falar na agressividade latente, Louise era uma decepção. Sara odiava admitir isso. Ela se repreendia : sua filha ainda era nova. Tantos adolescentes passam por uma fase difícil, colocando os pais diante de uma dura provação. O mal-estar da filha se traduzia no egocentrismo triunfante e numa alternância de episódios depressivos e de ódio. Era preciso esperar que a crise passasse. Elas ririam disso em alguns anos.

Um lento sorriso apareceu nos lábios pintados de batom grená de Louise. Ela leu e releu com prazer o e-mail que acabara de receber do senhor Fausto. Ele descrevia com uma grande precisão de detalhes a ereção que tinha tido quando se imaginou

decapitando sua irmã mais nova. Um orgasmo insano, segundo suas palavras, tinha subido quando viu o sangue esguichando sobre ele, encharcando seu rosto, suas mãos e seu pênis. A mão de Louise entrou por baixo de seu vestido. Sua respiração se acelerou e ela gemeu. A ideia de que a mãe poderia surpreendê-la a deixava ainda mais excitada. Ela esperou que seu ritmo cardíaco se acalmasse antes de responder :

Que lindo e-mail, caro senhor. A morte é tão vibrante. Que alívio, que alegria eu sentiria se os matasse. Ambos. Eu os odeio com toda a minha força. Essa cadela mandona e seu filho anão. Acho que começaria por ela, de preferência. Em breve. Estou pronta, graças à sua valiosa lição. Uma bela noite, meu querido senhor.

Ela clicou em “Enviar” e, em seguida, apagou os e-mails dele, como tinha sido combinado. Que vergonha : ela teria adorado relê-los. Muito chato. A cena na qual o senhor Fausto decapita a irmã estava impressa em sua mente, com todos os detalhes macabros e sangrentos. Poderia revivê-la por prazer. Que belo presente acabava de receber. Como agradecimento, tirou sua veste de renda preta e levantou as mangas de sua blusa de gola rulê acima do cotovelo. Olhou satisfeita a pele vermelha e gosmenta em torno do alfinete de segurança que tinha colocado alguns dias antes. Apertando a mandíbula, lutando para segurar as lágrimas de tanta dor, segurou o alfinete e girou-o em todos os sentidos, o que fez com que um tênue filete de sangue escorresse em direção ao seu pulso. Em seguida, inspirou profundamente e pegou numa gaveta um frasco de Merthiolate para desinfetar a ferida com cuidado. O senhor Fausto havia sido taxativo : não estamos preparados para infligir sofrimento a alguém se não o conhecemos. Entretanto, eles, os sobre-humanos, deviam viver. Afinal, eles não eram a nova raça, a espécie superior destinada a dominar e depois substituir as ineptas formigas humanas, a sub-raça?

Base militar de Quantico, Estados Unidos, maio de 2008

O nervosismo tomava conta de Diane Silver. No entanto, nada em seu tom pausado ou em sua expressão tinha mudado. Ela teria sido uma admirável jogadora de pôquer. Pena que os jogos de cartas eram chatos. Na verdade, esse rosto impassível que apresentava ao mundo não lhe custava nada, exigia apenas um pouco de esforço. Poucas coisas ainda a comoviam – uma arma invencível contra os delinquentes que entrevistava. Boa parte dos assassinos e estupradores em série são manipuladores notáveis. Procuram um ponto fraco em você e chafurdam nele assim que o descobrem. Para alguns, eles possuem um conhecimento inato da psicologia humana, o que explica como conseguem driblar a desconfiança e seduzir suas presas. Contudo, suas táticas são limitadas, e o trabalho de Diane consistia em identificá-las, em reconhecê-las. Eles podem tentar nos convencer de sua estupidez ou de sua loucura, ser julgados irresponsáveis pelos seus atos e, conseqüentemente, ganhar uma redução substancial da pena. O hospital psiquiátrico em vez da prisão, uma vantagem definitiva. É mais simples fugir de um hospital, mesmo um carcerário, que de uma prisão de segurança máxima, principalmente do corredor da morte. Mais sutil, a farsa do abuso sexual ou de outros sofrimentos durante a infância, de alguma forma, justifica suas monstruosidades quando adultos. Além disso, felizmente, não são todas as crianças que foram abusadas que se tornaram assassinos : uma parcela significativa daqueles que o FBI havia detido provinha de famílias normais, sem histórico de maus-tratos. Enfim, um último recurso após o julgamento e a prisão : uma grande boa vontade. Uma

notável assiduidade nas sessões de terapia, o desejo louco de aprender um trabalho útil – de bombeiro a *médico* –, *sem falar do entusiasmo pelos remédios*. Cereja no bolo, a graça os inundava. O próprio Deus vinha sussurrar em seus ouvidos o quanto eles eram nocivos e ordenar que mudassem. No entanto, os cerca de trezentos assassinos em série que foram soltos, na maioria das vezes por causa de uma brecha jurídica, tinham tido uma recaída, sendo que alguns tomavam hormônios masculinos para apagar os efeitos dos **redutores de testosterona**, supostamente capazes de acalmar sua agressividade e seu desejo de matar.

Diane se lembrou do juiz afro-americano de Massachusetts que ela chocara terrivelmente em um jantar muito chique, organizado no Hyatt. Atiçado por uma de suas declarações, ele havia dito :

– Não me diga que você está a favor da pena de morte,² essa barbaridade...

– Seria intolerante que uma sociedade civilizada punisse com a morte um pobre rapaz que, num acesso de raiva, de ciúme ou de medo, matou alguém... e lamentou por isso, provavelmente, por toda a vida. A prisão é suficiente. Nesse caso, estamos dentro de reações humanas “normais”, se assim posso dizer, mesmo se deploráveis. Em outras palavras, nos desviamos de nosso assunto : os assassinos em série. Aqui deixamos a psicologia humana “normal”. Você conhece as estatísticas tão bem quanto eu, senhor juiz.

Abalado, o gentil juiz, que devia ter uma mulher bem-educada, com filhos bem-educados e netos bem-educados, respondeu :

– Você não está mesmo sugerindo que nós deveríamos reservar a pena de morte a essas pessoas, como uma espécie de pena de exceção, válida para todos os estados do nosso país?

Após ter desfrutado um longo gole de seu excelente merlot, ela rebateu :

– Por que não? Onde está o problema? Além de sua consciência pesada de homem satisfeito com a vida, onde está o problema? A eutanásia ou a prisão perpétua vêm em seguida, sem possibilidade de perdão. Porém, a segunda escolha custa caro ao contribuinte. O

dinheiro seria muito mais útil se investido na educação ou na saúde pública.

– É monstruoso – bufou o simpático juiz.

– Sério? Pense bem : imagine se sua adorável netinha cai nas garras de um desses sádicos soltos pela justiça. O que é que ele vai fazer? Cantar uma canção de ninar e entregar ela pra você? Não. Ele vai estuprá-la, torturá-la durante dias antes de completar o serviço no momento em que ela não o divertir mais : quando ela não for mais do que uma massa sangrenta e inerte. Depois, ele vai enviar pra você uma fita de videocassete com suas façanhas e vai se deleitar imaginando seu desespero – e, portanto, o poder que exerce – quando você a vir.

O juiz engoliu com dificuldade, fitando-a com um olhar perdido. Ela continuou :

– A ideia não é matar ou, muito menos, se vingar. É retirar de circulação, de maneira definitiva, esses indivíduos. Eles nunca vão se “acalmar”, você sabe tão bem quanto eu. A ideia é proteger suas vítimas potenciais – e elas são inúmeras –, não encontrar desculpas ou circunstâncias atenuantes. A única coisa que importa é que eles matam. Sua vida se resume a matar, estuprar, torturar. Devem ser eliminados. Removidos da face da Terra.

– Mas, enfim – ensaiou o juiz –, seu trabalho consiste em... compreender suas motivações, o que os leva a...

Ela o tinha interrompido, atordoada por sua candura.

– Em absoluto. Pelo menos, *não é* assim que defino meu trabalho. Meu único objetivo é prender esses indivíduos. É preciso, então, que eu saiba como pensam.

Teve uma necessidade repentina de ser impertinente com o amável juiz e acrescentou apertando os olhos : – Sinto uma grande satisfação quando eles estão sendo julgados em um estado onde há a pena de morte.

Ele não lhe dirigiu mais a palavra durante todo o jantar, passando os olhos sobre ela como se não a visse. Como se ela não existisse.

Diane Silver retomou sua conversa telefônica com Edmond Casney Jr., o diretor da base militar de Quantico. As más línguas afirmavam que a prestigiada carreira do padrasto dele, o senador Murray, não era um fator irrelevante em sua ascensão na hierarquia do FBI.

O que Diane tinha entendido ingenuamente como um pedido educado se revelava uma ordem disfarçada. No fundo, tirando o fato de que odiava que lhe impusessem decisões goela abaixo, ela não ligava. Exceto se Bob Pliskin se encontrasse atrás do plano, o qual seria então uma armadilha. Pliskin, o bisbilhoteiro, era o devoto secretário de Casney. Era quem fazia o trabalho sujo, mais precisamente. Tirar Bob, sabotá-lo no momento em que a oportunidade se apresentasse seria um dos raros prazeres de Diane. Um prazer confidencial.

– Eu entendo perfeitamente, senhor –, ela repetiu pela terceira vez, com a voz polida de boa aluna. – Porém, o senhor conhece minha relutância diante desse tipo de coisa. Não se aprende sobre a mente criminoso em seis meses. Ainda mais que esse... candidato, Charles Devernois-Klyne, tem uma formação de advogado, não é isso?

– De Harvard, com louvor. Brilhante – respondeu Casney. – Ele foi altamente recomendado por várias pessoas... mais do que respeitáveis. Além disso, sua monografia e seu estágio conosco não nos custarão um centavo.

– Oh, disso eu não duvido – respondeu, evitando ser irônica. – Quer dizer, então, que *não* havia nenhum conhecimento básico em psiquiatria, psicologia, criminologia ou outra que pudesse justificar esse interesse por assassinos em série?

– Aonde você quer chegar, Diane?

– Eu desconfio, por profissão, de pessoas que são fascinadas por assassinos.

– Não é fascinação. É mais um desejo legítimo de trabalhar com uma área de interesse primário para a prática penal, que é o objetivo de Devernois-Klyne.

– Pensava que ele era um advogado de negócios em um escritório de prestígio em Boston.

– Todo mundo tem o direito de evoluir.
– Certamente. Ele tem trinta e oito anos, não foi o que você disse?

– Sim.

– Um pouco tarde pra fazer uma monografia, não? Se ele deseja se informar sobre... futuros clientes assassinos ou suas vítimas, há uma infinidade de ótimos livros. Além disso, sonhar em defender assassinos em série não é uma escolha profissional sábia. Sem falar no ódio que inspira ao público durante o julgamento, mesmo ele sabendo que o advogado apenas cumpre o jogo legal. Ainda bem que eles não são tão numerosos como os bandidos de colarinho branco, sendo que seu "ofício" é muito menos lucrativo, claro.

A irritação tomou conta de Edmond Casney Jr. O que ela estava pensando? Que escolha tinha? Ele próprio sempre acatava uma ordem de seu padrasto muito autoritário e importante. O velho idiota e pedante queria fazer um pequeno favor ao advogado de um amigo. A política, que define nossas vidas, se resume cada vez mais a isto : subidas e descidas de poderosos em elevadores de luxo. *É assim* que funciona o mundo, e se a inconveniente da Silver não entende, pior para ela!

Mas ele estava errado : Diane tinha entendido, mas não ligava para isso também. Casney ouviu o estalar característico da tampa de um Zippo.

– Você fuma! – acusou ele.

– Grande perspicácia.

– É proibido fumar aqui.

– Estou no meu escritório, com a porta fechada e sozinha.

– É proibido em todos os edifícios.

– Difícil ignorar, tendo em vista a quantidade de avisos que indicam isso. Hoje em dia é mais correto carregar uma arma na cintura, um direito constitucional, que tirar um maço de cigarros do bolso. Para o senhor, o tabagismo passivo é mais perigoso que uma bala no peito?

Aliviado por esse pretexto patético que lhe permitia provocá-la, ele insistiu :

– *É proibido por lei e pelo regulamento interno, Silver!*

A mesma voz calma e séria lhe respondeu :

– O que o senhor deseja? Me dar umas palmadas, me privar da sobremesa ou foder comigo atrás da porta do escritório com uma reprimenda administrativa presa em minha blusa?

Ele a detestava, tinha certeza disso. Entretanto, a reputação de excelência e seus resultados a protegiam. Seu passado igualmente. Pior, seu padrasto senador, a quem de fato ele creditava a nomeação dela, tinha insistido : Charles Devernois-Klyne queria fazer sua monografia orientado pela doutora Diane Sterling, ninguém mais. Edmond Casney Jr. era bastante esperto e honesto para admitir que a animosidade que sentia por ela nascia do desprezo que nutria por si mesmo. Um desprezo cada vez mais forte. Cada vez mais desagradável. Ele queria que Diane não cedesse, que não compactuasse, que se lixasse para tudo aquilo, ou quase. Ele queria ser aquilo que não era mais.

Edmond Casney Jr. tinha internalizado o medo social, esse medo traiçoeiro e lamentável. Temia permanentemente perder o emprego, perder a proteção do padrasto, o que significaria perder sua mulher, seus filhos, sua bela casa, suas ações na Bolsa, sua filiação ao clube de golfe de jogadores seletos. Ele não ficaria mais parado esperando a morte com o rabo entre as pernas. Não lhe restava mais espaço nem mesmo para temer a morte. A sua ou a dos seus entes queridos. Na verdade, nem pensava na morte, exceto quando conversava com Silver. Quando ela respondia a um de seus raros chamados com um “Bom dia, senhor” esbaforido, a morte surgia no rosto de Casney. A vulnerabilidade humana se tornava uma obviedade indiscutível, e ele pensava em não viver mais. E esperava apenas uma coisa : esquecê-la. Diane carregava em cada uma de suas células a lembrança de tantas vítimas cujo calvário Casney queria ignorar. Ele precisaria ter perdido um filho para conseguir aguentar tudo, já que nada mais importa realmente depois disso? Está certo, não tinha experimentado o desespero pela morte de uma criança. Então, sua sorte estava se transformando em culpa? Somos culpados de não ter sofrido além do suportável, do compreensível? Não, não somos. Uma de suas crianças não tinha sido estuprada, torturada, esfaqueada. Ao contrário da filha de

Diane. Onze anos. Leonor. O bastardo lunático tinha feito sua higiene íntima, com todo cuidado : ela estava menstruada, não estava limpa. Isso, antes de continuar com o resto. O sangue escorria por toda parte.

Diane havia sucumbido. Durante quase um ano, tinha expurgado de si, como podia, entre neurolépticos, álcool e entorpecentes, os pedaços de sua filha que haviam sido encontrados. A admirável psiquiatra-psicanalista nova-iorquina, que recebia no seu divã todas as celebridades das finanças, da moda, da arte, do esporte, tinha desaparecido de circulação, se enterrando em hotéis decadentes, trocando trepadas por doses ou por um bandejão, conseguindo doses por meio de golpes ou em troca de um aparelho de televisão.

– Enfim... é ruim para a sua saúde e para a de terceiros!

– É simpático de sua parte se preocupar com a minha saúde. E quem adverte os não fumantes sobre a poluição em geral, a deterioração do nosso meio ambiente?

[2](#) Ela não existe mais no estado de Massachusetts.

*Periferia de Fredericksburg,
Virginia, Estados Unidos, maio de 2008*

Diane Silver girou o segredo do robusto cadeado que trancava a porta de seu escritório, relegado ao primeiro andar da casa, no final do corredor.

Ela entrou no cômodo, que parecia menor do que era devido às pilhas de papéis, às paredes cobertas por livros e aos armários. Caminhou em volta da mesa de trabalho montada sobre dois cavaletes, sentou na poltrona e inspirou lentamente antes de se atrever a abrir os olhos. Como fazia a cada dia.

Na parede em frente a ela, a única livre de móveis, havia um pôster. Uma foto de Leonor que Diane tinha mandado ampliar. Ela devia ter sete ou oito anos e segurava uma enorme margarida alaranjada. Sorria, a cabeça delicadamente inclinada sobre o ombro. O remorso de sempre invadiu Diane : não se lembrava mais de quando exatamente fora tirada a foto. Leonor devia estar sentada sobre sua cama, pois almofadas cor-de-rosa e roxas apareciam atrás dela.

Diane ligou o computador. Olhava para a tela sem vê-la realmente. Sua cabeça estava longe, perto de se juntar de novo àquele passado perfeito, no qual Leonor ria e se maravilhava com qualquer coisa. A frase que tinha digitado ficou ondulando na tela quando o monitor passou para o modo de espera, tirando-a de seu pseudocoma. "O inferno é aqui e agora."

Após o necrotério, ou melhor, logo após o processo que permitiu a Richard Ford, conhecido como "o belo Rick", o assassino de

Leonor, sair livre e vencedor, Diane mergulhou em uma longa e voluntária descida ao inferno. Mas o inferno não a queria. Tinha medo dela. O inferno a tinha vomitado. Diane fazia parte da raça de sobreviventes, dos resistentes, que continuam a todo custo, mesmo feridos, mesmo doentes.

Diane tinha acordado, um dia, com a cabeça explodindo pela bebedeira da noite anterior, com um vibrador abandonado dentro da vagina. Ela o tinha levado para baixo dos lençóis e tinha observado, com olhos semiabertos, as evoluções da grande larva branca do sexo masculino, caso pudesse ser considerada como tal a coisinha que pendia abaixo daquele abdômen obeso. Provavelmente, o cliente que tinha pegado na noite anterior. Ela não se lembrava de nada.

Um olhar cristalino. Uma nuvem de cabelos crespos entre o loiro e o ruivo, como os seus. “Mamãe! Mamãe, mas, então, os ursos polares vão morrer?” “Vamos salvá-los, querida. Talvez não todos, mas boa parte. A gente vai transportar eles pro Polo Sul.” Uma mentira. Mais uma. Todos iam morrer. Os ursos, as focas e os outros. Eles não incomodariam mais ninguém. Pelo menos, não aqueles cujos barcos usariam o caminho polar, enfim livre de sua calota, o que seria uma substancial economia de tempo e de combustível. Menos ainda as companhias ou governos que iam perfurar o fundo do mar para encontrar gás e petróleo.

“Mamãe, você é linda-linda-linda!” “Não, é você que é linda-linda-linda. Um anjo.”

O anjo. Um anjo que se maravilhava, que ria de tudo. Um anjo que transformava a vida em um milagre. Um pardalzinho que descansava sobre o marco da janela. Uma pétala de flor que pousava aos seus pés. Uma mosca invadia a cozinha, e o anjo vinha com seus barulhinhos para fazer com que o inseto saísse antes que sua mãe esmagasse. Um anjo que não enxergava senão a vida, para quem a vida era uma louca alegria. Um anjo cujos pedaços Diane teve de identificar, no necrotério. As marcas de queimadura riscavam seus braços, sua bunda, sua barriga. Diane não tinha chorado, nem vomitado, nem gritado. Ela não estava mal : já se encontrava além disso. Tinha olhado. Tudo. E o inferno lhe parecera

uma boa alternativa. Mas o inferno não a queria. Ela não era dócil o suficiente. E naquele quarto repugnante, que empestava os pés, olhando a coisa molenga que balançava embaixo do abdômen flácido e lívido do seu cliente da noite, aquele que acabava de lhe estender trinta dólares – o preço de uma puta muito meia-boca –, Diane compreendia. Ela devia proteger os anjos dos seus predadores. Foi nessa manhã que Diane voltou a ser a doutora Silver. Muito melhor, muito mais implacável. A larva pedia, gentilmente, diga-se, outra felação. Ela o mandou pastar, guardou os trinta dólares e saiu do hotel escroto.

Diane introduziu seu *pendrive* na entrada USB e transferiu todos os dados do dia para o computador. Alguns cliques lhe permitiram dispor, em mosaico, as fotos da cena do crime. Quase se poderia acreditar que se tratava sempre do mesmo cadáver, mas de ângulos diferentes, tão semelhantes eram as cenas. Quatro mulheres brancas, entre vinte e dois e trinta e oito anos, encontradas em motéis de baixa categoria das redondezas de Quincy, Braintree e Lynn, periferia de Boston. Portanto, *a priori*, um homem branco, de vinte e cinco a trinta e cinco anos. Todas eram prostitutas, viciadas. Por vários motivos, uma presa ideal. Apesar da desconfiança dessas jovens, de seu conhecimento da selva urbana, para obter seus serviços é suficiente aumentar o preço de seu “passe” com a promessa de uma boa dose para que sigam o cliente, principalmente se ele tem um ar inofensivo. Acrescente-se a isso que, aos olhos de muitos assassinos, as putas são vis, sujas. Elas dormem com qualquer um, cobram pelo sexo, transmitem doenças. Seguindo um raciocínio descabido, os homens em geral (o assassino em particular) são as vítimas. Em outras palavras, tirar a vida delas não é tão grave como matar uma mulher “de verdade”, uma que não fosse puta.

Diane tinha ouvido e lido esse argumento umas cem vezes – em entrevistas, em processos, em relatórios de especialistas. O assassino não é culpado. No fundo, ele é a verdadeira vítima. É o outro, os outros que o levam a fazer o mal. Uma distorção da

situação, amparada pela psicologia de botequim que se encontra em toda parte e uma defesa que se agarra ao que pode.

As jovens eram desconhecidas nos diferentes hotéis. As prostitutas preferem lugares que conhecem, onde se sentem seguras. Isso quer dizer que o assassino era convincente, além de ter um ar inofensivo e simpático.

Nenhuma descrição física do matador. São as mulheres que vão pegar as chaves do quarto na recepção – uma prática clássica que evita que o cliente seja reconhecido. Testemunhos colhidos pelo Departamento de Polícia de Boston contavam que o sujeito aparecia não importa a que hora do dia ou da noite. Um solitário. Sem trabalho – ou com um emprego que lhe permitia uma grande liberdade de horários.

Os policiais e os legistas do laboratório de Massachusetts tinham trabalhado muito bem, e Diane se lembrava dos menores detalhes dos relatórios. Ela examinou detalhadamente as fotos na ordem cronológica, procurando uma diferença, uma alteração, ainda que mínima, do *modus operandi*, dos “aperfeiçoamentos”. Em vão. Uma encenação sem falhas, que satisfazia plenamente o assassino. Todas as vítimas foram encontradas sobre o carpete, não muito longe da cama, deitadas de bruços. Elas tinham sido amarradas na metade das coxas, na junta dos joelhos e nos tornozelos por uma corda azul de *nylon*, do tipo que se encontra em qualquer loja de utilidades. Em compensação, seus pulsos haviam sido presos nas costas com uma meia-calça nova, que o assassino provavelmente carregava consigo, levando-se em conta a ausência de células mortas no material sintético. Todas, exceto uma, a segunda, foram estranguladas com um pedaço de corda azul, abandonada depois ao lado delas. Fibras de algodão branco foram encontradas na cavidade bucal das quatro vítimas. Uma bola de tecido que ele enfiava no fundo da garganta delas. Estranhamente, embora o assassino espalhasse voluntariamente suas pistas, em cada uma das vezes ele tinha pegado de volta essa mordaca. Um troféu? Não foi encontrado nenhum arranhão ou escoriação nas vítimas, por uma boa razão : não houve luta. Ele as atacava antes,

provavelmente no boxe do banheiro, quando ordenava que se lavassem. Foi encontrado um pelo pubiano, pertencente à terceira mulher, sobre a tampa do vaso. Ele as surpreendia e as golpeava pelas costas, o que foi confirmado pela autópsia. Violentemente – “o hematoma resultante sugere o uso de um porrete...”, dissera o médico-legista –, para que perdessem a consciência. Baixinho? Franzino a ponto de reforçar seu jeito inocente? Era, de resto, esse traumatismo craniano que explicava a morte da segunda mulher. A única na qual os laboratórios não encontraram esperma. Não pôde? Não teve vontade? Diane acreditava na primeira hipótese.

Seu olhar se fixou no outro, igual ao seu : o de Leonor, que sorria, estendida na parede, com sua grande margarida na mão. Diane esqueceu o resto. Estava acontecendo algo estranho, que ela não tinha vontade de analisar. Dir-se-ia que o olhar claro e brilhante da menina abriu portas secretas e trancadas da mente da mãe. Não se tratava de uma visão, de um dom sobrenatural. Sua inteligência vinha classificando, rejeitando, guardando, ordenando, comparando todas as informações sem que se desse conta disso. O escritório pareceu ter escurecido de repente. Diane descia lentamente para sabe-se lá que regiões do seu cérebro, para algum lugar, para muito longe mesmo, para um canto onde se combinavam, sem que ela tivesse consciência, todas as peças do quebra-cabeça.

Ela o via de costas, como sempre. Ele tinha cabelo castanho escuro, ondulado, na altura dos ombros. Os laboratórios de medicina legal de Boston tinham encontrado “um cabelo que não pertencia à vítima, castanho escuro, longo, ondulado, preso na junção entre o braço e o antebraço...”.

No filme que acabava de ser criado pelos seus neurônios, tratava-se da segunda vítima, uma morena de vinte anos, uma tal de Cindy Rand. Rosto muito maquiado, cara de cansada, irritada. A mente de Diane mostrava o reflexo da moça no espelho retangular em cima da pia. O boxe do banheiro : uma das fotos da cena do crime. De repente, Cindy arregalava os olhos. Tarde mais. O porrete de plástico preto e duro desceu com tudo sobre seu crânio. Ela desabou, a cabeça bateu na borda da pia. O legista relatara a presença de um hematoma dois centímetros acima da sobrancelha

esquerda. O homem a arrastou pelos tornozelos para o quarto, deixou-a ao lado da cama, amarrou-a e a fez engolir uma bola de pano branco. Ele levou o tempo que achou necessário, sua excitação aumentando à medida que transcorria o ritual. Logo terá uma ereção. Logo poderia abaixar a braguilha e ejacular entre as coxas fechadas da mulher.³ “Sem esperma na cavidade bucal, vaginal ou anal”, enumerava o relatório do legista. Em compensação, “esfregaços positivos foram coletados na parte de dentro e na face interna posterior das coxas”. Ele envolveu lentamente o pescoço de Cindy com um pedaço de corda azul, retardando um pouco o fim. Ele ainda não estava pronto. De repente, no momento em que sua mão foi se aproximando do botão da calça, na altura da cintura, um sobressalto. Sua vítima morreu. Primeiro, ele a sacudiu. Depois, lhe deu tapas furiosos nas costas. Frustração. O orgasmo vinha apenas quando as estrangulava. Diane o imaginou praguejando, insultando a mulher morta que acabava de roubar seu prazer.

Diane percorreu mentalmente o quarto do motel. A televisão estava ligada, o volume bastante alto. O relatório do Departamento de Polícia de Boston mencionava : “... um dos corpos foi encontrado pelo gerente do motel depois da reclamação dos hóspedes do quarto ao lado”. Ele se levantou, sempre de costas, punhos fechados. Tremendo de raiva, pegou a mordaga e sabotou o sutiã de Cindy : “... A cada assassinato, uma peça do vestuário ficava faltando, sem contar a mordaga : uma calcinha, um sutiã e até mesmo, em um dos casos, uma bota de salto alto”. Um troféu que lhe permitia reviver a cena, conseguir uma ereção. O cheiro de suas vítimas, de sua saliva sobre a mordaga. Até que a memória começava a falhar e era preciso repetir o ritual. Logo. Logo outra mulher ia morrer, uma bola de algodão branco no fundo da garganta.

Diane tinha exigido ser chamada antes da remoção do cadáver da próxima cena de crime. As fotos, os registros, mesmo quando precisos, eram insuficientes. Ela queria farejar o local. Sua nova presa.

Sua presa teria deixado suas impressões digitais, seu esperma, um fio de cabelo – portanto, seu DNA, em todos os lugares. Em outras palavras, o assassino sabia que os policiais não poderiam chegar até ele. Nunca preso, nunca condenado, então. Um cara simpático, discreto, retinho, que nunca excedeu os limites de velocidade? Ou então, alguém muito inteligente, talvez com curso universitário? Não, a segunda hipótese está descartada. Um cara que nunca foi capaz de se destacar em outras circunstâncias que não as criminais. Ou seja, um sujeito que se sentia inferior ao resto dos homens. Certamente, não um macho alfa.

Diane teve a impressão de que a luz se acendeu no escritório. A margarida alaranjada estava impressa nas suas retinas. As portas de sua mente se fecharam. Um sorriso desesperado veio aos seus lábios e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela murmurou diante do pôster, soprando-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

– Você deixa a mamãe ir, querida? Responda, meu anjo. Eu amo tanto você... tanto... mais que o tamanho de um enorme elefante.

Seu bebê. Seu bebê a acompanhava durante cada segundo de sua vida. Estava tudo certo assim. Muito doloroso, horrivelmente doloroso, mas, no fundo, reconfortante. Diane a imaginava sempre empoleirada em seu ombro, como um dos charmosos demônios de *Fronteiras do Universo*.⁴

Diane acendeu um cigarro, levantou-se e se aproximou de um armário fechado. Pegou uma garrafa.

– Mamãe merece um bom uísque, meu anjo.

Tomou um longo gole da garrafa. Certamente, estava bebendo e fumando muito, quase não dormia mais, apesar dos calmantes, e se alimentava mal para burro. Foda-se !

Ela já tinha morrido. Alguns anos antes. Em Nova Iorque, assistindo ao vídeo do martírio, a agonia de sua filha. Nada pode matar um fantasma : nem mesmo o colesterol ou o alcatrão dos cigarros !

Soltou uma longa baforada de fumaça azulada e engoliu outra dose generosa de álcool antes de voltar para diante do computador para consultar sua caixa de mensagens, seu endereço de e-mail confidencial que dez pessoas no mundo, se tanto, possuíam. Uma

mensagem de Yves a aguardava, em um inglês perfeito, mesmo que cheio de erros de ortografia. Por outro lado, ele fazia o mesmo na sua língua materna, o francês :

Como vai você, minha querida? Tudo tranquilo deste lado do Atlântico. Tenho a impressão de que, desde o meu retorno, há dois anos, estou em férias. Não reclamo, mesmo se me aborreço. Você sabe como odeio a violência gratuita. Odeio esse mundo que a esconde. Não, não se incomode, não vamos discutir sobre nossa oposição fundamental : o mundo se tornou mais implacável, mais cruel, ou não? Eu digo que sim, você afirma o contrário. Nós defendemos nossas posições, e isso é legal. Me conte sobre o que você faz, sobre sua vida. A minha é vazia. E não posso nem jogar a culpa em alguém. Ah, sim... uma coisa a preenche um pouco. Silver. Perdão por ter dado esse nome para ela antes de conhecê-la direito. Silver é um buldoguezinho francês tigrado, uma fêmea, muito engraçada e doce... mesmo que bobinha. Ela tem cinco neurônios que nunca funcionam ao mesmo tempo. Pior : eu estou loucamente apaixonado por ela. Você sabe que ela dorme com o nariz enterrado em uma das minhas pantufas? Eu não posso resistir ! Sim, querida, estou aqui. Brincadeiras à parte, sinto sua falta, sinto falta do nosso trabalho, sinto falta de minha vida aí. Confesso : me entediou muito sem você. Bom, ok, escovo Silver todos os dias e saio com ela para passear. A gente brinca com uma cenoura de plástico. Um pouco leve para encher a vida de um homem? Quando você sentirá realmente falta de mim?

Um beijo intoxicado de saudade

Yves

Nem uma única vez ele mencionou Leonor, mas Diane a sentia por todos os lados na mensagem. No fundo, Yves foi um das raras pessoas que perceberam o abismo no qual Diane se encontrava.

Por essa razão, ele nunca tinha pedido explicações. Nunca teve a indecência de falar do luto, do fim do luto. Havia uma ferida aberta. Ela ficaria aberta, terrivelmente dolorida. Diane queria que fosse assim. Yves sabia disso.

Um sorriso. O primeiro verdadeiro sorriso em semanas. Yves Guéguen, coronel. Um policial francês que ela tinha formado, três anos antes, como especialista em psicologia criminal. Um homem que se alinhava com ela, apesar de uma insolência descarada e de uma aversão à autoridade – bastante incongruentes, caso se leve em conta sua patente militar. Cada vez que ela fazia essa observação, ele respondia :

– Normal. Eu sou bretão. Isso vem com os crepes !

Diane acabara por compreender que a Bretanha era uma parte da França dotada de uma forte identidade regional e cujas grandes especialidades eram o crepe e a bolacha *galette*. Agora, ela era capaz de localizar facilmente essa região no mapa.

Tirando isso, essa panca de homem durão, Yves tinha o perfil do caçador. Estranhamente, sua “missão” tinha algo de religioso, algo incompreensível aos olhos de Diane. Yves era um católico não praticante, mas convicto. Como muitos protestantes, Diane era fascinada pelo catolicismo. Uma religião da culpa, mas também do movimento, do crescimento pessoal. “Sou culpado, sem dúvida, mas vou lutar para corrigir isso. Vou convencer Deus de que valho a pena, que Ele tem razão de me dar a Sua confiança !” Algo assim.

Diane não acreditava mais em nada. Salvo uma única coisa : a caça. Aqui e agora. Entretanto, Yves foi o único ser humano que conseguiu encontrar um caminho até ela desde então. Desde a morte de Leonor. Por sua loucura generosa, provavelmente. Porque ele era louco, e ela também. Somente os loucos movem o mundo na direção certa. Pelo menos, era a convicção de Diane. O que é um louco? Alguém que se esquece de si mesmo para beneficiar os outros.

Ela quis responder de imediato :

Caro Yves,

Estou em um inquérito, em Boston. Nada de internacional. Um assassino miserável que já estrangulou quatro mulheres. Prostitutas, é claro. Ele não chegou até aqui para parar agora, e não vou descansar até colocar minhas mãos nele. Uma agulha num palheiro. A menos que cometa uma grande besteira, seu perfil é tão comum que pode levar algum tempo, um monte de vidas, antes de ser detido.

Mudando de assunto, penso em você com frequência. Sinto muito sua falta, também. Não consigo conversar com ninguém desde que você partiu. Todos estão com medo de mim, porque me julgam incontrolável. Certamente, eles têm razão. Um advogado de negócios, sócio de uma ótima firma de advocacia de Boston, passou por cima de mim com a bênção do diretor de Quantico. Ele quer fazer um estágio sobre os assassinos em série. Isso cheira a golpe baixo a cinco quilômetros. Não sei ainda exatamente o que é. No entanto, vou descobrir. Fico feliz que um buldogue com meu nome fareje com prazer suas pantufas. Isso acalenta a alma da gente ! Mando um beijo pra você como uma mulher bem-educada deve fazer : bochecha contra bochecha, acompanhado de um estalar dos lábios, o que nos poupa a ambos da marca do batom.

Rindo, Diane clicou em *Enviar*.

O estalo do Zippo, outro gole de uísque. Desligou o computador e se levantou. Aproximou-se do pôster, da grande margarida, e acariciou com os dedos o sorriso de Leonor.

Ela respirava com dificuldade, controlando-se para não afundar. Um véu gelado caiu sobre seu cérebro, envolvendo-o. Sentiu um frio mortífero na cabeça, em todo o corpo. O riso de Leonor. Ela corria, virando-se para fazer um sinal, chamando-a para acompanhá-la. Um jardim público, tendo, como pano de fundo, altos edifícios. Nova Iorque. Uma mão de mulher se esticava na direção de sua filha. Uma bela mão esquerda, fina, longa e pálida. Com um anel de

noivado e uma aliança. A mãozinha de Leonor que se juntava à daquela mulher. Não a mão de Diane. O riso encantado de Leonor. Mais nada. O escuro, a vertigem. Diane se sentiu perdendo as forças. O cômodo girou, o chão desapareceu. Ela manteve as duas mãos sobre o pôster da filha, que sorria.

Uma mulher. É claro. Como tinha sido estúpida. Diane nunca compreendera como sua filha pôde seguir, em pleno dia, um homem, mesmo fantasiado de palhaço ou de urso de pelúcia. Leonor era extremamente desconfiada, e Diane estava sempre de olho. O *insight* terrível acabava de esclarecer tudo. Uma mulher. Uma mulher tinha atraído as meninas para o assassino, o belo Rick. Um ódio visceral fez seu corpo tremer. Não uma mulher. Uma mulher não pode fazer tais coisas, não com crianças. São coisas de mentes distorcidas. Errado, querida, errado : algumas mulheres são tão maléficas quanto alguns homens, especialmente as que prostituem seus filhos. Você se lembra daquela mulher de Arkansas que você prendeu, que vendia na internet os vídeos de seus bebês, que ela permitia que fossem estuprados por uns caras com quem saía⁵?

Diane ia acabar com a vida dela, mesmo que fosse acabar seus dias na cadeia ! Valeria a pena. Os fantasmas não se importam com a prisão.

O inferno. Fausto tinha razão. O inferno é aqui e agora. O pior é o que existe dentro de nós. E não obstante... a Terra é o paraíso. Nós não o quisemos. Destruímos, degradamos tudo o que podíamos. O *Homo sapiens* vai desaparecer. Boa viagem ! Não, não... não são os melhores que sobreviverão. Os educados, os civilizados, os disciplinados morrerão. São os assassinos que vão continuar vivos, os mais bárbaros, os mais armados, como sempre. Os selvagens. Como ela.

Diane ia acabar com a vida dessa mulher e ainda ficaria com as honrarias. Cuidaria disso. Deve-se pagar apenas pelo assassinato de um ser humano. Essa mulher não era mais um, pelo menos segundo a definição de Diane.

Certamente, era uma definição bem vaga. Com efeito, que espécie animal prostituiria seus filhos por dinheiro? Que espécie

animal abateria presas para que um membro de sua raça as torture, as estupra? Nenhuma, exceto a humana. Que espantosa espécie. Capaz de maravilhas inimagináveis e de ter prazer com os gritos e o sofrimento dos outros.

Ia matar essa mulher. Aquela cuja mão envolvera os dedos de Leonor. Sem qualquer hesitação.

[3](#) Alguns elementos da descrição foram retirados da história do assassino conhecido como “o da cana-de-açúcar”, no livro de Stéphane Bourgoïn *Une femme sur la trace des serial killers, Micki Pistorius*. Paris : Éditions n° 1, 2000.

[4](#) Ver a trilogia de Philip Pullman : *Fronteiras do Universo*. São Paulo, Objetiva, 2007.

[5](#) Na verdade, tratava-se de uma inglesa. Ela foi presa.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, maio de 2008*

Diane levantou os olhos de sua sopa de frutos do mar e encarou o doutor Charles Devernois-Klyne. Um legítimo produto de sua classe e de sua função. Bem alto, de uma magreza musculosa que cheirava a salas de musculação, cabelo castanho, mãos bem cuidadas, a camisa, sob medida, de um azul pálido. O belo relógio discreto, que Diane pensava custar ao menos três anos de seu salário de psiquiatra forense, o sorriso a um só tempo sedutor e conquistador, tudo nele lembrava um advogado bem-sucedido.

Uma mesma questão não saía de sua cabeça : por que esse cara se interessava tanto por assassinos em série? Não tinha o perfil de um advogado criminalista. Ganha-se mais dinheiro com o direito comercial, ou mesmo com ações coletivas contra empresas, muito em moda atualmente. Aquele cara era muito inteligente – as questões que lhe fizera comprovavam. Estava satisfeito consigo mesmo, a facilidade de seus gestos e de suas palavras atestavam. Não parecia o tipo de gente que decide, de uma hora para outra, mudar de vida. Além disso, foi evasivo, desviando a conversa com habilidade cada vez que ela abordava seus planos para o futuro. Quem estava mentindo : ele ou Edmond Casney Jr.? Não que a resposta fosse importante : estava sendo forçada a recebê-lo para um estágio, quer tenham – ou não – lhe contado balelas.

– Escute, Dra. Silver, acho que li e vi bastante coisa – ele continuou. – Dos trabalhos de Robert Ressler aos de John Douglas ou de Colin Wilson, passando pelo de Candice DeLong. Até assisti

às conferências de Micki Pistorius. Aterrorizante, de tirar o fôlego. E não sei ainda por quê.

Ela o encarou. Pensando que não tinha entendido, Charles repetiu :

– Por quê? Quero dizer : por que eles fazem isso, essas monstruosidades.

– Pelo poder. O que mais? Mesmo o sexo é apenas um atributo de poder pra eles. Diz-se que um homem é “impotente” quando não tem uma ereção, não é? Eles recuperam seu poder, sua ereção física ou psicológica, matando e torturando suas vítimas. O problema é que essa... ereção não dura. Ela murcha, fracassa. É preciso recomeçar, o que significa que alguém pagará caro às vezes com maior violência. Então, naturalmente, na sequência vêm as explicações acessórias quase exógenas, que permitem compreender a origem da impotência. Uma mãe dominadora ou promíscua, um pai castrador ou ausente, abandono ou abusos sexuais na infância, o que você quiser. Às vezes, não se encontra nada. A infância do *serial killer* é normal, pelo menos, olhando de fora...

Ela atacou seu musse de framboesa com evidente satisfação, saboreando as colheradas, apertando os lábios e encovando as bochechas de pura gula. Tirou lentamente a colher da boca e prosseguiu :

– E, de qualquer modo, em minha opinião, essa busca da origem não tem outro interesse senão facilitar que se estabeleça um perfil desviante. Ela não responde em absoluto à questão fundamental : por que muitas crianças maltratadas, abandonadas, espancadas, estupradas se tornam cidadãos de bem, ótimos pais, enquanto outras acabam cometendo crimes hediondos?

– Você pensa em uma explicação genética?

Ela sorriu.

– Se digo que sim, você vai pensar que eu sou uma merda de uma reac...

Na verdade, ele não estava muito longe de pensar isso.

– Existe um gene do assassino, ou mesmo um cromossoma? Duvido. E todas as investigações sobre a presença de um duplo cromossoma sexual Y nos criminosos muito violentos não foram

conclusivas. Existe uma... digamos, uma *base* genética? Por que não? A gente ignora tantas coisas sobre a genética humana, sobre suas manifestações. Peguemos a noção de grande bem-estar, por exemplo. Ela está ligada à secreção e à constância da serotonina, um neurotransmissor do cérebro. São as enzimas que produzem a serotonina. Ora, as enzimas são codificadas pelos nossos genes. É claro, há uma grande diferença entre esse conhecimento e o fato de afirmar que o bem-estar é genético. Na verdade, enzimas e genes não explicam por que a visão da pessoa amada, de seu filho, uma bela música – portanto, algumas sensações – provocam a liberação de serotonina. Não está se negando que a violência excessiva de alguns possa ter uma base genética, em sentido amplo, ativada de alguma forma por circunstâncias externas, maus-tratos, falta de educação moral ou de exemplos positivos no período crítico, entre seis e doze anos.

Ela mergulhou a colher na taça de musse e completou :

– O inverso é igualmente possível. Em outros termos, o debate entre natureza e cultura é ultrapassado. Você sabe por quê?

Ele abanou a cabeça, negando.

– Por que o que é inato influencia o que é adquirido e vice-versa. Um verdadeiro *imbroglio* !

– Você não vê desculpa para o que eles fazem, não é? Não há circunstâncias atenuantes?

O olhar de gelo o capturou. Ela respondeu, com voz calma :

– Não tenho tempo a perder. Todo o tempo e a energia que dedico a eles são destinados a uma única coisa : retirá-los de circulação antes que sejam nocivos novamente.

Ela deixou a colher no pires e contemplou, um pouco decepcionada, a taça vazia.

– Posso fazer uma pergunta pessoal pra você?

– Pode. Na pior das hipóteses, deixo você sem resposta.

Ela não estava brincando :

– O que a atraiu para a psiquiatria forense?

O olhar de Diane Silver se perdeu na direção da grande janela envidraçada da sala redonda. Ela hesitou, certa de que ele conhecia a história de Leonor e toda a sua vida, ou quase. Um “Vá se foder !”

lhe teria dado muito prazer. No entanto, seria uma de suas insolências, quase uma liberdade, coisa que se permitia às vezes e que não lhe agradava por muito tempo. Suave, preferiu dizer :

– Um acidente lastimável.

Levantou-se e foi deixar sua bandeja sobre o carrinho, sem esperá-lo.

Paris, França, maio de 2008

O olhar de Louise varreu a rua quando ela saiu da escola, às quatro e dez da tarde. Sua decepção se alternou com certa apreensão. O senhor Fausto não estava esperando. Vê-lo na calçada do outro lado, o rosto sério, os braços cruzados sobre a jaqueta de couro preto a encheu de euforia. De repente, o dia sem graça e, mesmo assim, irritante que tivera se evaporou.

Ela detestava todos aqueles imbecis carentes com quem convivia durante horas. Eles se ocupavam, aprendiam, repassavam os conteúdos idiotas que, supostamente, lhes abririam o espírito e, principalmente, as portas do mundo do trabalho, no qual continuariam escravos. Às vezes, o ódio que sentia ao vê-los se mesclava com uma espécie de piedade. Se não tivesse tido a indescritível sorte de encontrar o senhor Fausto, dois anos antes, ela ainda seria um deles. Uma futura escrava. Agora, as correntes invisíveis que a prendiam, forçando-a a rastejar como os outros sem mesmo se dar conta, haviam cedido. Ela já era quase uma mestra, tendo escolhido ser a mais fiel, a mais dócil adepta do senhor Fausto. Uma escolha, de fato, totalmente consciente. O senhor Fausto repetia : eles tinham virado super-humanos, transcendendo os limites do espaço medíocre no qual nasceram. Eram aristocratas. Os pobres humanos, seus servos. Havia outros como eles por toda parte. Poucos. O senhor Fausto se comunicava com eles por e-mail. Tinha tido dificuldade para encontrá-los. Visitara alguns sites de vampiros, de feitiçaria ou aqueles criados por satanistas, passando de decepção em decepção. Segundo ele, tudo não passava de um amontoado de superstições, de infantilidades e traduzia, sobretudo,

o desejo desesperado de reles humanos de cultivar a ilusão de que eram diferentes.

Enfim, depois de intermináveis noites sem dormir diante do computador, ele descobrira o que procurava. Dois *links*, habilmente disfarçados de inocentes, que levavam a seres de sua espécie : superiores. Foi assim que encontrou seu mentor. Um canadense. A iniciação tinha começado, primeiro a do senhor Fausto, depois a de Louise. Uma longa iniciação, semeada de dor, humilhação e obediência. A última prova fora imposta ao senhor Fausto pelo seu mentor, que sempre recusara conversar com Louise enquanto ela não estivesse totalmente iniciada. Matar. Tirar a vida de alguém.

Louise se lembrou da cena e um sorriso aflorou em seus lábios quase negros. O senhor Fausto morrera de rir ao lhe contar as diferentes alternativas nas quais tinha pensado. Seu pai ou sua mãe pareciam a escolha mais óbvia. Contudo, essas duas sub-raças ganhavam muito dinheiro, permitindo, ao senhor Fausto, viver luxuosamente e fazer o que bem entendesse. É claro, ele herdaria tudo, mas aos dezesseis anos ainda não era juridicamente independente. Em compensação, seus pais o deixavam em paz, interessando-se apenas esporadicamente por suas notas escolares, que eram excelentes, ao contrário das de Louise. Era muito cedo para matá-los.

Sua irmã, cinco anos mais nova? Que ótima ideia. Aquela preguiçosa o irritava com seus mimos e caprichos, para não mencionar as músicas estúpidas que lhe infligia, uma vez que a idiota, por medo de ficar surda, se recusava a usar os fones de ouvido do MP3 quando voltava da escola. Por outro lado, tratava-se de seu primeiro assassinato. Um teste rápido, que ele desejava transformar em golpe de mestre. Mas ninguém está imune a erros. A polícia sempre suspeitava dos parentes. Não havia dúvida de que ficaria solto.

Então, um estranho. A melhor opção. Louise tinha sugerido um sem-teto, sub-raça dentre as sub-raças. O senhor Fausto hesitava. No fundo, Louise o entendia. A espera, a preparação era prazerosa.

Ela tinha entrado no jogo, apesar de ser ainda uma aprendiz , pois sua última passagem iniciática só aconteceria no ano seguinte. Uma delícia quase insuportável : olhar um pedestre, um aluno de sua classe ou a jovem caixa do supermercado e pensar que vão morrer porque vamos matá-los. Imaginar cada detalhe da agonia, o pânico em seus olhos, que a luz abandona pouco a pouco...

A espera se estendeu por duas semanas, até o dia em que o mentor canadense se inquietou. O senhor Fausto estaria à altura das suas exigências? Estaria com medo? Em sua mente, aquilo era um jogo adolescente?

Espicaçado, o senhor Fausto tinha dado o último passo em direção à essência de um super-homem. Um passo irremediável. Ele entrara em uma grande loja de roupas, sem uma ideia definida de quem seria sua presa. Caminhara tranquilamente entre as prateleiras e, de repente, viu-a. Um bebê dormindo em um carrinho. A mãe gesticulava em um provador. O senhor Fausto se inclinara e, sem pressa por causa do movimento das pernas do jeans que a mulher tentava vestir, sorria ao bebê, antes de pegar seu coelho de pelúcia e de apertá-lo contra o narizinho e a boca delicada. Ao sair da loja, ele oscilava entre o ataque de riso ao imaginar a mãe empurrando seu bebê morto, acreditando que ele dormia, e certo descontentamento consigo mesmo. Fácil demais.

Não estava satisfeito com o que fizera e se preocupava com a resposta, talvez de desprezo, de seu mentor. Na verdade, este parecia decepcionado pelo seu desempenho lastimável. Mesmo assim, ainda quis tranquilizar seu seguidor : ninguém se sobressai já da primeira vez.

Quando o senhor Fausto relatou sua façanha a Louise, ela ficou em êxtase, imaginando que tentaria fazer algo melhor, mais difícil.

– Tira essa bunda gorda daí, Louise !

Ela engasgou. Alexandre acabava de ligar sua lambreta e ela bloqueava a passagem. O loiro aguado, queridinho das garotas, lançou um olhar de desgosto para Louise, que recuou contra a parede da escola.

– Que coisa deplorável ! Você é tão pesada *no sentido próprio como no figurado*. Além disso, você fede ! – cuspiu Alexandre antes ir embora.

Ela o detestava. Ela execrava a todos. Pobres cretinos, inconscientes de sua inferioridade. Evidentemente, eles riam dela, de suas roupas extravagantes. Esses escrotos só sonhavam com Converse, Prada e Ralph Lauren. O look dominante daquele bairro de luxo. Entretanto, ela não tinha mais nada a fazer. Ela não os enxergava mais, não os ouvia mais. Tinha se tornado alguém totalmente superior. Eles eram larvas agitadas que ela esmagava com os pés.

Alexandre seria um alvo magnífico para a última etapa de sua iniciação. Um suspiro de conforto veio quando se imaginou estripando-o, cortando sua bela gargantinha com golpes de estilete. Suspirou. Não, ia deixá-lo para mais tarde. Primeiro, a mãe. Sua mãe seria sua presa inicial. Sonhava em matá-la havia muito tempo. Bem antes de ter encontrado Fausto. Louise tivera tempo de preparar seu plano. Ninguém nunca suspeitaria dela. Nem mesmo aquele aborto da natureza do Victor. Ela lhe contaria o segredo no dia em que o matasse.

Somente nesse momento percebeu sua presença. A do homem. Parado na outra calçada, ele a olhou fixamente, um sorriso charmoso nos lábios. Ok, era um pouco velho, mais de trinta anos, provavelmente, mas realmente um cara boa pinta. Alto, ombros largos cujas linhas viris eram realçadas pelo couro preto do sobretudo. Ela notou a calça, também de couro preto, gasto na altura das botas. Tinha um cabelo castanho claro, liso, na altura dos ombros, e seus olhos se escondiam atrás dos óculos retangulares de lentes curvas. Louise se perguntou se eram simples trajes dândi-gótico ou se aquele homem fazia parte de sua espécie, a dos super-humanos. Estava tentada a acreditar na segunda hipótese. A solidão dos seres superiores, que o senhor Fausto repetia ser um privilégio, era às vezes demasiada para Louise. Eram apenas ela e o senhor Fausto, sempre, pois ele jamais quis apresentá-la aos seus contatos na internet, além de ter julgado os três outros membros de seu grupo, é bom que se diga, indignos para a iniciação. Esses

também eram sub-raças que deviam continuar sem saber nada sobre o desenvolvimento deles dois.

Além disso, os episódios masturbatórios recomendados pelo senhor Fausto começavam a entediar Louise. Certamente, era bom, mas o sexo a dois devia ser melhor. Tinha oferecido sua virgindade ao senhor Fausto, para a libertação completa das proibições e das convenções impostas pelos inferiores. Entretanto, apesar das tentativas, era duro reconhecer que ele era melhor mestre que amante. O sujeito, que ainda a olhava, braço cruzado sobre o peito, era bonito. Muito bonito. Ela respondeu com um sorriso e ele a alcançou alguns passos adiante.

O portão elétrico se abriu para dar passagem ao Porsche preto, que parou na frente da entrada de uma mansão em Neuilly, situada em uma rua pequena, calma e florida. Louise reprimiu um sorriso. Merda, o branquelo norte-americano, além de bonito, era podre de rico. Nathan, ele se chamava Nathan. Louise sentia a excitação tomar conta de seu corpo. Estava lá, finalmente. Na verdadeira vida dos seres superiores. O senhor Fausto já a tinha descrito inúmeras vezes. No entanto, às vezes ela duvidava. Não mais, agora. Nessa vida, eles eram ricos, bonitos, poderosos. Livres dos medos idiotas que impedem as massas de larvas de transgredir as regras. Estavam acima das leis, das ordens, do medo. Tinham os meios, todos os meios, de fazer exatamente o que queriam. Eles eram os senhores.

Ele a empurrou escada acima e Louise se perguntou se estaria ansioso para pular em cima dela. Só tinha um desejo : que a pegasse nos braços logo depois de fechar a porta. Em vez disso, ele lhe indicou o caminho do salão e a acompanhou, conduzindo-a com as duas mãos na altura de seus rins. A peça estava mobiliada com bom gosto, apesar de um pouco burguesa demais aos olhos de Louise. Uma grande porta de vidro dava para um jardim inglês, admiravelmente bem cuidado. Ele se livrou do longo sobretudo. O suéter, de fina caxemira preta, moldava os músculos de seu pescoço. Ele a convidou a se sentar em um dos sofás de couro bege e propôs :

– Um copo de champanhe, um uísque?

Com uma insegurança que tentava camuflar, ela perguntou, com uma voz autoritária :

– Quando é que vamos transar?

Ele franziu a testa e murmurou :

– Oh ! Sinto que vou gostar muito disso...

Louise sentia certa satisfação. Alexandre filho-da-mãe. Se o loirinho metido a besta a visse agora, naquela mansão de luxo, na companhia de um cara quinze vezes mais excitante do que ele, morreria de raiva.

– Eu voto por uma taça de champanhe – insistiu Nathan.

– Pra mim, uma vodca – pediu Louise.

– Ok. Você prefere vodca.

Enquanto ele se aproximava do bar para servi-la, desaparecendo a seguir, provavelmente para pegar uma garrafa de champanhe na geladeira, ela se perguntava se contaria essa aventura ao senhor Fausto. Talvez não. Ele começava a incomodá-la, o Cyril. Ela chegara à conclusão de que se sentia superior a ele. E se ele quisesse ser o suserano e ela tivesse que ser a vassala, ela não se encaixaria. Mas devia ter paciência. Ainda tinha necessidade dele para completar sua educação, chegar à última etapa da iniciação. Possivelmente por causa disso, ele jamais quis lhe dar os e-mails de seus contatos, menos ainda de seu mentor canadense. Para manter o poder. A boa notícia era que, uma vez iniciada, não teria mais necessidade dele. Ele a tinha decepcionado muito com a morte da criança. Um bebê. Fácil demais. “Você vem me contar como se fosse um feito !” Entretanto, ele parecia muito orgulhoso. A ponto de ter lhe contado a cena uma dúzia de vezes.

Nathan lhe entregou um copo cheio de vodca, interrompendo seus pensamentos.

– Um brinde? – sugeriu.

Ela assentiu e se levantou do sofá. Os copos tilintaram. Ele colocou sua taça na bandeja de espesso vidro fumê da mesinha de centro. Aproximou-se dela e inclinou a cabeça em direção aos seus lábios. Louise pensou que poderia ter tirado os óculos escuros.

Na verdade, não se importava. Só queria que ele pulasse em cima dela. Com um pouco mais de imaginação que Cyril. Ergueu o

queixo para alcançá-lo. Ele passou a mão suavemente em sua nuca. Devia fechar os olhos? Não, essa era a atitude típica de uma mulher da sub-raça, não a de uma futura mestra. A mão que segurava seu pescoço ficou mais firme. O gesto foi tão rápido que ela não viu. Algo terrivelmente afiado e doloroso penetrou em seu pescoço, pelo lado. Um violento jorro de sangue esguichou sobre o couro do sofá. Outro. Louise gritou, tentou se libertar. Um fio preso à tomada a fez cair no tapete. Quis pegar os tornozelos dele, que se afastou com um pulinho. Ela se arrastou em direção ao corredor. E o sangue, todo aquele sangue que jorrava no ritmo das batidas assustadas de seu coração...

– Mais um minuto – ela o ouviu murmurar.

O terror a fez chorar :

– Me ajude... eu vou morrer, eu imploro !

– É feio querer matar a mamãe. Muito feio.

Enfim, ela conseguiu se arrastar até a porta do salão. Uma pesada bota de couro negro esmagou suas costas. Sentiu que estava sendo arrastada para trás. Ele a puxava pelas pernas.

– Não, não vamos sair. Está quase terminado.

Louise tentou gritar de novo. Um véu negro começava a escurecer sua mente. Estava quase inconsciente. Seu coração parou alguns segundos depois. Nathan tirou a lâmina triangular do ferimento, uma arma do exército, sem piedade nem hesitação. Direto na carótida. Serviço bem feito. Ele hesitou e a enxugou no vestido de Louise. Desnecessário mais estragos. Detestava danificar as coisas bonitas. Era bonito, ali. Com certeza, muito conveniente, mas também agradável. Suficientemente acolhedor. Se fosse dele, teria se livrado das duas lâmpadas cujos pés representavam um velho chinês com uma barbicha e um chapéu pontudo. Um exagero ! Porém, não estava em sua casa.

Nathan pensou, divertindo-se um pouco, no que iam fazer os inquilinos da suntuosa mansão, um diplomata queniano e sua esposa – charmosa, a julgar pelas fotos dispostas sobre a mesinha de centro de jacarandá. Seu avião, vindo de Los Angeles, aterrissaria no dia seguinte pela manhã no Aeroporto Charles de Gaulle. Tinha dado a eles um bom álibi. A morte já teria começado

seu trabalho de decomposição, mostrando que Louise morrera bem antes do retorno do casal.

Seu olhar passeou pela grande poça de sangue que decorava o carpete cor de areia e se estendeu até as manchas que se destacavam no couro claro do sofá. Porra, era sempre a mesma coisa : o tapete estava arruinado. O couro se pode limpar sem problema. É só usar um removedor de manchas. Quanto à pintura próxima ao marco inferior da parede, apenas uma pequena marca fininha. Ele deveria tê-la matado na banheira, menos bagunça. Uma boa faxina e tudo estaria perfeito. Poderia ter alegado, como pretexto, um jogo erótico na ducha. Tinha pensado nisso. Mas a simples ideia de roçar a carne gorda e nua daquela menina lhe dava ânsia de vômito. Não tivera nenhum desejo de dormir com ela. Um monte de pele macilenta, repulsiva. Em compensação... em compensação, a mãe lhe agradava. Talvez. Mais tarde.

Observou o alfinete de segurança preso na carne flácida do antebraço de Louise, um traço amarelo-alaranjado da Betadine. Sorrindo, abanou a cabeça :

– Bobinha, você já era ! Queria ser o lobo mau, mas tem medo de uma mordida...

A grande limpeza começava. Lembrava-se de todos os lugares onde tinha colocado os dedos. Questão de prática. Antes de deixar a mansão, se deleitou com um longo e merecido charuto e se livrou de tudo o que pudesse identificá-lo em Louise. Entre o momento em que Sara Heurtel informaria o desaparecimento de sua filha e o momento em que o cadáver adiposo seria encontrado sobre o tapete, olhos bem abertos, haveria um ou dois dias.

Regra nº 3 : sempre ganhar tempo, mesmo sem saber por quê. Isso sempre pode ajudar.

Tempo de sobra para cuidar de Cyril... perdão, do senhor Fausto. Houve problemas na iniciação. Sufocar um bebê. Que ideia horrível. A miserável invenção de um cérebro. Grotesco. Deveria igualmente recuperar o disco rígido do computador do rapazinho : não se recusa nada a seu mentor canadense, ou tido como tal...

Nathan trancou a porta atrás de si e brincou com o molho de chaves na palma da mão coberta por uma luva. A polícia francesa chegaria até a proprietária da mansão, já que não houve arrombamento. A sobrinha de um nova-iorquino. Ela não seria de grande valia. Ele, ainda menos. Nathan tivera uma ideia genial ao escolher aquele local.

Regra nº 4 : Jamais ignorar seu instinto. De resto, não é instinto, é mais um pressentimento que toma conta da cabeça disciplinada de um ser cujos sentidos estavam afiados.

Parou a quinhentos metros de distância da mansão. Enviou uma mensagem do celular de Louise para a mãe dela, avisando : "Chegarei mais tarde. Não me esperem". Em seguida, jogou o aparelho pela janela do Porsche na boca do esgoto. Observou-o desaparecer com um sorriso.

Um pouco mais de tempo ganho !

Sim, ele realmente gostava dela. Uma boa escolha. Mais tarde.

Paris, França, maio de 2008

A raiva e a exasperação, alternadas, tomavam conta de Sara. Depois vinham a angústia e o medo. Se Louise tivesse fugido, como sugeriu um policial da delegacia, ela poderia ao menos ter enviado uma mensagem. Quanto a Sara, já tinha tentado umas cem vezes ligar para sua filha. Primeiro exigindo que ela atendesse, depois suplicando. Duas noites e quase dois dias.

Quando vira a mensagem da filha, ficara com raiva. Louise não tinha o direito de dormir fora, sabia disso. Uma nova rebeldia, e Sara tinha que lidar com a situação. Deixou três mensagens ameaçadoras, exigindo o retorno da primogênita antes da meia-noite. Nenhuma resposta. Sara acabou tomando um calmante para dormir. Não daria mais a Louise a satisfação de ver a que ponto ficava preocupada. Entre um cochilo e outro, vigiava a porta de entrada, esperando que se abrisse.

O café da manhã foi tenso. Victor perguntou :

– O que ela está fazendo agora? Encontrou algo novo para destruir nossa vida?

– Olha, ela passa por uma fase difícil e...

– Uma fase? – o filho a interrompeu. – Já faz quase três anos que ela nos inferniza. Desde que encontrou o Mister Nosferatu, o tal de Fausto, tem sido assim. Eu tenho minhas dúvidas se ele sabe quem foi Fausto. Senão, poderia ter escolhido um nome como Belzebu, ou algo assim.

A observação conseguiu tirar um sorriso tímido de Sara. Sentindo a ansiedade de sua mãe, Victor perguntou, colocando a mão sobre a dela :

- O que vamos fazer, mamãe?
- Vou esperar mais oito horas e depois vou chamar os pais de Cyril. Louise talvez esteja na casa dele, e daí vou me entender direitinho com ela.

A senhora Janet-Thévenin, farmacêutica, proprietária de quatro farmácias em Paris, a recebeu friamente. Foi logo dizendo :

- Nós estávamos tomando o café da manhã, senhora Heurtel.
 - Lamento incomodar, mas preciso saber se minha filha passou a noite na sua casa.
 - Seguramente, não – respondeu a mulher, ofendida.
 - Eu poderia falar com o Cyril, por favor?
 - Ele está estudando. – O tom se tornou seco e peremptório.
- Após um suspiro irritado, ela perguntou : – Cyril? Você sabe onde está Louise?

Sara ouviu a resposta indiferente do jovem :

- Nenhuma ideia.
- Ele não sabe – traduziu a senhora Janet-Thévenin. – Olha, eu...

Sara percebeu a impaciência. Tomada pelo pânico, balbuciou :

- É que... eu esperava tanto que... não sei mais o que posso fazer...
- Me parece que, nesse tipo de situação, o melhor é procurar a polícia – retrucou a mulher, condescendente.

A jovem inspetora, Nadège Rollin, que tinha tomado o depoimento de Sara e pegado as fotos de Louise trazidas pela mãe, lhe fizera uma centena de perguntas. Sim, Louise era difícil. Sim, ela odiava o mundo inteiro, em especial a mãe. Não, ela não tinha muitos amigos, tirando Cyril Janet. Não, ela não praticava nenhuma atividade de grupo. Não, que Sara soubesse, ela não se drogava. Nem mesmo um baseado. Também não bebia. Não, ela não parecia estar sendo nem perseguida nem ameaçada no colégio. Provavelmente, as pessoas zombavam do seu visual gótico. Contudo, o estabelecimento de ensino era calmo, conduzido pela mão de ferro envolta por uma luva de veludo da diretora. Sim,

Louise passava a maior parte de seu tempo na internet. Em *sites* de leilões.

Em seguida Sara telefonara ao diretor de seu departamento de pesquisa, inventando um trabalho urgente a terminar. Trabalharia muito mais rápido e eficazmente em casa. Recusava-se a comentar o sumiço de Louise na frente de estranhos, como se o simples fato de mencioná-lo confirmasse seu desaparecimento. Louise logo chegaria em casa, tinha certeza. Em vez de se desculpar, seria agressiva e insolente, como sempre. Sara protestaria apenas pró-forma, de tal modo aliviada que teria vontade de apertar a filha em seus braços até sufocá-la. Ela fugiria disso. Louise não suportava mais nenhuma demonstração de afeto de sua mãe. Nem de seu irmão, diga-se de passagem.

A espera começara. Interminável. Dolorida. Aterrorizante. Sara observava os menores barulhos do elevador, vigiando seu telefone como se ele fosse tocar por pura força de vontade sua. Imagens apavorantes tentavam se imiscuir em sua mente. Ela as expulsava, lutando com unhas e dentes contra elas. Não. Não aconteceu nada com Louise. Era uma nova punição para a mãe, como suas notas na escola, seu distúrbio alimentar, seu azedume permanente. Nada de mais.

Sara estava conseguindo manter uma fachada de normalidade para tranquilizar Victor. A angústia tomava conta também do menino, Sara a percebia no jeito como ele falava, na necessidade de não deixar o menor silêncio se instalar. Victor falava, contava histórias, inventava anedotas insignificantes para distraí-los de sua vida e de seu medo.

Vinte e uma e trinta. Uma voz hesitante e seca. Sara a reconheceu imediatamente como sendo da inspetora que havia pegado o seu depoimento.

– Sra. Heurtel?

– Sim, sim. Você tem alguma notícia?

Um silêncio, um suspiro, então :

– Hum... Sim. Elas... não são boas.

Uma série de suposições veio à mente de Sara, menos uma. Ela perguntou prontamente :

– Drogas? Ela foi estuprada, espancada... Onde ela está? Eu devo ir. Estar perto dela, para ajudar...

– Ela está... morta, Sara. Assassinada. É preciso que...

– O quê? ! – berrou a mãe. – O que você está dizendo? Mas... não pode ser !

A voz derrotada, mas profissional, continuou :

– Estou indo buscar você. É preciso que identifique o cadáver... o corpo no Instituto Médico Legal.

– Não, não, espere... Sim, venha, mas não deve ser Louise... Deve ser um engano...

No momento em que Sara pronunciou essa frase, soube que estava agindo como todos os pais quando negam a morte de um filho. Louise estava morta. Era tão absurdo, inimaginável. Impossível. Extremamente monstruoso. “Assassinada”, tinha dito a policial? O que isso significava? Porra, como uma menina de dezesseis anos podia ser assassinada? Os criminosos, os mafiosos, os políticos que incomodam, os terroristas, muitas pessoas são assassinadas, mas não uma menina de dezesseis anos. Não fazia nenhum sentido.

Nenhum sentido na máscara congelada, de cera, dessa adolescente que saía de uma caixa refrigerada.

– Hã... ela parece tranquila – disse a inspetora, atrás de Sara.

Sara respondeu, com voz átona :

– Os mortos não têm nenhuma expressão. O impulso nervoso não existe mais depois que a pessoa morre. Os músculos relaxam. Todos os mortos aparentam tranquilidade, mesmo aqueles que sofreram muito. Guarde os consolos estúpidos para os outros. Lembre-se de que eu sou uma cientista.

– Eu só...

– Eu sei. Obrigada... É inútil.

Nenhum sentido na ferida aberta no pescoço, logo na artéria carótida, sem o sangue que tinha corrido abundantemente.

– Ela... morreu por hemorragia, não é? – perguntou Sara no mesmo tom apático.

– Sim. Nós a encontramos em uma mansão em Neuilly, depois do chamado dos inquilinos, que voltavam de uma viagem profissional. Sem digitais, nenhuma pista, exceto as suas... quero dizer, as de sua filha, e depois as dos moradores e da faxineira.

– E eles? Os inquilinos?

– Diplomatas. Fora de cogitação. Louise morreu pelo menos seis horas antes do retorno deles à França. É verdade.

– Um... delinquente sexual...

– É bem possível, mas ela não foi estuprada. Na verdade, não tinha relações sexuais há pelo menos seis dias. Ou usava proteção. E foi sem violência, bem suave.

Ouviu-se uma campainha alegre, destoante do ambiente gélido do necrotério, revestido por azulejos brancos do piso até o teto e invadido pelo cheiro forte de formol, que irritava a garganta e os olhos. A inspetora, cujo nome, muito menos o sobrenome, Sara ainda não conseguia lembrar, pegou o celular no bolso de seu paletó com um pequeno gesto de desculpas.

– Sim... merda... Eu entendo... Hã... eu estou com ela... não... no Instituto... Hã... sim...

Nadège Rollin desligou o celular, examinando-o como se o visse pela primeira vez. Enxugou cuidadosamente a palma da mão. Com os olhos sobre o teclado, perguntou :

– Cyril Janet... Era o melhor amigo de sua filha, não?

– Hã... sim – hesitou Sara.

– Sua mãe o encontrou no quarto... Morto. Desmembrado, em princípio, antes de morrer, mas ainda precisamos confirmar com o legista. A pele do rosto e das pernas... arrancadas... penduradas... –

Sara viu o pânico nos belos olhos amendoados da moça. – Porra... O que é que está acontecendo? Enfim, devo lhe dizer... nunca vimos algo assim... Pessoas que explodem os miolos ou que se esfaqueiam em um momento de raiva... e que depois ficam como idiotas... é clássico... Mas isso... O Departamento de Criminalística assume, agora. Não posso dizer a que ponto isso... enfim, isso me

deixa aliviada... Quero dizer... eles são os melhores para este tipo de...

– Estou feliz por você – sibilou Sara, controlando-se para não esbofetear a policial. – Inspetora... minha filha morreu... assassinada !

Viu as lágrimas brotarem nos olhos amendoados da policial.

– Eu... Eu sinto muito... Eu não estou preparada para isso... O garoto... Cyril estava amordaçado por uma resistente fita adesiva... para não gritar... – Irritada, exclamou : – Não é meu trabalho, merda ! Meu trabalho são os assaltos, os problemas entre vizinhos, os desaparecimentos, eventualmente, os assassinatos de pessoas normais... Delegacia de polícia, entende? Quem cuida dos dementes é o Departamento de Criminalística. – De modo seco, para não desabar completamente, finalizou : – É ela? É sua filha, Louise?

– É ela.

– Tudo bem. Venha comigo. Vou acompanhar você.

Quando Nadège Rollin deixou Sara em casa, dez minutos mais tarde, esperava apenas uma coisa : que ela ficasse calada, que não dissesse nada. Não deu.

– Você se tornou policial por quê? Terminou a faculdade e não encontrou trabalho?

– Foi mais ou menos isso – confessou relutantemente a inspetora. – Não é algo para se ter vergonha.

Fria, Sara admitiu :

– Não. Você passou num concurso, foi aprovada. Poderia muito bem ter ido trabalhar nos Correios ou na Secretaria da Fazenda. Deveria ter feito isso. Você não tem nada a ver com uma policial. Boa noite.

A porta de entrada do prédio bateu. Nadège ficou olhando a mulher se afastar, com a coluna reta feito uma espada. Deu um murro no volante. Tinha se comportado como uma idiota.

Nadège retomou o prumo. Voltaria para casa, tomaria uma longa ducha quente, faria carícias na sua velha gata Mousse, assistiria a uma bobagem divertida num DVD, com um pote cheio

de doces e colesterol, sem esquecer um bom copo de vinho. Isso é que era vida. O resto ela deixaria para o dia seguinte.

*Base militar de Quantico,
Estados-Unidos, maio de 2008*

“A guerra tem a mentira por fundamento e o lucro por objetivo”.⁶
A frase estava sublinhada por um traço firme.

Charles Devernois-Klyne recolocou o volume sobre a mesa de trabalho de Diane Silver. O desgaste da capa e o espaçamento das folhas diziam que tinha sido lido e relido. O advogado refletiu, recapitulando todas as guerras que estudara na escola, na universidade ou mesmo mais tarde. Justo, muito justo.

Ele esperava a doutora Silver sem impaciência. Devernois-Klyne tinha certeza de que ela considerava imprescindível chegar atrasada a cada encontro. Uma espécie de queda de braço que, no final das contas, o divertia. De qualquer modo, ela tinha sido pega de jeito. De qualquer modo, não podia afastá-lo. De qualquer modo, durante seu estágio, o poder estava do lado dele. Ela sabia disso, e essa certeza devia lhe causar arrepios. Rebelava-se como podia. Patético. Ele suspirou de contentamento.

Observou pela décima vez a mobília do pequeno escritório que ela ocupava nas entranhas subterrâneas e sem janelas do Jefferson Building. Mais exatamente, sua intimidade. Nada. Um nada organizado com cuidado. Sem uma foto, sem um mísero diploma enquadrado, sem nem mesmo uma planta verde raquítica definhando sob as luzes de neon. Uma mesa de trabalho, uma poltrona – a dela – duas cadeiras, um computador, alguns lápis e duas canetas marca-texto, um cabide, no qual estava pendurada sua capa de chuva. A caderneta na qual registrava suas impressões e suas questões devia ser guardada no armarinho que ficava

embaixo da mesa de trabalho, ou mesmo na bolsa. Nenhuma biblioteca bem servida de livros sobre criminologia ou psiquiatria, nenhum armário de arquivos no qual estariam compactados os dossiês estridentes e sangrentos. Nada. Somente um item pessoal, o volume de *A arte da guerra*, de Sun Tzu.

Enfim, Diane apareceu. Ela lhe lançou um olhar interrogativo, consultou seu relógio para destacar que estava, de fato, nove minutos atrasada, depois se instalou atrás da mesa de trabalho sem nenhum pedido de desculpas.

– Estou progredindo – ele começou. – Gostaria de acompanhar o modo como você age, como pensa quando investiga os assassinatos em série.

Ela o encarou. Devernois-Klyne estava determinado a não se perturbar com seu olhar azul e branco, certo de que ela o tinha cultivado para utilizar como arma de intimidação, de dissuasão. A ideia tinha lhe ocorrido na véspera. Para dizer a verdade, ele jamais a tinha observado antes. Existiam três tipos de mulheres para Devernois-Klyne : as moças bonitas e comíveis, as feias e as mulheres com as quais trabalhava. Somente as características físicas da primeira categoria despertavam sua atenção, fosse seu objetivo transar ou não. Entretanto, um detalhe o tinha intrigado no caso de Diane Silver. Ela era o que se chama caridosamente de “uma mulher nada coquete”. Seus cabelos entre o ruivo e o loiro, afastados da testa abaulada por dois pentes grossos, estavam, progressivamente, tomados por mechas grisalhas. Ela usava um jeans surrado, camisa masculina mal passada, à qual às vezes faltava um botão, e mocassins. Não usava nenhum perfume, nenhuma maquiagem, a não ser uma camada de rímel bem preto e um traço de lápis nas pálpebras inferiores. O ideal para deixar seus olhos ainda maiores, mais pálidos, mais frios.

– Como eu penso? Não sei. As coisas vêm, se organizam, se revelam. É por isso que vou para as cenas do crime, acho que tenho um processo de compreensão quase involuntário.

– Um tipo de... processo mediúnico?

– Eu sou uma cientista – ela o lembrou. – Os médiuns utilizados pelo escritório foram, em geral, muito decepcionantes. Exceto dois.

– Então você acredita nos médiuns?

– Eu não acredito, Sr. Devernois-Klyne. No pior dos casos, eu constato ou não constato. No melhor, sei ou não sei. Posso, igualmente, supor, mas tenho a decência de jamais esquecer que são hipóteses.

– Decência? – ele riu. – Que palavra forte !

– Não. Acreditar no que se sabe ser uma mentira, ou sobre o que se tem dúvida, é uma indecência. Separo os médiuns e outros adivinhos do que eu faço. Mesmo se o papel deles é acalmar, trata-se de um serviço que custa caro.

– De quem você está falando? – ele perguntou, talvez porque conhecesse a resposta e porque sentisse a necessidade de se confrontar com aquela mulher.

Ela o deixava nervoso. Ele queria saber quem dentre os dois era o mais forte. Tinha sido esfolado vivo tanto no judiciário como no mundo dos negócios, de modo que não tinha medo de muita coisa.

– De você. De quem mais seria?

– Eu sou um indecente desonesto? – ele perguntou, com uma voz que se esforçava para manter pausada e afável.

Ela se inclinou na direção dele, colocando as mãos espalmadas sobre a mesa de trabalho, e lhe lançou um olhar desolado e incrédulo.

– Você duvida disso?

A disputa começava. Devernois-Klyne sentiu a adrenalina correr em seu corpo. Adorava esses momentos. Um superestímulo perfeitamente legal e bem mais prazeroso que uma trepada.

– Posso perguntar o que faz você acreditar nisso?

– Perdão por me repetir. Não é “acreditar”, é “saber”.

Com os cotovelos alinhados sobre a mesa, ela juntou as mãos em sinal de reza e apoiou a cabeça na ponta dos dedos.

– Saber – aquiesceu ele. – Sou todo ouvidos.

– Então vamos lá ! Você não tem nenhum projeto de reformulação da justiça penal, que é um domínio certamente midiático. Em compensação, salvo o caso de ter se tornado o advogado desonesto de um grande mafioso, não há galinhas dos ovos de ouro a encontrar ! Ou você é rico de berço, é isso? Um

lugar para ficar em Nova Iorque, na Quinta Avenida. Um esplêndido dúplex em Beacon Hill, em Boston. Uma fazenda no Maine e um apartamento na Flórida. Não me diga que quer abandonar tudo isso para o bem da humanidade ou pela grandiosidade do direito. Você me faria chorar, e eu perdi o hábito de me comover.

– E, segundo você, qual é o meu negócio? – ele perguntou suavemente, apesar da cólera que lhe corria pelas veias.

– Você se lembra ainda de uma frase... uma máxima... não sei... do imperador Marco Aurélio, nos seus *Pensamentos*? “Quando alguém lhe diz alguma coisa, pergunte a si mesmo de imediato : o que ele quer exatamente, qual é sua natureza?”

– Ah ! E qual seria minha natureza?

– O dinheiro, é claro.

Devernois-Klyne sentia que sua fachada de segurança se desfigurava. Ele lutava contra o desejo de insultá-la, de perguntar se realmente ela se julgava superior a todos, incluindo ele próprio.

– E você?

– A caça. A revelação do dia. Minha natureza é a caça. Presas muito perigosas. De fato, predadores. Eu sou uma predadora de predadores.

Ele hesitou uma fração de segundos. Lançou mão do último recurso ao sentir que estava perdendo o jogo. O golpe baixo, sangrento.

– Leonor?

O olhar dela se enevoou. Dois pedaços de gelo o fitaram, e ele imaginou que aquela mulher seria capaz de matar. Em vez disso, ela expirou profundamente, boca fechada.

– É isso.

A voz dela não tinha se alterado : estava calma, lenta, séria.

– Ele morreu, não? O assassino.

– Richard Ford. O belo Rick ! É. Ela também. Como quinze outras meninas. Sem contar aquelas que não sabemos. Percebo que você morre de vontade de saber o que realmente se passou – ela acrescentou, sem que ele conseguisse detectar uma mudança de tom.

Ela teria se tornado uma assassina? A ferida a atormentava a ponto de anestesiá-la qualquer sensação? Ela continuou :

– Ele foi preso por policiais de Nova Iorque. Supostamente embriagado. Bebia direto do gargalo de uma garrafa embrulhada em um saco de papel. Os dois policiais encontraram vídeos no porta-luvas. Ele filmava seus estupros, suas torturas. Eu exigi ver aquele no qual ele “se ocupava” de minha filha. Detalhes? O vídeo durava quatro horas – contou, em um tom mais solto. –

Exatamente três horas e cinquenta e seis minutos. Leonor levou todo esse tempo. Infelizmente. Devo contar pra você como foi? Cada imagem está gravada na minha mente. Mesmo os menores detalhes. A lâmpada de halógeno iluminando a lâmina do bisturi. A chama azul, bem forte, de um pequeno maçarico. A música *heavy metal* como fundo sonoro. Muito alta. Mas não o bastante para cobrir os berros. Devo continuar a historinha?

– Não.

Ele esfregou as palmas das mãos uma contra a outra e se arrependeu desse gesto, que revelava, indubitavelmente, seu nervosismo.

– Se você se direcionar para a justiça penal e os assassinos em série, vai precisar ficar mais cascudo, meu rapaz – ironizou ela. –

Você não tem ideia do que esse tipo de gente pode fazer no mundo real. Você se aproximou deles pelos livros, alguns de excelente qualidade. Todos edulcorados, entretanto. Por respeito. Venha então examinar uma de suas cenas de crime, uma de suas vítimas. Acabaram-se as noites agradáveis. Acabaram-se os belos momentos. A vida morre diante disso. Resta apenas o sangue, os gritos, o sofrimento... Para retornar ao assassino de Leonor : ele foi solto. Sob a alegação de uma falha na detenção de Rick. Os policiais não podiam revistar o carro, visto que a garrafa de uísque estava escondida dentro de um saco de papel. E sem revista, eles não tinham como se certificar de que era álcool. Ele poderia estar degustando um suco de maracujá com manga, o que não justificava uma averiguação. Foi a linha de defesa do advogado dele. Uma figura irrepreensível. Richard Ford foi liberado. Ele estuprou, matou, mutilou três outras meninas em seguida.

– Até ser morto em um acerto de contas com traficantes.

– Você estudou direitinho. Esse pequeno vendedor de pó de origem chinesa pegou sete anos por ter acabado com a raça de um estuprador assassino em série. Esse cara provavelmente ignora o imenso serviço que prestou à humanidade. Espero que consiga uma redução da pena. Na realidade, ele mereceria uma medalha !

Ela tirou um cinzeiro cheio de bitucas da gaveta de seu armarinho que ficava embaixo da mesa e acendeu um cigarro, sem mesmo perguntar se a fumaça o incomodava. Tinha certeza de que se protestasse, ela o despacharia :

– Sério? Bem, saia do meu escritório.

Ela continuou :

– Bom, após todas essas confidências, somos agora praticamente amigos, caro Sr. Devernois-Klyne... E se você me dissesse a verdade? – apontou com o dedo *A arte da guerra*, que estava sobre a mesa e prosseguiu : – “A guerra tem a mentira por fundamento”. A manipulação é a forma mais sofisticada de mentira. Grande problema : para que um manipulador exerça seus talentos, ele deve ter, diante de si, um manipulado. Ora, eu não sou, eu não sou mais manipulável. Esse tipo de jogo de imbecis é jogado a dois... Mais nada tem importância pra mim, ao menos no plano pessoal. Eu sou livre, irreprimível, incontrolável. Como faço pra você parar de tentar me enganar, pra você parar com essas informações de terceira mão? Até agora, tudo o que disse se parece muito com uma boa novela de televisão. Em suma, isso não tem nada a ver com a realidade, porque a realidade é de uma banalidade insuportável.

Devernois-Klyne permaneceu mudo, procurando no horizonte algo que não aparecia. Impassível, ela percebeu seu embaraço e seguiu em frente :

– Você vem me mentindo desde que chegou. De uma hora pra outra, sou eu que faço isso. Inversão de papéis. Sua pesquisa não será mais do que uma série de banalidades se você acreditar em tudo o que eu disse. – Fez uma pausa, endireitando as costas e o livro *A arte da guerra* no canto da mesa, e perguntou : – Quem é?

Seu... como dizer... cliente, patrocinador? Quem quer saber com tanto cuidado e precaução sobre assassinos em série?

Inútil contornar a situação, ela sabia. Devernois-Klyne admitiu :

– Segredo profissional.

– Ótimo. Eis, ao menos, uma confissão. Eu também : segredo profissional. – Um sorriso perverso surgiu em seus lábios. Porém nada mudou em sua postura. – Meus métodos, quero dizer. Vou acompanhar você durante os seis meses de seu estágio, Devernois-Klyne. Você não saberá nada saindo daqui, salvo o que terá lido nos livros já acessíveis ao público em geral. Vá chorar no colo de Casney Jr. ! Diga a ele a que ponto a mulher, eu, é gentil. Você sabe do que mais? É verdade. A mulher não é gentil. Ela é mesmo muito desagradável.

Seu cliente rico, muito rico, tinha previsto essa reação. Devernois-Klyne sabia que nada dobraria Diane Silver. O cliente o tinha autorizado, quando necessário, a revelar uma parte da verdade, mantendo seu nome em sigilo.

– Ok, Dra. Silver... De fato, eu não tenho nenhuma intenção de trabalhar com direito penal. Meu cliente muito endinheirado paga por esta pesquisa, que deve ser dirigida por você e por mais ninguém. Inútil dizer que se pudesse me poupar do seu convívio, eu teria aproveitado a oportunidade...

Ele esperava ofendê-la. Contudo, um aceno de cabeça saudou essa indelicadeza. Ela ironizou :

– A gente se ama, não é? Isso é tão precioso ! Prossiga.

– Mas esse meu cliente, cujo nome não posso revelar, é... como dizer, provocado pelos assassinos em série.

– Provocado? É uma piada?

– O termo é idiota, eu concordo. Entretanto, nesse contexto, “fascinado” seria ainda mais estranho, quase doentio. De qualquer forma, ele quer saber exatamente quem são, como são presos e, sobretudo, como entrar na cabeça deles.

Ela franziu as sobrancelhas, e ele a reviu degustando seu musse de framboesa. A ideia incongruente, mas muito convincente, de que ela era louca, que ela havia perdido o juízo, se implantou em Charles Devernois-Klyne.

– Por quê? Ele fica entediado com todo o dinheiro que tem? Em vez de financiar uma fundação de arte conceitual, uma associação em favor das crianças deficientes, ou de ajudar um leão maltratado no cativeiro e um velho urso de zoológico a sair da jaula, ele tem o desejo de desvendar os mistérios do lado negro da mente humana? É um desequilibrado ou um curioso?

Devernois-Klyne hesitou. Com efeito, a manipulação não serviria para nada contra aquela mulher. Ela era, em compensação, suficientemente louca, segundo sua experiência como advogado, para compreender o delírio de alguém.

– A ideia veio à mente de meu cliente durante uma conversa. Na verdade, acho que ele vê isso como uma espécie de ato de cidadania...

– Eu adoro esse tipo de expressão... “Ato de cidadania” – ironizou. – Não se age mais de maneira correta, justa, honrosa. Pratica-se “um ato de cidadania”. E quando se faz uma coisa negativa, repreensível, é o quê? Um ato de anticidadania? Ou um antiato de cidadania? Perdão por ter interrompido você. Continue, por favor.

Charles Devernois-Klyne segurou um suspiro de irritação e admitiu :

– Você tem razão, ele poderia muito bem criar uma fundação pra crianças autistas ou outra coisa semelhante. Tenho a sensação de que está convencido de que pode ajudar a combater esses psicopatas. Ele tem meios financeiros, doutora Silver. Meios que você não tem ideia. Não vou negar que o lado um pouco... diferente desse... projeto deve ter contribuído para o interesse dele por este... comprometimento. Isso combina bastante com o que tenho visto da personalidade dele. É como se fosse uma daquelas bolsas de estudo para os artistas.

– Legal, um original, além de tudo. Que sorte ! – ela complementou. – Combatê-los? Como? Fazer justiça com as próprias mãos? Reinstaurar um pouco de ordem, um pouco de bom-senso, um pouco de moral... Um monte de gente já formou milícias, um pouco por toda parte. Muitos resvalaram no fascismo. Muito poucos, para mim. Eu obedeço à lei.

Ele chiou :

– A mesma lei que colocou o assassino, ou melhor, o algoz de sua filha em liberdade? Você não é rancorosa. A mesma lei que permitiu que ele continuasse com seus “passatempos” até que um traficante o matasse porque ele não queria pagar sua dose de crack?

Ela vacilou somente por um segundo :

– E você me acha reacionária? Pensei que fosse contra a pena de morte.

– De fato. É uma barbaridade. A prisão perpétua...

Ela soltou uma gargalhada :

– Que hipocrisia maravilhosa. Sem pena de morte para os assassinos em série. Porém, eles podem levar um tiro durante uma ação, ou na prisão, e todo mundo fica contente. Sem decisão prévia. As coisas são... acidentais. Qual é a diferença? A tranquilidade de sua alma?

– Inútil prosseguir este debate. Não se trata disso. O objetivo de meu cliente é utilizar seu dinheiro pra... conter esse, esse flagelo moderno. Uma doação pras forças policiais. Melhores programas de computador, treinamento especializado... tudo isso...

– “Flagelo moderno”? Você está brincando? Os assassinos em série sempre existiram. O *Homo sapiens* os inventou. Sabe por quê?

Ele abanou a cabeça negativamente.

– Ouça bem, Devernois-Klyne, pois é a primeira informação valiosa que dou pra você. Porque nós também somos assim.

– É uma figura de linguagem?

– Não... é uma expressão bem crua da realidade. Somos uma espécie feroz. A mais feroz dentre todas. Como acha que conseguimos sobreviver? Do ponto de vista físico, somos desprezíveis, comparados às outras espécies de predadores. Nosso olfato e nossa audição são medíocres. Não somos rápidos... Você sabe que um javali corre mais de quarenta e cinco quilômetros por hora? É quase duas vezes mais rápido que um homem em alta velocidade. Ou seja, nós não tínhamos nenhuma chance.

– Se não fosse a nossa inteligência – contra-atacou o advogado, num tom superior.

– Errado ! O Neandertal era tão inteligente, ou mais, que nós. E muito mais forte também. Mas nós o exterminamos. Sabe por quê? Porque ele era pacífico e nós éramos hiperviolentos, cruéis.

– Escutando você, parece que somos uma espécie medonha.

Ela o observou, espantada, e um mal-estar foi crescendo no advogado, denunciado por sua reação ingenuamente sincera.

– Isso o surpreende? Você nunca leu os jornais, nunca escutou as informações? Que outra espécie é capaz das mesmas monstruosidades que nós?

– Nunca fizemos nada de bom?

– Sim, é claro, quando nos interessava. Em compensação, destruímos o resto e continuamos. O mais saboroso é que, apesar de nossa inteligência, não queremos admitir uma coisa muito simples : vamos juntos pro mesmo buraco. Vamos nos autodestruir. É um fenômeno clássico, bem conhecido entre os paleontologistas e antropólogos : hipertelia. O desenvolvimento excessivo de um órgão que conduz diretamente ao desaparecimento de uma espécie. O caso mais frequentemente citado é o dos tigres de dente de sabre. No começo, o hiperdesenvolvimento de suas presas os ajudava a caçar, a se alimentar. Em seguida, eles não puderam mais abrir a boca o suficiente para capturar as pequenas presas. Foram extintos da superfície da Terra. Isso é o que está começando a acontecer com o Homem, por causa do desenvolvimento de seu cérebro.

– E então, segundo você, os assassinos em série são um... incontornável produto de nossa espécie?

– Sim. Nós criamos... como dizer... remédios, soluções para conter a hiperviolência que está em nós. O modelo educacional, a ideia da importância do grupo, a exclusão do prazer imediato do indivíduo, a moral, a religião, a punição. Todas essas barreiras foram quebradas. Exceto talvez a punição, mas ela está tão longe, é tão suave. E é uma reacionária convicta que diz isso ! – ela acrescentou, com uma risada sufocada e consultando o relógio. – Me desculpe, tenho outro compromisso.

Dirigiu-se para a porta, titubeou e se virou. Em tom calmo, disse :

– Devernois-Klyne, que pena que não nos encontramos... antes. Éramos semelhantes. Eu detestava a violência. Detestava porque tinha medo dela, por minha filha, por mim. Mas aconteceu : minha filha foi torturada muito além do que se pode imaginar. Que eu posso imaginar, em todo caso. Ao menos hoje em dia. Ter medo da violência, da brutalidade, da crueldade, evitá-las a todo custo não impediu que nos atingissem. No fundo, minha vida se resume a dois períodos : antes de Leonor e depois de Leonor. Desde então, eu os caço. Quero que eles explodam. Todos.

A porta bateu.

Repentinamente, ele teve uma vontade louca de deixar aquele lugar, de fugir daquela base militar, com seu complexo de antenas eriçadas, seus laboratórios em que se preparava uma guerra implacável, seus emblemas, seus guardas com armas automáticas, tão gentis, bem nutridos, cheirando a sabonete, mas capazes de matar em caso de ameaça. Repentinamente, teve uma vontade louca de voltar a seu belo escritório, de encontrar seu mundo de muito dinheiro, no qual a pior carniça está tão bem lacrada que não fede mais, sendo possível jantar em sua companhia em um excelente restaurante conversando sobre arte, viagens ou moda.

⁶ Cf. TZU, Sun. *A arte da guerra*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo : Paz e Terra, 2006 [século IV a. C.].

Paris, França, junho de 2008

Yves Guéguen conhecia a alma humana até seus recônditos mais sombrios, por isso raras coisas o surpreendiam. Mas não esperava o que Sara Heurtel estava prestes a lhe revelar quando o recebeu na sala de visitas de seu apartamento. Ela era alta, magra, e se mantinha ereta, desafiando a adversidade imposta a cada um de seus centímetros. É certo que as pálpebras estavam avermelhadas, o rosto fino e pálido; entretanto, a curva dos lábios e os olhos azuis traíam uma feroz determinação.

– Sra. Heurtel... as palavras são vãs... Mesmo assim, acredite : eu entendo a sua imensa dor. Perder uma filha... sobretudo dessa maneira...

– Obrigada – ela interrompeu, com uma voz quase seca. – Sente-se, por favor. Você quer um café? Eu vou tomar um.

– Com muito gosto.

Ele se aproveitou da ausência dela para observar a sala mobiliada com bom gosto, nada muito chique, compatível com uma pesquisadora que criava dois filhos sozinha. Tudo trazia leves marcas de uso : o bonito sofá de pele de búfalo, a mesa de centro, cujo tampo era feito de espesso e antigo carvalho e sobre o qual repousava uma pilha de revistas, como o último número de *La Recherche*,⁷ e um grande cinzeiro de pastilhas de vidro cheio de bitucas, um elegante tapete persa, cujos extremos eram identificáveis pela moldura acinzentada. Na parede em frente estavam penduradas algumas tocantes sanguíneas,⁸ provavelmente do século XIX, representando rostos de crianças bochechudas. Uma estante cobria outra parede do chão ao teto. Prateleiras de livros

lidos, a maioria, edições de bolso. Obras já consultadas chamam muito mais a atenção do que as que estão ali apenas por decoração; é como se seus leitores tivessem deixado um pouco de si mesmos sobre suas capas, ao folheá-las ou ao devorá-las.

Sara Heurtel voltou da cozinha trazendo uma bandeja com uma xícara fumegante, que colocou diante dele :

- Leite? Açúcar?
- Açúcar, por favor.

Ela lhe estendeu um pequeno açucareiro de porcelana azulada e perguntou :

- Você se incomoda se eu fumar?
- Nem um pouco.
- Eu tinha parado pouco depois da morte do meu marido, acreditando, naquele momento, que as coisas dificilmente podiam ser piores. Eu estava errada. Sempre pode ser pior.

– É verdade – admitiu.

Ela exalou uma longa baforada virando a cabeça, a fim de não jogar fumaça na cara dele.

– Então, você é da Criminalística? Seus colegas já passaram por aqui duas vezes. Levaram o disco rígido do computador de Louise. Me perguntaram um monte de coisas... as mesmas que aquela incompetente da delegacia... uma tal de Nadège-alguma-coisa. Desde então, nenhuma novidade. Eu deixei mensagens... Suponho que vocês não têm nada de novo... enfim... sobre a investigação.

– É isso. Na realidade, não sou policial no sentido estrito do termo. – Ele ia dizer “Eu sou um caçador”, mas mudou de ideia. – Eu sou um... investigador de pistas. As dos criminosos.

- Um *profiler*, um especialista em psicologia criminal?
- Mais ou menos.

Ela vacilou por alguns segundos e perguntou :

– Talvez eu seja influenciada por filmes, mas... em geral, esse tipo de especialista se interessa pelos assassinos em série, não?

Ele optou por uma resposta vaga :

- Nem sempre.

Yves lutava contra o mal-estar que novamente se insinuava. Desde que ligara para Sara Heurtel, no dia anterior, para lhe

anunciar a visita, tinha passado em revista todas as estratégias. Decidiu que não tocaria em alguns pontos. Há sofrimentos que é melhor não infligir àqueles que já estão sofrendo além do tolerável. Entretanto, era preciso que Sara os descobrisse, os deduzisse por si mesma. Ele devia conduzi-la, mas detestava a ideia de lhe dizer qual porta devia abrir. Provavelmente, Sara pensava que a morte de Louise a tinha destruído de modo irremediável. Ela estava enganada. O verdadeiro estrago, aquele do qual ela nunca se recuperaria, ainda estava por vir. Se Guéguen pudesse, a senhora Heurtel ficaria sem saber.

O coronel Guéguen estava certo de que Louise e Cyril haviam sido mortos pela mesma pessoa, apesar de o *modus operandi* ser diferente. Os laços de amizade que pretensamente ligavam os dois jovens atestavam isso. A investigação metódica dos arquivos desastrosamente apagados do disco rígido de Louise também. O assassino conseguira ser convidado por Cyril a ir a sua casa, provavelmente para recuperar o disco rígido do menino. Isso significa que ou ele conhecia o jovem, ou era extremamente persuasivo. Em compensação, ele matou Louise na mansão da qual tinha as chaves, uma vez que nenhum traço de arrombamento foi encontrado. Ele não se importava de que o disco rígido da garota caísse nas mãos da polícia? Ou, ao contrário, desejava que os policiais descobrissem o que Louise e Cyril tramavam? Por quê? Guéguen desconfiava dessas hipóteses. Perguntava-se, mesmo, se não estava considerando o assassino mais inteligente do que devia. No entanto, uma teoria desconcertante tinha germinado em sua mente. Uma teoria que somente Sara era capaz de confirmar ou eliminar.

– Você quer dizer algo?

A eterna e complicada escolha do médico que está preocupado com a capacidade do paciente de suportar o anúncio da própria morte. Os intrincados meandros da mente humana : entre inteligência, lucidez e sentimentos viscerais, a cegueira voluntária.

Yves disse :

– Sim.

Ela suspirou, apagou seu cigarro e acendeu outro.

– A menos que você anuncie a morte do meu filho, não vejo realmente em que poderia me ajudar.

Ela tinha dito : sempre pode ser pior. Mas ele não tinha a coragem de lembrá-la.

– Aqui vamos nós, então?

– Aqui vamos nós – encorajou Sara.

– A análise do disco rígido de Louise mostra que ela passava um tempo na internet.

– Eu sei. Ela vendia e comprava coisas em sites como o *eBay*. Para ganhar um dinheiro.

– Descobrimos poucos, muito poucos registros de acessos a sites de leilões.

– E?

– E... Louise falava durante horas com Cyril na internet. Encontramos no lixo de mensagens excluídas. Nada se perde em um computador, exceto para aqueles que não conhecem bem informática ou que dispõem de um programa especial de supressão definitiva de dados, o que não era o caso de sua filha. Ela consultava também, exaustivamente, *sites* especiais.

– Pornôs?

– Não. Estes são, em geral, relativamente benignos, mesmo se deixam qualquer menino vermelho de vergonha. É o que mais se encontra na memória apagada, sendo assim muito bem controlados.

– Que tipo de site então, no caso da minha filha?

– Satânicos, de vampiros, de bruxaria...

– Ah, sim... o visual gótico... coisa de adolescente ! Todos nós tínhamos as nossas manias. Porém, a diferença é que as de Louise eram mais persistentes.

– Sra. Heurtel... É um pouco como o pornô. Há *sites* e *sites*. Há vídeos de sexo que se pode encontrar em qualquer lugar, brinquedos sexuais que se vendem em revistas, e há o resto. Toda... paixão humana pode ser separada em dois universos muito diferentes : o excesso tolerável e o inaceitável, o ilícito, o perverso.

Sara apagou o cigarro sem deixar de fitá-lo nos olhos. Com uma voz agora cortante, exigiu :

– Você pode me dizer aonde quer chegar em vez de ficar com esses rodeios? Não se preocupe : minha inocência tem limites. Eu sei que somos a única espécie que se diverte com a desgraça alheia, como se diz.

Ele baixou os olhos esboçando um sorriso :

– Você me lembra uma grande amiga norte-americana. Uma psiquiatra.

– Isso prova que alguns podem dizer coisas sensatas – retrucou Sara.

– *Touché !*

– Aonde você quer chegar? – insistiu.

– Sua filha visitava com assiduidade sites demoníacos... sérios... de tendência radical, sendo que alguns eram vigiados de longe pela Agência de Inteligência... como seitas ameaçadoras.

– De “tendência radical”?

Yves terminou sua xícara de café antes de responder.

– Que se referem... digamos assim, francamente, à morte de seres humanos.

– Eu... não estou entendendo... Todos vamos morrer, não é?

– O assassinato de seres humanos. Como etapa de iniciação. Estamos falando de verdadeiras iniciações aos sacrifícios humanos.

– Isso é bobagem ! Não Louise ! – fulminou Sara, saltando do sofá.

– Sra. Heurtel... Eu procuro apenas fazer com que você entenda que as... fantasias adolescentes de Louise eram provavelmente muito mais sérias do que você pensa. Os pais são sempre os últimos a saber. É normal. O amor é cego. Sempre.

Sara conteve a raiva que sentia subir pelo corpo, o desejo de chutar aquele cara porta afora. Uma reação epidérmica, estúpida. Não era assim que poderia ajudar Louise. Com certeza, Louise estava morta, mas sua mãe ainda podia ajudá-la.

– Foi influência de Cyril, não? Eu pensava que ele era um menino educado, de boa família, que se rebelava timidamente, com aqueles *piercings* falsos e braceletes de couro preto. O quê? Ele arrastou minha filha para essas histórias de homicídio?

Ele gostava daquela mulher. Ela não merecia saber o teor das mensagens bastante explícitas de sua filha. Uma assassina de verdade. Era preciso que descobrisse por si só. Como chegaria lá?

– Não sabemos. O disco rígido do computador dele foi levado pelo assassino. De qualquer maneira, você acabou de responder a uma das perguntas que me trouxeram aqui : você não sabe mais nada, não é?

– Afinal, não é porque Louise consultava casualmente esses sites que isso significa... quero dizer, eu mesmo já entrei em sites de pornografia, por engano... Foi preciso desligar o computador pra sair...

– Você prefere o quê? Uma mentira confortável ou a realidade?

– Qual é a sua opinião?

– Ok. Louise acessava seguidamente esses sites que promovem a teoria da raça superior... autoproclamada, é claro. Eles são bem espertos. São cautelosos com visitas... policiais. Usam uma linguagem confusa, fazendo com que nós raramente consigamos pegar algum deles. Se você consegue ler nas entrelinhas, a mensagem é clara e, no mínimo, inquietante. A raça superior domina e tem direito de vida ou morte sobre a raça inferior.

Bruscamente, o universo de Sara despencava em ruínas a seus pés. Aquele homem não estava mentindo. Ela não tinha percebido a enrascada em que Louise estava metida. Não tinha nem mesmo suspeitado. Suas mãos tremiam tanto que teve de tentar duas vezes antes de conseguir acender um novo cigarro.

Ele baixou os olhos, temendo que ela começasse a chorar. Um silêncio tumular se seguiu. Por quais recantos dolorosos seus pensamentos vagavam? Esperou ainda alguns instantes até que ela admitisse, finalmente, o inadmissível. Ele teve a certeza de que ela pressentia a verdade e se recusava terminantemente a dar o último passo. Ele ousou :

– Como ela se relacionava com o irmão?

O rosto lívido, marcado por noites de insônia e lágrimas, congelou. Ela acabava de dar o passo fatídico.

Ela abriu a boca sem pronunciar uma palavra, como se todas lhe fugissem, e franziu as sobrancelhas, respirando com dificuldade.

– Mal. É clássico. Especialmente sabendo que Louise não suportava ninguém... exceto Cyril.

Outro silêncio. O olhar de Sara fugia do dele, agora. Será que ela temia ler nos seus olhos a confirmação do que começava a vislumbrar, do *verdadeiro* pior? Ele esperou.

Um murmúrio que Guéguen não estava certo de que era para ele.

– Você sabe... uma das grandes qualidades de um investigador é a lucidez. Admitir que aquilo que não se tem vontade de admitir é real. Meu antigo chefe repetia : “É preciso deixar seus desejos no cabide quando colocamos uma blusa”. A lucidez, que herança terrível ! A ignorância e a cegueira são privilégios preciosos.

– É isso mesmo. Pelo menos quando não vão embora, quando nada acaba com elas. E é muito tarde, não é?

Finalmente, ela o encarou. Seu olhar tinha mudado, estava gelado.

– Sua pergunta... Não era um bate-papo, não é? Ela era... para valer?

– Sim.

– Victor se irritava com Louise. Eu também, na verdade. Pensei que fosse uma crise de adolescente, da diferença de idade, do fato de que... Victor era mais próximo de mim... Era mais sério... do que isso?

– Sim, pelo menos é o que pensamos.

– Vá em frente – murmurou.

Foi a vez de Yves se calar, evitar o olhar dela. Sara Heurtel tinha enfim chegado aonde ele queria, e ele tinha medo do que estava por vir.

A ordem veio com tudo, peremptória :

– Vá em frente, eu disse !

– De acordo com as mensagens que recuperamos, todas endereçadas a Cyril ou recebidas dele, Louise tinha... a intenção de matar seu irmão... depois de você.

Ela o encarava, imóvel, e Yves teve a impressão de que tinha parado de respirar.

– Pra que tudo fique bem claro... Sra. Heurtel... Não eram reclamações adolescentes do tipo “Minha mãe me irrita, queria que ela morresse”. Se fosse isso, eu não teria mencionado. O projeto, porque era um projeto, de Louise estava maduro, pensado com muito ódio.

Ele a viu fechar as pálpebras e se perguntou se não estaria desmaiando. Seria normal.

– E Cyril?

– Estava decidido, com bastante... serenidade, se me permite, a assassinar seus pais e sua irmãzinha depois que completasse a maioridade, para ficar com a herança.

– Doenças mentais?

Ele sentiu que sua voz suplicava. Uma doença mental para atenuar o insuportável.

– Sociopatas perigosos, sem nenhuma dúvida.

– Os pais de Cyril...

– Não sabem de nada – ele terminou. – Não estou seguro de desejar que seja diferente.

Repentinamente agressiva, ela deixou escapar :

– Por quê? Eu sou a única a merecer ser castigada um pouco mais?

Ele balançou a cabeça negativamente. Uma ternura inesperada o invadiu. Se não fosse policial, adoraria tomá-la em seus braços, acalmá-la um pouco. Como fizera uma vez com Diane, uma noite em que ela tinha bebido tanto que as portas de sua memória estavam entreabertas.

Lutando contra a crise de lágrimas, Sara balbuciou :

– Merda, o que está acontecendo? Meu marido é deixado agonizando pelo motorista que o atropelou, minha filha é degolada, e eu fico sabendo que ela tinha decidido nos matar, eu e seu irmão...

– É isso que justifica a minha visita, Sra. Heurtel – ele admitiu.

– O quê? O meu marido, Louise, Victor, eu...

– Não. O... projeto de Louise e sua sobrevivência, sua e de seu filho.

Ela o olhou sem compreender. Ele foi mais preciso :

– Escute... minha teoria é provavelmente incorreta, visto que não é baseada em nada e talvez seja apenas um amontoado de coincidências. E se o assassino quisesse proteger você, você e Victor?

Ela balançou a cabeça com veemência :

– Você está delirando !... Ele também teria vontade de proteger a família Janet, nesse caso, já que Cyril estava decidido a destruí-la? Isso significaria que os Janet e eu conhecemos esse cara. Ele nos ama ao ponto de massacrar nossos futuros carrascos? Isso é ficção científica ! – Levantando o tom, ela afirmou, com voz fraca :

– Isso é uma tremenda loucura ! Você não tem nada de mais urgente a fazer do que jogar no ventilador elucubrações de psicólogo de quinta categoria? Se conduz essa investigação com tanta seriedade e perspicácia, você está longe de prender o assassino de minha filha. Além disso, eu quero ver as famosas mensagens de Louise, porque não acredito mais em nenhuma palavra sua. Você diz qualquer imbecilidade que passa pela sua cabeça !

– Você está no período da negação, é normal.

Ela pulou do sofá e gritou :

– Vai se foder ! Saia da minha casa !

Ele sentiu que ela estava prestes a agredi-lo. Contudo, ainda tinha uma informação a dar.

– Quando se “ama” as pessoas, como você disse, a ponto de matar pra protegê-las, não se abandona na casa delas o cadáver do filho esfolado vivo. Por isso, não acredito que os Janet precisem dessa “proteção”, caso eu não esteja enganado. Ele tinha outro motivo pra matar Cyril. Diferentemente, Louise foi levada a um local “neutro” para ser morta. Ela foi – e você vai me detestar ainda mais – executada de modo... rápido e higiênico.

Sara berrou, avançando na direção dele com a mão levantada, fora de si :

– Chispa daqui, seu monte de merda ! Agora ! Cai fora !

Yves Guéguen estava desolado. Jogou seu cartão sobre a mesa de centro e saiu. Quando a cólera diminuísse, ela refletiria, acrescentaria, compararia, rejeitaria, associaria todas as

informações. Ela tinha a inteligência e o treinamento necessários para tal. E, no final, a lucidez seria mais forte. Implacável, inevitável.

Se ele estivesse correto, Sara Heurtel era a única ligação que tinham com o assassino.

[7](#) Literalmente, "A Pesquisa" : revista francesa mensal que trata das últimas notícias referentes às ciências. (N. T.)

[8](#) "Sanguínea" é uma espécie de "giz vermelho", de tom semelhante à terracota, usado por Leonardo da Vinci, Rafael e Rubens. Por extensão, a obra (pintura) feita com esse giz. (N. T.)

Massachusetts, Estados Unidos, junho de 2008

Nu, com exceção da bandana preta que segurava seus cabelos, Nathan avançou em direção à arena de três metros de diâmetro. Ele a contornou, arrastando com precaução um pé após o outro.

Parou, um sorriso flutuando nos lábios. O outro não se movia, encolhido no centro do pequeno circo de piso de areia que o deixava maior do que era. Uma concessão de Nathan. Fazia parte de seu jogo, assim como o comprimento do facão que segurava. Quarenta centímetros no mínimo, sendo dez de cabo. Trinta pequenos centímetros de aço afiado. Nada mais. A diferença entre a vida e a morte. Uma morte lenta, dolorosa.

Um farfalhar sedoso. O outro acabava de se mover, quase imperceptivelmente. Uma onda de hesitação ainda detinha Nathan. Teria escolhido o parceiro certo para o jogo? Havia tempo para trocá-lo. Uma careta de aborrecimento o fez morder os lábios. Aproximou-se sem ruído da parede forrada de grandes viveiros. Seu olhar se aproximou de uma *Crotalus durissus terrificus*, uma magnífica espécie de cascavel de quase um metro e oitenta, cujo hábitat natural é a América do Sul. Um veneno formidável, neurotoxinas que provocam cegueira, depois sufocamento por paralisia respiratória progressiva. Como na maioria das cascavéis, outra toxina, a hemolítica, provoca a explosão dos glóbulos vermelhos, ocasionando graves hemorragias. Vomita-se sangue. Chora-se sangue.

Nathan bateu com o indicador no vidro do viveiro situado à direita, zombando de seu gesto. Todas as serpentes são surdas. De fato, a *Crotalus adamanteus*, ou cascavel-diamante, nem se moveu.

São encontradas normalmente nos Estados Unidos, especialmente na Flórida, podendo alcançar mais de dois metros e viver vinte anos. Quanto às presas, as maiores passam de dois centímetros de comprimento e injetam quase um grama de veneno na vítima. Uma dose seis vezes inferior à necessária para matar um homem adulto. Estranhamente, embora se suponha que as serpentes possuem uma inteligência pífia, provavelmente porque pertencem a um estágio inicial da Evolução, numerosos testemunhos de caçadores de serpentes apontam para outra direção : as cascavéis-diamante que vivem perto do homem aprendem rapidamente a congelar seu guizo, esse chocalho no extremo de sua cauda, conjunto de camadas de escamas sobrepostas destinadas a assustar. Eles sabem que esse sinal faz com que sejam percebidas.

Um sorriso prazeroso se abriu nos lábios de Nathan quando encostou a testa no viveiro que continha sua última aquisição, uma magnífica cobra egípcia de quatro metros de comprimento. Ele adorava abrir a tampa situada sobre o vidro para empurrá-la com a extremidade da longa pinça, a qual lhe permitia retirar os animais da toca. A cobra se ergueu, enfurecida, inchando o pescoço de cólera até se assemelhar à estátua de um deus esquisito e feroz. Nathan admitia : adorava observar as cobras, uma maravilha da natureza. Em compensação, enfrentá-las era menos prazeroso do que enfrentar um crótalo, ou cascavel, uma das serpentes mais perigosas. Outro assassino perfeito era a víbora de Russel, encontrada principalmente na Índia, na China e na Birmânia. Uma agressividade exemplar. Mesmo de tamanho modesto, um metro e cinquenta, essa víbora é particularmente vingativa. Entretanto, o viveiro da víbora de Russel estava vazio desde o mês anterior. Nathan esperava a substituta, já encomendada. Ela demorava a chegar : os caçadores, mesmo experientes, somente a abordam com extrema precaução.

Não. Tinha feito a escolha certa. Virou a cabeça em direção à arena. A *Crotalus atrox* estava imóvel no centro. Uma espécie de dois metros de comprimento, advinda de contrabando do México. O veneno da *atrox* é um pouco menos perigoso que o da *adamanteus*. Mas o animal é muito mais agressivo. A *atrox* não foge. Ataca. E

havia algo comum em todos esses animais : estão entre os mais rápidos. Têm reflexos que chegam à ordem dos centésimos de segundo. Os homens são infinitamente mais lentos. Em média, dez vezes mais lentos. Contudo, os homens sabem prever o que vai acontecer; as serpentes, não.

As cascavéis, como todas as serpentes, se aprumam antes de dar o bote. Sua rapidez e flexibilidade lhe permitem se projetar por um terço de seu comprimento. Dois metros de extensão, um alcance de sessenta e sete centímetros, muito mais que o comprimento da lâmina de um facão. Era um jogo elegante. A inteligência de Nathan, sua capacidade de antecipação, contra a rapidez da cascavel, sua total ausência de sentimento, de medo, sua combatividade. Nathan se aproximou da beirada da arena, arrastando os pés. As serpentes detectam a menor mudança de pressão ao redor delas graças à língua bifurcada. O movimento do ar, o impacto sobre o solo. Boa parte possui captadores infravermelhos que indicam com precisão onde se situa o agressor ou a presa e o que ele ou ela está fazendo. Nathan bateu o pé para sinalizar sua presença. A cascavel virou a cabeça em sua direção. A perfeita espiral de seu corpo marrom, com pontilhados de vermelho-tijolo e incrustações brancas e pretas, deslizou sobre si mesma. A língua saiu, vibrando para analisar os deslocamentos de ar. Nathan ainda não estava preocupado. Ela tinha aberto a boca, sentindo-se ameaçada desde que ele prendera sua cabeça com a longa pinça para tirá-la do viveiro. Depois se acalmou. A areia, a imobilidade do ambiente a tranquilizava. Tinha sido alimentada, três dias antes, com um rato. Nathan entrou na arena e bateu palmas três vezes. Forte. A velocidade da reação de seu oponente o perturbou. Sem que sua retina tivesse percebido, a serpente, em um movimento muito rápido, tinha se aprumado. Sua língua testava o ar na direção de Nathan. Ele se perguntou se ela avançaria. A *atrox* é um dos répteis mais desagradáveis. Quase nunca sai do chão. A serpente não se mexeu.

– Como você é bonita – quase gritou Nathan.

Ela não o ouvia. Em compensação, os deslocamentos na pressão atmosférica, decorrentes de sua voz, seriam perceptíveis.

– Você quer um combate de vida ou morte, não é? É você ou eu. Não tenho nenhum soro contra o veneno. Não teria graça. Se você conseguir me morder, eu morro.

Dois olhos de um negro quase azulado o fitaram. A serpente permanecia imóvel, um quarto do corpo ereto, esperando. Apenas a língua parecia ter vida, saindo e voltando para a boca, recolhendo do exterior as informações necessárias para sobreviver. Nathan se aproximou sem tirar os olhos da cabeça de um cinza esfumaçado. O corajoso animal ainda não sabia, não tinha entendido que lutava pela vida. Foi, como sempre, um combate leal, e Nathan fez questão de insistir nisso ao deixar claro para a cascavel que ela acabava de encontrar um oponente muito perigoso. O facão cortou o ar a poucos centímetros do nariz do réptil, que cuspiu, revelando as presas e se fechando sobre si mesma. Bem, ela havia entendido. Nathan se virou lentamente, acompanhado pelos movimentos do magnífico corpo coberto de escamas. Boca aberta, em posição de ataque, a serpente o seguia. Nathan avançou. Um golpe de facão. A serpente recuou e depois se alongou com a rapidez de um raio, presas ameaçadoras. O homem se esquivou o quanto pode com um salto para trás. O suor lhe escorria na testa, apesar da bandana. É claro que tinha medo. Era esse o objetivo do jogo. Lutar contra o medo. Avançar apesar do medo. Mantê-lo sob controle, impedir que ele o deixasse soluçando como um covarde. As serpentes aterrorizam, daí sua superioridade, aos olhos de Nathan. Elas são implacáveis máquinas de matar. Sem ódio, sem efusões ou demonstrações inúteis. Soberanas.

A *atrox* não tirava mais os olhos da mão direita de seu agressor, a que segurava aquela estranha coisa brilhante e fina. Nathan sorria de felicidade. A serpente tinha entendido que o facão era seu verdadeiro inimigo. Ele recuou. A cascavel avançou lentamente em sua direção, aprumada. A *atrox* se exibia em toda a sua força, em toda a sua velocidade para alcançar aquela *mão*. *Nathan se atirou para o lado*. A areia o atrapalhava, e ele tombou. A serpente correu em sua direção, na direção do corpo enfim *à sua mercê*. O facão mudou de mão. No momento em que a cabeça viperina se ergueu, com a boca aberta para atacá-lo, a lâmina se abateu sobre seu

pescoço. O magnífico focinho triangular voou. O corpo sinuoso desmoronou, deixando sair um belo sangue vermelho, imediatamente bebido pela areia da arena. Uma tremedeira incontrolável sacudiu o corpo nu do homem, sempre deitado de lado. Os batimentos descontrolados de seu coração se acalmaram pouco a pouco. Ele se endireitou com dificuldade, sempre sentado. Contemplou o perfeito tubo de carne que os últimos espasmos musculares ainda agitavam e murmurou :

– Belo combate, amigo. Você foi digno. Lutou com bravura. Você será cremado como os outros. Como um guerreiro.

Regra nº 5 : tratar com o maior respeito os inimigos valorosos, mesmo depois de matá-los.

Nathan se levantou, exausto. Minúsculos espasmos musculares continuavam agitando a parte interna de suas coxas. Tinha vencido de novo. Com um gesto mecânico, acariciou a tatuagem discreta que cobria seu ombro direito : uma cobra, pescoço inchado de cólera, presas expostas, pronta para dar o bote.

Paris, França, junho de 2008

Afundado em um dos sofás da vasta e luminosa sala, Frédéric Janet não tinha pronunciado uma só palavra desde a chegada de Yves Guéguen. O *profiler* não sabia se se tratava de um mutismo habitual ou de consequência da dor que sentia. Virginie Janet-Thévenin, sentada na beirada de um sofá, mantinha a coluna ereta e os lábios fechados. Tinha abusado da base, do *blush* e dos corretivos a fim de dissimular os estragos do luto, e lembrava uma patética boneca antiga, daquelas com muita maquiagem. Ela repetiu, pronunciando cada sílaba num tom autoritário :

– Está fora de questão ! Nós contamos para a polícia, depois para você, tudo o que sabíamos, isto é, pouca coisa. Nada explica... Enfim, isso... essa monstruosidade. – Sua voz fraquejou. Ela se recompôs e disse : – O... disfarce gótico de Cyril era só uma manifestação totalmente benigna de sua vontade de ser único, de ser diferente...

“Manifestação benigna, sei”, pensou Yves. Como imaginar, em detalhes, a morte dos pais e a decapitação da irmã mais nova. Eles não deviam saber, diferentemente de Sara. Deviam conservar sua terrível e bela dor, a perda de um filho perfeito. Não podiam ajudar, ele tinha certeza. Sua inutilidade na investigação os protegia da verdade.

Virginie Janet-Thévenin não havia agradado a Yves desde que abrisse a porta do luxuoso apartamento, mobiliado como numa foto de revista de decoração. Porém, depois de ficar frente a frente com ela, ele admitia que seu julgamento fora precipitado. Ela era peremptória, desagradável, um jeito como outro qualquer de evitar

um colapso. Mas tremia tanto que, às vezes, seu queixo e suas bochechas chegavam a balançar.

– De qualquer forma – continuou a farmacêutica –, não interrogue minha filha ! Ela está perturbada... em plena crise de nervos, desde que lhe explicamos que seu irmão mais velho tinha morrido...

A pequena Jeanne era “sua” filha. Cyril deve ter sido “seu” filho. Guéguen lançou um olhar furtivo para o pai, amorfo, em outro mundo. Outra maneira de sofrer. Nós possuímos tantas que se poderia acreditar que somos programados, para toda a eternidade, para sentir dor.

– Ah, meu Deus... – Virginie baixou as pálpebras e Yves imaginou que aquela mulher lutava contra a dor como se estivesse num campo de batalha. – Felizmente, ela tinha aula de dança, naquela noite... Felizmente, ela não voltou antes de mim...

Pôs a mão sobre os olhos com firmeza, e sua voz travou, enfurecida :

– Não quero mais ver aquilo ! Não quero mais rever aquele horror. Eu empurrei a porta do quarto dele e... Mas eu só vejo aquilo, dia e noite... Meu filho...

Sim, ele a havia julgado erradamente, a partir das aparências, mesmo sabendo a que ponto elas podem ser enganosas. A senhora Janet-Thévenin era o produto perfeito de seu meio. Um meio bem-educado, sensível às convenções e às conveniências, porque, no fundo, elas permitem disciplinar um pouco a vida, ainda que a privem de imaginação. Por outro lado, se a imaginação consiste em lembrar de seu filho amarrado sobre uma cadeira, esfolado vivo, é legítimo detestá-la. No meio de Virginie Janet-Thévenin, morria-se de velhice, de doença ou por acidente. A realidade assustadora do mundo exterior acabava de detonar o refinamento das gerações passadas.

Ela continuou, venenosa :

– É culpa dela... Daquela... ordinária... horrorosa, idiota, vulgar... Foi ela que influenciou Cyril... Estou convencida disso... Meu filho é... era... um menino encantador, brilhante, engraçado... depois a

encontrou... Aceitam qualquer lixo nessas escolas ainda consideradas de boa reputação...

– Louise Heurtel?

– Quem mais? Ela se agarrou a Cyril como uma sanguessuga. Um excelente negócio para aquele lixo ! É assustador, pois Cyril podia pretender mais, profissional e sentimentalmente.

Com toda aquela raiva, que a ajudava a esquecer por alguns segundos a morte aterrorizante de seu filho, ela se levantou, percorreu com passos longos e nervosos o espaço entre o sofá e a mesa de centro em mármore e insistiu, apontando com o indicador na direção de Yves :

– Um grande troço horroroso ! Burra no colégio, ainda por cima ! Pense comigo... Ela tinha tomado bomba, e Cyril tinha passado como primeiro da turma ! É a vida dela que deve ser investigada, senhor ! Foi por causa dela que essa monstruosidade aconteceu ! É culpa dela ! O único erro de meu filho foi tê-la encontrado, ter... tido pena dela... não sei... Está claro que Cyril não podia encontrar nada de interessante nela... ele era um menino gentil, sensível, refinado...

A culpa era do outro. Um recurso clássico. Encontrar um culpado. Yves não a contradisse. Ela merecia esse pequeno consolo. Quanto a saber que seu garotinho lindo tinha planejado acabar com ela, com seu marido e com sua filha para se divertir e herdar seu dinheiro, como um verdadeiro psicopata debutante, nem pensar. Realmente, seria preciso abominá-la para lhe revelar esse tipo de verdade.

– Voltando à Jeanne...

– Não ! – ela o cortou.

– Entendo sua relutância. Sendo assim, senhora, sem dúvida seu desejo mais profundo é que nós paremos com essa... tortura. Pois possuímos muito poucos elementos.

– Não vejo em que Jeanne poderia ajudar você !

– Irmã e irmão frequentemente compartilham pequenos segredos, para manter os pais distantes. É a lei dos irmãos. Cyril pode ter falado para a irmã sobre um homem suspeito, uma pessoa que o seguia, qualquer coisa assim... Ele não disse nada para a

senhora porque julgava a coisa sem interesse, ou porque não queria incomodar... É uma hipótese entre centenas de outras...

– Jeanne e Cyril não se davam tão bem assim. Ela é ainda muito pequena. Ela o irritava. Nada mais clássico...

Sara Heurtel tinha usado o mesmo adjetivo. “Clássico”, um adjetivo reconfortante, indolor.

– Não quero que minha filha suspeite...

– Está fora de questão revelar qualquer coisa sobre a morte do irmão.

– Não quero que fale com ela. Minha filha é menor de idade, tem onze anos, você não tem nenhum direito !

Uma voz séria, distante :

– Chega, Virginie !

As primeiras palavras de Frédéric Janet.

– Finalmente, Frédéric...

– Chega, eu disse ! Não temos nenhuma ideia da identidade do lunático que fez o que fez com Cyril. Mas quero pegá-lo, mesmo que eu fique o resto dos meus dias na cadeia. Ele trucidou meu filho ! Você pode conversar com Jeanne, senhor. Ela está em seu quarto.

– Eu vou junto ! – gritou a senhora Janet-Thévenin.

Yves Guéguen sentiu que o pânico tomava conta do corpo dela. Por quê? Ela queria proteger a filha ou temia, inconscientemente, uma revelação?

– Não, senhora. Ela não vai me confidenciar nada se estiver junto. Se houver mesmo alguma coisa a ser confidenciada – ele lhe assegurou. – Sou psicólogo e tenho uma longa experiência com testemunhas jovens.

Yves Guéguen esperou Virginie Janet-Thévenin fechar a porta. Ouviu seus passos se distanciando no corredor. Jeanne o olhava, um sorriso nos lábios. Atrás dela, sobre a tela do computador, fotos num tom cinza claro.

– O que você está vendo? – ele perguntou.

– O nascimento dos falcões. Temos deles na nossa casa de campo. Peneireiros. Como são bonitos ! Caçam gritando “Pi-pi-pi”. Ficam no ar quase sem se mexer.

– É o animal que tem o voo mais perfeito da natureza.

– Sério? Genial ! Aqui, colocaram uma *webcam* no ninho deles. Dá para ver tudo : o falcão fêmea choca, o macho a alimenta, o nascimento, os primeiros movimentos dos bebês. Parecem pompons cinza, só com o bico de fora. Eles têm asas minúsculas. É muito lindo. E como piam, como piam !

– Jeanne... Hã... não é simples...

– Você está falando de Cyril? É difícil – ela admitiu, sem emoção aparente.

A experiência tinha provado a Yves que as pessoas reagem de modo muito diferente ao choque, à dor. As manifestações variam de uma espécie de apatia, indiferente na superfície, a uma explosão violenta de sentimentos. No entanto, qualquer coisa na atitude da menina, que sua mãe tinha colocado na conta de uma “crise de nervos”, alertou o psicólogo.

– Deve ter sido terrível pra você, não?

– Sim...

A falta de convicção da voz dela reforçou sua suspeita. Ou Jeanne se encontrava no centro de uma tempestade emocional à qual resistia como podia, ou então ela não tinha muito o que fazer. Mentir para que a verdade emergisse.

– De acordo com o que sei, ele não era muito legal com você, seu irmão.

Ela o olhou desconfiada.

– Escute, eu sou policial, e você é minha testemunha. Então, não contarei nada do que me disser aos seus pais.

– Você jura?

– Eu juro, palavra de honra.

A incerteza nos grandes olhos castanhos. Depois, uma confissão murmurada, mas sem discussão :

– Muito idiota ! Ele era muito idiota. E malvado, além disso !

– Por que diz isso?

– Ele fazia coisas estranhas. E me detestava. Posso dizer isso de verdade. É claro, meus pais não viam nada porque nunca estão aqui. A única coisa que preocupa eles são as notas na escola !

– Que coisas estranhas?

– Eu não sei direito. Mas ele parecia muito contente consigo mesmo, sobretudo de um tempo pra cá... contente de um jeito doentio... Além disso, a gorda chata da Louise era tão louca tão pirada quanto ele...

– Você poderia ser mais específica? – perguntou Yves com doçura.

Ela vacilou e se inclinou na direção dele, abaixando a voz em tom confidencial :

– Você sabe, Caramel... era um gatinho lindo. Meus pais tinham acabado de me autorizar a cuidar dele. Era um dos bebês da gata da minha amiga Charlotte... Foi Cyril que o matou. Eu tenho certeza. Pra me machucar. Encontrei o gatinho morto na minha cama. A língua para fora. Estrangulado. Corri para o quarto de Cyril. Eu o acusei. Ele começou a rir. Foi ele que estrangulou o gatinho ! Nunca mais pedi outro. Eu sabia que ele ia fazer isso de novo. – Ela completou, satisfeita : – Mas agora vou ter um ! E ele não vai correr risco de nada.

Yves hesitou.

– Você não gostava muito de seu irmão, não é?

– Você jurou, né?

– Eu não direi nada. Palavra de honra.

– Eu ri muito depois que ele morreu. Minha mãe pensa que são os nervos. Ele era louco, malvado. Claro que, para meus pais, era o geniozinho. A oitava maravilha do mundo. Sabe como é, senhor... Vai pensar que estou mentindo, mas juro que não... Ele me dava medo. Ele podia fazer mal pra todo mundo. E ele matou Caramel !

É claro que ela tinha razão. A maioria dos psicopatas começa pegando animais. Yves apenas balançou a cabeça, concordando. Tranquilizada após essa aprovação silenciosa, Jeanne se levantou, estendeu a mão e murmurou, em tom de conspiração :

– Venha. No quarto dele. Vou dar uma coisa pra você. Você vai entender. Os outros policiais que vieram antes não viram isso. Eu não quis remexer nas coisas dele. Tinha medo. E se ele tivesse filmado a morte de Caramel? Ele era capaz disso. Eu não podia ver. Estou certa de que tem muitas coisas lá.

Ela foi na frente, entreabriu a porta do quarto, inspecionou o corredor antes de encorajá-lo, com um sinal de cabeça, a segui-la. Foram até o quarto de Cyril. O tapete encharcado de sangue tinha sido retirado, deixando grandes cicatrizes enegrecidas de cola. O quarto de um jovem bem-educado, com móveis de inspiração colonial. Duas raquetes de tênis protegidas por capas estavam apoiadas contra a porta de um armário. Yves se deu conta de que as paredes cinza pálido estavam sem as inevitáveis coleções de fotos e de pôsteres que se encontram habitualmente no quarto de adolescentes. Somente o cartaz do filme *Matrix*, coberto de vidro, decorava a nudez do gesso pintado. Um computador, sem dúvida caríssimo, estava sobre a mesa. Na estante, alguns livros, sobretudo escolares, e uma impressionante coleção de CDs e de DVDs. Em uma prateleira, um conjunto de som Bang e Olufsen. Via-se uma porta entreaberta na parede em frente. Yves teve certeza de que ela dava para um banheiro particular. Lembrou-se com carinho dos banhos e escovações de dentes coletivos, comandados por sua mãe e sua tia na cozinha da grande casa da família na Bretanha, que as duas famílias compartilhavam. As cinco crianças entravam, uma a uma, na enorme máquina de lavar de zinco, daquelas de antigamente, sempre na mesma água, como medida de economia. Todo mundo gritava, ria. Os tapas choviam quando as senhoras tinham cansado de lutar contra a resistência daqueles que elas chamavam de “vermes imundos”. Saíam de lá corados e esbaforidos, às vezes em lágrimas, para serem enxugados diante do robusto fogão Godin. E então, estavam cheirosos e eram abraçados com um satisfeito “Humm, agora tem cheiro de criança limpa”, bajulados, tendo como recompensa uma tigela de chocolate e um crepe ou uma fatia de pão com geleia.

Jeanne tinha dito : “É claro, meus pais não viam nada porque eles nunca estão aqui”. A mãe de Yves, sua tia, seu pai, seu tio, todo mundo estava lá. Observavam, vigiavam, amavam. Sua mãe podia ter a mão um pouco dura, mas ela transbordava de amor, sem “se deixar enganar”, como dizia. Seu pai não deixava passar nada. Tudo o que era “nada bom”, pronunciado em tom calmo, qualquer que fosse o contexto, era explicado; depois, em caso de

reincidência, eram feitas sanções severas, por vezes com punição contundente, como proibir andar de bicicleta durante três dias ou de tomar sorvete no dia das compras da semana. Fazer filhos, dizia a tia, irmã de sua mãe, qualquer “bezerrinho penteado” podia fazer, ainda que o pequeno Yves nunca tivesse visto um bezerro penteado. Criá-los para fazer deles adultos corretos era outra história. Yves tinha boas lembranças, quase amorosas, das ameaças, muito frequentemente ineficazes, da mãe e da tia quando chegavam ao limite de sua paciência : “Você vai acabar apanhando !”.

As crianças corriam em disparada, e raramente as duas mulheres conseguiam pegá-las. A falta crônica de dinheiro contribuía para que os presentes de Natal ou de aniversário nunca fossem caros, embora nunca tivesse faltado nada às crianças, graças à enorme inventividade das duas irmãs para alimentá-las e vesti-las. Na verdade, os dois casais lutavam para fazer, para confeccionar, para imaginar surpresas, mesmo que pequenas, que demonstravam abundantemente seu amor e sua atenção, sob todos os aspectos.

Uma infância magnífica. Para Yves, sua força, sua resistência, seu senso moral vinham dessas pessoas, um pouco pesadas, de religiosidade um pouco exagerada, mas que sabiam dar um sentido à vida, ao amor, ao esforço, ao respeito por si mesmo e pelos outros.

Após uma última olhada no luxuoso conjunto de som, Yves se virou para Jeanne, cujos olhos fervilhavam sem que ele soubesse por quê. Por causa da conspiração? Pela vingança retroativa? Por divertimento inadequado?

– Você queria me contar um segredo?

Ela crispou os lábios e meneou a cabeça em sinal de aquiescência antes de apontar para um livro com o indicador. Yves se aproximou e examinou, espantado, a lombada de um missal.

– É um texto?

– Abra – ela aconselhou com voz doce. – Eu surpreendi meu irmão. Felizmente, ele não me viu. Você sabe... ele adoraria que eu morresse... e não estou delirando.

– Eu acredito.

Yves entreabriu o livro. As páginas tinham sido coladas e o interior, recortado com um estilete, o que era evidenciado pelas irregularidades das arestas interiores. Uma chave USB estava escondida no minúsculo cofre secreto.

– Posso pegar?

– Sim. Mas não diga nada aos meus pais. Eles gostariam de continuar protegendo a todo custo o queridinho deles. Minha mãe, principalmente.

– Você o detestava?

Alguma coisa de selvagem passou pelo olhar da menininha de onze anos. Ela sibilou, maldosa :

– Sim. Sim mesmo ! Estou muito aliviada porque ele está morto.

Entre o ciúme e o medo. E medo justificado, Jeanne nunca saberia a que ponto.

Yves se inclinou para ficar da altura dela. Apertou delicadamente seus pulsos e disse, em voz baixa :

– Jeanne... eu agradeço. Você me ajudou muito. Muito mesmo. Jeanne... Você não é como o seu irmão. Você nunca vai ser como ele. Porque você é racional. Ele não era uma boa pessoa. Jeanne, a verdadeira superioridade é nunca fazer mal gratuitamente. Eu falo dessa... eu não sei o que exatamente... moral, consciência, o que quiser, que diz a você que uma coisa é boa e outra é ruim. E você sabe, essa é a coisa mais importante na vida, muito antes do dinheiro, do conforto, das coisas divertidas.

O belo rosto infantil ficou sério. Jeanne respondeu como se fosse uma adulta :

– Eu sei, senhor. Olivia, nossa criada, uma inglesa muito legal, que tem mechas laranja, sempre me diz isso. Foi assim que eu soube que Cyril era ruim ! Muito ruim. Tem coisas que são certas e tem aquelas que não se deve fazer !

– É exatamente isso. Olivia tem razão – Yves se levantou calmamente. Jeanne era ainda jovem, maleável, para o melhor e para o pior. Ele destinou um silencioso agradecimento àquela inglesa que tinha compensado a omissão do casal Janet.

Oaxaca, México, junho de 2008

Os gritos terminaram num soluço. O sangue escorria pelas coxas do menino. A imagem escureceu depois que o homem nu, cujo rosto estava coberto por um capuz de látex preto, se espreguiçou, saciado, diante da câmera de vídeo. Um final em grande estilo depois de uma transa plenamente satisfatória. Durante mais de uma hora, ele tinha estuprado repetidas vezes e espancado barbaramente o menino de cinco ou seis anos. Constantino observou o rosto do norte-americano, o sorriso que boiava em seus lábios, e disse pela quinta vez :

– Nenhum truque, palavra de honra ! São as crianças da escola... É meu irmão que a dirige.⁹

O olhar do norte-americano se perdeu no pátio de recreio inundado de sol que tinha atravessado um pouco mais cedo, escoltado pelos olhos escuros e assustados das crianças, surpreso pelo silêncio que reinava. Sem gritos, sem jogos. Nenhuma briga infantil por qualquer bobagem. Crianças amontoadas sob as raras árvores que sombreavam o pátio, o mais longe possível dos prédios.

Os olhos azul-marinho se voltaram para Constantino, um olhar suave. O mexicano se alegrou.¹⁰ O novo cliente compraria aquele e os outros filmes. Havia para todos os gostos : uns preferem as meninas, outros, os garotinhos. Um negócio perfeito. Dez mil dólares cada, se Constantino trabalhasse bem. Um emprego fantástico, pensando bem. Ele se divertia com as crianças e ainda ganhava uma bolada por isso.

– É preciso se decidir, *señor*. Acaba rapidinho, você sabe.

– Não tenho dúvida. O realismo é convincente.

– Eu disse pra você, não tem truque.

– É você, não é... o centro... do filme, não é?

Alguma coisa na formulação da pergunta incomodou Constantino.

– Por que você diz isso? – perguntou, de repente desconfiado.

Não, aquele cara não pertencia à AFI.¹¹ Estes, sim, eram perigosos, implacáveis. Contudo, bastava molhar a mão de alguns dos policiais da região. Era possível, então, ocupar-se com seus pequenos negócios, confortavelmente. Não, o norte-americano tinha sido recomendado por um contato de Constantino, Stanley Armstrong, um de seus clientes fiéis.

– Isso mesmo. Eu reconheci você pelas costas – explicou o outro, apontando para o pescoço de touro de Constantino. – Sua... produção me interessa. Muito.

O norte-americano fechou as pálpebras lentamente e confessou, com um sorriso sedutor, estendendo a mão ao mexicano :

– A propósito... eu acho que você, que você também é muito interessante... Cativante, até.

Constantino pensou só por um instante. O norte-americano era um homem muito bonito, por que não? E isso podia deixá-lo ainda mais generoso quando comesçassem a discutir valores.

Ele agarrou o punho estendido e se levantou. O norte-americano o imitou, sempre de olhos fechados.

Constantino se aproximou com um passo de conquistador. Levou um soco de rara violência no plexo solar. Sem ar, vomitando um filete de saliva, tombou para a frente. A lateral da mão esquerda de Nathan se abateu sobre sua nuca. Constantino caiu de joelhos, lutando para não desmaiar. Uma voz exultante murmurou ao seu ouvido, em um espanhol perfeito :

– A gente vai jogar, agora. E se eu filmasse você, você também? Isso traria boas recordações, não? Ok... Não quero mais ver seu rosto... Nem agora, nem depois...

Apesar das precauções, um rosário de gotas vermelhas e brilhantes constelavam suas roupas brancas. Ele observou as mãos

cheias de sangue e as limpou na camiseta. Um pouco mais, um pouco menos... Nathan avaliou seu trabalho, um trejeito hesitante nos lábios. Nada mal. Seria encontrada somente a pele de Constantino na mordação de fita adesiva cinza que o mantinha de boca fechada. Todo o restante do rosto, até a raiz dos cabelos, estava esfolado. As coxas também. Por que as coxas? Por que não? Era o local mais acessível quando a presa se encontrava sentada, amarrada na cadeira. Além disso, daria muito trabalho a todos os psicólogos criminais que quebram a cabeça para descobrir um símbolo. Constantino tinha parado de se debater, de tentar gritar. A dor insuportável o tinha mergulhado em um estado de semi-inconsciência. Bom para ele.

Nathan consultou seu relógio. Mais uns três minutos antes da saída das pequenas vítimas, que não sabiam que um de seus algozes nunca mais as machucaria.

Escondeu-se junto ao muro para vigiar a fila inquieta de crianças que passavam na direção do portão de ferro. Muitos lançavam um olhar apavorado para trás, provavelmente temendo que Constantino retivesse algum deles para uma de suas alegres e muito lucrativas festinhas filmadas.

Esperou pacientemente. Nenhum pequeno retardatário precisava correr o risco de ser ferido. Quando o portão foi fechado, Nathan se dirigiu para o alto armário embutido de onde o mexicano tinha pegado seu DVD "promocional" um pouco antes. Amontoou o conjunto de filmes aos pés da cadeira sobre a qual Constantino tremia de tempos em tempos, gemendo. Pegou um par de luvas de látex em sua mochila de couro, assim como o refil de fluido para isqueiro.

Uma limpeza era necessária – provavelmente, supérflua, tendo em vista o que se seguiria.

Regra nº 6 : Mais vale ser excessivamente meticuloso do que não ser o suficiente.

Pegou na mochila as roupas que tinha trazido como reserva, jogou a camiseta e a calça manchadas de sangue sobre os DVDs,

regou o montinho com fluido. Depois de se trocar, acendeu um Habano comprido e se inclinou. A pilha encharcada de líquido inflamável logo pegou fogo, despertando Constantino. Embora as dores fossem insuportáveis, o mexicano lutava para recuar. Sua cadeira caiu. Ele agitou os pés e, com um olhar aterrorizado, implorou clemência a Nathan.

– Ah, não, não, não... – cochichou este último.

Ele esperou que o fogo crescesse, se propagasse nos móveis, nas lâmpadas, nas bibliotecas, e saiu sem pressa do escritório.

[9](#) “Injustiça e impunidade’ em escândalos de pedofilia em Oaxaca”. In : Le Monde, 27-28 de abril de 2008.

[10](#) As Nações Unidas estimam que 80 mil crianças mexicanas são vítimas de pedofilia. O México seria o terceiro maior “produtor” mundial de pornografia pedófila.

[11](#) Agência Federal de Investigação, equivalente mexicano do FBI.

*Fredericksburg, Virgínia,
Estados Unidos, junho de 2008*

Diane Silver acendeu um cigarro e releu a mensagem que acabava de receber de Yves Guéguen.

Cara mentora, como você anda se comportando? Quero preveni-la antes que a Interpol tome conta do caso. Naturalmente, eu não revelei nada e você entendeu tudo sozinha, graças à borra de café !

Dois jovens franceses, de famílias burguesas e católicas, morreram em circunstâncias estranhas, com vinte e quatro horas de intervalo. Detalhe perturbador : os dois eram amigos próximos e estavam numa onda gótica de tendência satânica, coisa séria a priori. A garota, Louise Heurtel, dezesseis anos, foi morta "sem frescuras", de modo cirúrgico ou próximo a isso, com uma adaga na garganta, em uma mansão em Neuilly onde ela não tinha nenhuma razão para estar. O menino, Cyril Janet, dezesseis anos também, foi "cuidado" com um tratamento especial, esfolado, em grande parte, ainda em vida, na própria casa. O disco rígido de seu computador foi retirado. Em compensação, a Polícia Criminalística recuperou o da menina. Ela tinha deletado muita coisa. De modo tão desajeitado, no entanto, que nossos técnicos conseguiram restaurar. Jeanne, a irmãzinha de Cyril, que ele tinha intenção de matar – não é piada – me confiou, secretamente, o pen drive que seu irmão tinha

escondido. Louise e seu amiguinho Cyril agiam de modo brutal. Ele sufocou um bebê no carrinho, para completar sua "iniciação". Ela estava determinada a matar a mãe, Sara, uma pesquisadora, viúva, depois seu irmão de doze anos, Victor. Era o credo da raça superior, que se limitava a eles e a dois interlocutores na internet, entre eles o mentor de Cyril, supostamente um canadense. Envio-lhe um arquivo em anexo com alguns dados recuperados de e-mails trocados entre nossas charmosas crianças, especialmente um no qual Cyril descreve o orgasmo que teve imaginando que degolava a irmãzinha de onze anos. Edificante. Em outras palavras, nem você nem eu choraremos a morte desses dois malucos, no mínimo sociopatas confirmados. Contudo, uma coisa me intriga, talvez porque eu esteja tão desocupado que vejo assassinos em série em todos os lugares ! O endereço IP do computador do "mentor" canadense, recuperado do USB, corresponde a um cybercafé de Toronto... fechado faz dois anos. Estranhamente, de acordo com nossos colegas canadenses (que são brilhantes, como você sabe), o comércio em questão não está nem à venda nem para alugar. Serve como retransmissor para outro computador? Os canadenses cavoucaram essa pista. O "mentor" se expressa em um francês quase perfeito (cometendo menos erros de ortografia que eu). Verifica-se também que alguns modos de dizer são indiscutivelmente anglo-saxões. Envio-lhe uma cópia dos arquivos do USB. Sirva-se antes de um bom uísque, você não se arrependerá. A menina tinha razão. Ele se filmou estrangulando um gatinho. O idiota tinha uma ereção. Dezesseis anos.

Um abraço,

Yves.

*P.S. : Não tenho certeza se somos humanos, eu e você.
Não tenho certeza se quero ser humano.*

Diane soltou uma longa baforada de fumaça e respondeu :

Dois potenciais assassinos estão mortos. É sempre um ganho. Amo a eficácia. Não me importa o fato de terem dezesseis anos. Assassinos são assassinos, seja qual for a idade. A propósito, essa história de idade é bobagem. Na Idade Média, era-se adulto com doze anos.

Esfolado, onde? Quais partes do corpo? Com que tipo de arma? Um escalpelo, uma faca?

Um abraço,

P.S. : Humano? Tudo depende da definição, meu caro. Humano é mérito, é conquista. Não se herda ! Não se é humano pelo simples pretexto de que se caminha com duas pernas em vez de quatro e de que se sabe ligar um aparelho de televisão, abrir uma lata de cerveja ou atender ao telefone. Se é humano porque se escolhe e porque se trabalha para se tornar um e permanecer um. Pelo menos, é a MINHA definição.

Diane hesitou. Yves tinha razão. Aquilo merecia um bom sedativo. Pegou a garrafa de Glenmorangie deitada em uma das prateleiras do alto móvel dos dossiês. No primeiro gole, ingeriu também dois calmantes em forma de robustos grãos de arroz, lançando um olhar para o relógio. Quatro horas da manhã na França. Suspirou de exasperação. Teria uma resposta apenas no outro dia. Um sininho alegre a desmentiu. Yves acabava de enviar um e-mail, prova que também estava sem sono.

Silver – não você, mas minha cadela – está com gastrite... eu fico cuidando dela ! Pobrezinha, ela está mal... para cachorro. Não indiquei esses detalhes na primeira mensagem, certo de que sua curiosidade faria o resto e você me responderia o mais rápido possível. Ganhei ! As coxas e o rosto. A operação era delicada, necessitou de tempo – em outras palavras, eu teria odiado estar no lugar de Cyril. A arma : uma faca de caça com lâmina serrilhada. Tenho certeza de que esse detalhe vai excitar

seus neurônios : sem escalpelo, sem estilete, muito limpo, muito moderno. A boca do garoto – ou melhor, do assassino ainda verde –, estava tapada com uma fita, para evitar que se ouvissem os gritos. Ele estava amarrado na cadeira de sua escrivaninha. Foi morto após a extração do último pedaço de pele. Um golpe muito limpo com a lâmina na carótida, como Louise. Ele perdeu o sangue que restava. Nenhuma impressão digital, nenhum traço do assassino, nada. Como no caso de Louise. Se isso diz algo para você, me conte, para me salvar do tédio. Um beijo na testa, na ausência de algo melhor !

Ela sorriu ao terminar de ler.

Gostaria de lembrar que sou uma mulher honrada e madura. Consequentemente, você só tem o direito, na verdade, de me beijar na testa, ou na ponta dos dedos, o que seria ainda mais chique !

Sim, isso me diz algo que ficará somente entre nós. Um assassinato em Nova Iorque, faz alguns meses. É preciso que eu pegue o processo para verificar os detalhes. Por desincargo de consciência, porque me lembro muito bem disso. As semelhanças nos assassinatos são perturbadoras. Um tal de Stanley Armstrong. Um cara esperto que, no momento certo, ganhou uma bolada especulando em companhias start-up¹² de biotecnologia. Tinha um apartamento na França, outro em Miami. A sobrinha herdou tudo. O dossiê desse sujeito está aqui, no escritório. Você conhece minha paranoia crônica : não guardo nada em Quantico. Não durma. Faça um carinho na Silver por mim, isso o manterá ocupado. Pesquisa e depois conto tudo.

A resposta não demorou :

Silver – não você, a outra – ronrona de felicidade, o que, para um buldogue, se traduz em roncos e pigarros que acordam os vizinhos : estou coçando a barriga dela. Aproveito sua pesquisa para ser mais ousado : como vai você? Refiro-me ao ladrão que matou. Em legítima defesa, insisto !

Diane acabava de pegar o dossiê vermelho no qual constava, em letras garrafais, um nome : STANLEY ARMSTRONG. Acendeu um cigarro e soprou a fumaça sobre a tela : adorava vê-la se desfazer na superfície de vidro e, em seguida, sumir pelas bordas. Hesitou. Yves era a única pessoa a quem podia dizer a verdade. Entretanto, “dizer a verdade”, às vezes, não era mais do que um conforto para ela mesma, apenas. Esvaziar a própria lata de lixo moral sobre o outro para relaxar. De tempos em tempos, é preciso gostar bastante das pessoas para mentir, lidar com a culpa e não se desembaraçar desse sentimento a um custo baixo. Confessar é se absolver. É igualmente, por vezes, entulhar o outro com arrependimentos, lembranças que não lhe pertencem e que ele não tem nenhuma vontade de ouvir. Ela começou :

Eu minto educadamente para Folston, o psicólogo que tive de escolher para agradar ao escritório, para tranquilizar o pessoal de lá. Ele é gente boa, faz o que pode para me ajudar. Além disso, permitir que ele penetre na minha mente seria a pior maldade que eu poderia fazer. Ele não merece. Poucas pessoas merecem esse tipo de punição. Sobre o ladrão, que fique entre nós... não me importo de tê-lo matado. Nenhum arrependimento. A única coisa que acaba comigo é que tive medo dele. Bom, deixe-me ir por alguns minutos, o tempo de vasculhar o dossiê.

O indicador hesitou sobre o botão “Enviar”, sobre a verdade. Por honestidade, por respeito pela inteligência de Yves, apagou a antepenúltima frase antes de despachar a mensagem. Encheu outro

copo de uísque e acendeu um cigarro. Merda, não deveria ter tomado o remédio para dormir tão cedo.

Um barulho distante, de vidro se quebrando; cacos que estilhaçavam no chão. Um som vago no cochilo de Diane, entorpecida, como todas as noites, pelos remédios para dormir e o uísque. Não suficientemente entorpecida. A prova : só raramente conseguia adormecer por completo. Um tumulto no térreo a livrou dos pesadelos, nos quais se misturavam imagens dos últimos dias e as do vídeo do suplício de Leonor. Caso se leve em conta as recentes teorias da neurologia, os sonhos são apenas lixeiras que permitem ao cérebro descartar as memórias supérfluas. A encenação deles, a pretendida significação somente intervinha *a posteriori*. Lixeira? Uma lixeira muitíssimo tenaz, uma vez que quase toda noite, salvo quando estava muito bêbada, sonhava com o calvário de sua filha. Durante o dia, ao menos, conseguia disciplinar as visões, manter distância. Conseguia selecionar somente os mais belos momentos de suas vidas. Não à noite. À noite, os neurônios escapavam ao seu controle.

Diane voltou à cama e pegou o revólver guardado na gaveta da cabeceira. Destravou a arma e se levantou. Atravessou o quarto e entreabriu a porta. O eco na escada de um passo pesado, hesitante.

Ele chegou ao piso, iluminado pelo feixe de sua lanterna. Jovem, vinte e quatro, vinte e cinco anos. Ela saiu para o corredor, pés descalços, vestida com uma camiseta comprida, e ligou a lâmpada do teto. Um instante de incerteza : ele não entendia a cena. O modo como umedecia os lábios com a língua, o estado das pupilas, o suor que lhe escorria pela testa a despeito do frescor da noite, os pequenos movimentos nervosos da cabeça, dos ombros, lembrando tiques, tudo indicava : ele tinha cheirado muita cocaína, fumado *crack* ou se entupido de anfetaminas.

O olhar de Diane caiu sobre a navalha que ele segurava. Uma lâmina de navalha que brilha sob a luz de uma lâmpada de teto é bonita. Tão implacável. A navalha tremia em sua mão. Um efeito da droga, não de insegurança. Estava pronto para matá-la, se tivesse a oportunidade. Ela lia isso em seu olhar, no rangido de sua

mandíbula. Levantou o revólver e apontou. O cano parecia como selado no ar.

O belo rosto do homem de cabelos ondulados, um pouco longos, se decompunha. Sentia medo porque, no lugar de uma vítima amedrontada, acabava de encontrar uma inimiga poderosa.

– Oh ! Cara... Oh, vamos se acalmar... Uh... Estou parado, ok... Peguei algumas coisas lá embaixo, mas desisto, não levo nada, ok...

Sem deixar de olhá-la, recuou na direção da escada. Ela sentiu o alívio dele. Era uma mulher, não ia atirar, muito contente por evitar um estupro, um espancamento, até mesmo um homicídio.

Diane meneou a cabeça em sinal de recusa e murmurou para si mesma :

– Não... É o momento de saber...

Esvaziou o cartucho na barriga do homem, sem pestanejar. Bala após bala. Sem sombra de medo ou de remorso. Ele desabou e despencou de costas escada abaixo.

Ela finalmente acabava de encontrar uma resposta à pergunta que a assombrava desde a morte de Leonor : seria capaz de matar um predador a sangue frio?

Uma segunda resposta a satisfazia : se não sentisse nenhum arrependimento, não experimentaria nenhum prazer. Ainda era humana, segundo sua definição. Podia matar. Sem nenhum júbilo.

Passou os quinze minutos seguintes a tecer uma bela história para os policiais. Falaria do pânico de uma mulher sozinha diante de um viciado armado. Afinal de contas, era uma das melhores profissionais, não? O escritório exigiria que consultasse um psicólogo a fim de assegurar sua estabilidade emocional. Já sabia que escolheria um jovem charmoso que clinicava em Fredericksburg, um sujeito chamado Folston. Um homem legal, pelo que tinha ouvido. Bom profissional também. Mas não para gente como Diane, ou para aqueles contra quem ela lutava cada segundo de sua vida. Em suma, um psicólogo comum, manipulável, exatamente o que precisava.

Diversão. O escritório a mimava porque era uma das melhores especialistas em psicologia criminal do mundo. Era capaz de penetrar em mentes tão conturbadas que a simples menção a elas

dava vontade de chorar e vomitar. Passava meses nessas mentes. Dia e noite, chafurdava em seus excessos sangrentos ou em sua feroz mediocridade. Acabava por ver com os olhos delas as mutilações terríveis que infligiam para ter prazer, por ouvir com seus ouvidos os gritos animais das vítimas. E deveria ser uma gentil senhora normal? Nenhum ser humano perfeitamente "normal", dentro do padrão, pode suportar essa "profissão". Um legista pode se blindar, deve fazê-lo : unicamente seu intelecto está em jogo. Porém, de tempos em tempos, a blindagem sofre fissuras. Mas é uma bela fissura, mesmo quando machuca : uma grande emoção ocasionada pela visão de uma vítima, pela compaixão. Nada a ver com um *profiler*, pois este deve absorver o desviante, o sádico, o assassino que se deleita com o crime. Basicamente, só as lembranças de Leonor a impediam de se inclinar para o outro lado, que alguns, por simplificação, chamariam de "loucura".

Lutando contra uma espécie de letargia que lhe invadira o cérebro, espalhou as peças do dossiê sobre a mesa. Estranho : ela, que agora era incapaz de lembrar se precisava comprar leite, pão ou xampu, conseguia memorizar o menor detalhe dos relatórios da autópsia ou da polícia, as fotos de cenas de crime, ao final de uma simples consulta.

O dossiê sobre Stanley Armstrong era tão familiar que parecia que o tinha estudado no dia anterior. Quarenta e dois anos, nova-iorquino de adoção, nascido no Kansas, vivendo, muito confortavelmente, da renda de seus sábios investimentos em ações no mercado financeiro, solteiro, sem filhos. Uma irmã muito mais velha, diagnosticada com Alzheimer, uma sobrinha de vinte e oito anos. Nenhum outro parente. De acordo com a investigação policial, uma vida regrada como um relógio : segunda, jantar rápido em um restaurante tailandês. Terça, pizza pelo tele-entrega. Quarta, um restaurante italiano embaixo do seu apartamento. Quinta, jantar na casa de repouso onde a irmã mais velha passava um longo e vão combate contra a degeneração. Sexta, ficava em casa. Somam-se a isso duas idas semanais à academia de ginástica e uma ida à nataçao. Sábado e domingo, concedia a si mesmo pequenas saídas,

frequentemente à Nova Inglaterra, mochila e piquenique, em companhia de três amigos que só sabiam duas coisas dele : fazia uma maravilhosa torta de maçã com canela e tinha paixão por árvores, das quais sabia tudo e mais um pouco. À parte isso, conforme os depoimentos de amigos ou vizinhos, o senhor Armstrong era um sujeito reservado, educado, sem senso de humor nem muito criativo, mas um cidadão exemplar que separava escrupulosamente o lixo a ser reciclado.

Sua sobrinha, Susan Armstrong, inquieta com o silêncio do adorado tio que tinha exercido um pouco o papel de pai na sua vida (a mãe tinha sido abandonada quando a menina não tinha nem três anos) acabou batendo na sua porta, Armstrong não respondia aos insistentes chamados da moça. Ela havia exigido que o porteiro do imóvel abrisse a porta do apartamento, e em seguida se viu rodeada por uma nuvem de moscas enfurecidas pela interrupção do banquete. Stanley Armstrong estava morto havia três ou quatro dias. Uma carnificina admiravelmente organizada.

Diane mergulhou em reflexões. Não tinha necessidade das fotos; entretanto, espalhou-as diante dos olhos e em seguida os fechou. As gravuras armazenadas em sua mente eram mais precisas, mais preciosas. O patético cadáver de Armstrong se decompunha, nu, sentado em uma cadeira. Cada tornozelo tinha sido preso com uma larga fita adesiva cinza ao pé da cadeira, e os braços estavam amarrados nas costas, atrás do encosto. Uma enorme mordaca, da mesma fita, cobria a boca. A pele do rosto tinha sido retirada, meticulosamente, como a das coxas, deixando os músculos azulados pelo entrelaçamento das veias. O ritual do assassinato tinha durado muito, muito tempo. *A priori*, não tinha terminado, ao contrário do do jovem francês. Não houvera tempo suficiente para continuar o jogo até o fim? Ou, então, ele tinha morrido de ataque cardíaco. Mas todo mundo morre de ataque cardíaco. O coração para, nada mais. Fica a dúvida sobre por quê. Um sofrimento intolerável? Uma hemorragia fatal? Uma morte violenta? Nada parecia ter sido roubado, exceto o disco rígido do computador de Armstrong. Outra semelhança com o jovem psicopata francês.

Diane deu uma olhada nos relatórios. A vítima possuía não um apartamento na França, mas uma mansão em Neuilly. Diane não tinha a menor ideia onde ficava isso. Provavelmente era uma cidade pequena.

Enviou um e-mail a Yves, informando o endereço, e perguntou :

Onde fica?

A resposta veio em menos de dois minutos.

Um lugar chique, não muito longe de Paris. Exatamente o lugar onde foi encontrado o cadáver daquela menina, Louise Heurtel. Avançamos, minha linda !

Ela digitou a resposta, um sorriso esticando os lábios :

E se você me dissesse o que acha e o que lembra do caso? Não me engane. Conheça-o como se tivesse tricotado você, excetuando o fato de que não sei tricotar.

Diane se serviu de outro copo de uísque. Começava a se sentir mais lenta, mais calma também. Ou melhor, menos ágil. O sininho avisando a chegada de uma mensagem a sobressaltou.

Ah, você sentiu. Tinha certeza disso e não estou certo de que isso é bom para mim. Note : também não estou certo do contrário. Acabei de ter uma ideia inverossímil, idiota, sem nenhum fundamento objetivo, mas que não consegui tirar da cabeça. Bom, vou lhe poupar de uma troca de e-mails expondo tudo, correndo o risco de me ridicularizar aos teus olhos.

Os assassinatos de Louise e de Cyril foram muito estruturados, premeditados, é evidente. Não se trata de vítimas aleatórias. O assassino queria matar exatamente os dois. Se levou o disco rígido do menino, é porque, possivelmente, temia ser identificado a partir dos dados

ali contidos. Então, de uma maneira ou de outra, conhecia ambos os jovens, o que explica o fato de Cyril tê-lo convidado a ir à sua casa. Talvez seja ele o mentor canadense do garoto. Seja como for, teve cuidado de levar Louise para uma mansão. Matou-a de modo "gentil", podemos dizer, diferente do garoto, que sofreu gravemente. Pergunto-me se não queria proteger a mãe de Louise e seu irmão, poupando-os até da visão do cadáver da filha, enquanto que não se importava com os Janet. Você acha que estou fantasiando?

Diane terminou o copo, lutando contra o torpor químico induzido pelo sonífero.

Não sei. Sua teoria faria sentido se ele tivesse um interesse particular por Sara Heurtel e seu filho. Porém, não há indícios suficientes. Igualmente, seria preciso que o sujeito fosse assustadoramente inteligente, que tivesse um plano a longo prazo. Nada comprova isso. E, depois, como você conecta Sara Heurtel a Stanley Armstrong? Mas está certo, você aproveitou algumas lições. Construir todas as teorias possíveis ou impossíveis. Entretanto, jamais se agarrar a nenhuma delas se os fatos não se encaixam. Tenho de ir. Vou deitar. Bebi muito e tomei muitas pílulas. Minha cabeça está girando.

Diane Silver desligou o computador e saiu do escritório após ter beijado o sorriso de Leonor e acariciado com a ponta dos dedos a grande margarida alaranjada. Apenas no dia seguinte conheceria a resposta de Yves a seu último e-mail :

Mesmo se isso não for importante, suplico, tenha cuidado. Um pouco. Sentiria terrivelmente a sua falta, e o mundo sentiria ainda mais, minha flor. Gosto muito de você. Descanse. Minha Silver, aquela que dorme do meu lado, cochila como um bebê.

Envio um abraço forte e lhe desejo uma noite desprovida de sonhos.

Yves.

[12](#) Companhia *start-up* é uma empresa geralmente recém-criada, em fase de desenvolvimento e pesquisa de mercado.

Paris, França, junho de 2008

Victor não tirava os olhos dela. A estranha seriedade do menino a deixava desconfortável. Não conseguia tirar da cabeça a ideia cretina de que ele lia os pensamentos que se esforçava por esconder.

– Você quer um pouco de leite? Um pão com manteiga? Uma fatia de presunto?

– Não, obrigado.

– Bom... Seria bom você ir pra ducha, porque não estamos nada adiantados.

Olhou-a sem se mexer, e Sara pensou que ele agora tinha um olhar de adulto.

– Vai, querido, você tem de se mexer !

Ela se levantou, e ele a segurou pelo antebraço; curiosamente um aperto firme para um menino de doze anos. Com uma voz que a deixou mal, pois não era mais a do seu bebê, mas a de um quase adolescente, ele disse :

– Mamãe... Não sei o que dizer... Não sei o que fazer pra ajudar você, pra consolar você... Não sei. Não é justo. Não é justo que tudo caia sobre você !

– A vida não é justa, querido. Não seria vida se fosse justa. É preciso viver com isso, não há outra opção.

– Sim... Mas se eu não estivesse aqui, seria mais simples pra você...

Ela se enfureceu, tomada por uma espécie de terror supersticioso – ela, que desprezava a superstição :

– Eu proíbo você de dizer isso ! Proíbo de repetir palavras como essas, de pensar nelas. Está me escutando? Você é minha única razão de continuar vivendo, de continuar de pé. Não se esqueça jamais disso. Dê sua palavra de honra !

– Dou minha palavra, mamãe.

Ela teria se esbofeteado. Que terrível idiotice estava fazendo. O olhar amadurecido de seu filho. Ele estava em pânico. Porém, a ideia da própria morte cada vez mais a assediava. De fato, apenas Victor ainda era capaz de repeli-la.

Ela se ajoelhou ao lado da cadeira e lhe deu um abraço apertado.

– Oh ! Querido... Bem, você já é um menino grande, mas é ainda pequeno... Victor, se não tivesse você, eu perderia o chão, você sabe. Explodiria como uma bomba, como você diz. Amo tanto você, tanto, mais que tudo... – murmurou ela, prendendo a cabeça do menino contra seu ombro.

Por sua vez, ele a apertou nos braços, dando um beijo no seu pescoço, sussurrando :

– Amo você mais que o mundo inteiro. A gente vai sair dessa, mamãe. Como quando o papai morreu. Dói muito, mas a gente vai sair dessa. Os dois juntos.

Havia duas horas que ela errava pelo apartamento, desde que Victor tinha ido para a escola. Passava de um cômodo a outro, guardando uma tigela, lavando um prato, se percebendo com uma colher na mão sem saber o que devia fazer com ela.

Sara se arrependia de tantas coisas. Nela se confrontavam dois seres : o racional e o outro, aquele que procurava sinais, que via provas na menor coincidência, que extrapolava o amor que dava pensando que era necessariamente recíproco. Fazia alguns dias, desde a visita daquele sujeito, aquele Yves Guéguen, que ela detestava, que tropeçava numa equação que, no fundo, se recusava a resolver, sabendo que era fatal. Louise os odiava realmente, Victor e ela, a ponto de querer matá-los? Não em fantasia, mas de verdade? Era impossível ! Eles eram uma família normal, ainda mais coesa pelo luto por causa do pai que os tinha deixado

desesperados, desamparados. Sara lutara como uma leoa para que todos sobrevivessem razoavelmente bem.

Ela até podia explicar o desvio de Cyril, ainda que o ponto a que o rapaz tinha chegado lhe desse vontade de vomitar. Pais ausentes, para os quais ele era, como a irmãzinha, um gentil macaco educado que gostavam de exhibir para os amigos, mostrando as excelentes notas no colégio e os perfeitos modos à mesa. Mas Louise? ! Nada justificava Louise. Sara tinha se ocupado mais dela do que de Victor, sentindo que a filha era fraca do ponto de vista psicológico. Embora seu trabalho exigisse, nunca tinha negligenciado um espetáculo de fim de ano da escola, uma reunião de pais e mestres, um momento de tristeza. Tinha suportado tudo sem se importar, explicando, tranquilizando. Tudo : as crises, as mentiras, as repetidas notas baixas na escola, e até mesmo os furtos de Louise, que pegava dinheiro da bolsa da mãe e que, provavelmente, tinha roubado seu anel de noivado para revendê-lo. Sara jamais o encontrou. Onde tinha falhado no papel de mãe, a ponto de Louise alimentar a ideia de assassinato? Assassinar a mãe e o irmãozinho. Um pesadelo desperto do qual não conseguia se livrar desde a visita daquele sujeito. Era culpa dele, dele ! Ela não tinha necessidade de saber a verdade crua. Ninguém tem o direito de expor às pessoas as coisas que podem matá-las mentalmente ! Ok : era ela que tinha exigido que desembuchasse. Mas ele a tinha conduzido a isso. Ele a tinha manipulado até que ela exigisse saber de tudo.

Não podia mais suportar a tristeza pela morte de Louise, por isso se deixou levar pela raiva em relação àquele *profiler* que tinha roubado seu mundo de ilusões. A raiva é mais simples, muito mais confortável que o sofrimento, pois a primeira tem um fim. O segundo, não.

Pegou o cartão que ele tinha deixado e discou o número cuja inscrição entre parênteses dizia "pessoal".

Chamou por seis longas vezes. Estava prestes a desligar quando ouviu a voz masculina, antes mesmo que tivesse falado :

– Sara... Sra. Heurtel...

O número de Sara, protegido, não era exibido. Entretanto, não perguntou como ele sabia que era ela. Não importava.

– Eu... O que é que fiz pra que Louise...

Um silêncio como resposta amplificou sua raiva. Disse, quase aos berros :

– Merda... Você é psicólogo especializado em criminologia ou um encanador? Você deve ter uma resposta !

– Você não fez nada... Pelo menos, pelo que sei. Victor é a prova viva.

– Enfim... Ela não se tornou uma assassina potencial da noite pro dia. Não acredito também nessas merdas de influência nociva, mesmo se são explicações reconfortantes. Se Cyril tivesse pedido pra ela dar um tiro na própria cabeça, ela nunca teria feito, era medrosa. Então, não foi porque ele a carregou praquelas histórias satânicas que lhe veio o prazer de matar.

– Exatamente. Não é porque se vê ou se lê histórias de violência que se fica violento. Felizmente, caso contrário, estaríamos todos mortos. Porém, é preciso que a violência seja explicada, desarmada, e você fez isso.

A voz de Sara esmoreceu quando ela continuou :

– Então, o que aconteceu?

Ele teria adorado consolá-la. Contudo, não sabia como.

– Você sabe, Sara... Já vi muita coisa... Você se lembra do furacão Katrina? Eu estava lá. O inferno que baixa. Pobres pessoas... despojadas, desesperadas, lutando contra uma enchente muito mais poderosa que elas... Que se agarravam à casa, ao cachorro, se recusando a partir, enquanto a água subia, subia... E quem você acha que percorria de barco as ruas cobertas pelo rio? Algumas equipes de resgate, exaustas, e uma multidão de saqueadores. Eles não ligavam que as pessoas morressem se podiam pegar um aparelho de televisão, o velho casaco de coelho da avó, já podre. Todas as catástrofes acontecem do mesmo modo. A humanidade é isso, Sara. Alguns salvadores contra uma horda de predadores.

A voz da qual ele começava a gostar falou :

– Sei disso. Vi as reportagens, era monstruoso. Os... policiais, as equipes de resgate, não sei, tinham recebido ordem de atirar nos saqueadores.

– Sim. Isso os acalmou. Era a única coisa que podia amedrontá-los. A única coisa que desencoraja os humanos de sua ganância é a perspectiva da morte. Uma ordem judiciosa.

– Fiz uma pergunta precisa, Sr. Guéguen : Louise.

– Respondo de maneira precisa : você não é responsável, tire essa estupidez da cabeça.

– O que aconteceu? Ninguém se torna uma assassina tão facilmente, não é?

– Não se sabe grande coisa sobre o que faz alguém enveredar para a psicopatia criminal.

– Porque, para você, Louise era uma psicopata criminal?

Yves inspirou lentamente, hesitante, depois se decidiu, por respeito a ela :

– Sim. Como Cyril. Teriam passado ao ato, disso não tenho nenhuma dúvida. Sara... Eu tinha jurado pra mim mesmo jamais revelar isto a você... Não lhe dizia respeito, e é preciso poupar as pessoas boas... Contudo... A ignorância de alguns fatos mergulha você em um mundo de culpa ainda mais doloroso que o luto... Então, vou contar. Cyril já tinha passado ao ato...

– Desculpe, não entendi...

– Ele asfixiou um bebê num carrinho, numa loja, por diversão. Louise ia fazer o mesmo.

Sara fechou os olhos. Se pudesse desabar naquele momento, abatida por um ataque cardíaco ou qualquer outra coisa, seria ótimo. Não, não : Victor, seu bebê. Nada de morrer ! Ela não tinha o direito de morrer.

– Então, o que é?

– Não sei, Sara. Os psicólogos vão se regalar com Cyril : abandono dos pais, ausência de modelos moralizadores, toda a panóplia... nesse caso, justificada. No caso de Louise, não há nada, pelo menos psicologicamente, e não é a perda do pai que transforma uma pessoa, nem mesmo um ciúme de adolescente dirigido contra você. Existe uma margem enorme entre ter ciúmes

da mãe, de sua importância para o pai, até mesmo desejar, mais ou menos conscientemente, que ela morra para liberar o caminho, e planejar seu assassinato. Com satisfação. Sobretudo quando o pai, o amor absoluto da filha, não está mais presente. Tanto que os e-mails de Louise pro Cyril nunca fazem referência a seu marido.

A voz chegou até ele, dessa vez, derrotada. Ela repetiu :

– Então, o que aconteceu? Genes podres?

– Não tenho a menor ideia. Não existe nenhum gene do assassinato, não é como o albinismo ou outros defeitos genéticos. Nesse sentido, não está excluído que a genética, em sentido lato, tenha um papel importante. Resta compreender, e nós estamos longe disso. Sara, Sara, você é cientista... É preciso deixar aquela crença ultrapassada que gostaria que o... comportamento fosse genético para as pessoas de direita e adquirido para as pessoas de esquerda. A genética é bem mais complicada que isso e não tem cor política. Você sabe melhor do que eu : não é simplesmente um gene que se acende e que faz alguma coisa. A mente humana é tão complexa e tão poderosa. Pode combater com sucesso o efeito dos genes. O ambiente também. Os filhos de alcoólatras têm cinco vezes mais chances de persistir no vício. Porém, podem lutar contra. Graças ao cérebro deles, embora os genes os incitem a beber. A mente humana, Sara. Não existe nada mais poderoso do que a mente humana. Para o melhor ou para o pior.

– Então, por quê? Por que Louise...

– Porque ela sentia vontade de matar. Eu... Eu realmente gostaria que Diane falasse com você... Ela sabe, ela compreende tudo. Ela sente tudo... Trata-se de uma amiga psiquiatra de quem falei... Atualmente, é a melhor especialista em psicologia criminal do mundo.

– Quero conhecê-la.

– Ela nunca vai aceitar. Ela é louca, você sabe.

– Eu também. Acho que começo a me tornar. A gente vai se entender.

– Não. Ela é verdadeiramente louca. Gosto mais dela que de todo mundo. Você... você está desesperada, isso não tem nada a ver. Ela está do outro lado. Afora isso, é a pessoa mais genial e

intelectualmente completa que conheci. Sua filha... Ah ! Merda... Não deveria dizer isso, não sei por que... por que quero tanto dizer isso.

– Sua filha...?

– Leonor, onze anos. Você vai me detestar mortalmente, mas o assassinato de Louise é um mar de rosas comparado ao que aconteceu com Leonor. Nas garras de um sádico estuprador e torturador... Diane era uma psiquiatra bem conceituada, em voga em Nova Iorque. Desde então, caça assassinos em série.

– Quero encontrá-la. Posso ir amanhã pros Estados Unidos.

– Ela não aceitará.

A voz veio como um estouro, imperiosa, perversa :

– Dê um jeito, Guéguen. Você me mostrou todas essas coisas horríveis que eu não tinha nenhuma vontade de saber. Agora me ajude !

– Vou ver o que posso fazer. Mas não garanto nada.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, junho de 2008*

Diane Silver terminou seu quinto café com uma expressão de desapontamento. Não eram ainda nove horas. Como aquela bebida conseguia a façanha de ser, ao mesmo tempo, insípida e amarga? Não há como negar, Yves lhe fazia falta por uma série de razões ! Após sua chegada à base, três anos atrás, tinha insistido para instalarem uma cafeteria, com o argumento de que "O café é sagrado. Me recuso a beber uma fraude batizada de *cappuccino* que sai da máquina e parece um xixi escuro". Então, durante um ano, Diane tinha degustado um saboroso moca, que Yves preparava com o cuidado que uma gueixa destina à cerimônia do chá.

Ela passou em revista as diferentes peças do dossiê amarelado e pálido que estava sobre a mesa. No interior, pastas com o conteúdo idêntico. Ela lançou um olhar para o relógio. Nove horas, tinha tempo para um cigarro : chegaria três minutos atrasada à reunião que ocorria do outro lado do interminável corredor sem janelas.

Os subterrâneos do Jefferson Building lhe davam a sensação de um gigantesco intestino, com suas torres e suas voltas. Ela não se localizara bem ainda, por falta de interesse nisso. Apenas dois lugares recebiam sua atenção : os banheiros reservados às mulheres e a sala de autópsia, situada um andar abaixo de seu escritório. O refeitório também. Contudo, bastava pegar o elevador para chegar às portas da vasta sala redonda. Para o resto, os outros sabiam onde a encontrar. Quanto aos agentes designados para as investigações nas quais trabalhava, eram relativamente

intercambiáveis, e poucas coisas concernente a eles despertavam a curiosidade de Diane : eram suficientemente combativos para não abandonar uma perseguição que com frequência chegava a impasses, eram suficientemente astutos para superar as armadilhas e os subterfúgios graças aos quais algumas das presas que caçavam encobriam suas respectivas pistas? Por outro lado, a vida deles, a razão pela qual entraram para o FBI, suas ambições, todo o resto lhe era indiferente.

Ela apagou a bituca e suspirou de desgosto. Bob Pliskin compareceria à reunião. Pliskin era, oficialmente, o secretário de Edmond Casney Jr.; informalmente, seu lacaios, seu espião, seu fuxiqueiro de plantão. Pliskin era, de igual maneira, a razão pela qual Diane não mantinha nenhum arquivo confidencial na base, salvando as informações que desejava conservar sigilosas no seu *pendrive* a cada noite, antes de apagá-las da memória, depois transferindo-as para seu computador pessoal. Pliskin, o fuinha, não recuava diante de nenhuma indelicadeza para servir seus interesses, que eram, ao menos por hora, os de Casney. Tinha boicotado muitas pessoas desde a chegada a Quantico. Em contrapartida, tinha conseguido promoção para aqueles cujo reconhecimento embasbacado lhe permitia implantar sua influência com mais firmeza. Havia tentado, de todas as maneiras, oferecer um assistente a Diane. Ela manobrou com a mesma astúcia que ele para recusar aquele "favor", alegando a falta crônica de pessoal na base. Bob, o fuinha, pensava que ela era idiota a ponto de não suspeitar que o assistente em questão fosse somente um intruso com o objetivo de informar seu bom mestre sobre as atividades da nova chefe? O poder de Diane era considerável, o que não era tolerado nem por Casney nem por Pliskin. Enquanto não conseguissem compreender como ela pensava, como fazia para deduzir, conservaria sua enorme vantagem sobre eles. Uma vantagem que se resumia a uma coisa simples, mas fundamental : ficava sossegada ! Por esse motivo, declinara todas as lisonjeiras propostas dos dois homens : fazer conferências, redigir um trabalho de referência. Ela continuava sendo um enigma inquietante aos olhos de Pliskin e de Casney. Nenhuma das estratégias deles tinha

superado a dela, nem a bajulação, nem mesmo as ameaças mal disfarçadas. Não conseguiram por intermédio de Yves Guéguen, que, esperavam, se tornaria seu cavalo de Troia. Um fracasso. Não tinham levado em conta a personalidade do policial francês, sua inteligência, sua sutileza e, sobretudo, sua insolência afável e sua aversão à traição. Yves os tinha engambelado durante um ano, não sem contentamento, fingindo não compreender o que os dois medíocres manipuladores esperavam dele. E comentava sua cegueira voluntária com uma risadinha : “Brinco com os cretinos com tanta naturalidade que isso acaba me inquietando !”.

Diane entrou na sala de reunião às nove e seis. O burburinho das conversações interrompeu-se. Como de hábito, Pliskin estava instalado na ponta da larga mesa folheada de mogno, de frente para a porta. Olhou ostensivamente o relógio. Diane fitou-o com seu grande olhar azul pálido e esperou a advertência, que ele engoliu. Ela fez pela milésima vez a mesma reflexão : ele teria sido um assassino em série muito convincente. Reflexão bastante divertida. Bem baixinho, o rosto rosado e redondo, o loirinho parecia tão inofensivo, tão querido, que muitas das vítimas tinham percebido a origem do processo destinado a excluí-las somente quando era tarde demais para evitar a destruição sorradeira de Pliskin. Basicamente, Bob Pliskin era um desses sociopatas de tendências paranoicas, tão bem integrados ao ambiente que é difícil detectá-los. Contudo, são uma legião. Autoritária, coerente, plausível – mesmo, e principalmente, em seus raciocínios distorcidos –, psicologicamente rígida, com a convicção de ter sempre razão e de ser incompreendida, rejeitada ou até agredida apenas porque os outros tinham ciúmes da sua pretensa superioridade.

Com um leve movimento de cabeça, Diane saudou Erika Lu, uma das melhores médicas-legistas da base. A euro-asiática, que lembrava um pássaro frágil – impressão enganosa, pois Diane a tinha visto, sozinha passando cadáveres de uma maca para uma mesa de inox, na sala de autópsia –, respondeu com um sorriso distante. Uma personalidade difícil de entender. Uma mãe de

origem alemã, um pai chinês, ambos universitários. Embora Diane a conhecesse havia quase dez anos, ainda ignorava se a legista era casada ou divorciada, com ou sem filhos. Não que as respostas àquelas perguntas fossem algo muito importante para ela. Entretanto, Erika Lu era uma das raras pessoas que intrigavam a psiquiatra. Sua atitude tão suave e cortês, tão desprendida, prenunciava a existência de um abismo atrás da bela testa arredondada e dos olhos esticados de amêndoa, de uma cor indefinível, um tipo de cinza intenso adornado de lantejoulas douradas, resultado de um cruzamento genético pouco comum.

Em seguida, seu olhar se moveu fugazmente para Charles Devernois-Klyne, um enorme bloco de anotações de páginas amarelas diante de si, a Montblanc erguida, o rosto sério, pronto para rabiscar observações. O bom aluno ideal !

– Podemos começar, Dra. Silver? – soltou Pliskin, fazendo uma careta contrariada.

– Por favor.

– Bem ! Em primeiro lugar, permitam-me apresentar os agentes Mike Bard e Gary Mannschatz, designados para esta... vamos dizer, investigação... Nós tivemos tempo, muito tempo de nos conhecer enquanto esperávamos por você !

– Que bom – contentou-se em responder Diane.

Aquele gnomo a divertia loucamente. Ele a detestava, mas não podia fazer nada contra ela. A não ser que, de repente, se tornasse muito inteligente, e esse tipo de contágio é raríssimo.

Diane fez um leve sinal de cabeça para os agentes. Os dois se pareciam, mesmo que não compartilhassem muitas semelhanças. Mike Bard era um sujeito de uns quarenta anos, robusto, um pouco gordo demais, provavelmente alto, pelo que ela podia julgar. Os cabelos um pouco grisalhos muito curtos, a cara fechada. Tinha o ar dos veteranos do FBI, daqueles que têm muito orgulho de pertencer à nata dos policiais. A maioria deles é de notáveis cães de caça, provavelmente movidos pela ideia de que não podem desonrar com um fracasso a elite que representam. Gary Mannschatz era mais jovem, trintão recente, loiro, de pele muito pálida. Alto, de uma magreza nervosa. O mesmo sentimento de autossatisfação no

rosto. Era, enfim, um AGENTE DO FBI ! Ambos usavam o inevitável terno azul-marinho ou cinza-carvão daqueles que conseguiram atravessar todos os obstáculos para chegar ao auge.

Bob Pliskin continuou, com um tom falsamente entediado :

– Dra. Silver... devo confessar que... Bem, não vejo em que aquele assassinato cometido há alguns dias no México nos diz respeito... Enfim, estamos no limite da nossa ingerência...

– Ingerência? – riu Diane. – Poderia falar de tantas coisas que não dizem respeito às nações ricas, como a nossa, mas nas quais elas metem o bedelho... Mas a questão não é essa, tanto que o AFI quer muito nossa colaboração. Colocando os pingos nos is : os mexicanos são aliados e bons clientes. Além disso, nós temos razões para pensar que o assassinato em questão foi cometido por um norte-americano ou canadense que já causou estragos em Nova Iorque e na França.

–Permita-me acreditar que esses motivos são um pouco forçados.

– Oh... Permito, sim. Porém, fatos são fatos. – Ela não pôde conter a maldade que lhe vinha à boca. – Você sabe, existe sempre muita gente que “acredita” que a Terra é plana e que os gatos pretos dão azar. Significa que têm razão?

O agente Bard esboçou um sorriso e baixou os olhos.

A pele loira de Pliskin se inflamou com a humilhação. O vermelho da raiva subiu até a testa. Um dia, ele a mataria. Jurou para si mesmo.

– E chegamos aos famosos fatos que justificam suas suspeitas, Dra. Silver – interveio o agente Gary Mannschatz.

Sua voz, muito grave para um homem de seu tamanho, de sua idade e de sua loirice, surpreendeu Diane. Uma voz de barítono profundo que se esperaria mais de um moreno.

Diane lhe destinou um dos seus olhares indecifráveis gelados. Gary Mannschatz o sustentou, sem desconforto aparente. Ela refletiu que ele era verdadeiramente um policial.

Tirou cinco pastas fininhas de seu dossiê e as jogou em cima da mesa, na direção dos outros participantes.

Não deixou de olhar Devernois-Klyne, sentado bem ao lado de Pliskin. Ele abriu a pasta que lhe era destinada e observou as fotos da cena do crime. Diane Silver viu seu pomo de adão subir brutalmente, acompanhando o penoso ato de engolir a saliva, o que ele tentou, sem grande sucesso, fazer com discrição. Pliskin piscou ao ver a primeira imagem.

– Sobre a primeira foto, o cadáver de Constantino Valdez – explicou a doutora Silver com sua voz lenta, indiferente. – Os pés foram parcialmente consumidos pelo incêndio provocado pelo assassino. O resto do corpo até que está bem preservado por causa da rapidíssima intervenção dos bombeiros que operavam não longe dali. Nota-se com clareza as áreas esfoladas : o rosto, as coxas. *Ante mortem*. Como podem constatar, os órgãos genitais de Valdez estão intactos, o que, em si, não é uma surpresa. É relativamente raro que um homem mexa no sexo de outro homem. O disco rígido do computador de Valdez foi levado por seu carrasco, que se serviu de uma infinidade de DVDs para alimentar o fogo, bem como de roupas de algodão fino. Os detritos são inutilizáveis. A doutora Lu recebeu o relatório do médico-legista mexicano e provavelmente possui outros elementos – terminou Diane, virando-se para Erika.

– É verdade. Meu confrade Ernesto Ruiz-Santana realizou um trabalho notável. Nada foi deixado ao acaso, provavelmente porque o senhor Valdez estava há muito tempo na mira da AFI.

– Por qual motivo? – perguntou-se Mike Bard.

Erika lançou um olhar para Diane, que respondeu de onde estava. Esta não ignorava que os assuntos dos vivos, notadamente os dos criminosos, interessavam à legista apenas na medida em que podiam ajudá-la a fazer com que os mortos falassem.

– A AFI possui um espesso arquivo sobre Constantino Valdez. Ele era o fornecedor e organizador de uma grande rede de pornografia pedófila. Pedofilia violenta.

– Então não lamentaremos o fato de ele ter sido esfolado e queimado – ironizou Gary Mannschatz.

– Sinto que vamos nos entender bem – respondeu Diane.

– Desculpem-me... Porém, acho esse tipo de... felicitações deslocadas – revoltou-se Bob Pliskin, sentindo que a reunião escapava de seu controle havia algum tempo.

Só tinha se aproximado de Bard e Mannschatz (ou, mais exatamente, tinha conseguido que Casney os escolhesse) com um fim : acabar com Diane Silver. Bard sentia um desprezo enorme pelos psicólogos de todos os tipos, que, segundo ele, estragavam o mundo se esmerando em análises demasiadamente detalhadas. Ele trabalhava havia tempo ao lado de Mannschatz, um rapaz silencioso, mas Pliskin tinha deduzido que este compartilhava as reservas de Mike sobre os psicólogos, uma vez que os dois agentes pareciam ser unha e carne. Após todas as suas tentativas frustradas de colocar uma casca de banana no caminho de Diane, Bob Pliskin tinha chegado a uma conclusão : se ela falhasse significativamente em uma investigação importante, sua reputação levaria um grande golpe, e ele não precisaria mais ser o responsável pelo tiro de misericórdia. Seu plano, inspirado na investigação muito confidencial que tinha conduzido, era de uma simplicidade divertida. Diane estava imobilizada. Pliskin se espalharia em comentários, o ar doloroso, sobre seus vícios em álcool, em neurolépticos e em cigarro. Talvez até mesmo em outras substâncias ilícitas. Ele estava certo do contrário, mas nada germina mais facilmente do que a dúvida. Então, sugeriria que ela matara aquele jovem ladrão durante crise de alcoolismo que a tinha feito perder o senso da realidade, não sendo mais confiável como *profiler*. Silver estaria enterrada !

Pliskin olhou com ódio para Gary Mannschatz. Aquele filho da mãe não ia jogar seu plano para o espaço ! Nos raros momentos de honestidade intelectual, Pliskin admitia : temia Silver. Às vezes ela o observava com um olhar que teria reservado a um inseto bisonho e pouco apetitoso. E, depois, ele jamais conseguia convencê-la de que tinha razão ! Ela ficava como uma louca procurando falhas em cada um de seus raciocínios, como se, para ela, se tratasse de um jogo prazeroso. Merda ! Ela o cansava com sua espécie de intriga idiota, seu lado “Vão se foder, de todo modo, tudo passa por mim”. A integridade está fora de moda, acabou. Só havia dinossauros

como Silver para saber o que implicava a palavra. Às vezes, Pliskin tinha a vontade de gritar : “Sua puta, a gente está aqui pela satisfação imediata, pelo poder, pelo alpinismo social, pela grana”. Entretanto não ousava. Afinal, qual era? Ele apavorava todo mundo. Por que não ela?

Erika Lu consultou o relógio, deixando escapar um leve suspiro, e antecipou-se à réplica zombeteira que viria de Diane.

– Lamento, tenho muito trabalho acumulado para fazer e preferiria terminar o que tenho para informar. Não serei de nenhuma utilidade na sequência. A análise dos pulmões de Valdez indica, sem ambiguidade, que ele morreu asfixiado pela fumaça, o que foi facilitado por sua posição. Ele deve ter caído pra trás tentando recuar. Os bombeiros o encontraram de costas, no chão, ainda amarrado. Como consequência, seus pés se assaram acima de onde o incêndio começou. O esfolamento foi feito *ante mortem*, como testemunha o conjunto das reações epidérmicas traumáticas, reações que só podem ocorrer quando o sujeito está vivo.

– Merda, eu teria detestado estar no lugar dele – comentou Bard antes que um olhar irritado de Erika o interrompesse.

– A análise toxicológica revelou que Valdez tinha cheirado uma grande quantidade de cocaína pouco antes de seu... não homicídio, mas... – hesitou a legista.

– Suplício – sugeriu Diane.

– Pois é, suplício.

– De modo a diminuir os reflexos de defesa dele? – perguntou o doutor Devernois-Klyne, que começava a falar pela primeira vez, tomando o cuidado de não olhar novamente a cena do crime.

– Não. Isso podia alterar sua percepção da realidade, do perigo, mas não a capacidade de se defender. O professor Ruiz-Santana notou a presença de dois grandes hematomas, um na altura da caixa torácica, outro na nuca. Foram golpes perfeitos, destinados a sufocar a vítima, a bloqueá-la o tempo suficiente para amarrá-la. Lembremos que Valdez media um metro e sessenta e sete e pesava oitenta e oito quilos. Uma musculatura considerável, revelando a prática de um esporte.

– Em outras palavras, não era uma coisinha fácil de dominar fisicamente – resumiu Bard.

– Justamente – anuiu a doutora Lu. – Estamos lidando com um agressor do sexo masculino e em perfeitas condições físicas. Alguém que, além disso, conhece os golpes que vão aniquilar em alguns segundos as reações de sua vítima.

– Alguém que quer que ela esteja viva e consciente durante a tortura. Um sádico? – perguntou Gary Mannschatz.

– Não acredito – interveio Diane Silver e se interrompeu.

Erika Lu tinha se levantado. Após um olhar calmo sem endereço certo, ela perguntou, dirigindo-se unicamente a Diane, o que fez crescer consideravelmente o mau humor de Pliskin :

– Diane, relatei tudo o que sabia. O resto está na síntese que mandei pra você. Se não precisa mais de mim...

– Não. Obrigada, Erika. Pode ir... – Dirigindo-se aos outros, a psiquiatra sugeriu : – Bem, passemos às imagens anteriores... Em primeiro lugar, as mortes dos dois adolescentes parisienses.

– Diane, realmente não vejo o que esses assassinatos têm a ver um com o outro... – protestou o secretário de Casney.

A interessada lhe lançou um insistente olhar de desdém antes de retrucar, com sua voz embargada e lenta :

– Você não vê? Normal, já que ainda não se deu ao trabalho de olhar. As fotos.

Gary Mannschatz marcava os pontos, reprimindo uma careta divertida, pretendendo não se preocupar com a troca de farpas em curso. Tinha sentido sempre uma espécie de desprezo prudente em relação a Pliskin. Um verme bajulador, achava. Além do mais, um verme nocivo. No entanto, o secretário estava do lado bom da força, e, por isso, Mannschatz o tratava com a cortesia desconfiada que reservava a todo mundo, exceto a Bard.

Devernois-Klyne espalhou algumas fotos da cena do crime diante dele e passou a língua nos lábios antes de perguntar, com uma voz que se esforçava para engrossar :

– A menina foi relativamente poupada, não?

– Humm – concordou Diane.

– Porque era uma menina?

– Não. Justamente porque ele não é um sádico no sentido criminal do termo. Note, doutor – continuou ela, com um traço zombeteiro na voz –, que o objetivo de um sádico é fazer o pior possível, durante o maior tempo possível... Ele não termina com a vítima, exceto quando ela já está quase do outro lado, sem nenhuma reação, sem mais gritos : portanto, quando já não é mais prazeroso. Você encontrará, com muita frequência, cenas de crime em que a vítima está presa pelos pés, de cabeça pra baixo. O único objetivo dessa posição é facilitar a irrigação do cérebro – logo, maximizar a dor prolongando a consciência...

– É...

– Por favor... Poupe-nos dos “é monstruoso”, “é intolerável”, “é revoltante”. A verdade, Devernois-Klyne, é que isso está muito além das palavras. Então, deixemos isso de lado. Note ainda, pra seu conhecimento : a morte de Louise Heurtel parece uma execução. Ela não morreu rapidamente, caso se considere a quantidade de sangue arterial que jorrou nas paredes e nos móveis. Tentou se arrastar na direção da porta. Seu assassino a puxou para trás. Isso explica sua blusa levantada até as omoplatas e sua saia na altura das coxas. Nenhuma relação sexual recente, ou senão só com proteção. Mas duvido disso.

– Por quê?

Diane observou a foto que conhecia de cor. Louise estava deitada de bruços, o rosto de perfil, as costas e as pernas desnudas.

– Porque não há nada sexual nessa matança. Tudo é eficaz. Preciso. Pensado e calculado. Além disso, ela se parece com um bezerro inchado, não?

– Chega, Diane ! – ofendeu-se Pliskin.

– Bem... ela parece mesmo um bezerro... com os olhos menos bonitos – insistiu a psiquiatra, surpresa.

– De qualquer forma, ela morreu, abatida por um assassino em série, se quer saber ! Aquelas pobres meninas merecem toda a nossa compaixão, nossa dor, você deveria saber disso.

Diane lutou contra a raiva que se insinuava dentro dela. Não, não por Pliskin. Ele merecia apenas desprezo. Acabava de encontrar

uma maneira nojenta de tirá-la do sério porque sabia perfeitamente no que ela pensava : Leonor e seu rosto fino de anjinho. Ela fingiu pensar enquanto lutava contra o desejo de insultá-lo. Um único detalhe a acalmava um pouco : em sua defesa, Pliskin ignorava ainda todo o ódio que sentiam Louise e seu amiguinho. Os mortos mereciam o respeito que ganharam em vida. Disse, com a mesma voz polida :

– Você tem razão, Bob. De qualquer jeito, isso não a deixa mais bonita. Mas não estamos aqui pra falar sobre padrões de beleza. Menciono o físico dela porque ele exclui, do meu ponto de vista, o motivo sexual.

– Você falou de execução – interveio Gary Mannschatz. – O que alguém poderia recriar numa menina de dezesseis anos a ponto de querer matá-la?

– Não é o seu trabalho investigar e encontrar o motivo? Quando tivermos certeza de que se trata de uma caçada internacional, a Interpol entra no jogo. Ora, temos representantes.

Mannschatz concordou com um pequeno movimento de cabeça. Bard retomou a palavra :

– Se foi mesmo uma execução, por que ele não deu um simples tiro na cabeça dela? A agonia durou quanto tempo, de seu ponto de vista?

– Dois, três minutos, o tempo que ela levou para perder todo o sangue. Tudo depende de seu pânico, portanto, de seu ritmo cardíaco. O ferimento no pescoço não é muito extenso. Quanto à sua primeira pergunta, ele procura o contato físico, alguma dificuldade. É fácil matar alguém com uma arma de fogo, a certa distância. É preciso mais determinação quando se usa uma arma branca.

– Abater uma menina de dezesseis anos não é muito complicado ! – resmungou Bard.

– É verdade, mas Valdez era grande o suficiente para lutar. Segundo o legista francês, a menina morreu cerca de doze horas antes do menino. Observe a foto... O tal Cyril Janet foi torturado, esfolado.

– Ele deu azar – afirmou Devernois-Klyne.

– Não mesmo – contrariou a doutora Silver. – Se você examinar a foto da cena do assassinato de Stanley Armstrong, tirada quase seis meses antes, ou seja, antes da morte de Louise – ela esperou que todos a tirassem do dossiê e prosseguiu : – É a cópia fiel da cena do assassinato de Cyril Janet e mesmo do de Valdez. Nada a mais.

– Em Constantino Valdez, ele ainda pôs fogo – salientou Bard. – Isso é novo.

– Justamente. Nós estamos lidando com um homem muito inteligente, estruturado, instruído, que calcula totalmente o que faz. Do meu ponto de vista, o incêndio na escola de Valdez não tinha por objetivo “aperfeiçoar” o *modus operandi*, e ainda menos sumir com os vestígios. A prova : os bombeiros chegaram muito rápido. Se o objetivo fosse apagar provas, a AFI teria encontrado marcas, indícios. Nada disso. Ou seja, o assassino havia apagado todas antes de colocar fogo, por precaução. Portanto, muito bem planejado.

– O objetivo do incêndio era destruir os DVDs? – interveio Mike Bard. – Isso coincidiria com o fato de que, em todas as mortes, os discos rígidos dos computadores das vítimas foram destruídos.

– Exceto o de Louise, já que ele não a matou na casa dela e que, provavelmente, acreditava não haver nada de importante no computador dela – retificou Diane.

– Nós temos o computador da menina? – perguntou Pliskin.

– Está nas mãos da polícia francesa.

– Podemos fazer uma cópia?

– Caro Bob, eu pensava que você não era do tipo que quisesse negociar com forças policiais estrangeiras.

Pliskin fingiu não ter captado o veneno e insistiu :

– Já se sabe o que ele estava tramando?

Estava fora de cogitação revelar o que Yves tinha contado sobre os dois jovens psicopatas nojentos. Ele que se vire ! Ela se contentou com um :

– Os dois jovens tinham se tornado satânicos.

Devernois-Klyne a olhou como se ela acabasse de soltar uma obscenidade. Diane explicou.

– Não, não... Não imagine coisas extraordinárias. Trata-se, muito frequentemente, de rebeldias um tanto adolescentes, uma mistura simbólica, um amálgama de rituais advindos das propagandas de *sites* da internet que se consideram especializados. É verdade que alguns “adeptos” flertam com o fascismo e a violência : profanam cemitérios e igrejas, agredem pessoas, esse tipo de coisa. Aqueles que pretendem ser os “verdadeiros” satânicos se distanciam dos vassalos, sendo antes pessoas dotadas de uma melhor capacidade de reflexão, mais estruturada...

O ar assustado de Pliskin lhe deu vontade de rir. Ela prosseguiu, com a maior seriedade :

– Evidentemente, não acreditam no diabo. Trata-se apenas de uma figura emblemática. É um tipo de desejo de liberdade, de transgressão das convenções e dos hábitos sociais. Eles são, no mais das vezes, inofensivos para os outros. Não é aí que está o... o que buscam. Além disso, espero que não decapitem morcegos com os dentes, como alguns metaleiros de uns anos atrás. Isso seria de um raro infantilismo.

– Enfim, Diane – se intrometeu Bob –, parece que você os protege.

– Não protejo ninguém, caro Bob. Meu trabalho consiste em saber pra combater. – Ela lançou um olhar birrento, certa de que ele compreenderia o subentendido : – Conhecimento é poder. O único. – Ela se virou na direção de Bard e recomeçou : – Pra voltar à sua pergunta, não tenho certeza de que o incêndio tivesse por objetivo destruir os DVDs. Nós estamos nos confrontando com um ser que prevê tudo e que sempre tem um plano B, caso haja algum inconveniente. Ele destruiu seus vestígios antes de incendiar a cena do crime, por exemplo. Por que, então, não levar os DVDs junto com o disco rígido? Isso não representa um volume considerável.

–Pra chamar nossa atenção pra eles – concluiu Gary Mannschatz.

– Exatamente !

– Por que destruí-los, então?

– Porque o jogo se tornaria menos divertido se ele nos facilitasse muito o trabalho.

– Quer dizer que eram filmes pornográficos de pedofilia?

– É a hipótese que me parece a mais convincente. Se for isso mesmo, nós não estamos lidando com um assassino em série no sentido estrito do termo. Ele não seleciona suas presas por uma fantasia, mas por um motivo específico.

Pliskin franziu os lábios, condescendente, e contra-atacou, após um olhar para as fotos expostas na frente dele :

– Você está indo rápido demais ! Concordo que três das cenas dos crimes, as das vítimas masculinas, são muito similares. Além disso, a relação de amizade entre os jovens e o fato de eles terem sido mortos com algumas horas de intervalo, sem esquecer o satanismo dos dois, conectam, *a priori*, os dois casos. Daí a imaginar que Valdez foi morto porque comercializava pedofilia violenta – logo, que se trata de uma espécie de “punição” –, há um abismo !

– Por que, senhor? – lançou Bard.

– Bem... O que o matador teria a condenar nos dois jovens e em Armstrong? Você tem indícios significativos, Diane?

– No momento, nenhum – mentiu ela, pensando nos e-mails de Yves.

Louise tinha o projeto de matar sua mãe e seu irmãozinho. Quanto a Cyril, suas fantasias eróticas sangrentas tinham como alvo a irmã, e ele tinha sufocado um bebê no carrinho. Basicamente, ela mesma duvidava que houvesse uma ligação entre os dois jovens franceses e Valdez. A teoria de Yves Guéguen se rearranjou em sua mente. Ela a rejeitou, julgando-a inverossímil, contrária a tudo o que tinha aprendido no contato com assassinos em série. Restava Stanley Armstrong. Continuou :

– A investigação sobre Armstrong foi encerrada muito rapidamente. Os policiais de Nova Iorque fizeram o que era possível. No entanto, logo se encontraram num impasse : sem precedente em relação ao *modus operandi*, sem roubo, com exceção do disco rígido, sem agressão sexual... Nenhum indício. Não temos grande coisa, a não ser a breve descrição que o porteiro do imóvel da vítima fez de um visitante que tinha chegado bem

tarde. A hora bateria com o relatório do médico-legista, mas nada prova que se trata do nosso homem.

– Detalhes? – interveio Mannschatz.

Na tensão de sua voz, Diane sentiu que ele já farejava uma pista.

– Segundo o porteiro, um homem se apresentou às vinte e uma horas e quinze minutos procurando o senhor Armstrong. Uma entrega. Isso é certo. Está inscrito com o registro de visitantes que os porteiros possuem. O funcionário telefonou para o apartamento da vítima, que confirmou que esperava o tal visitante. O homem subiu. O porteiro não o viu sair. Seu turno acabava quarenta e cinco minutos mais tarde.

– E o porteiro do próximo turno? – insistiu Mannschatz.

– Ele não se lembrava de nada em particular, pois seu trabalho era vigiar as entradas das pessoas, não as saídas.

– O primeiro tinha uma descrição do visitante? – perguntou Bard.

– Vaga. O que chamou a atenção dele foi que o homem em questão se apresentou como um entregador, mas estava muito bem-vestido.

– Ele carregava alguma coisa?

– Não. Quando explicou o objetivo da visita tardia, ele bateu na mochila de couro preta. O porteiro insistiu muito no fato de que seu papel não era policiar os moradores do prédio, mas sim poupá-los de inoportunos. A partir do momento em que Armstrong esperava o visitante, não havia mais problema.

– Nós temos o nome desse homem? – perguntou Mannschatz.

– Está inscrito no registro. Contudo, aposto meu próximo salário que se trata de um pseudônimo. Nathan Hunter.

Bard veio com tudo :

– E a descrição, vaga também?

– Branco, alto, entre trinta e quarenta anos, cabelos na altura dos ombros, castanho-claro.

– Os olhos?

– Usava óculos escuros, apesar de já ser noite.

– “Hunter¹³” – disse Mannschatz. – Engraçado, como pseudônimo, não?

– Não é pra tirarmos conclusões precipitadas – disse Pliskin. – Hunter é um nome muito comum.

– É mesmo. Porém, ele poderia ter escolhido Smith ou Brown – ressaltou Diane.

Ela lançou um olhar furtivo para Devernois-Klyne, cujo silêncio obstinado a surpreendia. Ele tinha os olhos fixos na foto da cena do crime de Louise e os lábios ligeiramente abertos. Relembrando aqueles policiais nos quais tinha percebido excitação sexual enquanto observavam fotos de mulheres vítimas de estupro, amarradas, estranguladas, Diane conjecturava : isso lhe dá uma ereção ou vontade de vomitar?

– Perguntas, doutor? – disse ela.

Ele pareceu cair de um sonho longínquo e respondeu com uma voz trêmula :

– Pode-se fazer uma ligação entre Stanley Armstrong e um... tráfico qualquer, do tipo daquele que Valdez organizava?

– É a pergunta, você tem razão – admitiu ela. – A investigação da época não explorou nada nesse sentido. Não havia motivos.

– Alguma coisa que estava na mochila. Poderiam ser DVDs pornôis com garotinhos – concordou Mannschatz.

– Chegamos à mesma conclusão. Mas os policiais do Departamento de Polícia de Nova Iorque não encontraram nada desse tipo na casa de Armstrong. Acredito que seria necessário, no entanto, retomar tudo desde o início, à luz dos novos elementos. Stanley Armstrong era solteiro. Nenhuma ligação conhecida com mulheres, nem antiga nem recente.

– Gay? – interveio Mike Bard.

– Possível, mas nada consta nos testemunhos recolhidos pela polícia. A não ser que fosse um homossexual ainda no armário, muito discreto. Ora, Armstrong vivia de rendas, sua única família eram a irmã hospitalizada em consequência de uma demência precoce e a sobrinha, que não via com tanta frequência. Em resumo, sem medos profissionais nem familiares. Por que, então,

tanta paranoia sobre suas escolhas se eram, como dizer... inofensivas, bastante banais?

– Ainda uma vez, Diane, acho que você tem a tendência de saltar pras conclusões – vociferou Pliskin, que se sentia cada vez mais excluído, uma sensação que detestava. Era o representante do diretor da base de Quantico. Com esse título, deveria ter sido o centro, a autoridade daquela reunião.

– Não são conclusões. Apenas hipóteses de trabalho.

– Que correm o risco de falsear o trabalho dos nossos agentes.

Ela levantou as sobrancelhas e respondeu, não sem ironia :

– Contudo, eles parecem ser meninos crescidos, aptos a se virar sozinhos. Não me diga que você incumbiu jovens influenciáveis de uma investigação internacional !

Ela leu a raiva no olhar que Pliskin lhe lançava. Ele tentou retomar as rédeas da discussão com a única carta que ainda tinha : a aversão de Bard pelos psicólogos em geral.

– Diane, por favor, faça um desenho do perfil psicológico do seu assassino, Nathan Hunter, se se trata dele mesmo.

– Com o quê? Suposições? Hipóteses? Vento? Contrariamente ao que pode parecer pra alguns, não utilizo bola de cristal. Analiso os fatos, reorganizo-os, destaco os elementos mais sugestivos. Isso pressupõe que tenha esses fatos comigo... e conto com estes senhores para que me ofereçam tais fatos – completou ela, destinando um sorriso quase cordial aos dois agentes.

Mike Bard e Gary Mannschatz fizeram uma curta pausa diante da máquina de café, sobretudo para se afastar um pouco de Pliskin. Bard lançou um olhar prudente a sua volta antes de perguntar, em voz baixa :

– O que acha?

– De quê? Pliskin é o idiota nojento perigoso de sempre e não para de cutucar a doutora Silver, o que faz com que eu tenha a tendência de vê-la com bons olhos.

– Sim... Ela é respondona, a mulherzinha !

– Humm, parece ser muito competente. Ouvi dizer que a filha dela foi massacrada, quero dizer, nojentamente massacrada por um

desses malucos varridos.

– E a investigação? – perguntou Bard.

– Não sei ainda se ela está completamente ou só um pouco podre.

– Por que diz isso?

– Porque estou certo de que Pliskin ainda tem na manga uma grande cartada, mesmo que eu não saiba qual é – explicou Mannschatz.

– Pois eu tenho minhas dúvidas é sobre ela.

– Escute, não tive a impressão de que ela estava brincando, “no fundo, os assassinos são as verdadeiras vítimas”.

– Não, não é isso.

– O que é, então? – insistiu Gary, tomando um gole do horrível café com uma careta.

– Ela está mentindo. Em alguns momentos. Sobre o assassino. Estou certo de que sabe mais coisas que não quer dizer.

– Talvez desconfie de Pliskin. E, quanto a isso, não está equivocada.

– Sim, mas isso não nos ajuda – comentou Mike.

– Seria preciso tentar fazê-la compreender que a gente está do lado dela. Enfim, pelo menos não do lado daquele bunda-mole do Pliskin.

– Fique atento – lembrou Mike lançando um novo olhar em volta. – Ele é realmente uma pessoa ruim.

Um sorriso sanguinário assomou aos lábios de Gary :

– Eu sei. Mas não o aconselho a ir contra a gente.

Esmagou seu copo com a mão e o jogou na lixeira, para pôr um fim à conversa antes que Mike lhe pedisse explicações.

De volta a seu escritório, acompanhada por Charles Devernois-Klyne, que a seguia como um cachorrinho, Diane acendeu um cigarro e deu uma longa tragada.

Sem esperar convite, tanto estava certo de que ele não viria, Charles se instalou em uma das cadeiras de visitantes e abriu sua grande caderneta sobre a mesa, caneta na mão.

– Como vai proceder agora, Dra. Silver?

Ela o olhou como se ele acabasse de lhe perguntar o tamanho de seu sutiã.

– Não vou fazer nada, mesmo. Você me ouviu : disponho somente de poucos fatos. Não vou perder meu tempo em elucubrações que levariam a lugar nenhum. Vou esperar.

Atônito, o advogado insistiu :

– Você não vai... enfim, não sei... orientar, conduzir a investigação policial?

Com ar zombeteiro, ela retorquiu :

– Ah? Quer dizer que você dormia durante a reunião, daí sua expressão apavorada enquanto examinava a foto de Louise Heurtel.

Apesar de sua experiência em dissimular, Devernois-Klyne enrubesceu. Diane batia na tecla com voz indiferente :

– Saiba que alguns homens sofrem frequentemente de uma... excitação erótica ao se depararem com fotos de mulheres espancadas e assassinadas? Sobretudo, no caso de estupro. Mesmo que, por outro lado, não estejam tentados a praticar o ato que tanto os horroriza. Eles entram numa fantasia, mas uma fantasia de estuprador.

O advogado se endireitou com um sobressalto. Seu verniz de afabilidade se quebrou de uma hora para outra, e ele arrotou :

– Você me considera um perverso, um maluco?

– Não mesmo. É uma informação que ofereço pra você. Para a sua dissertação.

A raiva fazia tremer a voz de Devernois-Klyne quando ele desferiu :

– Permita-me oferecer-lhe outra informação : não, as mulheres assassinadas, estupradas, decepadas não me provocam ereção ! Prefiro-as muito vivas e, se possível, cheias de bom humor !

– Então, por que a fascinação pela foto... que, além do mais, é provavelmente a menos interessante pra nós?

Ele pareceu se acalmar e se acomodou melhor na cadeira. Hesitou antes de prosseguir :

– É estranho... A expressão daquela menina...

– Os mortos não têm expressão.

– Pouco importa... talvez seja porque... porque ela, enfim, quero dizer... ela tinha sempre o rosto coberto pela pele... complicado... Já vi fotos de cenas de crime... nos trabalhos que consultei pra minha dissertação. Isso mexe comigo... me... dói. – De repente, desagradável, acrescentou : – Não vou inventar histórias : isso não me impede de dormir, mas, durante alguns segundos, sinto uma coisa, um sofrimento. Mas sem compaixão... sem emoção, nada. Enfim, tratava-se de uma garota assassinada... Minha indiferença me chocou.

Ela o observou em silêncio enquanto pegava um cigarro. Devernois-Klyne seria mais sutil do que imaginava? Menos antipático do que gostaria de acreditar? Talvez incomodado por seu longo silêncio, ele mudou de assunto :

– O que você vai fazer?

– Já disse : esperar, ficar em contato permanente com os dois agentes responsáveis pela investigação.

– O que você achou deles?

– É cedo ainda pra ter uma ideia – declarou ela, prudente. Ignorava as relações entre o advogado e Pliskin, o fuinha.

Ele se levantou e se despediu. Quando chegou à porta, virou-se para ela e murmurou, como se lamentasse :

– A vantagem de ficar em silêncio durante uma reunião é que a gente ouve o que os outros não dizem. Correndo o risco de arrombar uma porta aberta... Desconfie de Bob Pliskin.

– Sem brincadeira? – Ela riu, antes de retificar : – No entanto, obrigada. Não se preocupe : posso engolir dois do tamanho dele em cada café da manhã.

– Eu tinha... enfim, tinha a sensação de que ele tramava alguma coisa. Contra você.

– É claro. Como sempre. É o passatempo favorito dele. Cada um se diverte como pode !

Ela quase acrescentou que o objetivo de Pliskin era claro como água para quem o conhecia um pouco : colocá-la em uma investigação muito importante e fazer com que fosse desmoralizada. No entanto, faltava sutileza ao caro Bob e, segundo Diane, ele tinha cometido um erro ao escolher aqueles dois agentes

– pelo menos, Gary Mannschatz, uma vez que ainda não estava muito segura sobre a personalidade de Mike Bard, um “cara alto de ombros largos e que trabalha duro” para ficar completamente tranquila. A desconfiança que ainda sentia em relação ao advogado a dissuadiu disso.

[13](#) Caçador.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, junho de 2008*

Eram onze e meia. Diane Silver estava sentada a uma mesa perto da imensa janela do refeitório. A sala ainda estava quase deserta, com exceção de uma mesa na qual jovens futuros agentes, que a tinham cumprimentado afavelmente quando passara perto deles, carregando sua bandeja, almoçavam.

Tinha decidido que seus esforços – por mínimos que fossem – para ser educada com Charles Devernois-Klyne haviam acabado. Além disso, irritava-a a presença do advogado durante a única refeição digna desse nome que se permitia ao longo do dia : o resto de sua alimentação era constituído de amendoins, batatas fritas e, às vezes, nos grandes dias, até mesmo de um sanduíche que comprava no centro comercial não muito longe da sua casa. Dois dias antes, tinha decidido também ir almoçar muito cedo ou muito tarde, sem avisar o advogado, a fim de que ele não a seguisse no refeitório. Em defesa de Devernois-Klyne, Diane admitia que não sentia vontade de falar com ninguém. O silêncio a acalmava. Um silêncio perturbado somente pelos disparos que vinham do campo de tiro vizinho, abafados por uma espessa cortina de árvores e arbustos. As conversas com outras pessoas raramente interessavam Diane, exceto as que mantinha com Yves. Sentia falta das mudanças bruscas de assunto, das anedotas do policial francês. Sobretudo, sentia falta de suas intuições e de sua sutileza.

Diane atacou sua salada de lagosta, divertindo-se em apanhar com o garfo os tomates-cereja que rolavam no fundo do prato. Um pigarro artificial fez com que levantasse os olhos.

O agente Gary Mannschatz a olhava com seriedade, braços cruzados no peito.

– Bom dia, agente Mannschatz.

– Bom dia, doutora.

– Você tem algo a dizer?

Ele apertou a boca, refletindo, depois soltou :

– Não... Posso me juntar a você ou prefere ficar sozinha? Eu não ficaria aborrecido.

Ele tateava o terreno porque tinha algo a dizer. A transparência do homem ainda jovem era voluntária. Diane não duvidava disso.

– Um pouco de boa companhia jamais pode ser ruim.

– Que bom. Monto o meu prato e volto. Quer alguma coisa?

– Não, obrigada.

Ela o observou se afastar e entrar no longo corredor refrigerado no qual ficavam os aperitivos e as sobremesas. Mike Bard e Gary Mannschatz deviam ter hesitado. Era melhor abordar a psiquiatra, famosa por sua execrável personalidade, em dupla ou sozinho, e qual dos dois iria? Tinham feito a escolha correta. Ela ainda não estava segura a respeito de Bard e desconfiaria mais dele. Não que confiasse em Mannschatz.

Ela se permitiu um joguinho enquanto o esperava. O que haveria em sua bandeja? Nada de álcool, nem mesmo uma cerveja, era evidente. Um grande bife com batatas fritas? Não, ele não. Talvez Bard. Apostava numa sopa, um bife com salada, um laticínio e uma fatia de bolo, já que os homens, mais comilões do que, em geral, querem admitir, receiam que gostar de doces significasse uma espécie de fraqueza infantil.

Quando ele se instalou diante dela, Diane se deu mentalmente uma boa nota. Quase tudo certo, exceto a sopa : fora substituída por um prato de tomates com mozzarella. Na verdade, o jogo era mais um passatempo para Diane. Se podia prever o que ele iria comer, também não devia estar enganada sobre o que tinha percebido sobre ele na reunião.

Conversaram amenidades : o tempo, o estado bastante precário do estacionamento do Jefferson Building, que sofria pela falta de verbas, o terrível café servido ali, Mannschatz se extasiando com os

expressos que tinha degustado durante uma curta viagem à Itália alguns anos antes.

Diane não sabia se ele esperava que ela desse o primeiro passo – neste caso, ia ficar desapontado. Teria percebido isso?

– Eu... enfim, eu e Mike... a gente pensou que, já que vamos trabalhar em colaboração, é importante nos conhecermos melhor. Enfim, quero dizer, a gente conhece bem sua reputação, você já interveio em várias investigações nossas, mas nunca trabalhamos diretamente juntos.

– Bob Pliskin adora me oferecer alterações no quadro de investigadores – comentou Diane com voz neutra, terminando sua enorme salada.

– Humm, Pliskin.

Ela o fitou com seus olhos claros e repetiu :

– É isso : “Humm, Pliskin”.

Ele esboçou um sorriso, comentando :

– Vejo que é um de nossos bons amigos.

“Bravo”, pensou Diane. “Você acabou de, habilmente, me dar a primeira informação : não gosta de Pliskin e não está do lado dele. Entretanto, fiquem atentos, você e Mike. A bola do jogo está no meu campo. Devo mostrar que não tenho medo de Bob, o fuinha, e que ele não conseguirá atrapalhar meu trabalho.”

– Bob aplica ao pé da letra o ditado “dividir para melhor reinar”. É por isso que troca sem parar os investigadores designados pras minhas investigações. Teme que eu construa relações de confiança e, mesmo, de cordialidade com eles. Na verdade, teme tudo o que possa ser contra ele.

– Em geral, dá certo, como estratégia.

Ela colocou sua colherzinha na montanha de chantili que cobria a torta de nozes-pecã que escolhera como sobremesa.

– Isso não funciona muito bem comigo. Pliskin é muito previsível.

Ele a olhou por alguns segundos, se perguntando se podia apostar nela.

– Há quem diga que... você tem uma personalidade difícil – disse ele.

– Isso é quase um eufemismo.

– Em geral, as pessoas que possuem uma personalidade forte são bastante honestas, não?

– Em geral. – Ela degustou com prazer uma colher de creme e acrescentou com um sorriso pela metade : – Escute, Mannschatz, se sua pergunta é : “Você pode confiar em mim sobre Pliskin e Casney?”, a resposta é “Sim, absolutamente”. Mesmo se eu detestasse vocês, não estaria lhes fazendo nenhum favor... em todo caso, não o de armá-los contra alguém.

O agente Mannschatz suspirou de contentamento. Ele acabava de obter uma parte do que procurava.

– E você sabe por que não hesito em dizer isso? – continuou ela, fitando com ar pesaroso a montanha de creme que diminuía visivelmente. – Porque mesmo se você me denunciasse e contasse nossa conversa a Pliskin, não mudaria nada pra mim. Pliskin já me odeia o máximo possível, e não tem como odiar mais ! Ele não tem nenhuma razão objetiva pra isso. O caro Bob age somente na subjetividade absoluta, porque o mundo dele gira em torno do próprio umbigo.

– Isso mesmo – aprovou Gary saudando-a com seu copo de água. – Vamos ao trabalho?

– Vamos ao trabalho !

– Mike e eu tivemos a sensação de que você retinha informações durante a reunião. Provavelmente por causa da presença do “caro Bob”.

– Exatamente. Quero que ele acredite que não avancei uma polegada nem vou avançar, porque é o que ele espera faz anos. É o único meio de ele me deixar um pouco em paz.

– Muito inteligente.

Ele empilhou com cuidado os pratos vazios e passou o guardanapo na boca com um gesto quase elegante. Atacou seu iogurte *light* antes de prosseguir :

– Nada do que você me diga irá além dos ouvidos do Mike. Respondo por aquele grande indivíduo como por mim mesmo.

– Nada do que você me diga irá além dos meus ouvidos. Aprendi com um grande amigo da polícia francesa que formei como

profiler...

– O coronel Guéguen – interrompeu ele, pronunciando “gu-e-gu-en”. – A gente pesquisou um pouco sobre você, sobre seus métodos (note bem, não há muita coisa) e todo o resto...

“Todo o resto” significava também Leonor, e ela agradeceu por ele não ter pronunciado o nome da filha.

– É verdade, trata-se de Yves Guéguen. Os dois jovens franceses tinham ido bastante longe. Dois psicopatas. O menino já tinha cometido um homicídio. Um bebê. Asfixiado. Ele estava disposto a continuar. A menina ia seguir seu exemplo matando a própria mãe, depois o irmãozinho.

– Legal ! Crianças encantadoras !

Diane lançou-lhe um olhar incisivo e liquidou a última colher de creme antes de atacar a torta. Ele devia ir mais longe. Provar que eram capazes, ele e Mike, de conduzir essa investigação.

Mannschatz colocou cuidadosamente seu pote de iogurte raspado no prato e puxou o pires sobre o qual repousava uma grande fatia de bolo de banana coberto de creme inglês. Franziu as sobancelhas e perguntou, com voz lenta :

– Agora entendo melhor... havia coisas no seu discurso que pareciam um pouco forçadas...

– A animosidade de Bard pelos psicólogos? – brincou ela.

– Não é animosidade. Porém, Mike é bem rodado e já viu cada coisa ! Não é o caso de culpá-lo, ele tem seus motivos. Há psicólogos que, com suas bobagens... com todo o respeito, acabaram com algumas das investigações dele. Foi então que ele se tornou desconfiado.

– Eu sei. Os psicólogos são como o colesterol. Tem o bom e tem o ruim.

Ele riu :

– Vou dizer pra ele, isso deve agradá-lo. Ele tem. Colesterol, quero dizer. Voltando à investigação, ao tal do Nathan Hunter, ou assim suposto... Então, ele acaba com um pedófilo violento, que está no comércio de crianças, e com dois psicopatas iniciantes, sendo que um matou um bebê, maluco nojento, e a outra está a dois centímetros de assassinar a mãe e o irmãozinho.

– É isso.

– *A priori*, acho simpático, esse cara – ironizou Mannschatz.

– Eu também.

– Bom, um carniceiro, com seu lado de esfolador de vítimas masculinas. Você acredita que se trata de uma espécie de... como dizer... um sujeito que colocou na cabeça que era um justiceiro...

Bem, Mannschatz tinha chegado lá, como Yves, como ela.

– Confesso que me pergunto a mesma coisa a partir de certo momento. O coronel Guéguen também. O grande problema é que esse tipo de perfil não bate com a tipologia clássica dos assassinos em série, embora alguns tentem fazer crer, ou creem mesmo?, no contrário. Um assassino em série mata pra si mesmo, porque isso lhe dá prazer. Não pra prestar um serviço. Estamos diante de alguém muito inteligente e que tem dinheiro. Ele pode ir pro México, pra França. Pôde convencer Valdez de que tinha dinheiro pra comprar e dar a garantia de que não haveria sacanagem na negociação. Tenho certeza de que foi assim que ele venceu a desconfiança de Valdez : apresentando-se como um rico entusiasta de estupros de crianças. O porteiro do imóvel de Armstrong insistiu no fato de que o famoso visitante estava muito bem-vestido.

– Sim. Eu e Mike chegamos à mesma conclusão. É alguém que tem recursos intelectuais e financeiros.

Diane pensou que Pliskin ia se arrepender. Aqueles dois agentes eram bons.

– Concluindo, Gary – ela ficou surpresa de ter usado seu nome, uma familiaridade de que ela não gostava e que, no entanto, de repente se justificava –, tropeço numa contradição e preciso de você. É como lhe disse : um assassino em série clássico não faz favor pra sociedade, mesmo quando é esse o argumento que ele apresenta ou que apresenta para si mesmo. Suas vítimas são escolhidas subjetivamente, mesmo quando ele reescreve, *a posteriori*, a história dos assassinatos. Se nós... se vocês conseguirem encontrar alguma coisa na vida de Stanley Armstrong que justifique de algum modo a morte dele, isso significa que esse Nathan Hunter – partindo do princípio de que é ele mesmo – não é um assassino em série no sentido habitual do termo. Ele seleciona

as vítimas a partir de critérios objetivos. Isso não o torna menos perigoso. Além disso, e é o mais angustiante, significa que não poderei chegar até ele com as ferramentas clássicas.

– Está bem, nós vamos retomar a investigação sobre Armstrong desde o começo. Tenho ainda bons amigos no Departamento de Polícia de Nova Iorque... passei meus primeiros anos como policial lá.

– O que não impede que eles não gostem muito de pessoas do escritório.

– Ninguém gosta de nós. Mas a gente não liga, nós somos os melhores !

Ela não o corrigiu. Ele estava convencido, e isso era crucial, a seus olhos. Quanto a Diane, não se sentia pertencente a lugar algum. A nada que não fosse um terrível passado.

– Dra. Silver ! Estava a sua procura !

Diane e Gary viraram a cabeça em direção a Devernois-Klyne, que carregava sua bandeja com os braços esticados, de medo de que uma mancha maculasse seu belo traje.

– Ah, doutor... esqueci de avisá-lo que estava subindo pra almoçar – declarou ela, esforçando para ele perceber que mentia e que não desejava de maneira nenhuma sua companhia. – Infelizmente, terminei – completou, levantando-se da mesa.

Seria uma sombra de censura ou de arrependimento o que o olhar castanho escondia? Ela não saberia dizer e não ligava. Ele que se virasse. Não era sua mãe e não tinha de cortar seu bife nem segurar sua mão !

Seguida de Mannschatz, foi deixar a bandeja sobre o carrinho da cozinha e se dirigiu para o elevador.

– Você não gosta muito dele, né?

Ela olhou o superpolicial e falou, com voz calma :

– Não tenho uma louca paixão por pessoas que me vêm com conversa pra boi dormir. Ora, sei sempre quando estão contando mentiras.

– Seu trabalho?

Ela baixou a cabeça antes de corrigi-lo :

– Não, uma adorável menininha, muito esperta, que trazia pra casa cachorrinhos, gatinhos, hamsters ou gerbinhos que ela dizia ter encontrado no meio da rua e que era imperativo adotar.

– Eu... nada !

– Obrigada, agente Mannschatz. Até breve !

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, junho de 2008*

Uma frase de Sartre, gravada desde sua época de universidade, quando Charles Devernois-Klyne pensava em mudar o mundo, defender os pobres, lhe veio à mente : “Não se pode ser moral sozinho”. A vida tinha se encarregado de provar outra coisa : quase nunca se pode ser moralmente correto, porque estamos quase sempre sozinhos. A menos que a moralidade se tornasse o luxo supremo, uma arte difícil e rara, uma excelência, aquela de um ser – rico ou pobre – que procura a exceção, a perfeição em tudo. A superioridade derradeira. Diane Silver, sem um tostão. Seu cliente, riquíssimo, fascinado pelos assassinos em série, uma das cinquenta fortunas do planeta. Rupert Teelaney, o terceiro Rupert da família. Interesses variados : no petróleo, no armamento, na indústria farmacêutica, na indústria alimentícia, no lazer, no algodão e, agora o *must* : no carvão, o velho e muito novo ouro negro.

Os Teelaney eram uma dessas famílias bastante discretas. Aquelas de grandes fortunas, que fogem da publicidade, pois manipulam os fios do mundo nos bastidores. Rupert Teelaney, como seu pai e seu avô, não era de caprichos. Não exigia que abrissem para ele, no meio da noite, uma piscina olímpica, ou que a temperatura de sua suíte fosse exatamente de 23,5 graus. Não fazia escândalos porque o hotel no qual estava hospedado não servia sua marca preferida de água mineral. Não andava à procura de sexo, entupido de cocaína, para ser chupado por meninas recrutadas para isso. Às vezes, era olhado de lado nas boutiques de luxo porque seus jeans e seus tênis não impressionavam as

vendedoras, que ganhavam dez mil vezes menos do que ele podia gastar em um leilão num piscar de olhos. Teelaney não se dedicava a nada, exceto ao poder. Natural, uma vez que o tinha. Para ele, era como respirar. Rupert Teelaney vinha da grandiosa educação do dinheiro.

Na primeira vez que o encontrou, Charles tinha esperado por ele na Commonwealth Avenue, diante do hall do prestigioso escritório de advogados do qual finalmente havia se tornado sócio. Sob um imenso guarda-chuva para se proteger do aguaceiro sem-fim que caía, esperava ver estacionar ao longo da calçada uma limusine preta, dirigida por um chofer de uniforme. No lugar dela, um Volkswagen cor de açafião, réplica do glorioso fusca, com o para-choque dianteiro um pouco amassado, parou na sua frente. Um homem alto, de uma magreza musculosa muito masculina, saiu do carro com um largo sorriso que lhe iluminava o rosto. Ajustou os óculos para miopia com um gesto automático antes de estender a mão, exclamando :

– Doutor Devernois-Klyne? Teelaney. Rupert, pra todo mundo.

Charles tinha lançado um olhar embaraçado para o carro. Rupert Teelaney dera uma gargalhada sob as gordas gotas de chuva que molhavam seu cabelo crespo e sua camisa de linho azul.

– A lentidão e a paciência são luxos. Meus preferidos. Eu deixo o jato com minhas secretárias. Elas que corram, elas que se irrite. É pra isso que são pagas. Vamos almoçar? Estou morrendo de fome. Minha colaboradora, a incomparável, a insubstituível Elisabeth, reservou uma mesa, num restaurante simpático, não muito longe. Posso levá-lo? A propósito, eu não bebo, não fumo e sou vegetariano, mas... os hábitos ruins dos outros não me incomodam – concluiu ele com uma risada feliz e cúmplice.

Devernois-Klyne admitia de bom grado que Teelaney o fascinava. Certamente, a riqueza o fascinava desde sempre, provavelmente porque, sob seu verniz copiado dos outros, sentia falta dela. Entretanto, Teelaney transcendia a fortuna. Esta era tão evidente para ele que não pensava mais nela. E Rupert tinha a

paixão dentro de si, enquanto Devernois-Klyne perdera todas as suas, aborrecendo-se terrivelmente sem elas.

O advogado não conseguia adivinhar em quê, porém tinha dúvida de que Silver, aquela idiota imbecil, e Rupert Teelaney se pareciam. De um jeito estranho e inquietante, sem que conseguisse defini-lo. No fundo, apesar dos altos honorários, das participações nos lucros e dos bens, Devernois-Klyne jamais teria dinheiro suficiente para ficar tranquilo, enquanto os dois outros não ligavam para isso. Uma porque não tinha. O outro, porque tinha muito.

Alguma coisa estava acontecendo, uma mudança quase imperceptível estava se produzindo, e Devernois-Klyne não a queria, resistia.

Tinha apreciado Rupert Teelaney incondicionalmente, sem segundas intenções, simplesmente porque ele era bonito, inteligente, muito rico, muito poderoso. Qualidades antes de tudo genéticas e genealógicas. Resumindo, uma injustiça contra a qual era inútil lutar – uma constatação reconfortante. Contudo, começava a admirar o herdeiro por outras razões, as mesmas que o aproximavam de Silver, mesmo que não a suportasse e que a psiquiatra tivesse tido a indelicadeza de ir almoçar deixando-o plantado, sem nenhum pedido de desculpas, tão cara de pau era ela. Ambos, Diane e Teelaney, eram fortes. Um adjetivo convencional, não muito exato, mas que abrange uma característica difícil de descrever.

Uma emoção desagradável invadia Devernois-Klyne. Tinha plena consciência de não ser forte. Sempre tinha medo, apesar de seu apartamento, sua fazenda, sua pousada nova-iorquina e seu magnífico duplex no Beacon. Apesar das meninas espetaculares que levava aos melhores restaurantes de Boston. Apesar de sua Mercedes de duas portas.

De repente, tinha a horrível sensação de que era um menininho diante de dois adultos que o olhavam com uma piedade enternecida.

Lutou contra o desânimo que crescia dentro de si. Não pudera recusar a missão em Quantico – pois era disso que se tratava –, a despeito do fato de que, no início, ela tinha sido terrivelmente

aborrecida e agora lhe pesava. Ele havia, finalmente, se tornado sócio de seu escritório e devia atrair peixes grandes. Rupert Teelaney era um deles.

Uma dúvida se insinuava nele : e se Rupert tivesse escolhido seu escritório para transferir alguns de seus negócios apenas porque ele, Charles Devernois-Klyne, conhecia bem o senador Murray – padraсто de Edmond Casney Jr. –, que defendera brilhantemente num julgamento no qual Murray era, não por acaso, acusado de crime de *insider trading*¹⁴? E se todo o tempo seu único objetivo fosse se aproximar da esquiva doutora Diane Silver? E se, na mente de Rupert, não se tratasse de uma simples oportunidade surgida numa conversa, durante um almoço de negócios, mas de um plano muito bem pensado?

Charles delirava. O pessoal de Teelaney deveria ter lhe fornecido uma lista de cem fundações, instituições de caridade, bolsas de estudos que ele poderia criar a fim de perpetuar o prestigioso brasão familiar ligado à filantropia e obter substanciais reduções no imposto de renda.

Charles – para se gabar, admitia – já tinha contado sobre o processo em curso, no qual defendia o senador Murray, omitindo o fato de que Murray estava com os bolsos cheios graças a uma informação confidencial de última hora fornecida por alguns amigos. Em seguida, a conversa tinha naturalmente desembocado na base de Quantico, dirigida por Casney, o genro de Murray. Na sequência, a ideia tomou conta dos pensamentos de Teelaney. Nada mais normal : a maioria das pessoas se sente ao mesmo tempo repugnada e intrigada pelos assassinos em série. Desejar contribuir para sua prisão quando se tem os recursos de um Teelaney é uma ação cidadã, tanto quanto financiar uma bolsa de estudo sobre o meio ambiente – o que, aliás, Rupert fazia, sensível que era à ecologia.

Charles Devernois-Klyne se lembrava com precisão do chamado de Teelaney uma semana após aquele almoço.

– Charles... pensei de novo a respeito de nossa discussão sobre Quantico. Então, pedi a meu pessoal que pesquisasse um pouco. Minha família contribui com muitos trabalhos, criou fundações.

Porém, acredito que é importante seguir as evoluções da sociedade. É a única razão pela qual eu financio essa bolsa de estudos dedicada ao meio ambiente. Parece que há centenas de assassinos em série em liberdade no nosso país. Você se dá conta? É assustador. Contudo, as forças policiais, o FBI, seus especialistas em psicologia criminal, todos sofrem com a falta crônica de investimento. A formação de profissionais, o recrutamento, o material da informática, tudo é reduzido... Não é assim que se vai prender essas pessoas, que se vai impedir que elas façam mal a alguém, você não acha? Penso em todas as vítimas que eles vão fazer... Esses homens são abomináveis bombas-relógios, soltas pelas ruas. Isso jamais tinha passado pela minha cabeça, mas pelo que li, isso me deixa mal !

Charles Devernois-Klyne, que se esforçava para se antecipar aos pensamentos de seus grandes clientes a fim de lhes mostrar como as necessidades deles eram também as suas, tinha continuado o pensamento de Rupert.

– Poderia ser uma doação anual reservada à educação, ao equipamento de informática, esse tipo de coisas.

– Ah ! Boa ideia, Charles, boa ideia ! Suponho que essas pessoas desconfiam quando lhes oferecem dinheiro. E têm razão. Deixo a burocracia com você.

– Sem problema, Rupert.

Devernois-Klyne tinha aprendido uma coisa fundamental no contato com ricos e poderosos : jamais aventar um problema, uma dificuldade, nem mesmo uma impossibilidade. Eles não se importam. Pagam para poder não se importar. É preciso chegar sempre com a solução pronta.

– Perfeito !

– Vou cuidar disso imediatamente. Restam as deduções fiscais, que não podem ser esquecidas. Tudo é bem definido no caso de doações a instituições de caridade ou de arte, de saúde e de educação em geral. Nesse caso específico, duvido que haja precedentes, mas me encarrego de verificar. Deve haver uma forma de encontrar uma composição que conduza à educação, contando que Quantico esteja de acordo.

- Hã... você conhece bem o senador Murray, não é?
- Sim. Se precisar, dou uma ligada pra ele.
- Estou contando com você, Charles... Você cuida dos aspectos legais. Quanto a mim, vou prosseguir em minhas pesquisas e aperfeiçoar o conceito.

O termo “conceito” tinha deixado Charles seguro. Tudo aquilo era abstrato. Um projeto financiado por caridade como qualquer outro.

Até Rupert entrar novamente em contato, um mês depois. Faltavam elementos realmente consistentes. Tinha ouvido falar daquela psiquiatra, uma tal de Diane Silver. Uma expoente internacional entre os especialistas em psicologia criminal. Saber como trabalhava, quais eram exatamente suas necessidades permitiria direcionar a doação de modo a não jogar dinheiro pela janela.

Apesar de nada entusiasmante, a ideia de um estágio com a *profiler* tinha parecido lógica a Devernois-Klyne. Além disso, difícil recusar o que fosse a um Teelaney.

Hoje, porém, o advogado tinha suas dúvidas. Certamente, Rupert era um tipo capaz de se apaixonar por uma ideia, o que explicava que tivesse feito frutificar a gigantesca fortuna familiar. Entretanto, seu entusiasmo por esse projeto espantava o advogado. Era um entusiasmo tão grande que Rupert se esquecera de perguntar se podia se beneficiar das deduções de impostos referentes à grande doação a Quantico.

Uma conversa agitada com Diane Silver voltou à mente de Charles. Teelaney estaria querendo formar um tipo de milícia paga para caçar – e, por que não, eliminar – os assassinos em série? O advogado riu. Aquela paranoia estava passando para ele ! A visão de Rupert – o encantador míope vegetariano, amante de ecologia e de meditação, que não fumava, não bebia, um budista convicto acima de tudo – perseguindo assassinos faria rir, se não fosse tão grotesca.

Uma hipótese surgiu na cabeça do advogado. Ele desejou que fosse infundada, provavelmente porque, caso contrário, seria uma decepção. Neste mundo de “people” ultrajantes, no qual herdeiras

vestem seu cão *pinscher* com saias xadrez rosa e se deixam fotografar bêbadas na saída de casas noturnas, no qual cantoras medíocres mostram suas pernas e se excitam com champanhe para dar trabalho aos *paparazzi* – em resumo, neste mundo da vulgaridade triunfante, Rupert estaria pretendendo quebrar o elegante anonimato da família Teelaney? Pois o que é mais midiático que os assassinos em série? Então, o generoso benfeitor contribuiria para a prisão deles?

Não, nenhuma dessas especulações era compatível com o que tinha visto do seu riquíssimo cliente. Estava divagando em pensamentos para nada. No entanto, prever tudo, suspeitar de tudo, nunca acreditar em nada nem confiar em ninguém fazia parte de seu trabalho.

Rupert embarcara naquela aventura com paixão porque ele era apaixonado e, provavelmente, porque o tédio o rondava a cada dia. Tinha abraçado aquele projeto com a mesma energia com que abraçara o budismo ou o vegetarianismo, a ponto de oferecer uma vultosa quantia de dinheiro para um *chef* francês com o simples argumento de que ele tinha passado três anos em um mosteiro. Rupert tinha necessidade de se empolgar pelos projetos, de criar para si mesmo objetivos essenciais. Precisava sentir-se indispensável, atribuir urgência à vida. A cocaína e o álcool se tornavam supérfluos.

[14](#) *Insider trading* é a negociação de valores mobiliários baseada no conhecimento de informações relevantes que ainda não são de conhecimento público. (N. T.)

*Fredericksburg, Virgínia,
Estados Unidos, junho de 2008*

Apesar da vontade de explodir em soluços que lhe travava a garganta, ela adorava esses momentos. Fumar um cigarro bebendo um longo copo de uísque e observando cada curva do rosto de Leonor, que conhecia melhor que o seu. O jogo doloroso era sempre o mesmo : imaginar como a filha seria em dez anos, em vinte anos, em cinquenta anos. Ela seria parecida com a mãe, mais graciosa, menos enrugada. Diane sabia. Tinha feito a idiotice de conseguir o programa de computador para reconstituição facial utilizado pelos policiais nas investigações sobre pessoas desaparecidas. O ideal é partir de uma foto do sujeito quando jovem e outra de sua mãe, mais velha. Diane escaneara as duas fotos. O computador se encarregara de envelhecer Leonor. Até quarenta e cinco anos. Uma nova Diane, mais bonita, menos devastada.

Cinco uísques depois, tinha tido a execrável ideia de tingir os cabelos de sua filha. Leonor não teria gostado das mechas cinzas que manchavam o cabelo de sua mãe. Diane foi seguindo sua idiotice ou seu masoquismo até atenuar as rugas que riscavam o rosto de sua filha. Sem parecer uma dessas patéticas figuras que tentam fazer você engolir que rejuvenesceram trinta anos graças à meditação transcendental e aos peixes ricos em ômega-3, Leonor teria cuidado de seu visual. Um sexto uísque apagou Diane depois de salvar a foto retocada em um arquivo batizado de "proibido" e antes de tombar desacordada sobre a mesa.

O cheiro azedo de vômito, mistura de suco gástrico e álcool, acordou-a pela manhã. Uma enxaqueca lhe explodia nas têmporas.

Diane olhou a lista de arquivos na pasta "meus documentos". Nunca, nunca mais entraria naquele que se chamava "proibido". Exceto no dia em que decidisse morrer, pois nesse dia seria a única coisa reconfortante, ainda que devastadora, que lhe restaria.

Apagou sua bituca e entrou na caixa de mensagens. Um e-mail de Yves a aguardava :

Bom dia ou boa noite, cara Diane.

A investigação sobre os dois jovens psicopatas está um pouco parada. Tenho certeza de que o assassino voltou aos EUA ou ao Canadá. Terminou o que tinha a fazer aqui. Nós – os policiais franceses – nunca o encontraremos. Pus em prática uma de suas lições. Doa a quem doer ! Que se danem as pessoas, se esta é a única maneira de avançar : contei a Sara Heurtel a verdade sobre sua filha e Cyril. Ela não é o tipo de pessoa que rola no chão com uma crise de nervos. Muito educada e inteligente para isso. Eu, no entanto, tive a nítida impressão de que, se compreendia intelectualmente o que eu dizia, era incapaz de assimilar emocionalmente a informação. O verdadeiro choque virá mais tarde. Ela me detesta, é normal. Sou aquele que estragou a lembrança de sua filha. No final das contas, até gosto da irracionalidade das verdadeiras mães. É uma de suas melhores qualidades essenciais. Minha mãe era totalmente irracional com seus filhos. Adoro minha mãe. Não passa um dia em que eu não pense nela, embora tenha morrido há seis anos. De qualquer forma, Sara Heurtel quer encontrar você. Ela pode ir aos EUA quando for melhor pra você e fala o inglês perfeitamente.

Diane, não sei como confessar... Mencionei Leonor na conversa. Culpo-me terrivelmente por isso. Foi preciso. Você me perdoa?

Um abraço bem apertado,

Yves

Ela leu e releu as últimas frases sem concluir nada. Detestava que Leonor caísse na boca de estranhos. Sua filha, o terrível suplício de sua filha pertencia somente a elas duas. Entretanto, Yves nunca teria dado aquela informação irresponsavelmente, nem mesmo como trunfo para convencer alguém de alguma coisa. Além disso – e era a primeira vez que tal ideia passava pela mente de Diane –, Leonor podia se tornar o emblema de uma causa justa. Sua filha adorava ajudar, espalhar seu bom humor para quem estivesse a sua volta, no seu jeito de menina. Regava cuidadosamente a horta da varanda da senhora Colman, debilitada fisicamente por causa da artrose. Tocou a campainha do antipático senhor Crowford, quando ninguém o viu por três dias. Informava-se sobre a amigdalite da mulher do porteiro. Todo mundo adorava o pequeno anjo, e ela às vezes se perguntava, apavorada, se a filha não terminaria em uma ordem religiosa ou em alguma ONG obscura – que, é claro, enviaria seus membros para países horrivelmente perigosos. Diane tinha tudo imaginado, antecipado, temido. Tudo, exceto aquilo. Exceto a realidade.

Eu perdoo, naturalmente. Se você disse o que disse, foi porque não podia ser diferente, ou porque, no mínimo, achou que era importante. No entanto, não preciso me encontrar com outra mãe desesperada. Eu me basto e já tenho bastante dificuldade de me suportar ! Não quero recebê-la. Pra mim, ela não tem nenhuma utilidade. Tudo o que pode fazer é me encher a paciência.

Como se recuperou minha xará da gastrite?

Um abraço.

Silver.

Diane passou a hora seguinte debruçada sobre seu outro trabalho pendente. Aquele estrangulador de Boston lhe trazia um problema insolúvel. Seu perfil era tão banal que um quarto dos homens da cidade teria podido se candidatar. Uma agulha em um

gigantesco palheiro. Se o tivesse visto diante de si, se ele lhe tivesse dito três frases, imediatamente ela o teria reconhecido. Mas levaria tempo até chegarem a ele, e haveria outras prostitutas mortas. A menos que fosse pego por um delito, um roubo, uma multa de trânsito, uma bobagem qualquer que revelasse suas impressões digitais, as quais saíam na Associação Francesa de Informação Científica e chegariam até ela. Sem isso, não havia muito como encontrar o rastro do criminoso. Droga ! Diane o odiava com cada fibra de seu ser. Como odiava todos os outros assassinos. O problema é que era a única a odiá-lo. Não podia nem mesmo culpar os policiais que colocavam o caso em segundo plano. O homem pegava somente putas de baixo nível. Aquelas que enchiam o saco dos policiais, que gritavam, que os insultavam quando eram presas por uma noite. Que defendiam seus cafetões. Que traficavam para pagar o vício. Os caras do Departamento de Polícia de Boston não aguentavam mais, como todos os policiais das grandes cidades. Cada um tinha sua obsessão por uma investigação, algo inacabado que não largavam e a que dedicavam seu tempo livre, pois ali tinham deixado um pedaço de sua alma : uma adorável mãe de família encontrada sem vida em um estacionamento por causa de quarenta dólares, um encantador senhor de idade espancado até a morte por uns filhos da mãe porque tinha passado por eles com a cabeça erguida, uma jovem estuprada e estrangulada quando saía da missa de domingo. Enfim, vítimas cuja perda toda a vizinhança lamentava. Não putas, que causavam úlceras nos homens de bem, apesar do serviço que prestavam à comunidade. Estranhamente, os policiais não eram uma exceção à regra : todos esqueciam que, se não houvesse demanda, não haveria oferta.

O sininho alegre da caixa de mensagens a tirou da contemplação das fotos das cenas de crime, que nem via mais, de tanto que as conhecia.

Eu compreendo você, minha cara, mas pense bem : se minha teoria histórica estiver correta – o que duvido, mas a gente nunca sabe –, se aquele homem queria proteger

Sara Heurtel, ela o conhecia. De uma maneira ou de outra, mesmo se ela ignora o fato. Não temos nada pra chegar até esse cara, e você sabe disso. Ele é muito inteligente. Duvido que cometa uma bobagem que nos leve a ele. O perfil psicológico não nos servirá. O que mais? Ele tem entre trinta e quarenta anos, é branco, inteligente, tem dinheiro e, se confiarmos na descrição do porteiro do prédio de Armstrong, é alto e de cabelos castanho-claros na altura dos ombros. Isso deve corresponder a cerca de vinte ou trinta milhões de norte-americanos, sem contar os canadenses de língua inglesa, e ele pode ser canadense. Você faz o que com isso? Acredito que precisamos de uma investigação policial tradicional. Sara Heurtel é a nossa única ligação com o assassino, a menos que eu esteja enganado, o que é possível.

Sua homônima está curada. Ela come como uma vaca. No fundo, ela se parece um pouco com você. Um dia desses, durante um tranquilo passeio nas ruas de Paris, saltou sobre um rottweiler, que nem virou a cabeça. Eram cinquenta quilos de músculos bem relaxados, mas ainda perigosos, contra os quase dez da minha cachorrinha. Isso não pareceu impressioná-la. Uma verdadeira sarna. Um frio me subiu pela espinha. Não ela, mas o animal preto e perigoso mantinha uma calma olímpica e se perguntava, obviamente, o que aquela buldoguezinha queria com ele.

*Um abraço,
Yves.*

Diane acendeu um cigarro de aborrecimento. Tinha cigarros de calma, de exasperação, de prazer – os mais raros –, de tensão, de reflexão e de aborrecimento. Uma nomenclatura precisa que só os fumantes conhecem. Não queria se encontrar com Heurtel. Para fazer o quê? Voltar com ela ao passado nos mínimos detalhes, procurar onde poderia ter cruzado com o assassino? Yves era perfeitamente capaz disso. Diane não tinha vontade de fazer vir à

tona outra dor insondável. Merda ! Aquela mulher que procurasse os sites na internet : havia vários, criados por parentes de luto que faziam um trabalho formidável ao permitir que outros contassem seu sofrimento extremo. Diane não queria mais uma dor por causa de uma criança. Não tinha mais espaço para isso.

*Obrigada pela comparação : estou lisonjeada. Por outro lado, poderia saltar no pescoço de um rottweiler, exceto que disfarçadamente, consciente de minhas fraquezas, eu anestesiaria o cachorro antes !
Não quero ver essa mulher. Você pode se virar sozinho.
Descobrir onde ela pode ter encontrado esse homem.*

Alguns minutos mais tarde.

Ela não falará comigo. Eu disse que me detesta. Além disso, acredito que ela construiu mentalmente uma equação clássica nas mulheres : nenhum homem pode compreendê-las, pois nenhum homem tem filhos. Ela não fará o mínimo esforço para se abrir comigo. Permanecerá enclausurada na sua fortaleza de dor. Acho que, inconscientemente, ela criou na cabeça um vínculo : você e Leonor, ela e Louise.

A fúria a fez gemer quando leu a mensagem. Se Yves estivesse ao seu lado, ela o teria xingado. Digitou, louca de raiva :

O quê? O que você está falando? O que é essa ligação de merda entre minha filha e essa maluca da Louise, que queria matar a mãe e o irmão?

Colocou seu copo na mesa quando a resposta chegou, pronta para o confronto :

Diane, Diane, fique lúcida e imparcial como você me ensinou a ser. Eu não disse que existia uma ligação : disse

que Sara tinha formado uma em sua cabeça, e que isso poderia ser um trunfo pra nós. Também expliquei que Sara Heurtel não tinha ainda "assimilado emocionalmente" o fato de que sua filha IRIA matá-la. Diane, você me conhece tão pouco, tão mal assim?

Diane releu os últimos e-mails de Yves antes de responder. Porra, ela estaria perdendo o senso de realidade? Tudo mudava quando Leonor estava envolvida, tudo ganhava contornos cortantes, dolorosos. As reações de Diane se tornavam viscerais, embora nunca tivessem sido assim. Antes. Visceral e estúpida.

Perdão. Perdão de verdade. Você sabe, não digeri nada, não consegui atenuar nada ao longo de todos esses anos. Sinto muito, Yves. Você é a única pessoa em que confio. Peço desculpas, do fundo do meu coração. Estou disposta a receber a mulher, rapidamente, se você a acompanhar. Avisa pra ela. Não tolerarei nenhuma crise de nervos de mãe desesperada. Ou ela pode me ajudar a pegar o assassino de sua filha, ou ela não tem nada que interesse e vai embora. Se você soubesse o número de pais devastados, que não compreendiam nada, que identificavam, catatônicos, a filha ou o filho, com os quais me deparei ao longo de minhas investigações ! Uma mãe devastada a mais ou a menos não mudará nada. Sei tudo sobre estar devastada. Está no meu DNA, como um futuro câncer esperando se manifestar. Está fora de cogitação que essa Heurtel me faça perder meu tempo...

Seu celular vibrou. Ela olhou aborrecida para a caixa prateada que rastejava sobre sua mesa, como um grande inseto futurista.

– Alô?

Diane escutou seu interlocutor, que parecia feliz, como se fosse anunciar uma boa notícia.

– Tudo bem. Estou indo. Obrigada. Aviso ao pessoal em Quantico.

Desligou e terminou de escrever seu e-mail.

Um imprevisto, devo sair. Não reli o que escrevi. Concordo. VOCÊ a traz – isso quer dizer que VOCÊ a acompanha e que VOCÊ evita crises de histeria. Um abraço forte. Silver.

Em seguida, Diane deu dois telefonemas, durante os quais se irritou, sem nunca levantar o tom de voz, mas conseguiu o que queria ameaçando com o descontentamento de Edmond Casney Jr. e de Bob Pliskin, que afirmou ter tentado contatar, sem sucesso. Uma grande mentira. Não era a primeira. Na verdade, se pudesse passar despercebido, Pliskin teria, com muito gosto, dado um jeito de atrapalhar. Talvez Casney também. Ela não tinha certeza.

*Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, junho de 2008*

O Bell Jet Ranger aterrissou suavemente na pequena base militar relegada aos confins do Aeroporto Internacional de Logan, que ocupa uma faixa de terra na frente de Deer Island. Um carro do Departamento de Polícia de Boston a esperava. O chofer, um policial alto, negro, que não devia ter trinta anos, recebeu-a com entusiasmo, perguntando sobre as condições de voo, garantindo que lhe seria oferecido um café assim que possível.

– Uma bela noite, não é? – comentou ele, satisfeito. – É a Somerville. Nessa hora, não vai levar muito tempo. A senhora prefere sentar atrás ou no banco do passageiro?

Diane pensava que poderia muito bem ser uma turista guiada em uma espécie de *Boston by night*. À direita, o Museu de Ciências e o Hayden Planetarium; à esquerda, o Massachusetts General Hospital...

– O banco dos passageiros, se isso não incomoda você. Assim, você vai me contando tudo.

Ele deu de ombros, lamentando um pouco, e informou :

– Bem, não sei muita coisa. Eu não estou no caso. A Central me contatou porque eu estava patrulhando perto de Logan quando o piloto comunicou sua chegada.

– Você patrulha sozinho?

O belo rosto se fechou e o motorista baixou os olhos antes de admitir, em voz baixa :

– É só por uma ou duas noites, até que me encontrem outro parceiro. Eu não queria ficar em casa. Meu parceiro foi baleado.

Está no Brigham and Women Hospital. Caramba... eu não vi o tiro !

Diane Silver o olhou com um olhar inquisidor, sem formular nenhuma pergunta, a fim de que ele pudesse prosseguir ou silenciar, de acordo com sua vontade.

– Uma discussão boba. O marido não concordava que a gente levasse sua mulher antes que ele acabasse com ela com tapas e pontapés. Eu dei uns dois tapas nele. Ele pareceu se acalmar. Se sentou no sofá... Enquanto Bert chamava uma ambulância, o cara pegou uma arma e atirou. Em Bert, embora fosse eu que tivesse batido nele...

“Normal para um homem que bate em mulher”, pensou Diane. “Esses caras não atacam os machos alfa. Eles batem nos cachorros, nas crianças e nas mulheres. Não nos machos dominantes.”

– Porra, eu não vi nada. Ele parecia parado, o cara, senhora, hã... doutora.

– Tudo bem.

Diane procurou o que dizer para aliviar um pouco a culpa que ele sentia por não ter sido capaz de proteger seu companheiro. Ela explicou :

– Se Bert o tivesse acalmado com duas bofetadas, ele iria atirar em você.

– Você acha isso?

– Não. Tenho certeza.

Sua convicção pareceu apaziguar um pouco o jovem policial. De repente, o tiroteio no qual seu parceiro tinha sido ferido se tornava mais aleatório, menos sua responsabilidade.

Sincero, ele disse :

– Obrigado, senhora... doutora. Vamos lá? Primeiro eu deixo você. Em seguida, entro no meu turno e depois farei um pouco de companhia a Bert.

– Diga pra ela que desejo uma recuperação rápida.

– Não me esquecerei.

As ruas de Boston e de Somerville estavam sempre um pouco vazias no início da manhã ou tarde da noite. O *Somerville Olde Motel* tinha esse nome de inspiração shakespeariana devido ao

conjunto de seus quatro paralelepípedos de concreto cinza, a seus telhados planos eriçados por parabólicas e antenas e aos raros canteiros amarelados e rasteiros, cansados de meio século de xixi de cachorro.

A maioria dos veículos da polícia tinha saído após os primeiros chamados da ocorrência. Um furgão funerário azul-marinho esperava em uma esquina. Diane percebeu a ponta incandescente do cigarro ilegal que seu motorista fumava, ainda instalado atrás do volante.

Seu chofer do Departamento de Polícia de Boston a fez passar sob a fita da cena do crime que cercava o pequeno estacionamento em torno do prédio de um andar que continha uma dezena de quartos. Ao chegar ao sexto quarto, cuja porta estava aberta, ele cumprimentou seus colegas, advertindo-os da chegada da "doutora de Quantico", antes de apertar a mão de Diane com efusão e de murmurar :

– Vai dar tudo certo, né?

Diane não soube se era uma palavra de conforto para seu uso ou uma mensagem para ele mesmo. Talvez as duas coisas. Acenou com a cabeça em sinal de concordância :

– Vai dar tudo muito certo. Obrigada, oficial.

Os dois policiais sentados se levantaram quando ela entrou, um esforço que não tinham julgado necessário quando o colega os tinha advertido sobre a chegada de Diane.

Pequenas caixas de papelão de estilo chinês, um par de pedaços de pau e um papel vegetal marrom que guardava um hambúrguer estavam sobre a mesa de centro deslocada para junto da parede, na diagonal da televisão ligada, sem som. Diane notou as cinco latas de cerveja que os caras tinham bebido enquanto a esperavam. Eles não deviam estar particularmente contentes por ter de velar durante horas o cadáver que jazia, amarrado, não muito longe da cama. Uma morena de menos de trinta anos, como Diane percebia em seu perfil acinzentado.

– Sargento Ray Fuller – anunciou o policial mais velho, um homem exageradamente gordo, cujo colarinho estava aureolado de suor.

– Sargento John McNally – apresentou-se o segundo, trinta e dois ou trinta e três anos, parecendo mais desperto que o parceiro.

Ele apontou para a vítima com um movimento de queixo e comentou :

– Coisa feia. Foram os ocupantes do quarto 4 que chamaram o recepcionista. A televisão berrava.

– Humm... Dra. Diane Silver. FBI. A gente sabe quem é?

– Bernice Claybone – afirmou Fuller. – Vulgo Chloé. É verdade que Bernice não é o nome mais excitante, mesmo para um tipo necessitado – brincou o policial gordo. – Tirando a minha tia-avó, não conheço ninguém que tenha um nome desses ! E garanto que minha tia-avó precisaria estar com fome para...

– Raymond... não tem nada aqui pra deixar alguém molhado –, ela o repreendeu em tom calmo, observando sua grande barriga e sua cabeça careca e brilhante com uma careta que forçava a repugnância.

Ele emudeceu. Jamais teria pensado que uma famosa especialista em psicologia criminal de Quantico poderia dizer coisa semelhante. Nem por um segundo ele entendia a que ponto estava desrespeitando a pobre jovem estendida no chão, estrangulada, cujo maior erro tinha sido tornar-se o fantoche sexual de um maníaco.

Silêncio constrangedor. O olhar de gelo passou sem pressa por Fuller e McNally. Diane respondeu com sua voz lenta, séria e sem emoção :

– Um esclarecimento : ninguém me suporta. Vocês podem me detestar, dizer todas as bobagens que quiserem sobre mim. Não me incomoda. Acho até muito divertido. Em compensação, o que me incomoda é sua presença. Vão pegar um ar. Preciso ficar sozinha.

Eles a olhavam como se ela tivesse acabado de baixar a calcinha. Não. Pelo menos, isso teria sido divertido. Mas não o desprezo impassível dela.

Após segundos de hesitação, ambos os policiais deixaram o quarto.

Diane suspirou aliviada. Os dois ali, no mesmo lugar que ela, lhe envenenavam o cérebro, a impediam de pensar.

Ela se virou lentamente. Um canto da coberta de flores roxas sobre fundo azul tinha sido dobrado. Em diagonal, duas cadeiras de plástico cinza moldado ladeavam uma mesa de centro com uma bandeja de fórmica preta, sobre a qual os dois policiais tinham feito uma refeição. Cheiro de cigarro. No cinzeiro sobre a mesa, bitucas esmagadas num canto. De Fuller, provavelmente. As cortinas duplas curtas, em tecido encerado cinza-escuro, cobriam parcialmente a comprida janela retangular. Os policiais deviam tê-las fechado. O pinga-pinga enlouquecedor de uma torneira do banheiro com a junta de vedação defeituosa. O tapete raso, cinza também. Na entrada do banheiro, uma grande marca marrom-clara. Provavelmente, de uma antiga infiltração. Mais distante, o piso de ladrilho bege. Diane caminhou alguns passos e curvou a cabeça para observar o minúsculo banheiro. Depois se voltou para a cama.

Seu olhar caiu, enfim, sobre Chloé. Ela contornou o cadáver da jovem e se sentou na borda da cama, sem tirar os olhos da moça. Como nos outros casos : os braços amarrados nas costas por uma meia-calça, pernas fechadas, amarradas com cordas em três lugares. O resíduo embranquecido e um pouco brilhante do esperma seco no alto de suas coxas unidas. Ela jazia de bruços, o rosto de perfil, os olhos abertos.

O sorriso de Leonor, sua grande margarida alaranjada na mão. Diane a imaginou sobre a parede daquele quarto de motel, coberta por uma espécie de tapete cheio de nervuras, de um bege acinzentado de poeira.

Diane mergulhou em seus pensamentos, lentamente, muito lentamente, acompanhada pelo sorriso de sua filha. O eco da conversa dos dois detetives do Departamento de Polícia de Boston, que tagarelavam no estacionamento, se atenuou até não formar mais que um murmúrio insistente, mas indistinto.

Ela o via. De costas. Como sempre. Quanto ao resto – suas expressões –, se impunham a ela.

Tamanho e estrutura física modestas, moreno. Cabelo ondulado até o ombro. Rosto de adolescente, ou de um rapaz jovem. Nada de muito ostensivamente masculino. É provável que sorrisse timidamente enquanto a moça o precedia a caminho do quarto. Ela

começou imediatamente a provocá-lo. Tinha todo o interesse em que tudo acabasse rápido, para poder retornar logo à rua, à caça aos clientes. Ele a empurrava com gentileza, indicando-lhe o banheiro. Um pouco irritada pelo contratempo, ela aquiescia. Diane via a ambos de costas. A prostituta se dirigia ao lavabo, baixando a calcinha. Ele tirava um bastão curto do bolso e escondia a mão armada atrás das costas.

Diane fechou os olhos, expirando com a boca aberta. Não tinha necessidade de olhar o banheiro. Dois segundos tinham sido suficientes para memorizá-lo para sempre. Os azulejos azul-calcinha manchados pelo calcário acima do lavabo e no box da ducha. O chão bege. A cortina florida de plástico marrom. A torneira que pingava, provavelmente havia meses, deixando uma pequena poça oval de borra esverdeada em seu caminho. O espelho retangular, chumbado para que clientes indelicados não o carregassem, a lâmpada que pendia do teto – nua, pelo mesmo motivo. O tipo de estabelecimento onde se paga primeiro e onde se deixa uma caução de cinquenta dólares em troca de dois lençóis, de metade de um rolo de papel higiênico, de duas toalhas de rosto, sem esquecer um pedaço de sabonete.

Diane fitou o perfil da morta, o nariz retocado, o rosto dourado pelo excesso de base, o batom borrado na comissura dos lábios, a sombra verde demais para uma morena de olhos castanhos.

Os lábios de Diane murmuraram, sem som : “Olhe pra mim, Chloé. Olhe pra mim pra que eu possa vê-lo, pra que eu acabe de compreender”.

Chloé que se aproximava do espelho, que erguia os olhos. Belos olhos castanhos sob a maquiagem exagerada. Olhos que em breve iam se apagar. Ele chegava por trás dela, no espelho. O olhar de Diane recaiu na coisa que sobressaía em seu pescoço. No pescoço dele. Uma cruz. Uma grande cruz de madeira, nua, do tipo daquelas que se distribuem durante as peregrinações ou os encontros de crentes. O braço armado do assassino se erguia e descia com tudo sobre o crânio de Chloé. Um gesto controlado. Era importante que ela não morresse naquele momento. Chloé caía no chão.

A cruz que escorregava por uma fina tira de couro.

Num jardim público, a mão esquerda ornada com um anel de noivado e uma aliança se estendia para Leonor.

Diane se sentiu como que descolada de seu corpo. Voltou para o aqui e o agora. A cruz do assassino. O anel do caçador. Símbolos. Ela sabia. Sua mente lhe oferecia símbolos a decifrar. Não visões. Nos dois casos, indícios de normalidade, de bondade. Um homem que parece um juvenzinho e que carrega uma grande cruz não pode fazer mal, não é? Assim como uma mulher casada, talvez mãe. Tranquilizar as vítimas. Aplacar sua desconfiança para melhor torturá-las.

A psiquiatra quis se levantar daquela cama que a repugnava. Sair daquele quarto que lhe dava náusea. Indicar, aos dois policiais e ao instituto médico-legal, apenas com um gesto, que tinha terminado, que eles podiam colocar o corpo num saco e levá-lo. Entretanto, ficava ali, congelada, observando cada centímetro quadrado da vítima, voltando de novo e de novo para a dobra dos joelhos. Chloé, ela se chamava Chloé. A decomposição viria em seguida. Ela se juntaria ao deserto sem fim daqueles que morreram. Uma família a procuraria, ou acabaria na vala comum, como suas tantas outras irmãs de infortúnio? Diane se sacudiu. Não era seu problema. Sua missão consistia em prender o assassino.

De repente, compreendeu. Compreendeu por que não conseguia tirar os olhos das pernas amarradas de Chloé.

– Hã... doutora... a gente pode levar o corpo?

Diane voltou os olhos para o assistente do necrotério de blusa azul-escuro. Não o tinha ouvido subir os dois degraus que levavam ao quarto. Assentiu com um sinal de cabeça. Depois, virando-se para um dos policiais emoldurados pela porta – aquele que tinha tido a compaixão de se referir à defunta com um “Coisa feia” –, o tal McNally, ela disse :

– Detetive, terminei. Você pode me levar ao aeroporto de Logan. Quero voltar a Quantico o mais depressa possível.

Paris, França, junho de 2008

Sara tinha tentado negociar com Victor, mas o menino estava inflexível : ele a acompanharia aos Estados Unidos e, se ela acreditava que ele podia ver ou escutar algo pior do que os dois acabavam de viver, estava redondamente enganada !

À teimosia do filho, somava-se a apreensão de Sara quando o menino se afastava dela, mesmo para ir à escola ou à academia de artes marciais. Ela não parava de contar os minutos, consultando o relógio umas vinte vezes, perguntando-se se o menino não estaria atrasado, e por quê. Se não era o caso de ir atrás dele. Cada instante sem Victor era semeado por uma angústia lancinante. E se acontecesse alguma coisa com seu filho? Sara estava convencida de que somente sua presença, a da mãe, era capaz de afastar qualquer ameaça. Que ameaças? Não tinha a menor ideia. Mas, agora, parecia a ela que o mundo tinha se transformado numa gigantesca armadilha, que cada instante escondia perigos. Detestava sua irracionalidade, logo ela, tão grata por seu pragmatismo, e lamentava ter requisitado uma licença não remunerada no laboratório. Pelo menos quando mergulhava no trabalho, a sensação de que a morte rondava Victor e ela se atenuava um pouco.

E depois, tinha de admitir : ninguém tinha se oferecido para cuidar de Victor – no entanto, tão fácil de conviver – durante a ausência de sua mãe, com exceção de uma colega de laboratório que esperava que Sara lhe desse um empurrãozinho para conseguir o posto de engenheiro assistente. Com medo das fofocas da vizinhança, a mãe de Sara teria, a contragosto, aceitado ser babá, o

que não lhe agradava nem um pouco. Sua mãe sempre tinha agido em função do que a senhora Fulana ou o senhor Sicrano podiam pensar dela. Nunca teve paixão por crianças. Disse isso um dia, sem rodeios :

– Minha querida, se houvesse pílula na minha época, jamais teria tido você ! Teu irmão me bastava. Sonhava com uma vida mais... divertida...

Nada melhor para construir a personalidade de uma criança, mas Sara fingia que não ouvia, como todo o resto. Sua mãe não a amava, porque era incapaz de amar. Todas as coisas boas que a menina perseguia obstinadamente para lhe trazer, todos os cinzeiros de massinha de modelar, todas as felicitações das bancas acadêmicas, todos os seus esforços para agradar e ser amada não mudavam nada. Sara tinha levado, simplesmente, quase quarenta anos para admitir isso. Quarenta anos para tirar da cabeça que era culpada pela falta de amor de sua mãe.

De seu pai, morto quando tinha quatro anos, conservou apenas uma lembrança muito vaga, inventada, reconstituída a partir de algumas fotos em que ele aparecia sorrindo. Na sua preferida, ele estava bronzeado, de calção de banho, sentado em uma praia. Um vento forte soprava, despenteando-o. Esticava o braço para apontar alguma coisa longe. Ria. Na lembrança fantasiosa de Sara, seu pai ria muito. Era muito alegre. Contava-lhe um monte de histórias. Por causa da foto. Finalmente, ela admitia : talvez fosse uma sorte ele ter morrido tão jovem, sem que ela o tivesse conhecido. Sem ele ter tido tempo de decepcioná-la. O pai tinha sido seu talismã, seu remédio, seu analgésico contra sua mãe. E se ele a tivesse decepcionado? Se ele fosse como sua mãe? Se tudo em torno dele fosse pintado de amargura, porque era incapaz de amar quem quer que fosse? Sara provavelmente não teria resistido. Nunca teria conseguido resistir com tanta energia ao comportamento de bruxa de sua mãe.

Victor também tinha falado sobre a possibilidade de ficar com a avó :

– Ah, não, a vovó não. Você não pode fazer isso ! Uma tarde até que vai. Você pensa em outra coisa. Mas vários dias é de matar ! Eu não quero morrer.

– O que quer dizer?

– Não me diga que você não notou. Todo mundo morre em volta dela, menos ela. O marido dela, logo, seu pai, o irmão dela, de quem ela tomava conta, o seu irmão, que teve a má ideia de voltar a viver com ela, todos os gatos e cães que ela recolheu e que se foram em poucos anos. Não sei... Ela absorve a vida. Ela detesta a vida...

– Chega, Victor, você não pode dizer isso da sua avó !

– Por que não, se é verdade? Você sempre me disse que era preciso encarar a verdade, não?

Sara não tinha respondido nada. Ele tinha razão. Sua mãe era mortífera. Tudo morria ao redor dela. Menos ela.

– Escute, querido... isso não vai ser... simples. Vou encontrar uma mulher, uma psiquiatra, especialista em psicologia criminal. Nada fácil, pelo que entendi. Hã... A filhinha dela morreu... assassinada por um louco...

Ela detestava falar como se Victor fosse um adulto, ou quase. Por outro lado, ele era provavelmente o mais adulto entre as pessoas com quem ela convivia ultimamente. Tirando Guéguen, que ela não suportava – pelos motivos errados, sabia. Victor lhe evitava a futilidade contra a qual não se pode lutar sob pena de passar por um terrível cínico. “Não tem nada mais magnífico que uma mãe !”. E se a supracitada mãe é incapaz de amar, ela é sempre magnífica? “As crianças são uma preocupação, mas não existe alegria maior !” Mesmo quando querem acabar com você?

– Bem, pelo menos, estarei lá pra reconfortar você.

– Victor... Hã... Victor, não tenho cuidado muito... suficientemente de você... depois da morte de sua irmã e tudo o mais. Enfim, quero dizer... Tenho estado um pouco – bastante, até – absorta, e não prestei muita atenção no que se passava ao redor de mim e... eu me detesto por isso. Não sei exatamente o que você

tem passado... Tenho a impressão de que se sentiu obrigado a cuidar de mim. Eu... eu... quero dizer que se eu tivesse enfrentado tudo, como deveria ter feito... você teria sido apenas um menino que chora a falta da irmã, em vez de tentar erguer sua mãe devastada. Enfim, não estive à altura da situação.

Sério, o menino segurou a mão da mãe e a apertou forte, antes de beijá-la.

– Escute mãe... a gente concorda que é preciso dizer a verdade, exceto quando ela não é muito necessária e pode fazer mal às pessoas boas, não é?

– É.

– O problema é que eu não sei se isso vai te fazer mal...

Sara acariciou a cabeça do filho. Um dia, ela devia ter feito algo especial, sem perceber, para merecer Victor.

– Diga, querido.

– Hã... mãe... Não senti muita dor, não se preocupe. Enfim, quero dizer... fiquei mal porque você chorava e tomava todos aqueles comprimidos pra dormir e não comia. Mas por Louise... bem, isso realmente não me fez mal. Eu não amava tanto ela, mamãe. Mesmo antes de ela ficar irritante. Lamento dizer isso. Mas é melhor. Assim você vai parar de se preocupar comigo. Apenas você importa pra mim. Com ou sem Louise, não muda muito. Pra mim.

Sara fechou as pálpebras. Victor teria percebido em Louise alguma coisa podre, que ela mesma, sua mãe, ignorara? Seria a animosidade de sempre entre primogênito e caçula? Ciúme pela atenção da mãe? Devia ficar feliz ou se inquietar com a pouca emoção que a morte da irmã suscitava em Victor? Era incapaz de responder a essas perguntas.

Aquela mulher podia ajudar. Aquela mulher enterrada em um *bunker* subterrâneo no outro extremo do mundo. Aquela mulher que havia anos passava por maus bocados. Aquela mulher que havia entrado em colapso, mas que tinha se reerguido, que tinha decidido lutar. Até o fim.

Boston, Massachusetts, julho de 2008

Nathan Hunter tinha flanado por horas, às vezes entrando em uma livraria ou em uma loja de luxuosos e charmosos utensílios em Beacon Street. Em seguida, tinha atravessado o Center Plaza para chegar, sem pressa, à North End. Morria de vontade de provar um *cannoli* de chocolate da Bova's Bakery, em Salem Street. Depois tinha ido à Prince Street para saborear um expresso no terraço do Marco's.

Boston era uma de suas cidades preferidas – uma das raras cidades dos Estados Unidos onde vale mais andar a pé do que de carro –, e ele tinha a sensação de redescobri-la após cada ausência.

Instalado sob um dos guarda-sóis azul-marinho, observava os pedestres, os grupos de turistas de todas as nacionalidades.

Uma silhueta cortou seu campo de visão : a de uma menina morena, de cabelos longos e brilhantes, muito bonita, apesar da maquiagem um pouco excessiva para o gosto de Nathan.

– Hã, me desculpe, a mesa ao seu lado...

– Está livre – sorriu ele.

Ela se sentou e pediu um *capuccino*.

Fingiu estar concentrada na leitura de um guia da cidade. Porém, Nathan sentia os frequentes olhares que lhe dava.

– Lamento incomodar, mas você é do bairro?

– Não mesmo. Venho de Nova Iorque. Um turista como você, obviamente – respondeu ele, sedutor, apontando para o guia que ela acabava de fechar. Você é inglesa?

Ela riu :

– Ah, nosso sotaque ! É só abrir a boca que dá pra ver.

– Acho delicioso.

Ela o envolveu com um olhar apreciador muito insistente. Ele a agradava. Aliás, queria que ele percebesse isso.

E, de repente, a irritação que Nathan sentia havia dias voltou. Chega daquela mulher, daquela rua, daquelas hordas de turistas. Chega daquela brincadeira cretina de terraço do café.

Levantou-se, observou-a por um instante, o suficiente para ler a surpresa, a decepção e o aborrecimento em seu olhar, e se afastou sem uma palavra. Desceu a Prince Street em passos ágeis e dobrou na Hanover Street para chegar ao John F. Kennedy Federal Building.

Estava sem notícias havia dias. Pior : tinha o sentimento de não ter avançado um centímetro. Aquela inércia o exasperava. Tinha tanto a fazer, tão pouco tempo para conseguir...

Havia anos esbarrava no mesmo obstáculo, logo ele, que detestava que lhe barrassem o caminho. Mas estava certo de ter encontrado, enfim, a solução perfeita. Faltava saber quando “aquela solução” se decidiria.

Regra nº 7 : “Quem vence os outros é forte. Quem vence a si mesmo é poderoso”, Lao Tzu. Vencer sua impaciência.

Chegar novamente até eles. Não sabia chegar novamente até eles. Um limite exterior, fora de sua responsabilidade, de uma incompetência qualquer cuja culpa teria sido sua. Aquela lacuna o freava. Uma sensação horrível. O último obstáculo, no momento, intransponível, entre ele e seu objetivo final.

*Base Militar de Quantico,
Estados Unidos, julho de 2008*

Desembarcaram em Richmond no final da tarde. Para Sara, a viagem, partindo de Paris, parecera interminável; contudo, não tinha grandes lembranças dela. Victor também parecia estar numa espécie de torpor : tinha dormido quase toda a segunda metade do trajeto, sem reclamar nem exigir nada.

Quando pegaram o carro alugado para ir da Interstate 95 até Quantico, Sara percebera a tensão de Yves Guéguen. Será que ele se alegrava com a ideia de, enfim, rever sua mentora, a doutora Silver? Ou temia o encontro que tinha conseguido promover a tanto custo? No fundo, Sara não tinha nada a fazer, desde que a psiquiatra irascível a recebesse, por isso não perguntou a ele.

Quando, enfim, chegaram à guarita diante da imensa grade que interditava a entrada da base, a noite já tinha caído.

A recepcionista do Jefferson Building verificou seus documentos por um bom tempo, com um sorriso cortês mas firme nos lábios. Após três telefonemas, ela finalmente os liberou, depois de lhes entregar os crachás de visitantes :

– São passes eletrônicos que permitem a vocês acessarem alguns setores do edifício, incluindo o refeitório. Vocês devem usá-los permanentemente, deixando-os visíveis. A topografia do Jefferson é um pouco complicada pra ser memorizada, por isso, aconselho-os a esperar que a gente vá procurar vocês pra conduzi-los de um lugar a outro.

– Acho que saberei me localizar. Passei um ano aqui – declarou Yves, em tom conciliador.

– Ah... perfeito.

Um jovem guarda armado os levou até os quartos reservados pela doutora Silver. Duas acomodações bastante espaçosas, com um mobiliário um pouco espartano, que se comunicavam por um banheiro.

Na manhã seguinte, apesar das oito horas de um sono químico próximo de um coma, Sara tinha a sensação de não ter pregado o olho durante a noite.

Levantou-se sem ruído e se aproximou da cama de Victor. Ele dormia um sono profundo. Um remorso tardio tomou conta dela. Nunca deveria tê-lo trazido àquele país. O que ele ia fazer enquanto ela conversasse com a doutora Silver? Talvez Yves aceitasse distraí-lo um pouco, passear com ele, a menos que a psiquiatra exigisse a presença do policial francês durante o encontro. Garoto incrível : ao mesmo tempo tão alegre e tão reservado.

Sara decidiu lutar contra a leve náusea que sentia com uma longa ducha fria. Entreabriu a porta do banheiro e olhou prudentemente de um lado e do outro, esperando não dar de cara com um coronel nu. Sossegada, entrou na peça e notou que as portas que davam para os quartos possuíam ferrolhos internos. Tirou sua folgada camiseta de dormir e observou friamente a mulher que a encarava do alto espelho chumbado atrás de uma das portas. Tinha emagrecido. Suas costelas apareciam sob a pele pálida. O cabelo tinha perdido o brilho, e uma ruga estranha, como uma luazinha, tinha se formado no canto direito dos lábios. Porém, foi especialmente o olhar que a perturbou, tanto que ele parecia ser de outra pessoa. Um olhar indescritível, no qual se entrelaçavam o medo e a raiva. Estranho : a dor parecia ter desaparecido de suas íris.

Entrou na ducha. As lágrimas que retinha desde a saída de Paris correram, enfim, gotas se misturando a outras gotas. No avião, enquanto Guéguen lia, Victor dormia e ela fechava os olhos, fingindo sonolência, Sara tinha se autorizado a admitir. Admitir que a criança que carregara por nove meses, pensando no momento em tê-la em seus braços, imaginando todos os momentos de prazer

que Éric, ela e o bebê iriam desfrutar, a criança que ela havia educado durante dezesseis anos pensava apenas em matar a mãe e o irmão. Admitir que Louise não teria recuado no último momento. Aceitar isso tinha feito explodir a última tranca que bloqueava seu cérebro. Sara tinha se deparado com a dura verdade da qual fugia desde a visita de Guéguen : Louise devia morrer. Sara tinha apenas um medo : que um dia Victor descobrisse a verdade sobre sua irmã.

Tomaram o café da manhã no salão. Victor parecia fascinado por tudo ao redor e lançava olhares furtivos para as mesas dos jovens futuros oficiais. Guéguen, para quem o silêncio de Sara parecia pesar, relatou seu ano na base e contou uma ou outra história divertida, escondendo, é claro, o real objetivo de seu estágio diante do menino.

– ... é um percurso tortuoso, de quilômetros de distância, dentro dos bosques que rodeiam a base. Você afunda na água gelada, derrapa na lama, quebra a cara no chão, tudo com trinta quilos de equipamento nas costas.

Victor assediava o coronel com perguntas. Esforçando-se por demonstrar mais leveza do que sentia, Sara brincou :

– Não me diga que você quer se tornar agente do FBI?

– Bem, parece ser muito interessante – confessou o menino com seriedade.

Ela terminou seu café e deixou a torrada mal começada.

Yves Guéguen consultou o relógio, hesitou, depois propôs :

– Temos ainda uma hora antes do encontro. Vamos dar um rápido passeio ou voltar para os quartos?

– O que você prefere, querido? – perguntou Sara ao filho.

– Um passeio, de preferência.

– Victor, preciso ter uma conversinha... digamos, em particular, com sua mãe, antes do encontro com a doutora. Ok?

– Ok. Vou caminhar na frente e não vou ouvir nada !

Contornaram lentamente o Jefferson Building e o estacionamento, depois dobraram na alameda que levava ao

ginásio. Fiel à sua promessa, Victor ia uns dez metros na frente, sobressaltando-se, às vezes, com barulhos estridentes.

– Os campos de treinamento de tiro são ali atrás – explicou Yves. – Hã... Sara... Diane me telefonou esta manhã, bem cedo. Ela quer a minha presença.

– Isso não me incomoda.

– Vou fazer o papel de um carneirinho – prosseguiu ele, com um sorriso sem alegria.

– Carneirinho?

– É costume colocar carneiros no meio de jumentos assustadiços. Isso os acalma.

– Assustadiça? Não é como me vejo.

– Bem, espere até encontrar Diane – avisou.

– Ela é uma pessoa tão difícil assim?

– Ela pode ser.

– Mas você parece adorá-la e colocá-la nas nuvens.

– Tenho excelentes motivos pra isso, o que não me impede ser realista. Hã... Sara... Não me entenda mal. Silver não pode fazer nada por sua dor. Ela está além disso. Ela viu... a gravação do massacre da filha. Três horas e cinquenta e seis minutos. O único motivo pra que aceitasse receber você, o único interesse que você tem pra ela, em poucas palavras, é : você tem, sim ou não, elementos que podem ajudar na caça ao assassino de sua filha?

– Tudo bem. – Ela o olhou, o rosto fechado, e acrescentou : –

Não se preocupe, coronel Guéguen, não vou ter um ataque de nervos. Entendi bem o que você me explicou no avião. Trata-se de uma guerra implacável e incessante. Contra malucos psicopatas que sulcam a terra matando pelo prazer de massacrar. Mesmo se...

Ela parou abruptamente.

– Mesmo se...?

– Nada.

Foi a vez de o policial francês observá-la, e ela soube que ele tinha entendido o que deixara de dizer : mesmo se, neste caso, o assassino tinha colocado um fim na determinação mortífera de Louise e Cyril. Por amizade, ele mudou de assunto :

– Uma das auxiliares da base vai vir cuidar de Victor durante nossa ausência. Arrumei tudo pela manhã. Ela é havaiana, o que explica por que fala tão bem o francês. Há uma sala de espera para os agentes, com livros, revistas e jogos de videogame.

– Obrigada. Você sabe... não paro de pensar nisso. Não vejo onde e quando eu poderia ter cruzado com aquele homem... Contudo, estou pronta a tentar qualquer coisa, mesmo a hipnose, embora não acredite muito.

– Diane encomendou um retrato falado a partir de alguns elementos descritos aqui e acolá. Retrato falado é um exagero para o que ela me disse que conseguiu. “Um vago esboço” seria mais apropriado.

Um guarda os tinha acompanhado até o escritório de Diane Silver. Esperou até que entrassem na pequena peça sem janelas, lembrando :

– Quando vocês terminarem, peçam que a recepção seja avisada. Às vezes, a doutora Silver esquece os procedimentos. A gente virá procurar vocês... É pra evitar que se percam.

– Com certeza – comentou Yves Guéguen, sem pestanejar.

Sara não teve tempo sequer de divisar a psiquiatra : esta correu na direção do coronel e o apertou contra si, sufocando-o, enquanto exclamava :

– Senti sua falta ! Você trouxe o moca e a cafeteira?

– Ah ! Sabia que tinha me esquecido de algo importante.

– Seu francês malvado ! Golpe de sorte : meu tenaz estagiário-advogado de unhas feitas teve de correr pra Boston, pra resolver um problema em seu escritório. Vai ser como umas férias pra nós.

Sara percebeu o verdadeiro afeto, a admiração e a cumplicidade que uniam os dois *profilers*, e ficou absorta na contemplação do cômodo exíguo para lhes oferecer alguns instantes de reencontro que eram só deles. O espaço era vazio de qualquer marca, de qualquer detalhe pessoal. Aquele nada pareceu dizer mais a Sara do que uma declaração. Diane Silver desconfiava de todos e cobria seus rastros.

Enfim, os dois se lembraram de sua presença, e Diane se reinstalou atrás de sua mesa, sem dizer uma palavra, fitando Sara com uma intensidade desagradável.

– Diane, apresento a você a Dra. Sara Heurtel; Sara, esta é a Dra. Diane Silver. Pronto, as apresentações foram feitas – completou Yves, deixando-se cair sobre uma cadeira.

Um interminável silêncio, marcado apenas pelo som de suas respirações e pelo zumbido distante do ar-condicionado.

Diane pegou o cinzeiro e acendeu um cigarro.

– Não é proibido? – se inquietou Sara.

– Sim. Formalmente.

– Posso...? – hesitou a francesa.

– Por favor. Seremos duas sem direito à sobremesa !

O silêncio continuou. Sara pensou que não se tratava de um desses vazios hostis, pesados, urdidos de ameaças. Era mais um tipo de trégua, quando cada um procura as palavras essenciais.

– Eu... insisti pra encontrar você... porque eu queria saber... entender... – começou Sara, num inglês com um ligeiro sotaque.

Diane soltou um longo suspiro, a boca crispada, como se se perguntasse o que estava fazendo ali. Seu olhar perturbador se perdeu acima dos ombros de sua interlocutora, e ela murmurou :

– O quê? Saber o quê? Por que ele matou Louise? Por que Louise era psicopata? Porque esse é o termo apropriado.

– Tudo. Saber tudo isso.

– Não tenho respostas, Dra. Heurtel. Pelo menos, ainda não. É por isso que não queria que você fizesse essa viagem até aqui. Das duas uma : uma de suas lembranças, um detalhe de sua vida pode me ajudar a chegar até o assassino, ou então você não terá nenhuma utilidade pra mim, e sua vinda era supérflua.

Diane pegou uma folha do fino dossiê amarelo claro alinhado perpendicularmente ao canto da mesa e o entregou à pesquisadora, dizendo :

– É tudo o que temos no momento, e é bem pouco. Este... esboço lembra alguém a você? Ele é bem alto, tem entre trinta e quarenta anos, e provavelmente é norte-americano ou canadense. Teria cabelos castanho-claro ou castanho-médio.

Sara pegou o desenho e examinou o oval de um rosto cujo único detalhe era um par de óculos escuros, os cabelos cortados retos, um pouco longos. Ela cavoucou sua memória.

– É muito vago. O rosto se parece com umas cem pessoas ou com nenhuma.

– Exatamente, Dra. Heurtel. Nós chegamos ao fim deste encontro. Admita que isso não valia doze mil quilômetros.

Yves Guéguen se surpreendeu com a espécie de gentileza que percebeu na voz da psiquiatra.

– Não... não – murmurou Sara, sacudindo a cabeça com vigor. – É preciso que você saiba... admito... por trás da máscara da mãe que repete que deve amar seus filhos, eu não tinha paixão por minha filha. Louise não tinha nada de cativante, de tocante, e era assim desde muito nova. A lucidez de uma mãe é tão perturbadora... Em todo caso, ela me envergonha. Peço que acredite em mim, pois me virei do avesso pra encontrar e aceitar esta verdade.

– Eu acredito.

– Não tem nada a ver com o fato de Louise ter sido uma menina e Victor, um menino. Aliás, sempre quis ter uma filha. Em compensação, é verdade que sou elitista. Louise não era inteligente e tinha como questão de honra recusar-se a aprender, a conversar fosse o que fosse. Era uma decepção, mas eu poderia passar por cima disso se... se ela tivesse tido outra coisa... ternura... se gostasse de alguma coisa, qualquer coisa. Mas nada. Ela vivia feliz ao redor do próprio umbigo. No começo, fiquei aliviada quando se aproximou tanto de Cyril. Era seu primeiro e único amigo. Disse a mim mesma que, finalmente, ela se abria para os outros, que alguém, que não ela mesma, a interessava...

– Pelo que sei – interveio Diane –, Cyril e Louise se pareciam em alguns pontos, notadamente pelo fato de ambos serem fascinados apenas por eles mesmos. Não eram amigos no sentido verdadeiro do termo. Um era o espelho do outro. Uma característica clássica nesse tipo de personalidade.

– Na verdade... Vim principalmente com o objetivo de fazer uma pergunta pra você. Em sua opinião, Louise poderia ter sentido que

eu só a amava por... vamos dizer, por “dever de mãe”? Sou a origem daquilo que ela virou? É minha culpa?

– Por quê? Você errou em algum momento?

– Não acredito.

– Por que você seria culpada? Dra. Heurtel, você é uma mulher inteligente, segundo Yves. Ou seja, você é quem pode saber melhor se as suas atitudes ocasionaram ou influenciaram o comportamento desviante de Louise.

– Você é uma especialista de reputação mundial em... comportamentos desviantes.

– De fato, e vi todas as possibilidades no assunto. Não sei o que cria um psicopata e duvido que exista uma resposta simples. Não há respostas cabais, cristalinas.

Um desespero infinito invadiu Sara. Nesse caso, deveria carregar a dúvida durante toda a vida? Ser corroída por dentro um pouco mais, dia após dia? Sentiu o sangue fugir de seu rosto e a testa gelar. Fechou os olhos. De longe, a voz inquieta de Guéguen :

– Sara? Tudo bem?

A ordem veio, peremptória :

– Dra. Heurtel, controle-se ! Poupe-nos do desmaio.

– Mas Diane... – protestou o policial francês. – Ela vai desmaiar...

– Não ! – cortou a psiquiatra. – Ela não vai desmaiar porque isso não serve pra nada, como as lágrimas, os gritos ou as lamentações, e ela sabe disso. Ela aprendeu isso ao longo das últimas semanas.

As frases encadeadas chegavam a Sara como que sufocadas por uma espessa neblina. Exceto uma : “Isso não serve pra nada”. A francesa a guardou. Teve a impressão de recuperar o controle.

Diane continuou a conversa de onde tinha parado, sem nem mesmo propor um copo de água à visitante.

– Porém, Dra. Heurtel, e mesmo que me faltem elementos, o tom dos e-mails de sua filha era... como dizer... apazível. Não vi nada que pudesse estar relacionado ao ciúme, ao desejo de vingança, ao amor não correspondido ou mesmo à ausência do pai. Você era somente um objeto aos olhos de Louise. Um objeto odiado, mas mesmo assim um objeto. É uma tendência frequente nos psicopatas : despersonalizar suas vítimas. O que você fazia ou

deixava de fazer não importava aos olhos dela. Não acho realmente que você seja a responsável por sua... oscilação, se é mesmo que se tratou de uma oscilação e não de uma tendência preexistente. Não digo isso com o objetivo de reconfortar você, compreenda. Não é meu papel.

Um suspiro de alívio. O rosto de Sara ficou um pouco mais corado.

Diane optara de repente por uma quase mentira. Não tinha certeza sobre Louise. Contudo, pela primeira vez, a compaixão e a lógica lhe tinham parecido preferíveis à indiferença. Louise era uma maluca. Tinha sido eliminada do circuito, e Diane comemorava isso. Portanto, era inútil que a mãe se devastasse ainda mais por causa dela.

*Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, julho de 2008*

Charles Devernois-Klyne entrou relutante no bar Four Seasons, localizado não muito longe do Instituto de Arte Contemporânea em Boylston Street, um dos hotéis mais luxuosos da cidade. Seu olhar varreu, mesmo sem perceber, o enxame de mesinhas de centro cercadas de enormes poltronas de couro, protegidas por enormes plantas em vasos, destinadas a preservar a privacidade dos clientes e a discrição de suas conversas. Uma decoração muito bem-sucedida, mistura hábil entre um classicismo de bom-tom e uma modernidade elegante.

Avançou a passos lentos na direção do bar, atrás do qual estavam quatro garçons. Estava cinco minutos adiantado, e Rupert Teelaney já o esperava, degustando um coquetel de manga com kiwi.

Rupert o saudou com a gentileza habitual :

– Como vai você, Charles? Uma bebida? A mesma coisa que eu ou algo mais forte?

– Um uísque.

Um garçom se dirigiu à mesa de canto ao primeiro sinal discreto do herdeiro e estendeu o cardápio de bebidas e aperitivos. O advogado ficou absorto na leitura da interminável lista de uísques disponíveis, ensaiando a introdução ao assunto a ser abordado. Percebendo sua indecisão, Teelaney o encorajou :

– Você parecia... reticente quando da nossa última conversa por telefone. As coisas estão difíceis em Quantico?

Charles tomou um longo gole da bebida âmbar que tinham acabado de colocar diante dele. A agradável queimação do álcool lhe fez bem.

– Díficeis? É um eufemismo – retificou Devernois-Klyne num tom mais abrupto do que gostaria. – Ela insiste em deixar cascas de banana no meu caminho, pra me acompanhar, como diz. Silver. Escute, Rupert, estou perdendo meu tempo e seu dinheiro. Lamento. Expliquei repetidas vezes a ela seu projeto de doação. Ela é mais teimosa que uma mula.

Ele se detestava por aquele fracasso, avaliando havia dias todas as consequências negativas que aquilo poderia ter sobre sua reputação e sobre o escritório. E, para ser totalmente franco consigo mesmo, admitia que não suportava mais aquela base militar, aquela Silver e seu olhar.

– Ela está desconfiada?

– Esse tipo de gente desconfia de tudo e de todos. Porém, acho que é mais perverso do que isso. Ela se diverte. Ganhar uma queda de braço de um advogado a faz salivar.

– Isso não é um pouco paranoico?

– Não. De um modo geral, os policiais não gostam da gente. Somos aqueles que soltam os indivíduos que eles levaram meses ou anos perseguindo. Pode-se ver isso na história pessoal da doutora Silver, quando aquele Rick Ford foi solto sob a alegação de erro processual, embora ele fosse culpado do estupro e assassinato de Leonor.

Devernois-Klyne tirou os olhos de seu copo e encontrou o doce olhar míope de seu cliente.

– Realmente sinto muito, Rupert. Estou com as mãos atadas, mas, francamente, não vejo quem teria podido conseguir. Já que...

– Já que o quê?

O advogado se virou para a sala, procurando palavras. O eco abafado das conversas das outras mesas chegava até ele.

– Já que... cheguei à conclusão de que ela não tinha nenhum desejo de tornar público seu método. Por exemplo, ela desconfia como da peste – e com razão – de Bob Pliskin, o secretário de Casney. Ele a vem sabotando com afinco. Entretanto, não tem

cacife pra tanto. Se ela lhe entrega de bandeja seu modo de trabalhar, perde seu principal trunfo, e sabe disso.

– Ah, bem... Isso me tranquiliza um pouco, Charles. Em outras palavras, não é contra nós, contra nosso projeto, que ela luta, mas mais internamente, pra se proteger?

– Estou convencido disso. Contudo...

– Não, eu lhe peço. Tenho certeza de que você lutou, que tentou o impossível. Talvez tenhamos lidado com o problema e com a dama do jeito errado. Afinal, trata-se de uma diva no seu hábitat – sorriu Rupert. – Uma diva deve ser tratada com todos os cuidados. É preciso que eu reflita. Em todo caso, esteja certo, Charles, de que isso não altera em nada nossas relações afetivas e profissionais.

*Base militar de Quantico,
Virgínia, Estados Unidos, julho de 2008*

Logo após saírem do cansativo encontro com Silver, Yves tinha convidado mãe e filho para irem a seu quarto. Na pequena quitinete, preparou um chá para ele e Sara e ofereceu um refrigerante ao menino.

– Nosso avião de volta está previsto pra daqui a dois dias. A gente poderia talvez ir pra Nova Iorque, aproveitar pra fazer um pouco de turismo.

– É uma boa ideia – aprovou Sara, o olhar perdido, sem que ele tivesse certeza de ela ter escutado.

– Sinto... muito... Todo esse caminho... pra ver um rosto oval de óculos escuros.

– Você está errado. Queria lhe agradecer. Realmente. Faz bastante tempo que não me sentia tão... Enfim, tenho a impressão de que consigo finalmente respirar um pouco... Ela não podia me dar respostas “cabais”, como disse. Porém, estou... aliviada.

Victor observava havia alguns minutos o esboço do retrato falado que Guéguen tinha abandonado sobre a escrivaninha do quarto.

– Quem é?

– O homem que estamos procurando, relacionado com... Louise e Cyril.

Sara explicou :

– Eles... os policiais pensam que eu posso ter cruzado com ele. Boca entreaberta, o menino se detinha nos óculos escuros.

– É... parece um pouco com aquele norte-americano, mamãe...

Guéguen pulou em direção à criança e o pressionou :

– Que norte-americano, Victor? Por favor, é muito importante.
– Aquele que encontramos quando a mamãe tirou um dia de folga. No café. Ele disse que se chamava Nathan. Ele notou a camiseta que ela acabava de me dar e disse, rindo : “É verdade. Conhecimento é poder”.

– É claro ! – gritou Sara. – Tinha esquecido completamente...

– O quê? Você se lembra ! Diga tudo, em detalhes ! – disse o policial quase gritando.

– Espere... Havia algo de estranho nele, a tal ponto que fiquei uma pilha de nervos e o mandei passear.

Ela contou a cena, tão fielmente quanto possível, por vezes ajudada pelo filho. Guéguen, extremamente tenso, lhe implorou para repetir a mesma história umas três vezes. Ela concluiu :

– Por alguns instantes, pensei que ele estava dando em cima de mim, mas eu não estava a fim. Além disso, de uma hora pra outra, algo em sua atitude tirou essa ideia da minha cabeça...

– O que era?

– Não sei. Ele se levantou e foi embora sem olhar pra trás.

– Ele caminhou mais alguns metros e parou – completou Victor, e Guéguen acendeu um cigarro.

– Sara... a cena aconteceu quanto tempo antes...

Ele não teve necessidade de completar.

– Menos de duas semanas. – De repente, uma hipótese horripilante lhe passou pela cabeça : – Você acha que ele queria se... antes de...

– Se apresentar, na verdade – completou Guéguen, lúgubre.

Sara se levantou, e Yves se pegou novamente pensando que ela ficava com a postura muito reta, como que pronta a resistir a um ataque violento. Interceptou o olhar de pânico que ela lançou para Victor, absorvido na contemplação do contorno do rosto de Nathan Hunter. Sara abriu a boca, e ele sentiu que ela fazia um enorme esforço a fim de conservar uma aparente tranquilidade para poupar o filho.

– Querido... preciso falar dois minutos com o senhor Guéguen...

Victor se endireitou e acenou com a cabeça, com ar sério, antes de atravessar o banheiro e voltar a seu quarto.

Ela inspirou com lentidão e perguntou :

– Você acredita que nós estamos em perigo? Quero dizer, você tinha razão, ele nos conhece. Sabe quem é meu filho. Quero a verdade.

– Não tenho a menor ideia. Não consigo identificar aquele homem. É preciso que volte a conversar com Diane. Vou pedir pra ela chamar um retratista. Suas lembranças vão nos permitir aperfeiçoar a descrição física dele e enviar pra todos os cantos.

Sara assentiu com a cabeça.

*Perto de Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, julho de 2008*

Dirigindo seu Chevrolet alugado, Diane Silver abandonou a Interstate 2 para ir na direção de Athol, pegando a seguir, guiada pelo GPS, as pequenas estradas cercadas de castanheiras e de pomares.

A propriedade de Rupert Teelaney Jr. não estava indicada em nenhum lugar. Ele tinha exigido que ela fosse retirada dos planos aéreos disponíveis na internet.

No entanto, o doutor Devernois-Klyne tinha dito que ela chegaria a um interminável muro de dois metros e cinquenta de altura, arrematado por uma sombria renda de arame farpado, e que ela teria apenas de seguir até o portão de entrada.

Chegou ao destino cinco minutos adiantada, o que não era habitual. Tinha a sensação de que as pequenas insolências a que estava acostumada não seriam feitas hoje. Tinha, contudo, sido veementemente contra aceitar aquele convite, apesar da insistência autoritária de Edmond Casney Jr.

Três dias antes, o PBX de Quantico lhe havia passado uma ligação. Diane ficara surpresa com a pressa da recepcionista, que nem tinha perguntado se aceitava atender, nem informado quem ligava. A psiquiatra compreendeu rapidamente o motivo dessa solicitude quando uma voz grave, mesclada com um traço de divertimento, anunciara :

– Rupert Teelaney Jr. Perdoe por incomodá-la, doutora...
Acredito que nós estamos diante de um impasse. Tenho a

impressão que se trata apenas de um mal-entendido nascido de uma explicação... digamos, atrapalhada do senhor Charles Devernois-Klyne.

– E se não se tratasse de um mal-entendido? – retorquira Diane, sem se preocupar com fórmulas de cortesia.

– O que quer dizer? – perguntou a voz, menos segura, menos leve.

– E se eu tivesse compreendido perfeitamente o que desejava nosso bom Charles, mas vocês me enchiam o saco, você e seu advogado de luxo?

Silêncio; depois :

– Oh, muito pouca gente se permite esse tipo de liberdade comigo.

– É sério? Bem, aproveite a novidade !

– Você é de uma rara agressividade e...

– Sr. Teelaney, suportei seu cachorrinho adestrado durante semanas, e admito de bom grado que a paciência não é uma de minhas virtudes. Na verdade, não possuo muitas virtudes. Todo esse tempo, seu cachorrinho bisbilhoteiro tentou me enrolar. E você queria o quê? Que eu lhe fosse eternamente grata?

– Concordo com você ! Nós temos, de fato, um problema de relacionamento.

– Oh... adoro eufemismos ! – ela ironizara.

– Escute... Primeiramente, me perdoe por ter infligido a você uma... colaboração com Charles, o que, obviamente, você não queria...

Ele tinha feito uma pausa curta. Diane esperara cautelosamente a continuação, certa de que alguém como Teelaney pedia desculpas muito raramente, e que ele estava tentando adular-la.

– Por que não nos reunimos, num almoço agradável... enfim, pra nos conhecermos melhor?

A voz calma, séria, sumiu na hora :

– A resposta é não, e ela não é negociável. Adeus, Sr. Teelaney.

Ela desligara o telefone sem lhe dar a oportunidade de responder.

A reação do diretor do escritório não tinha demorado muito. A voz de Edmond Casney Jr. tremia de raiva quando ele ligou, menos de uma hora depois.

– Você dispensou, com extrema grosseria, o senhor Teelaney, Dra. Silver !

Desfrutando do momento, Diane tinha deduzido que ele acabava de ser repreendido pelo padrasto senador. Seu divertimento tinha sido curto.

– Não, ele é que é mal-educado, acreditando que pode tudo. Não estou às ordens dele.

A resposta tinha se desvirtuado :

– Porém, você está às ordens deste escritório, isto é, às minhas ! Então, aceitei por você o convite cordial do senhor Rupert Teelaney. Ele quer o... privilégio de sua presença no almoço. Depois, vocês terão tempo de conversar sobre todos os detalhes de uma generosa doação que ele pretende dar à Base.

Diane respirou profundamente para não o mandar pastar com “extrema grosseria”. Com raiva, tinha decidido se fazer de doente, dar um bolo em Teelaney, nem que fosse apenas para deixar clara sua desaprovação. O ódio diminuiu, substituído pouco a pouco por uma forte curiosidade. Teelaney seria um daqueles *playboys* para quem “não” nunca é uma resposta aceitável, um caprichoso mimado pela vida que não desistia se percebesse a menor resistência a um desejo seu? Existiria alguma coisa mais séria por trás de sua insistência? Aquele enigma tinha acabado por distrair Diane a tal ponto que ela pegou a estrada três dias mais tarde, com certa impaciência.

Ela apertou o botão da campainha do imenso portão branco de ferro. Imediatamente, o olho de ciclope da câmera de vigilância no alto do pilar se virou para ela.

Uma voz de homem perguntou :

– Quem é?

– Dra. Diane Silver. O senhor Teelaney está me aguardando. Rupert Teelaney.

A voz, mais afável, disse :

– Você pode voltar para seu veículo. Alguém vai buscá-la.

Pensou que era suficientemente crescida para ir sozinha até a casa, que ainda não avistava. No fundo, que importância tinha isso?

Lembrou-se de tudo o que tinha podido apurar sobre o homem que ia encontrar. Pouca coisa, na verdade. As conquistas financeiras e industriais de três gerações de Teelaney enchiam páginas na internet, assim como suas ações de caridade. Em contrapartida, a vida privada do último descendente da prestigiosa linhagem se resumia a algumas linhas. Um percurso universitário um pouco estranho, que mostrava que o jovem Rupert tinha se interessado por finanças, é claro, mas também por filosofia, teologia e ecologia. Nenhuma menção a esposas, amantes ou crianças. Nenhum escândalo. Um anonimato é algo bastante clássico para aqueles que são realmente muito poderosos. Nenhuma foto recente. Aliás, só tinha localizado uma, dos tempos de faculdade. Um loirinho de cabelos crespos, com óculos redondos, expressão de timidez. Acrescentavam-se a isso as recentes e prudentes declarações de Devernois-Klyne quando a tinha informado de sua partida, o ar aliviado, antes de enfim confessar o nome de quem estava por trás dele. Rupert Teelaney, o terceiro de mesmo nome, não bebia, não fumava, era um ecologista por natureza e, ainda, vegetariano e budista.

Um pequeno veículo elétrico apareceu logo. O homem que o dirigia desceu e abriu o portão com a ajuda de um controle remoto. Ele avançou na direção dela, um sorriso cortês nos lábios, e disse :

– Você pode guardar seu carro ali – indicou estendendo o braço para um estacionamento coberto pelas sombras de um esplêndido bosque de azaleias. O senhor Teelaney não quer veículos poluentes cruzando a propriedade.

Diane estacionou no lugar indicado e se voltou para ele perguntando, com grande seriedade :

– Suponho que seja proibido fumar na presença dele?

– Não. O senhor Teelaney é muito tolerante quando recebe visitas.

– Um homem ideal – ironizou Diane.

O outro, que tinha esgotado suas reservas de conversa, não respondeu nada, e a psiquiatra ficou absorta na contemplação da paisagem. Diante deles, um caminho arborizado, sinuoso, que parecia interminável. Diane pensou que estavam atravessando uma verdadeira floresta e tentou reconhecer algumas espécies, sem muito sucesso.

– É imenso, não?

– Quase quatrocentos hectares.

Uma natureza exuberante que, no entanto, se percebia cuidada, conservada. Gritos de pássaros brotavam de todos os lados. À direita, Diane percebeu um casal de veados, que os olhavam passar sem manifestar inquietação.

– Muito charmoso, quando se pensa que Boston fica apenas a uns cem quilômetros daqui, em linha reta.

O motorista pareceu apreciar o elogio e ficou mais falante.

– É quase um paraíso terrestre, na verdade. O senhor Teelaney quis reproduzir um ecossistema vivo. Temos um monte de animais aqui. Mas nada de animais selvagens capturados, arrancados de seu hábitat natural e exibidos como feras ! Não. São veados, gamos, corças, javalis, muitas espécies de aves de rapina.

– Isso faz com que faltem predadores. Sempre há predadores pra regular os ecossistemas.

– Temos raposas.

– Para os coelhos e as lebres, serve, mas duvido que eles ataquem um veado ou um javali. Os cervídeos devem se multiplicar.

– Os guardas florestais fornecem a cada outono a lista dos animais que descobrem. O senhor Teelaney aluga os serviços de um caçador profissional. Quando possível, os homens os capturam e os soltam nas florestas de Montana. Quando não, eles abatem um número determinado de indivíduos de cada espécie. O senhor Teelaney não caça.

“A natureza revista e corrigida pelo Homem” – pensou Diane antes de completar para : “o que é melhor que a natureza exterminada pelo Homem”.

Enfim, a casa apareceu. Diane estava esperando algo completamente diferente, pelo menos antes da conversa com o

motorista. Uma gigantesca moradia ultramoderna de um piso, toda de madeira e de vidro, se erguia diante deles. Ela identificou os enormes painéis de aquecimento solar sobre o telhado. Apesar da simpatia que a psiquiatra tinha por edifícios antigos, devia admitir que aquela construção era um primor arquitetônico. A casa lembrava uma elegante nave espacial.

O motorista, lisonjeado pela intensidade de seu olhar, explicou :

– Somos totalmente autônomos em matéria de eletricidade. Utilizamos apenas energias alternativas, mesmo que tenhamos um pequeno gerador convencional de reserva, caso haja algum problema. Nunca tivemos necessidade de usá-lo. Toda a nossa água vem da chuva. Entretanto – acrescentou, apontando para a vasta floresta e o magnífico parque em torno da casa –, tem água suficiente para os dias mais quentes ! O senhor Teelaney instalou um sistema automático de irrigação gota a gota. Não se desperdiça nada.

Ela percebeu a sinceridade orgulhosa daquele homem. Ele tinha a impressão de participar de uma operação de salvamento.

– Vai faltar água, você sabia? Enfim, não pra nós do Norte, mas pras pessoas do Sul. Portanto, seria um absurdo continuar a não fazer nada enquanto os outros morrem de sede, não é?

Ela concordava plenamente com tudo, por convicção, mas também porque ele lhe ensinava mais sobre seu patrão do que tudo o que ela tinha investigado até então.

– Concordo com você. É correto o que ele faz, o senhor Teelaney. Não é sempre que o dinheiro vai pros imbecis que o jogam pela janela.

– Isso é verdade ! Além disso, ele trata muito bem seus empregados, posso assegurar. Mas a gente é um grupo fechado aqui, entre os permanentes e os temporários. É certo que ele é exigente, mas dá gosto ver o resultado, porque nunca são bobagens de rico mimado. Lá atrás – continuou ele apontando para um bosque espesso, situado a uns cem metros à esquerda –, tem uma piscina fantástica. Uma piscina natural. Três tanques com diferentes camadas de areia, de cascalhos e de plantas aquáticas que reciclam permanentemente a água, sem que seja preciso usar

produtos químicos. A fonte é de uma pureza que só vendo ! Se tiver tempo e o senhor Teelaney autorizar, mostrarei pra você.

O veículo estaciona na frente da entrada principal, uma imensa parede de vidro.

– Venha, vou levar você.

Ela ainda tinha uma infinidade de questões para fazer, mas sentiu que o momento tinha passado.

Ia encontrar o enigmático senhor Rupert Teelaney Jr., o terceiro Rupert da família.

No momento em que o motorista abria a pesada porta de vidro, ele apareceu no corredor, vestindo uma camisa folgada e uma calça, ambos de linho branco. Avançou na direção dela, agradeceu seu acompanhante com um pequeno movimento de cabeça e abriu um largo sorriso no qual ela não percebeu nenhuma ironia, nenhum ar triunfante :

– Estou honrado, Dra. Silver. Sei que você é uma mulher de rara discrição.

Ela o observou. Era alto, de uma magreza bela, e ainda se parecia com a foto da faculdade. O cabelo castanho bastante claro, bem crespo, os olhos azuis, intensos e calorosos atrás dos óculos.

– Nem um pouco. Sou uma velha selvagem, não tenho nenhum senso de diplomacia, e ainda menos de política. Como você pôde perceber.

Teelaney soltou uma gargalhada :

– Somos dois, então. Siga-me, por favor.

Ela caminhou bem atrás dele. Atravessaram um vestíbulo mobiliado de branco. Em todos os lugares, uma brancura opressiva. Uma mobília minimalista. Nenhum quadro pendurado nas paredes. Brancas. Mais uma vez, a imagem de uma gigantesca nave espacial se impunha na mente de Diane. Uma nave aberta de todos os lados para a natureza, para o verde imponente da vida.

Os locais em que escolhemos viver se parecem conosco. Diane se lembrou de um de seus professores, aquele por quem, de saída, tinha sentido um tipo de antipatia instintiva, apesar de seu jeito paternal e acolhedor. O doutor Theodore Rankin, todavia, tinha se

mostrado um bom professor, com capacidade de escutar os alunos, o que poderia ter causado inveja em alguns de seus colegas. Mas alguma coisa de muito difusa incomodava Diane, sem que ela conseguisse identificar. Rankin era um dos raros professores de psicologia que nunca tinha exercido a profissão. Além de sua excelente reputação profissional, era bem-humorado e bem-intencionado. Todos gostavam dele. Exceto Diane. Ela tinha começado a odiar suas reservas injustificáveis. Ele a convidou uma tarde para tomar chá sob o pretexto de que sua esposa teria o maior prazer de encontrar uma das estudantes mais brilhantes de seu marido. Quando chegara diante do pórtico de sua casa, imediatamente tinha encontrado o porquê da reticência que nutria por aquele homem. Um cubo cinza de dois andares, perfurado por algumas poucas e minúsculas janelas protegidas por grades, o que certamente não se justificava, à época, naquela vizinhança residencial do subúrbio de Nova Iorque. O pátio era apenas um trecho de cascalho. Nenhuma planta, nenhuma árvore, nem um metro quadrado de grama. Uma espécie de mal-estar a invadira quando fora recebida com entusiasmo pela senhora Rankin. As lâmpadas estavam ligadas em todas as peças, por causa da parca luz diurna que entrava pelas janelas, ou melhor, pelas seteiras.

A mobília do salão tinha sido outro motivo de espanto. Móveis econômicos, de uma banalidade angustiante. Nem sinal de um toque pessoal dos moradores. Eles pareciam muito felizes em recebê-la, e ela pensou que se assemelhavam como irmão e irmã. O mesmo sorriso, o mesmo jeito afável, a mesma voz doce. Ela sabia do boato de que eles nunca tinham tido filhos e se perguntara se era uma escolha ou um infeliz golpe do destino. De repente, enquanto ela se entediava havia pelo menos uma hora, esperando o momento ideal para se despedir, o motivo de sua reserva tinha ficado claro : os Rankin não eram atenciosos e acolhedores. Eram indiferentes a tudo o que não fosse eles, sua existência estreita mas confortável, sem confrontos, sem compromissos, sem riscos. Estavam envoltos em uma carapaça bem lisa sobre a qual o resto do mundo deslizava, aquele mundo do qual se isolavam graças às

suas seteiras cobertas de grades. Fechados em suas vidas, em suas cabeças, como no *bunker* de sua casa.

Em vez disso, ali tudo era uma abertura, um convite, a ausência de medo. Porém, com uma estranha veemência. E uma abertura para o quê? Para o mundo de Rupert Teelaney, no qual ele controlava os elementos, no qual ele era o mestre absoluto atrás do muro alto, com os arames farpados e o sistema sofisticado de segurança? Diane se repreendeu. Estava construindo um pouco prematuramente um perfil psicológico.

Ele entrou antes dela num imenso salão, no qual duas das paredes eram de vidro.

Três sofás de linho branco, de assentos profundos e macios, contornavam uma enorme mesa de concreto bruto, em cujo centro havia um vaso de flor-de-lis. Rupert Teelaney convidou-a a se sentar. Altas estantes de livros, feitas de carvalho pintado de branco, cobriam uma parede. Diane estava muito longe para ler os títulos das obras, dispostas em uma ordem perfeita. Nenhum objeto além de um bronze desconcertante, representando uma mulher de joelhos, nua, uma mão cobrindo os olhos, a outra protegendo o sexo. Seu anfitrião seguiu seu olhar e comentou :

– O presente de uma... amiga já falecida. Ela tinha servido de modelo ao escultor. Gosto muito dele. Normalmente, não gosto de misturar gêneros... A arte fica com a arte, os livros com os livros, as flores com as flores... Esta sala é um capricho, minha exceção. Reuni aqui a escultura e as obras que me são mais caras. O resto fica numa biblioteca e numa sala onde está depositada minha coleção pessoal. Se se interessar, poderei lhe apresentar minhas aquisições.

– Com muito prazer. Quanto a misturar as artes, devo dizer que temos, então, dois pontos em comum – brincou ela.

– Por que você não gosta? – perguntou ele, sentando-se no sofá que ficava de frente para o dela.

– É sem dúvida um tipo de rigidez psicológica, ou a sensação de que a ordem externa participa da ordem interna.

– Você se sente uma pessoa muito organizada por dentro?

– Nem um pouco. Muitas vezes, é um caos. Talvez seja a razão pela qual preciso da ordem exterior.

Rupert suspirou, a boca entreaberta. Diane concluiu que nunca o teria considerado atraente se não fosse aquele suspiro.

Ela o fitou, esperando a continuação. Ele não desviou o olhar quando murmurou :

– Quero que saiba que eu sei... sobre o... martírio de Leonor. Preferia lhe revelar.

Por que as lágrimas enchiam seus olhos diante daquele estranho? Por que aquela súbita fraqueza diante do homem sobre quem ela não sabia quase nada, nem o número de celular? Ela se detestava – ela, cuja couraça era tão robusta.

– Não quero falar sobre sua filha – continuou. – Entretanto, posso falar sobre você. É claro que sou incapaz de sentir o que você sofreu. Mas eu sei. Sei, intelectualmente, o que foi seu calvário, o que você suportou, mesmo que eu seja incapaz de imaginar com... minhas células.

Diane lutava contra a crise de lágrimas, odiando-se por aquela reação inesperada, incompreensível. Tirando Yves Guéguen, que lhe tinha respondido com o silêncio, Teelaney era o primeiro a compreender que a extrema dor se espalha por tudo como um fluido nocivo. Ela inunda o cérebro, intoxica a inteligência, invade cada sonho, cada pensamento. Martiriza cada célula do corpo. Como uma maldição persistente, quando cada fibra pensante ou orgânica de seu ser decide crucificar você.

Ciente de sua comoção, do fato de que ela não a admitia em sua presença, ele se levantou e disse, dirigindo-se à parede nua, branca, que estava na frente de Diane :

– Me perdoe.

Ele apertou o botão de um interfone que ela não tinha notado e disse :

– José? A doutora Silver e eu desejaríamos beber alguma coisa.

– Agora mesmo, senhor. Para o senhor, o de sempre?

– Sim.

– E para a doutora?

Teelaney se virou para a visitante. Ela foi grata pelos instantes oferecidos para que se recompusesse.

– Um uísque triplo, seco.

– Você ouviu, José?

– É claro, senhor. Qual uísque?

Seguiu-se uma lista. Diane se ateve à marca que conhecia melhor e cortou :

– Um Glenmorangie.

A voz agradável de José ressoou na peça :

– Canapés, senhor?

– Perfeito. Até onde sei, a doutora Silver não é vegetariana. Ah, por favor, José, traga um cinzeiro na bandeja. Nossa convidada fuma.

Estranhamente, uma vez que não se importava com a opinião dos outros sobre ela, Diane soltou, sem querer :

– São apenas dez horas e trinta... É um pouco cedo pra...

– Quem liga pra isso? – interrompeu ele, sentando-se diante dela. – Se outra coisa não matar você antes, seus... péssimos hábitos farão o serviço, sabe disso. Você aceitou, talvez tenha mesmo desejado isso. Você não é do tipo que lamenta quando tropeça. Trata-se, então, de uma troca justa. Você cumpre uma tarefa... ou melhor, uma provação extraordinariamente importante. Se precisa de álcool, cigarro, neurolépticos para conseguir, por que não? Você poderia cheirar uma carreira de cocaína na minha frente que eu não teria nada a dizer, pois sei o que aceita passar para proteger futuras vítimas desconhecidas. Nisso você perderá sua saúde mental, ou o que resta dela, e sua pele também. É uma escolha que considero heroica, numa sociedade que não sabe mais soletrar tal palavra. Quanto a mim, o ascetismo me convém. Há, sem dúvida, certa arrogância nisso. Dominar o corpo e a mente. É verdade que não sinto como você, mesmo que saiba como você se sente.

Ela o observou alguns instantes e fez a única pergunta que lhe importava :

– Aonde exatamente você quer chegar, Sr. Teelaney?

– Rupert, por favor.

– Não sou muito afeita a familiaridades, exceto quando me convêm, e você não respondeu a minha pergunta.

– É cedo demais – ele riu. – Ainda é cedo demais. Você me concedeu este dia. Inteiro. Enfim... você foi forçada, e peço perdão por isso... Mas não tinha outra maneira pra encontrá-la que não fosse a coerção. Sinto muito, de verdade. Seu quarto está pronto... se você concordar, pra minha grande satisfação, em prolongar sua estadia. De qualquer maneira, você não me conhece ainda o suficiente. Eu lhe dou o direito de investigar minha mente pra saber quem sou eu.

– Por quê?

– Porque Devernois-Klyne fracassou na missão que lhe confiei. Não é culpa dele. Eu deveria ter adivinhado. Deveria ter previsto que ele não estaria à altura. Com muita honestidade, ele reconheceu o próprio fracasso. Que imbecil eu fui. Como pude pensar que aquele charmoso burguesinho de Boston podia convencê-la a colaborar !

– Em primeiro lugar, seria preciso que eu soubesse com que devo colaborar.

– Alguma coisa muito preciosa pra você e pra mim também. Mas mais tarde.

José entrou, trazendo uma pesada bandeja carregada de copos, um prato e um cinzeiro. Não tinha esquecido a garrafa de Glenmorangie, caso Diane quisesse se servir novamente. Ela reprimiu um suspiro ao ver o outro copo : Teelaney ia beber um suco de tomate.

– Obrigado, José.

O jovem saiu com um sorriso.

Teelaney ergueu seu copo e brindou :

– Ao nosso dia proveitoso, Dra. Silver.

Diane não tinha visto passar a hora. Fiel à sua promessa, Teelaney tinha respondido a todas as perguntas. Tinha aberto sua mente, e ela estava certa de que ele não tinha mentido em nenhum momento. Compreendera, de modo um pouco confuso, que sua mãe, por quem ele tinha adoração, tinha morrido afogada em uma

piscina da família, que ele tinha tido um filho oriundo de um caso, que a criança vivia com a mãe, mas que a via com frequência. Não tinha hesitado em confidenciar que suas relações com o pai tinham sido difíceis, para não dizer conflituosas. Teelaney pai era um déspota intolerante a qualquer contradição, e o pequeno Rupert era, a seus olhos, antes de tudo, o futuro herdeiro de um império, não uma criança. Em seguida, tinha se referido à paixão pela arte japonesa, que parecia conhecer com profundidade, de Hasegawa Tôhaku, do período Momoyama, a Sakai Hoitsu, do período Edo, passando por Sengai Gibon, cujas admiráveis estilizações em poucos traços conferiam a qualquer rã uma perfeição absoluta.

Depois de olhar longamente para a estátua de bronze da mulher, Diane perguntou :

– E aquela amiga morta que serviu de modelo? Sua mãe?

Ele arregalou os olhos, surpreso.

– Estou sem palavras ! Como...

– Não sei. Talvez uma capacidade de mimetismo.

– Ou uma intuição?

– Existe mesmo a intuição? Me pergunto se não é um termo escolhido pra designar um conjunto inconsciente de dados esparsos. O resultado surge de uma hora para outra. Como não percebemos, não seguimos o pensamento de modo consciente, temos a sensação de que ele caiu do céu. Foi ela que sugeriu essa pose?

– De joelhos, uma mão sobre os olhos, outra sobre o sexo? Sim.

Ela o observou um instante em silêncio. Ele tirou os óculos e seu olhar se tornou mais vago, um magnífico olhar míope. O gesto não surpreendeu Diane : não enxergar mais durante um momento, um modo inconsciente de repelir o que faz sofrer. Ela se contentou em dizer :

– Sugestivo.

Ele afirmou, com um sorriso triste :

– É mesmo.

Antes, ele tinha tido a compaixão e a elegância de abandonar a lembrança de Leonor. Agora foi ela que, num gesto de necessária gentileza, mudou de assunto.

– Por que o... o compromisso com o meio ambiente? – perguntou, servindo-se de um terceiro copo de uísque. – Você acredita que é possível salvar o planeta?

– Não de verdade. Há muito desejo por dinheiro, por conforto, por poder em jogo. Alguns já estão se perguntando como vão poder ordenhar a vaca leiteira da ecologia. Para encher os bolsos. Poucos decidirão viver com menos facilidades, com menos cegueira. Vamos continuar como a espécie humana sempre fez : fechar os olhos esperando que a catástrofe chegue. Surgirá uma solução tecnológica, de que duvido, ou então será o caos. Nosso leve verniz de civilização não durará muito quando cada um ficar preocupado em defender a própria pele.

– Um prazer especial pelos combates inúteis?

– Não. Certo gosto pela elegância e, veja você, acredito que a grande diferença entre nós e o animal é nossa capacidade de ter esperança.

– Um engodo formidável e um dos piores venenos pra mente – contrapôs Diane.

– Nem sempre. Contudo, muitas vezes entendemos a esperança de modo passivo. Mas a esperança se ajuda, se empurra pra frente.

– Eu pensava que o budismo pressupunha uma supressão dos desejos. A esperança é também um desejo.

– Quem disse que eu desejo? Eu não desejo, eu realizo.

Em outro contexto, a frase teria sido de uma rara pretensão. Dita por Teelaney, parecia uma constatação sem ostentação.

– Sr. Teelaney, acredite que eu considero sua companhia interessante e que não me esqueço de que me comprometi a passar o dia em sua casa. No entanto, de modo objetivo, o que o senhor espera de mim?

– Estamos nos aproximando. O jantar será servido em meia hora. Meu cozinheiro vai surpreender você. É um francês. Passou vários anos num mosteiro.

Ela pensou com pesar que uma chuleta sangrando acompanhada de fritas douradas certamente não faria parte do cardápio.

*Roxbury, periferia de Boston,
Estados Unidos, julho de 2008*

Quinze minutos depois que ela entrou, ele a viu sair do imóvel de tijolo vermelho caindo aos pedaços que ficava na Tremont Street, seguida por seu cliente. Ela devia ter entre trinta e trinta e cinco anos. Raízes escuras de mais ou menos um centímetro entregavam sua falsa loirice. Uma cadela. Uma cadela imunda. É claro que, em um bairro como Roxbury, a gente não pode esperar encontrar uma Julia Roberts disfarçada de puta, assemelhando-se a uma frágil donzela. A vantagem era que as meninas mais baratas, menos precavidas, faziam o que era pedido. De qualquer modo, estavam todas tão deterioradas que raramente se davam conta do que faziam. Ele apalpou com um gesto mecânico a bolsa de vinil pendurada em seu ombro e senti os rolos bem feitos de pedaços de corda azul. Acariciou com o dedo a inscrição em feltro : *Viva el papa*. Um dos inumeráveis objetos feitos para a visita de João Paulo II aos Estados Unidos em 1987. Ele não tinha ainda sete anos na época, mas se lembrava de tudo com uma surpreendente acuidade. Cuidava muito daquela bolsa. Era um pouco como seu pé-de-coelho.

Esperou que o cliente se distanciasse sem um olhar para a puta. Ela pareceu hesitar, plantada no meio-fio, depois se dirigiu para o norte. Um sinal. O motel que ele tinha escolhido ficava naquela direção.

Ele nunca usaria um preservativo ! Diziam que era impermeável ao vírus, mas isso era para vender. Não o enganariam com boatos. De qualquer modo, a ideia de introduzir seu pau, protegido ou não,

nos buracos repugnantes daqueles lixos, preenchidos por todos os imbecis que pagavam por uma transa, lhe dava náuseas. Lixos perigosos. Aquelas cadelas eram responsáveis pela epidemia da aids. Os pederastas eram da mesma laia. Pelo menos, eles se eliminavam entre si, o que diminuía aquela corja que desagradava ao senhor.

Acelerou um pouco o passo, obcecado pela bainha da saia ultracurta que mal cobria as nádegas da mulher. Um frisson de antecipação o eletrizou. Ah, sim, ela ia ser gostosa. Ele sentia. Chegou por trás e chamou, com voz doce e hesitante :

– Hã... senhorita... hã...

A moça se virou de uma vez, sem fazer esforço algum para sorrir. Não a pagavam para isso, mas sim para abrir as pernas.

– Sim?

– Hã... Não sei se tenho o suficiente. Note bem, não sou exigente...

Ela observou o homenzinho frágil de óculos, cabelos de comprimento médio, puxados para trás das orelhas, sorriso envergonhado. Decifrou a inscrição na bolsa dele e notou a pequena cruz de prata presa na gola de sua camisa polo.

– Vinte dólares. Vinte e cinco se quiser boquete.

– Vinte dólares é perfeito.

Ela estendeu a mão e exigiu :

– O dinheiro vem antes.

Ficou a dois passos enquanto ele vasculhava o bolso da calça de algodão.

Quando ele levantou os olhos estendendo a nota, ela notou que sua expressão tinha mudado. Antes indiferente, tinha se tornado implacável. A mulher sussurrou :

– Não. Não gosto do teu cheiro. Sempre confio nos cheiros.

– Mas... eu não cheiro mal... sou limpo.

– Me deixa em paz, já disse. Não gosto do teu cheiro !

Ele lutou contra o furor repentino que lhe dava vontade de espancá-la, de estrangulá-la ali mesmo, naquele momento. Vadia. Cadela ! Tentou agarrar o pulso dela. A garota jogou o braço para cima, desvencilhando-se.

– Cai fora ! – berrou, recuando com agilidade.

Um negro enorme parou na calçada do outro lado da rua, observando a cena.

Ele se perguntou se se tratava de um cafetão ou de um idiota que queria bancar o justiceiro, porque ainda não tinha compreendido que aquelas mulheres eram uma praga para a humanidade.

Deu meia-volta e foi embora, suando de raiva e tremendo de frustração. Amaldiçoou-a – e, de todo modo, ela ia morrer de aids ou de overdose.

*Perto de Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, julho de 2008*

Bastante surpresa, Diane admitiu : aquele almoço vegetariano tinha sido uma delícia. À musse de ovos trufados acompanhada de tortinhas de aspargos, tinham se seguido nhoques cobertos por um molho branco com endro. Um caldo de coentro e feno-grego tinha sido servido no fim da refeição, à maneira chinesa, um pouco antes da sobremesa. A queda de Diane por açúcar e colesterol tinha, enfim, sido saciada : um mil-folhas de fatias finas de doce de amêndoa e de musse de framboesa, cercado de pequenos cubos de sorvete de rosas e de lavanda, se encarregara disso. Em suma, os preconceitos da psiquiatra contra o cozinheiro-quase-lama tinham se desfeito no começo da refeição, quando José colocara sobre a mesa branca uma garrafa de Montrachet e outra de Gevrey Chambertin – o que é suficiente para tornar afável a mais rabugenta das *profilers*. Ela tinha bebido a segunda, e a primeira estava em vias de desaparecer.

– Qualquer pessoa normal rolaria pra debaixo da mesa, não? – brincou Teelaney.

– Não sou normal e tenho bastante experiência em matéria de anormalidade... e de alcoolismo também. Você nunca bebe?

– Sim. Muito excepcionalmente. Pra comemorar. Na verdade, separei uma garrafa de Romanée Conti pra mais tarde. Espero que ela seja extraordinária.

– Porque vamos comemorar alguma coisa?

– Espero que sim, Dra. Silver.

Ela não pediu detalhes, certa de que a resposta seria idêntica às precedentes : mais tarde.

– O dia está magnífico. Morro de vontade de lhe apresentar a piscina.

– Ah, a famosa piscina que se autorregenera?

– Uma mistura criteriosa de areia, cascalho e plantas aquáticas que reproduz a reciclagem natural. Não se preocupe : a última parte dela é desprovida de vegetais, nada de suspeito vai escorregar entre suas pernas. Nós temos maiôs de banho de todos os tipos numa sala ao lado da piscina. Você tem interesse?

Ela o olhou por um momento e comentou :

– Por que tenho a impressão de que tudo isso foi planejado nos mínimos detalhes?

Ele riu :

– Porque você é uma mulher muito inteligente e perspicaz.

– Está parecendo uma caça ao tesouro. Cada vez que descubro uma pista, que soluciono uma charada, tenho o direito de participar da etapa seguinte.

– É exatamente a imagem apropriada ! – exclamou. – Então, um mergulho?

– Não vou resistir. E se o tesouro fosse meu peso em uísque? Seria uma pena perder – ela ironizou, sem malícia.

O plano de Rupert Teelaney estava claro. Ele a surpreendia, seduzia-a intelectualmente, se expunha e, ao mesmo tempo, mantinha tudo misterioso para que ela quisesse saber mais sobre ele. Clássico. Contudo, eficaz.

Tudo isso para que ela aceitasse colaborar com a doação que planejava para o treinamento em Quantico? Simples demais. Ele podia impô-la, como tinha feito com a presença de Devernois-Klyne e com o convite para aquele encontro.

Na verdade, Diane admitia : aquele sujeito a intrigava. A coisa toda era bastante fora do comum para que ela se surpreendesse, até mesmo se inquietasse. Algo ia acontecer, não tinha dúvidas. De um jeito bastante estranho, sentia-se à vontade na companhia dele. Quase tão bem como com Yves, mas de maneira diferente. Yves era um cúmplice, um irmão, um gêmeo. Não Teelaney. No final

das contas, quem era Teelaney? Que função ele poderia ter para ela? Reprimiu um sorriso e levantou-se para segui-lo. Ela teria dado a mesma resposta que ele : muito cedo !

Rupert explicou o funcionamento da piscina, levando-a pelo braço de uma bacia a outra, enumerando as plantas que ali cresciam generosamente. Detalhou todas as reações biológicas implicadas no processo. Diane estava seduzida por aquela engenhosidade, que tinha conseguido domesticar as simbioses da vida sem distorcê-las.

– Espero você?

Ele apontou para um pequeno e charmoso pavilhão, também todo de vidro e madeira, situado a uns cinquenta metros da piscina.

Ela remexeu num armário, tirou duas grandes toalhas macias, uma touca de banho e um maiô branco, peça que a faria parecer menos magra.

Quando ela voltou, ele estava vestido com uma sunga preta e tinha tirado os óculos. Teelaney não a atraía fisicamente. Nenhum homem a atraía mais. Entretanto, era forçada a reconhecer que o herdeiro era um magnífico espécime do gênero masculino. Ela não o tinha imaginado com músculos tão harmoniosos sob sua folgada camisa de linho. Sem os óculos, ele perdera um pouco de seu charme pueril, ganhando em masculinidade. Ela notou um tipo de marca sobre a curva de seu ombro direito. Uma tatuagem, talvez, embora isso a surpreendesse. Entretanto, a menos que se aproximasse dele a ponto de roçá-lo, sua visão fraca não lhe permitia discernir.

– Vamos mergulhar? – perguntou ele, com um tom de menino. – São dois metros e cinquenta de profundidade. Nenhum risco.

– Oh, não ! Eu pulo fechando os olhos e tapando o nariz.

Uma gargalhada de ambos saudou seu comentário. Ela o viu voar como uma flecha e penetrar na água translúcida. Pulou, desengonçada. Deram algumas voltas e depois se encontraram na borda. Ele subiu as escadas e lhe estendeu a mão a fim de ajudá-la. Seu sorriso ficou a apenas quinze centímetros do rosto dela. Ele a

fitava. Seu olhar azul profundo tinha adquirido uma estranha intensidade. A água alisara e achatara seus cabelos, que pareciam muito mais longos e tinham um corte reto, afilado. Quanto à marca no ombro, tratava-se de uma cobra ereta, cuspiendo raiva.

Ela se imobilizou, fechou os olhos. O retrato falado, melhorado pelas lembranças de Sara e Victor. Diane suspirou :

– Nathan. Nathan Hunter.

Ele se inclinou, pegou uma das toalhas e a cobriu, murmurando, com voz terna :

– O momento chegou.

Entre Nova Iorque e Paris, julho de 2008

Sentado em uma poltrona atrás deles, Yves Guéguen relia – pela sétima vez, tinha dito – *Tristes Trópicos*.

A mente de Sara divagava, quase adormecida, embalada pelo ronronar regular e anestesiante dos motores, pela respiração dos dorminhocos à sua volta. Havia alguns minutos que pensava em como poderia agradecer aquela mulher pelo encontro nos subterrâneos de um prédio. Em duas frases desprovidas de emoção, Diane Silver tinha salvado sua sanidade mental. Agora, Sara se sentia forte e determinada para lidar com o resto.

Virou a cabeça para o menino que tinha desabado ao lado e dormia, boca entreaberta. Victor : a justificativa de uma existência, que não tinha o menor sentido sem ele. No fundo, ela não desejava outra coisa. Desde a morte de Éric, cinco anos atrás, só tinha tido dois casos, que aconteceram durante congressos científicos no exterior. No entanto, “caso” era um termo exagerado para designar um amigável encontro de peles, de uma ou duas noites.

Éric : seu único amor. Victor : sua única paixão.

O sono a venceu. Ela aceitou mergulhar nele.

Victor sentiu o corpo reconfortante e querido de sua mãe relaxando. Finalmente, ela dormia. Não tinha compreendido tudo, mas sabia que a psiquiatra daquela incrível base militar tinha feito bem à mãe. Gostava daquela doutora. Queria ter se encontrado com ela. A ela, ele poderia ter contado toda a verdade. Talvez.

Que lindo e-mail, querido senhor. A morte é tão vibrante. Que alívio, que encantamento eu sentiria ao matá-los. Os dois. Odeio-os

com todas as minhas forças. Aquela idiota mandona e sua aberração de filho. Acho que começaria por ela. Melhor : que começarei. Logo. Eu me preparo, graças à sua preciosa educação. Bela noite, meu doce senhor.

Victor tinha memorizado cada uma das palavras da irmã. Como as de Cyril, quando descrevia o estrangulamento de sua irmãzinha com uma crueldade obscena.

O menino nunca tinha acreditado nas pretensões pueris de Louise. De qualquer modo, ela era uma pessoa tão podre que ele duvidava que ela desperdiçasse seu tempo na internet com leilões no eBay. Podre e chata. Megachata. Ela estragava a vida deles, a da mãe e a sua.

Naquela noite, quando ela não voltou, ele tinha pensando "tanto melhor", até que sua mãe não conseguia mais dissimular o pânico. A ideia de que Louise tramava coisas obscuras com o idiota do senhor Fausto passara pela cabeça de Victor. No momento em que Sara fora à polícia, ele se trancara no quarto da irmã e ligara o computador dela. A caixa de entrada vazia o surpreendeu. Nenhum e-mail, seu Nosferatu de meia-tigela. Victor logo os encontrou na lixeira. Sua irmã era um zero à esquerda em informática, assim como em tudo o mais.

Ele leu e releu os e-mails, se perguntando se aquilo era uma piada nojenta, se estava entendendo bem. A dúvida tinha se desvanecido e o terror se instalara nele. Aquela puta queria matá-los, ele e sua mãe ! Victor tinha procurado desesperadamente um meio de enfrentá-la, de proteger Sara. Tinha se lamentado por ser ainda tão pequeno para dar uma surra corretiva em Louise quando ela voltasse. Ele não podia dizer nada à sua mãe. Ela nunca devia saber dos planos malucos que sua própria filha preparava para exterminá-la. Se ele fosse à polícia, mesmo com o disco rígido, pensariam que se tratava de um jogo macabro de adolescente. De mau gosto, mas nada muito grave.

Victor tinha odiado a irmã. Tinha chorado, implorando para que ela estivesse morta, para que nunca mais retornasse.

Quando sua mãe, com uma voz trêmula, escolhendo as palavras mais inofensivas, explicou que Louise tinha sido assassinada, ele rompeu em lágrimas. De alívio.

O menino suspirou de satisfação contra o corpo da mãe. Tudo ia bem agora. Estavam juntos. Ele escutava a respiração regular da dorminhoca.

Uma ideia lhe veio à cabeça momentos depois. Não era simples construí-la, formulá-la. No fundo, o que sua mãe precisava era de uma criança. Ela devia ser convencida de que protegia, de que cuidava de modo maternal, de que era indispensável para a sobrevivência de seu bebê. Que não tinha o direito de entrar em colapso, de se deixar dissolver pela dor. Então, ele não podia lhe contar sobre o dia em que tinha descoberto aqueles e-mails, em que a morte, a verdadeira, estava diante dele, em que as portas da infância tinham se trancado brutalmente, deixando-o de fora. Enquanto esperava ficar grande, forte para poder defender sua mãe, só lhe restava uma coisa : permanecer um menininho para reconfortá-la. Permanecer criança. Era por isso que devia ficar quieto.

*Perto de Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, julho de 2008*

Quando ele propôs tomarem um chá no salão, ela preferiu terminar a excelente garrafa de Montrachet.

– Você não terá mais vontade de degustar em seguida meu magnífico Romanée Conti – ele se inquietou.

– Vontade? Sim ! Se for necessário, estou certa de que dois de seus encantadores empregados poderão me levar completamente bêbada pro quarto que você mandou preparar. Não é necessário que tirem minha roupa. Eu costumo não ser mais capaz de fazer isso. – Ela virou o precioso líquido na taça e prosseguiu :

– Chegou o momento, você disse.

– Hum.

Secos, seus cabelos tinham voltado a ser crespos, mas ele conservava as lentes de contato. Provou em pequenos goles o chá fumegante, que exalava um sutil aroma de malva.

– Hunter : alusão ao caçador, compreendo. Mas por que “Nathan”?

– É o nome que minha mãe tinha escolhido pra mim. Meu pai e minha avó, é claro, foram contra. Todos os primogênitos do sexo masculino dos Teelaney se chamam Rupert. Entretanto, minha mãe era uma rebelde, um defeito grave na família. Ela só me chamava de Nathan. Isso os tirava do sério. – Ele acariciou a borda da taça de *raku* com a ponta do indicador e continuou, com voz distante : –

Ele a estuprava, sabe? Quando ela não queria, ele batia nela – nunca no rosto, por causa dos empregados e das recepções – e a estuprava. Ela tentava se defender, mas ele era forte como um

touro, aquele filho da mãe. Eu ficava embaixo da escada ou no corredor. Escutava da porta do quarto deles. Chorava, me detestando por ser incapaz de ajudá-la.

– A estátua de bronze é muito alusiva – salientou Diane.

– Acredito que foi naquela época que compreendi o que era uma vítima. No entanto, só me lembrei disso muito mais tarde. – Hesitou, depois disse : – Eu preciso lhe explicar o resto, Dra. Silver?

Diane degustou o final de seu copo e se serviu de novo, terminando a garrafa com uma careta de pesar.

– O quê? A impotência das vítimas? Sua trágica fraqueza, o que explica que só compreendam no último momento, quando é tarde demais, que o predador está sobre elas? A catastrófica esperança que faz com que acreditem que, se obedecerem, serão poupadas? Eu disse pra você : odeio a esperança. Esperei, eu também, quando Leonor...

– Eu tinha percebido.

Ela continuou, como se não o tivesse escutado :

– A espantosa neurose desse mundo que cerca o torturador de fascinação, de compaixão, mesmo, relegando seu pavoroso “mostruário de caça” ao papel de exemplos, de ilustrações? Por que você acha que me tornei uma *profiler*, alcoólatra e viciada em neurolépticos?

– Não por esse motivo – respondeu ele com voz doce. – Isso é a teoria, e ela veio depois. É disso que vamos descobrir se estou completamente enganado ! Acredito que o verdadeiro motivo é uma menina e a sua... desculpe... incompetência, sua inutilidade de então. Você se odeia mortalmente por não tê-la salvado, por não ter sido, na época, uma caçadora capaz de chegar até aquele maluco assassino para matá-lo. A tempo.

Ela o olhou, a boca entreaberta, com falta de ar. Os insultos, a raiva, a negação, tudo tinha passado. Ele tinha razão.

– Posso beber alguma coisa, por favor?

– Pensei no Romanée Conti – sugeriu ele em tom amigável, dirigindo-se ao interfone.

– Neste caso, um uísque. Não se preocupe. Sei ficar lúcida até que não seja mais desejável.

– Proponho a você uma colaboração. Em memória de Leonor e de todas as outras vítimas impotentes do passado, do presente e do futuro.

– Até agora, não tive a sensação de que você precisasse de minha ajuda.

– Pense de novo.

Eles ficaram em silêncio enquanto José servia Diane.

Quando o jovem criado se foi, Rupert continuou :

– Stanley Armstrong foi bastante fácil de localizar. Era um pedófilo violento. Encontrei na casa dele DVDs que destruí. Eu ainda não estava pronto pra entrar em contato com você – pois se trata de um antigo projeto. Em um dos filmes, a garotinha era esfaqueada. Depois o resto. Adoro os pedófilos, porque são identificáveis quando se sabe o jeito certo de rastreá-los. Eles necessitam de contatos pra conseguir seu... divertimento. Graças ao disco rígido de Armstrong, descobri a existência do *señor* Valdez. *Exit*, o belo Constantino.

– E os dois jovens franceses?

– Internet, sempre. Possuo um sistema de monitoramento com palavras-chave.

– Similar ao da CIA? Do mesmo nível?

– Ao da CIA. Com dinheiro, a gente pode obter quase tudo. Uma triagem de palavras-chave. Basta saber escolhê-las. Então cheguei até Cyril Janet.

– O famoso mentor canadense !

– Errado, não sou eu. O mestre canadense existe. Após a investigação, tive certeza de que se tratava de um pobre rapaz, desequilibrado, se alimenta de fantasia. Daí, tentei apagá-lo de minha lista. Disponho de um sistema de informática ultrarrápido, que me permite entrar *online* e copiar um e-mail ou um arquivo antes que ele chegue a seu destinatário legítimo, sem que este perceba nada além de um atraso normal. É algo de uma fração de segundos.

– Por que esfolá-lo?

– Oh, isso, ou outra coisa... – respondeu ele com desinteresse. –

O objetivo era encorajar você a acreditar na existência de um assassino em série, fazer com que você investigasse e lhe dar pistas sobre a existência de uma... como dizer, gradação. Cyril, Valdez e Armstrong tinham passado ao ato, do tipo inaceitável. As punições deles eram, então, mais severas que no caso de Louise.

– Não me diga que tudo isso eram apenas mensagens pra mim? !

– Claro que sim ! – se surpreendeu ele.

A estupefação tomou conta de Diane, a ponto de ela esquecer seu uísque.

– Sua reputação de excelência é notória e pública, mas ainda era preciso que eu a verificasse – ele se justificou. – Era o projeto mais importante de minha vida. Faço tudo o que for possível para isso, você não pode reclamar disso.

– Não sabia que o budismo era compatível com o assassinato – ironizou ela.

– A essência do budismo é a supressão das dores. De certa forma, eu não mato. Eu suprimo os terríveis sofrimentos das futuras vítimas.

– Uma pirueta inteligente – comentou ela. – E se eu me levantasse e fosse contar seus segredos a meus amiguinhos do FBI?

Nada incomodado, ele respondeu :

– Você não fará isso. Você precisa de mim e é indispensável pra mim.

– Preciso de você?

Diane pegou de volta seu copo de uísque e o esvaziou de um gole.

– Hum. Chegamos ao objetivo de nossa colaboração : não sei chegar aos predadores. Já disse : os pedófilos são fáceis porque, em geral, dependem de uma rede de contatos. Em contrapartida, os assassinos em série, muitas vezes solitários que não precisam de nenhum contato pra se divertir, estão fora de meu alcance. Você, você sabe o que tem de fazer. Mas eu tenho apenas minha determinação – ia dizer, até, minha paixão – e os meios financeiros ilimitados. Nós somos dois componentes essenciais de um mesmo

ser que devem se unir pra que ele chegue à sua plena funcionalidade.

Ela se recostou no encosto do sofá de linho e cruzou os braços. Ele seria louco? Não tinha certeza. Pelo menos, não mais que ela. E depois, não estava convencida de que somente loucos capazes de esquecer-se de si mesmos podiam mudar o mundo? Diane poderia ter pensado a respeito durante horas, ponderado todos os prós e os contras. Entretanto, fazia já doze anos que refletia. Conhecia os números que indicavam que a lei era insuficiente, ultrapassada por um fenômeno para o qual não tinha sido preparada, o dos assassinos em série. A lei é feita para e por pessoas que aceitam, *a priori*, as regras da civilização. Os assassinos em série não são esse tipo de pessoa. A lei tinha concedido a liberdade para cerca de trezentos assassinos, quase sempre por questões processuais. Um deles foi o belo Rick. Todos tinham recomeçado a estuprar, a torturar, a massacrar. Um gosto amargo e difuso invadiu Diane. Acreditara na lei, porque era uma mulher civilizada que queria viver em um mundo civilizado. A lei foi quebrada. Primeiro, com Leonor; em seguida, com todos aqueles cadáveres ou pedaços de cadáveres torturados que a tinham impelido a encontrar os autores. E depois? Ela mesma tinha matado um predador. Sem nenhum remorso. Por outro lado, para ela, era uma questão de proteger, somente de proteger. Não era um desejo de matar. A única coisa que a enfurecia era aquela aliciadora que tinha levado Leonor a seu algoz. Quem era exatamente Nathan/Rupert? Admitia : ele tinha chegado até ela, até suas emoções, com uma facilidade que a inquietava.

– Por que eu deveria confiar em você?

– Porque somos da mesma raça e porque temos o mesmo objetivo. Cada um do seu jeito. Somos terrivelmente sós, Diane. Seria um suicídio se nos traíssemos, não acha?

A psiquiatra fez uma pergunta que, em outras circunstâncias, teria sido uma infantilidade :

– Você gosta de matar?

Ele riu :

– Não, não sou um psicopata que fica procurando motivos para se entregar à sua diversão : matar. – Uma onda de carinho encheu

seus olhos de lágrimas. – Sinto uma... como dizer... uma ternura extrema em relação às vítimas... as crianças e as mulheres, sobretudo. Os animais também. Eles não podem se defender. Os homens dignos desse nome desafiam aqueles cuja força é equivalente. Os outros atacam indivíduos mais fracos pra garantir que vencerão. Quero mostrar que isso é falso. Acredito na evolução, Dra. Silver. São precisos poucos machos pra reprodução, pra sobrevivência da espécie, mas são necessárias muitas fêmeas. Confúcio disse : apenas um bule de chá enche dez taças. De que serviriam dez bules de chá se houvesse apenas uma taça? Então, por que há tantos machos quanto fêmeas? Na espécie humana, quero dizer.

– Pra proteger.

– É isso ! Pra proteger a fêmea, pois ela protege as crianças. Nós nos tornamos uma espécie transviada. Corrompida. Os machos atacam as fêmeas e as crianças. Os fracos. E não é nem pra comer nem pra se defender.

– Não. Nós somos uma espécie bastante fabulosa, na qual alguns elementos estão corrompidos seriamente corrompidos. Nenhuma outra espécie possui elementos tão desequilibrados como a nossa. Nenhuma outra espécie possui elementos tão geniais, tão mágicos como a nossa.

– Estamos de acordo. Só proponho remover aqueles elementos seriamente corrompidos do sistema. Impedir que eles prejudiquem o resto da espécie. Você sabe, existem psicopatas em algumas espécies de macacos. Eles são mortos pela comunidade, pelos machos maiores, ou excluídos de modo a não poderem ficar a menos de cem metros do grupo, sob pena de serem mortos.

– Eu sei. Contudo, são indivíduos cuja mãe estava longe de ser a ideal. Não suficientemente presente, não suficientemente autoritária, não suficientemente amorosa e terna. Às vezes, uma mãe muito jovem, muito imatura.

– Trazendo pra nossa espécie, qual a relevância disso? As consequências nós já sabemos, e são os inocentes que pagam o preço por elas. Deve-se tolerar que o belo Rick tenha torturado quinze meninhas ou mais sob o pretexto de que sua mãe não era

suficientemente presente, suficientemente autoritária, suficientemente amorosa e carinhosa?

– Não. Além disso, na nossa espécie, isso não é sempre verdade. Não foi assim no caso de Richard Ford. Sua mãe foi testemunha no processo. Uma velha professora de inglês. Uma baixinha encantadora que adorava seu único filho. Ela não entendia. Estava arrasada.

Uma grande margarida alaranjada entre os dedos da garotinha. A mão de uma mulher com um anel de noivado e de uma aliança.

Diane tirou um *pendrive* do bolso de fora da mochila que tinha deixado junto do sofá e perguntou :

– E aquele famoso Romanée Conti?

Ele se levantou e caminhou devagar na direção dela. Segurou sua mão e a beijou.

As cinco fotos da cena do crime estavam projetadas sobre uma imensa tela que cobria quase a metade da parede da sala do escritório de Rupert Teelaney. Fotos que pareciam cópias. Diane tinha explicado todos os detalhes dos relatórios médico-legais e policiais.

– A última aconteceu há alguns dias – especificou, apontando para Bernice com o indicador. – Ele vai recomeçar. A caçada está aberta. Difícil, admito. É claro que esta é uma selva de concreto. Tem suas leis, todo mundo sabe. As jovens que andam pelas ruas não ignoram. Os malucos são uma legião, os policiais estão sobrecarregados, alguns à beira de um ataque de nervos.

– O que você sabe dele?

– Cruzando minhas deduções com os relatórios : homem, branco, entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, muito provável que de envergadura e corpulência modestas e solteiro, de porte físico fraco, aparência tranquila, inofensiva, grande liberdade de movimentos e de horários, pois ataca a qualquer hora – logo, desempregado, ou entregador, alguma coisa assim –, cabelo castanho escuro, ondulado, de tamanho médio. Provavelmente com uma inteligência mais que mediana; um cara organizado, já que

carrega uma meia-calça nova e cordas e que escolhe o motel antes de abordar a vítima. Complexo de inferioridade, pouco à vontade com o convívio social, o que combina com sua condição solitária. Impotente em circunstâncias normais. Um ódio evidente por todas as prostitutas. Ah... importante : não tem ficha criminal. Tenho quase certeza de que o perfil é este, mas ele pode corresponder a uma infinidade tamanha de pessoas que acaba não sendo muito discriminante.

– Você sabe de algo mais, não é?

Não se tratava de uma pergunta.

Um sorriso. Uma voz calma :

– Este Romanée Conti é uma maravilha – declarou ela, colocando seu copo sobre a grande escrivaninha de madeira *wengé*, que contrastava com o branco da sala. – O que pretende fazer pra mim?

Rupert a saudou com o copo e degustou um gole, fechando os olhos de satisfação.

– Uma bela celebração. Posso acender um charuto?

– Por favor.

Ele acendeu o havano sem pressa e soltou uma longa baforada da fumaça de cheiro forte.

– Somos parceiros. O que você quiser que não contrarie minha moral.

– É assim que entendo a coisa. Procuo uma mulher. Outra agulha no palheiro. Foi ela que levou Leonor pro seu assassino. Nova Iorque, há quinze anos. Uma mão muito bonita, longa, jovem, fina. Acho que com um anel de noivado e uma aliança, mas não tenho certeza. São símbolos que me vêm à mente. Nesse caso, os símbolos significam que a mulher era tranquila demais para uma menina. Um lado maternal, de proteção, de doçura, não sei ao certo.

– Entendo. O que acontece depois?

– Você me chama. Eu me encarrego disso. *Exijo* que seja eu. Ela é minha, não se esqueça. Em troca, dou pra você todas as informações sobre o assassino de Boston. Esse é seu.

Rupert não teve dúvida de que Diane mataria aquela mulher se colocasse as mãos nela. Uma reação de humana dominante, alfa. De mãe. Uma fêmea sem piedade. Ele adorava as fêmeas.

Sua mãe também era uma fêmea alfa. Ele se lembrava de sua risada. Ela não tinha medo de nada. Pelo menos, quando seu único filho estava envolvido. Ele. Ela gritava, ameaçava, batia. Louca, talvez. Foi o que lhe disseram. Mas uma louca... louca de amor pelo filho. Estranhamente, ela mal se defendia quando o porco escroto a estuprava.

Morreu quando ele tinha apenas oito anos de idade. Afogada, após uma overdose de cocaína, conforme a investigação. Rupert acreditara. Sua mãe nunca o teria abandonado neste mundo de loucos. É claro que ela estava louca. O mundo enlouquece, não? E havia motivo para ficar louca entre um marido despótico e estuprador e uma sogra que odiava todas as mulheres que se aproximavam de seu filho. Um mal necessário, contudo, pois era necessário um herdeiro.

Sua mãe nunca o teria deixado sozinho. Disso ele tinha certeza. Eles a tinham matado. Seu pai e sua avó. Rupert ignorava como, mas eles a tinham matado. Ela sabia muitas coisas sobre o império Teelaney para que seu pai aceitasse um divórcio. O jovem Rupert tinha entendido que devia manter a cabeça baixa, porque eles eram capazes de tudo. Ser o herdeiro perfeito, o queridinho do papai. Assumiu o papel.

Eles tinham matado sua mãe. Na piscina. Rupert sabia que ela não se drogava nem nada parecido. Ela amava seu bebê. Nunca tinha amado a não ser ele. Aqueles dois canalhas a tinham sufocado, responsabilizando-a por toneladas de coisas que não existiam. Fizeram com que ela parecesse uma idiota viciada e alcoólatra, incapaz de cuidar do filho. Do único herdeiro cujos genes tinham sido verificados, legitimados, para que se tivesse certeza de que eram mesmo os do pai.

Eles a tinham afogado na piscina.

Pela manhã, Rupert a encontrou, boiando de barriga para baixo, os longos cabelos cobrindo sua cabeça como um véu.

– Você vai matá-la? – perguntou ele com uma voz suave.

– O que mais poderia ser feito? Uma mulher que entrega uma menininha a um assassino pra que ele a estupe, torture, esquarteje e mate em três horas e cinquenta e seis minutos não tem, do meu ponto de vista, nenhuma atenuante. Não haverá processo, eu garantirei isso. Advogados espertos ainda seriam capazes de inventar uma história em que ela, depois de ver o pai se masturbando, teria ficado traumatizada, o que explicaria o resto ! Vamos parar de engolir essas psicoses goela abaixo. De qualquer modo, os psicóticos não são doentes mentais, não são irresponsáveis. Pessoas inocentes não têm de morrer porque tiveram a infelicidade de encontrá-los pelo caminho. Ela escolheu? EU escolho. Minha escolha? Ela morre. Sem um processo interminável, sem apelação.

– Você tem vontade de torturá-la? – perguntou ele como se fosse uma banalidade.

Diane sorriu, divertindo-se com aquela pergunta que havia feito a si mesma durante semanas. Tinha se visto utilizando um bisturi ou um maçarico, como o amiguinho daquela mulher quando torturara Leonor. Diane teria conseguido fazer isso : não sentia compaixão alguma pela aliciadora. Mas não. Com isso, teria sentido apenas uma gigantesca repulsa. Nenhum alívio, nenhuma recompensa. Queria somente matar a mulher, para colocar um ponto final na história de Leonor. Tinha a impressão de que seu anjinho não poderia descansar sem isso.

Não se preocupe, minha querida. A mamãe vai cuidar de tudo. Durma, amorzinho, durma. A mamãe está aqui.

– Não, mas já pensei muito nisso.

Ele jogou a cabeça para trás, sorrindo. Diane o achou muito sedutor. Talvez também fosse um psicopata. Mas não importava, desde que pudesse ajudá-la. Visto que a definição da psicopatia, embora vaga, não convinha para Rupert nem para ela. Ambos eram capazes de gostar e de postergar seus desejos imediatos. Ambos não se desviariam de seus valores morais : proteger pessoas inocentes que ainda não sabiam que se tornariam vítimas.

– Ah... Temos uma missão a cumprir. Fazer maldades de graça seria a prova de nossa impulsividade, de nossa impotência. Ora, nós somos seres poderosos, não é?

Diane se perguntou por um instante se ele queria se convencer disso. Quanto a si mesma, estava certa : era poderosa. No começo, tinha sido impotente, e seu bebê estava morto. Na verdade, era a culpada pelo calvário de Leonor porque fora incapaz de defendê-la. Logo após o desaparecimento da filha, ela, a mãe, tinha obedecido aos policiais, a seu pai e a seus amigos. Tinha esperado como barata tonta. Durante esse tempo, um maluco tinha martirizado seu bebê. Ela deveria ter saído à caça imediatamente. Deveria tê-lo perseguido para matá-lo, salvar Leonor. Não ficar em casa soluçando diante do telefone. Deveria ter sido uma fêmea impiedosa em vez de uma mulher bem-educada. Tudo aquilo acabara. O verniz de civilidade tinha trincado. Diane estava muito satisfeita com isso.

Uma antiga lembrança a perturbou. Uma ratazana. Um bichinho enfurecido de vinte centímetros de comprimento que não temia atacar alguém de um metro e setenta. Diane, uma juvenzinha, tinha encontrado o ninho na garagem dos pais. A ratazana tinha arrancado pedaços do que podia – borrachas, roupas velhas, guarda-sol, jornais –, tudo para construir um abrigo confortável para seus filhotes. Quando Diane descobrira os cinco ratinhos guinchando, a mãe estava ausente. Diane decidira sacrificá-los com um pouco de éter, em um saco plástico. Eles fizeram uma barulheira. Quando ela mergulhou o último no saco azul-marinho, cheio do vapor mortal do éter, a ratazana apareceu. Diane tinha compreendido, então, que a fêmea estava pronta para lutar pelos filhotes. A menina, inquieta, pegara uma chave inglesa no armário do pai. A ratazana a fitava, encolhida, o olhar passando do saco onde seus filhotes acabavam de ser asfixiados para os olhos da humana. Não sentia medo. Não medo de morrer. Estava louca de ódio. Apenas procurava o melhor ângulo para atacar. Saltar sobre o rosto da menina, da assassina de seus bebês. Diane compreendera isso. Uma imensa admiração por aquela fêmea a tinha invadido. Ela

recuara até a porta da garagem, sem deixar de olhar nos olhos do animal. Tinha aberto espaço para que a ratazana fosse embora :

– Salve a própria pele. Salve a própria pele, porque senão vou ser forçada a matar você. Vai procriar em outro lugar. Juro que, mesmo se encontrar você de novo, não os matarei.

A ratazana tinha hesitado. Após um último olhar para o saco plástico, tinha ido embora.

Diane se transformara naquela ratazana. Muito maior, muito mais perversa, muito mais perigosa.

– Você tem razão, Sr. Teelaney. Somos poderosos porque não temos mais medo. Você sabe o que é o medo? É a ideia da nossa própria morte. Uma vez que você decidiu que não tinha nada a perder, mas que não ia entregar os pontos não há mais medo.

– É justamente isso !

– Quero aquela mulher morta. Se tiver de arriscar minha pele, não tem problema, contanto que ela morra e que saiba por que : por causa de Leonor. Se... eu não estiver à altura de minha tarefa... Você teria a bondade de levá-la a cabo pra mim? Mas não antes.

– É claro. O que você tem sobre ela que pode facilitar minhas... pesquisas?

Ela se inclinou sobre o teclado e abriu outro arquivo.

– Pouca coisa. Grande erro de minha parte. Só há pouco tempo tive... a certeza de que ela existia. Tudo o que você encontrará aí dentro é sobre ele, o assassino, Richard Ford, o belo Rick ! Detalhes fora do inquérito que recolhi sobre ele, após a morte de Leonor, após o arquivamento do processo, exatamente antes do imenso serviço prestado por aquele traficante que atirou nele. Os restaurantes e os cafés que ele frequentava, suas lojas preferidas, esse tipo de coisas.

– Então, você já suspeitava que... a história não tinha terminado? Fascinante.

– Algo na minha cabeça me dizia que ela estava incompleta.

– Então, começa uma segunda caçada. Mais um copo?

– Com muito prazer. Acho que vou aceitar sua oferta de alojamento pra esta noite.

– Fico satisfeito e lisonjeado. O que você tem mais sobre o assassino de prostitutas?

– Uma certeza e uma convicção que não compartilhei com os dois agentes encarregados da investigação.

– É um sinal. Você sentia que ia oferecê-las a seu parceiro antes mesmo de encontrá-lo. Eu.

Ele estaria brincando?

Mais uma vez, Diane mostrou o mosaico de fotos da cena do crime.

– Olhe bem. Eu ajudo : não se preocupe com as diferenças físicas entre as vítimas. Concentre-se nas encenações. Elas parecem idênticas? Errado ! Admito que também fiquei muito tempo empacada aqui...

Rupert, o rosto tenso, se aproximou da tela gigante.

– Contudo, antes de responder, digo o que acho. Imaginei o assassino carregando uma grande cruz austera de madeira. Mais uma vez, é um símbolo inventado pela minha mente. Ele deve ter, carregar, não importa, alguma coisa que fortaleça sua imagem inocente, tranquilizadora, inofensiva. Recruta suas vítimas entre as prostitutas baratas dos bairros desfavorecidos. Em outras palavras, jovens mais que desconfiadas e que não têm nenhuma ilusão de que o mundo é um lugar bom. No entanto, ele consegue levá-las a motéis que não costumam frequentar.

Rupert Teelaney não tirava os olhos da tela. Murmurou :

– Adoro sua mente !

Aquela declaração a fez sorrir. Provocado, ele prosseguiu :

– Em compensação, a minha me decepciona ! Não vejo nada de diferente, Dra. Silver.

– Os nós.

– Como?

– Observe os nós das cordas e da meia-calça. Os dos pulsos e das pernas.

No pesado silêncio que se seguiu, ela sentiu a concentração dele.

– Droga... desisto ! – exclamou, exasperado, virando-se para ela.

– Ele é ambidestro. Um verdadeiro ambidestro, e não existem muitos. Existem, ao contrário, mais ambidestros lateralizados.

– O que significa isso?

– O lobo esquerdo do cérebro controla a mão direita, enquanto o direito controla a mão esquerda. Os ambidestros lateralizados são pessoas que sistematicamente fazem um gesto com a mão direita e outro com a esquerda. Por exemplo, indivíduos que levantam seu copo com a mão esquerda, mas que escrevem com a mão direita. Estes são, no mais das vezes, canhotos que, ou de modo forçado ou pra serem aceitos em um grupo, aprenderam a utilizar a mão direita pra algumas ações. O caso do assassino é muito diferente. Ele faz perfeitamente o mesmo gesto com as duas mãos. Tem quem diga que isso não é bom do ponto de vista psicológico.

– Por quê? Pelo menos, se ele quebra uma mão, pode utilizar a outra !

– Faz sentido, dito assim. Entretanto, alguns psicólogos pensam que o fato de ser ambidestro não ajuda o sujeito a se posicionar mais tarde nas suas ações. Mas há exemplos conhecidos que derrubam essa teoria. Duvido que o Dr. Schweitzer, prêmio Nobel, teve dificuldades para se posicionar !

Foi a vez de Diane se aproximar da tela, apontando para as duas primeiras fotos com o indicador :

– Aqui e ali, todos os nós foram feitos por um destro. Acho que foi por isso que os policiais não perceberam. Caso eles tenham realmente verificado. De qualquer modo, o legista do Instituto Médico Legal se preocupou com isso, pelo menos na primeira autópsia. Era um destro, então era um destro. Inútil ir mais longe.

Fascinado, Rupert aproximou a cabeça da tela a ponto de roçá-la. Depois reproduziu o gesto de entrelaçar duas extremidades com uma corda.

– Ah... ali, na terceira foto, os nós no alto das coxas e dos punhos estão invertidos !

– Para um destro, corrigiu Diane. Na quarta foto, todos os nós das pernas foram feitos por um canhoto. E, na última, apenas o nó que prende os joelhos foi feito por um canhoto.

– O palheiro se reduz – ele suspirou, satisfeito.

– Sobretudo porque existem associações onde ambidestros se reúnem.

– Você disse que era um solitário. Ele deveria estar sempre fugindo de grupos e reuniões, não?

– Um solitário, não tem como negar. Entretanto, vejo-o como alguém que acha que está com a razão e quer encontrar justificativas pras suas atitudes. É bem comum nos psicopatas. Ou seja, ele não faz nada de anormal, ele é “normal”, segue a norma, como os outros. Então, não é culpado. Uma associação é ideal pra essas pessoas. É possível encontrar quem compartilhe uma mesma particularidade com você e que seja “normal”, sendo a convivência limitada às reuniões.

– Brilhante... mas psiii ! – interrompeu ele gentilmente, o indicador sobre os lábios. – Você está fazendo meu trabalho de caçador. Tenho de provar pra você que estou à altura.

– Estamos avançando ! – Ela ergueu o copo e tomou um longo gole do precioso vinho. – Bem... Não tenho mais necessidade de minha lucidez. Vou me embebedar até cair.

*Perto de Boston, Massachusetts,
Estados Unidos, julho de 2008*

Imóvel, sentado de pernas cruzadas no centro da arena de três metros de diâmetro, Rupert/Nathan voltou à realidade. Sua respiração se acelerou. Sentia-se revigorado, como sempre, após as sessões de meditação, quando mergulhava no mais profundo de si mesmo, relaxado, em harmonia com o universo.

Levantou-se e limpou com a mão a areia colada nas coxas.

Aproximou-se da parede coberta de grandes viveiros e contemplou seus parceiros de combate. A *Crotalus adamanteus* estava digerindo havia dois dias. A *Crotalus durissus terrificus* se enrolara em volta de uma pedra decorativa, perfeitamente imóvel, assumindo sua mineralidade. Ele suspirou de admiração diante da serpente que tinha se tornado um tipo de fetiche : sua cobra egípcia de quatro metros de comprimento. A *Crotalus atrox*, a última combatente morta em batalha, acabava de ser substituída. Sua sucessora era um pouco menos comprida. Entretanto, era vingativa, pois se aprumou, pronta para dar o bote, quando Rupert bateu com os dedos no vidro.

Rupert sorriu e lhes enviou um discreto aceno com a mão antes de deixar o calor pesado da sala sem janelas, situada no coração da casa de vidro e madeira.

Não tinha necessidade delas naquele momento. Um jogo muito mais difícil, embora menos atraente, o esperava : um assassino.

Entrou na sala de trabalho, na qual estava o computador que faria inveja a qualquer força policial no país.

Apertou um botão. O escuro do monitor se dissipou, e o fundo de tela apareceu. Devia ter um ano na foto. Ela o segurava entre os braços, fazendo barulho ao rir. Sua mãe. Seu olhar e sua miopia vinham dela, assim como seus cabelos, mesmo que os de sua mãe fossem mais bonitos e sedosos, uma cabeleira comprida, de um louro dourado. Soprou um beijo para a foto e abriu o arquivo "Boston".

Diane tinha partido havia dois dias, pela manhã, espantosamente sóbria, levando-se em conta a quantidade de álcool que ingerira. Para sua grande surpresa, sentia falta dela. Se esperasse aquela colaboração, ou melhor, aquela cumplicidade, se já tivesse possibilitado havia mais tempo que ela se concretizasse, jamais teria imaginado que laços de intimidade, até de dependência, pudessem ter se criado tão rapidamente entre eles. No entanto, jamais tinha sido tão sincero com alguém, e não duvidava de que a recíproca fosse verdadeira. De modo embaraçoso, confiava cegamente nela menos de vinte e quatro horas depois de conhecê-la. Refletiu. Por que embaraçoso? Eles se pareciam tanto, até na vontade de pagar por uma culpa involuntária. Ela, porque não tinha sabido salvar a filha; ele, porque tinha sido incapaz de defender a mãe.

Concentrou-se no trabalho da véspera. Bom serviço. Pelo menos, esperava que Silver pensasse assim.

Regra nº 8 : Os animais selvagens sempre se aproximam da carne. Os pedófilos se viram para entrar em contato com crianças. Um assassino que odeia putas vive no meio delas, o que apenas aumenta seu ódio, justificado conforme seus critérios.

Diane o tinha descrito como pouco inteligente, mas organizado. Era provável que não morasse no mesmo local onde caçava, com medo de ser reconhecido. Um emprego simples, ou desempregado, o que implicava, *a priori*, poucos meios financeiros. Portanto, era conveniente concentrar a pesquisa em bairros pobres, nos quais a moradia fosse barata, onde os habitantes soubessem que era melhor não se meter nos negócios do vizinho e onde se

encontrassem putas pouco exigentes, excluindo aqueles bairros onde o assassino já tinha atacado.

Rupert contemplou o mapa de Boston e de seus arredores, no qual tinha circulado suas escolhas : South Dorchester e Jamaica Plain, embora a reputação um pouco perniciosa do último tivesse sido atenuada pela presença de estudantes atraídos por aluguéis acessíveis e por uma mistura étnica bem-sucedida.

Pesquisou no Google. Nenhuma associação de ambidestros nem em South Dorchester nem em Jamaica Plain. Na verdade, havia apenas duas em Boston, o que incluía os subúrbios próximos : uma em Brookline, outra em Cambridge. Somente o primeiro possuía um ótimo *site* explicando os projetos, as formações, as atividades da associação, sem esquecer um pequeno histórico dos ambidestros famosos, de Glenn Gould a Jimi Hendrix, passando por Leonardo da Vinci e até o doutor Albert Schweitzer.

Rupert se alongou com satisfação. Há tempos não se sentia tão relaxado e, ao mesmo tempo, alerta. Desde Paris. Invejava Diane Silver pelo processo quase inconsciente que permitia à sua mente organizar os dados para chegar a uma conclusão confiável. Diferentemente dela, ele tinha de se concentrar muito, refletir sobre os menores detalhes. Uma tarefa laboriosa. Entretanto, era ainda um principiante em matéria de perseguição, e a dificuldade era emocionante.

Durante a meia hora que se seguiu, eliminou um sem-número de hipóteses, e de repente a evidência se impôs. Bateu palmas de alegria. Se o assassino pertencia a uma associação, era a de Cambridge. Brookline sempre foi uma extensão nobre de Boston – e isso bem antes de John F. Kennedy ter nascido lá. Portanto, era de esperar que os membros dessa associação viessem das camadas superiores da sociedade, nas quais as pessoas se vestem bem, falam com facilidade. Trocando em miúdos, um contexto que podia reforçar o sentimento de inferioridade do assassino e que ele evitaria. Em contrapartida, Cambridge é, antes de tudo, um bairro de estudantes. A presença de quem tem dinheiro é muito menos perceptível no mosaico de nacionalidades e de costumes do bairro.

Até porque a linha de metrô que vai para lá passa também por South Dorchester.

Rupert reuniu suas conclusões, acrescentou as peças do pequeno dossiê sobre a mulher de Nova Iorque e enviou tudo para um dos endereços de e-mail de sua agenda.

A ligação que ele esperava não demorou.

– Sr. Teelaney, feliz de ter notícias suas. Estou olhando para o arquivo que acabou de me enviar. Então, são duas investigações diferentes?

– Isso mesmo, Thomas. Quero que você se encarregue pessoalmente disso. Acredito que... não seria apropriado que repassasse esse serviço a um de seus excelentes colaboradores.

– Entendo.

– Trata-se de assuntos... muito confidenciais.

– Oh ! Sr. Teelaney... – censurou a voz em tom entristecido. – Trabalho para o senhor e sua família há mais de vinte anos. Alguma vez dei motivos para duvidarem de minha extrema discrição ou das minhas competências?

– Desculpe, Thomas. Você tem mil vezes razão.

– Assim o senhor me deixa mais tranquilo. Talvez seja mais fácil localizar o homem. Temos uma descrição física, um perímetro bem delimitado, uma possível atividade social... Mas... a mulher vai ser um grande problema, e seria desonesto de minha parte afirmar que conseguirei com facilidade.

– Tenho consciência de que se trata de uma missão muito difícil, mas sei que você é capaz.

– Como sempre, Sr. Teelaney.

Thomas Bard, um ex-policia que virou detetive particular, muito particular, era conhecido por sua tenacidade e eficácia. Prova disso era sua caderneta de endereços de clientes, que podia se gabar por possuir um número impressionante das maiores fortunas do país. Thomas conhecia tantos segredos – mais ou menos honrosos – dos poderosos que poderia, sozinho, provocar a quebra da bolsa mundial. No entanto, sensatamente, não ignorava que sua saúde, sua longevidade e seus enormes honorários se sustentavam em um único um fio : o silêncio.

– Eu os localizo e, em seguida...

Thomas era inteligente demais para ter sua imagem ligada a uma execução. Todavia, conhecia profissionais para o serviço, dos quais, é claro, jamais tinha ouvido falar.

– Nada mais. Mantenha-me informado, não importa que hora do dia ou da noite. Trata-se, nos dois casos, de assuntos que acompanho... de muito perto.

– Pode contar comigo, Sr. Teelaney. Mãos à obra !

Rupert desligou. Sua satisfação se misturava com um grande pesar. Teria gostado tanto de cuidar ele mesmo da perseguição. Mas não havia tempo a perder. Outra jovem ia morrer. Não tinha o direito de arriscar uma vida por uma veleidade. Porém, pediu a Thomas para participar da investigação em Nova Iorque. Thomas não podia recusar nada, ele pagava bastante caro pelo trabalho. Rupert sabia que seria uma questão de honra para o detetive encontrar a aliciadora. Um ótimo desafio em vista.

Levantou-se. Era hora de se exercitar.

Regra nº 9 : Conservar uma forma física e mental impecáveis.

Paris, França, julho de 2008

De volta à França, Victor se recusara claramente a partir para o acampamento dedicado à equitação onde havia passado o mês de julho do ano anterior. Confusa quanto ao motivo de sua obstinação e levando em conta o trauma ocasionado pela morte da irmã, Sara Heurtel não insistira muito, fazendo esforços diários de imaginação para entreter o menino, que, entretanto, não era muito exigente. Victor se satisfazia com pouco : um passeio, um filme, um livro – se possível, aventuras cheias de dragões, de unicórnios, de feiticeiros malvados, de guerreiros poderosos de quinze anos e de princesas corajosas. Para Sara, era uma questão de honra conhecer aquela *heroic fantasy* que cativava o filho. Porém, apesar de uma antiga paixão por ficção científica, o romance caiu de suas mãos após umas cinquenta páginas...

Durante o jantar daquela noite, enquanto Victor contava entusiasmado, detalhe por detalhe, as características físicas, intelectuais e morais da dragoa azul chamada Saphira conquistada pelo jovem Eragon,¹⁵ o telefone tocou. O menino parou e olhou para a mãe, que não se mexeu.

- Você não vai atender?
- Não.
- Por quê?
- Porque sei quem está ligando.
- Quem?
- Yves Guéguen.
- Você não quer falar com ele? – surpreendeu-se Victor.
- Não. Talvez mais tarde.

– Como tem certeza de que é ele?

– Porque sua mãe também tem superpoderes – brincou ela, sem alegria. – Na realidade, ele deixou uma mensagem ontem, quando estávamos no cinema. Além disso, não sei se você notou, mas não se pode dizer que têm chovido ligações, nestes dias. Eu mesma já deixei o telefone fora do gancho para verificar que a linha funcionava.

– Ah, sim...

Na hora, ela se arrependeu do comentário infeliz e retificou :

– São férias.

A morte assusta. Às mães que perderam filhos, mais ainda. O que dizer a elas e o que, sobretudo, não dizer? Mas eles não sabiam, aqueles interlocutores fantasmas que temiam uma crise de choro tanto quanto o próprio desconforto, que Sara já tinha começado a apagar Louise de sua memória. Para não odiá-la.

– Mamãe, eu... – murmurou Victor com uma voz hesitante.

– O que, meu querido?

– Bem... não se aborreça, mas... enfim, eu estava me perguntando... se a gente poderia jogar fora as coisas da Louise, redecorar o quarto. Isso incomodaria você?

Mais uma vez, ela se enganou. As marcas da vida de Louise não deixavam cicatriz no irmão. Elas lhe causavam repulsa. Aquele pedido a tranquilizava, contribuindo para apagar da sua vida alguém a quem tinha dado à luz para amar mais do que tudo e que agora lamentava ter concebido.

– Não. É uma boa ideia. A gente faz isso amanhã, ok? A gente joga tudo fora, Victor, a gente não guarda nada, a gente não dá nada.

Se pudesse, ela teria queimado tudo como em um exorcismo.

– Legal.

Se pudesse, ele teria queimado tudo, para que não sobrasse mais nada de Louise.

Era preciso que ela se decidisse a ligar para Guéguen. Ter coragem de fazer o que tinha que fazer, mesmo que julgasse um esforço sem sentido. Eric teria dito “a lei é a lei. Sem a lei, é o caos, com certeza. A lei nos incomoda, às vezes com razão, mas ela é a

única garantia de civilidade que temos, e levamos milhares de anos construindo-a”.

Aquele assassino, aquele Nathan Hunter, devia pagar. Devia ser preso, mesmo se, nesse caso, ele os tinha salvado, a ela e a seu filho.

[15](#) PAOLINI, Christopher. *Eragon*. Tradução de Nelson Rodrigues Pereira Filho. São Paulo : Rocco, 2005.

South Dorchester, Massachusetts, julho de 2008

Rupert Teelaney levantou a cabeça na direção do alto-falante redondo, bege por causa dos vapores gordurosos e da poeira, situado justamente acima de sua mesa. Uma voz de mulher estridente e fanhosa flutuava sobre os acordes de uma cítara. Era algo muito distante de um Ravi Shankar.

Como sempre, Thomas tinha feito um excelente trabalho. Sentado em um angustiante restaurante indiano de Mount Vernon Street – *Le Taj Mahal Palace* –, onde tinha pedido um não menos deplorável curry de legumes com empadas de queijo e um prato de arroz amarelo e seco, Rupert consultava de novo o relatório entregue pelo detetive, assim como as fotos tiradas com uma teleobjetiva. Após um primeiro exame, já tinha selecionado o candidato que mais lhe agradava.

Uma apreensão bastante agradável tomava conta dele. Teria feito a escolha certa? Caso contrário, sempre seria tempo de recuar. Diane tinha falado de mimetismo, e ele também tentou esse processo mental.

Dispôs na sua frente, sobre a toalha de papel, três fotos de homens, todos da mesma faixa etária, da mesma estatura e com o cabelo da mesma cor, todos os três ambidestros e membros de duas associações já localizadas, mesmo que não estivesse certo de que o assassino fosse membro delas.

Ele se concentrou no estudo da primeira foto, a de um entregador de uma lavanderia em Jamaica Plain.

Uma voz o sobressaltou : era o garçom rechonchudo e jovial do medonho “palácio”. O sujeito perguntou, num inglês colorido pelo

sotaque :

– Acabou?

– Não.

– Uma sobremesa?

– Não terminei – repetiu Rupert com uma voz que crescia em irritação.

– Ok, ok.

– Já que está aqui, você poderia baixar um pouco a música?

– Ok, ok. São irmãos? – perguntou o garçom, debruçando-se sobre o ombro de Teelaney e apontando com o indicador gordo e comprido para uma das fotos.

Rupert julgou a questão engraçada, e seu mau humor se dissipou no ar :

– Não, candidatos pra um papel.

– Na televisão?

– Sim. Para um papel de cadáver – respondeu erguendo os óculos retangulares para o sujeito.

Admirado, o garçom comentou :

– Legal !

E voltou para a cozinha.

Entrar na cabeça de uma mulher ele conseguia. Sentia por elas, vítimas preferenciais, uma ternura misturada com piedade. No bom sentido. Imiscuir-se no cérebro de uma puta de bairro barra pesada seria mais difícil. Saber que qualquer cliente pode se revelar um maluco, alguém perigoso. Ter entendido que não existe mais nenhuma bondade, nenhuma generosidade. Jamais abandonar um território conhecido, minimamente confortável, por um lugar estranho, ameaçador. Estar todo o tempo pronta para o que der e vier, procurar sinais de perigo. Nunca acreditar no cara que a acompanha.

Na foto 3x4, o entregador, um tal de Ted Simmons, conversava na calçada com um homem de quem Rupert via apenas um pedaço da careca. Ele tirou do dossiê de Thomas uma foto ampliada do rosto. Simmons sorria, um sorriso maquinal, apenas um esticar de lábios. Rupert observou a ponta do nariz, a linha do maxilar, as bochechas um pouco afundadas, as sobrancelhas grossas, quase

retas. Se fosse uma prostituta desconfiada e aquele cara lhe propusesse trinta dólares por um programa, o que faria? Iria onde estivesse acostumado a ir. E se o sujeito insistisse em levá-lo para um local desconhecido? Não. Não com aquele maxilar quadrado, não com aquelas sobrancelhas. Com toda a delicadeza, Rupert o mandaria passear.

Teelaney suspirou de felicidade. Estava perto, tinha certeza !

Recolheu as fotos dos dois ambidestros de South Dorchester. Analisou rapidamente as de um tal de Ken Hammond, desempregado. Os olhos próximos, o nariz comprido e os lábios finos traíam – pura suposição – um tipo de violência escondida.

Seu favorito, agora : Stephen Grady. Espalhou as fotografias em volta de seu prato de *curry*. Reprimiu o princípio de excitação que lhe correu pelas veias. Sem precipitação. Enganar-se estava fora de questão. Stephen : bonito, com suas bochechas infantis, o sorriso hesitante, os cabelos puxados com cuidado para trás das orelhas. Ele entregava uma nota à jovem mulher que vendia sorvete na rua, com a cabeça coberta por um capacete branco de beisebol. Rupert pegou a foto ampliada. Poderia ter de dezoito a vinte anos, embora, conforme o relatório de Thomas, tivesse vinte e oito. Com cerca de dezoito meses de vida, Grady tinha sido encontrado, na manhã de Santo Stephen,¹⁶ diante da entrada de um orfanato católico, como manda a tradição. Bastante debilitado e sofrendo de asma, tinha sido levado a casas de adoção, voltando sempre ao orfanato. No final das contas, não saiu de lá, pois sempre esteve empregado na paróquia Saint-Andrew, que pertencia à instituição de caridade onde foi educado. Grady era encarregado de pequenos trabalhos pouco exigentes : compras, um pouco de manutenção, o monitoramento dos vasos de flores e das velas dos altares.

O olhar de Rupert caiu sobre o broche preso na gola da camisa de Stephen. Uma pequena cruz de prata. Sem dúvida, ele gostava muito dela ! Atenção, a caça devia ter lugar sem *a priori*, sem impaciência, sem impulsividade. Sobretudo, sem errar a presa.

Um pensamento emocionado lhe ocorreu : Diane era ainda mais excepcional do que imaginara.

Memorizou o endereço informado por Thomas, guardou o dossiê numa mochila e chamou o garçom, de repente ansioso para sair logo.

Rupert Teelaney estacionou o pequeno carro cinza pálido alugado, escolhido por ser de fácil locomoção, diante do prédio de tijolos aparentes em Devon Street, perto do cruzamento com o William Morrissey Boulevard. A espera começava. Podia ser entediante para uma mente mal preparada, que procurava apenas uma distração, pulando de um pensamento a outro. Não para ele. Abriu o *Boston Globe* e o estendeu sobre o volante para manter as aparências, não chamar a atenção, e mergulhou numa espécie de meditação vigilante, observando cuidadosamente tudo o que o rodeava. Era um prédio de cinco andares, ladeado por escadas de incêndio que conectavam passarelas de metal transformadas em varais ou em minúsculos jardins por alguns dos moradores. Um menino negro estava sentado sobre os degraus que levavam à entrada do imóvel, fascinado pelos carros que chegavam da direita. Rupert logo compreendeu o motivo de seu interesse quando ouviu o sininho do vendedor de sorvetes. O rapazinho se levantou de um salto e se postou sobre o meio-fio. A encantadora juvenzinha de capacete branco da foto parou diante da criança e lhe entregou um *cornetto* coberto por um creme rosa. Rupert sorriu. Fazia tanto tempo que não via aquelas charmosas caminhonetes que, imaginara, tinham desaparecido, esmagadas pela multiplicação de supermercados e de congeladores domésticos.

Mas a espera... A espera é deliciosa. Vigiar, ter paciência até perceber o eco de um sininho.

O menino se acomodou na escada, feliz, lambendo o sorvete bem devagar para prolongar o prazer. Rupert fingiu virar a página do jornal. Uma sombra escureceu seu para-brisa. Ele ergueu os olhos. Um sujeito com jeito de drogado o olhava, um sorriso ao mesmo tempo bobo e ameaçador. Rupert tirou seus óculos escuros e o encarou. O indivíduo não sustentou seu olhar mais de cinco segundos, deu de ombros e se distanciou, com um :

– Hã... legal, cara !

O garoto tinha terminado o sorvete e limpava os dedos pegajosos nas calças que lhe chegavam à metade da panturrilha.

E Rupert o viu. Stephen Grady. Ele apareceu na porta do prédio, de ombros curvados, o que acentuava ainda mais sua aparência frágil, uma expressão tímida e insegura no rosto. Usava uma camisa polo preta, uma calça de linho bege e trazia uma bolsa de vinil azul a tiracolo. Disse algumas palavras ao menino e se afastou na Devon Street. Rupert o acompanhou. Dirigiram-se para a estação de metrô JFK/U Mass da linha vermelha.

Não se antecipar. Nada dizia que Grady ia à caça. Podia estar indo para o trabalho, ou à associação de ambidestros, em Cambridge. E ele podia não ser a presa.

Stephen Grady desceu na estação seguinte, Andrew. Caminharam uns dez minutos, e Rupert lutou contra uma onda de desapontamento quando o viu subir sem pressa a escadaria da igreja Saint-Andrew.

Dominar a impaciência. Ser poderoso. Então, esperou do lado de fora, um pouco inquieto : e se Grady saísse por uma das portas laterais? Não aguentando mais, foi a vez de Teelaney entrar na igreja, de tamanho modesto. O piso estava molhado, e um odor desagradável lhe chegou à garganta. Uma silhueta pequena, de costas, se movimentava no local do coro, empurrando uma vassoura com um pano de chão na ponta. Rupert saiu, tranquilo.

Stephen Grady reapareceu menos de uma hora mais tarde. A caminhada recomeçou. O trajeto de metrô foi muito mais longo. Na ponta do vagão, Rupert o vigiava, protegido atrás dos óculos. Tinha, enfim, podido decifrar a inscrição da bolsa de vinil : *Viva el papa*. Judicioso. Grady parecia distante, perdido em pensamentos. Cruzava e descruzava sem parar as mãos pousadas sobre as coxas, às vezes massageando os dedos em um gesto inconsciente. Seus pés batiam de modo descompassado. Sua excitação crescia. A fantasia tomava forma em sua mente. Só pensava naquilo. Rupert estava quase certo : acabava de encontrar sua presa. Calma.

Fizeram a baldeação em Downtown Crossing para ir ao Sul, até Roxbury Crossing. Alguns pontos de Roxbury têm há muito tempo a reputação de serem pouco seguros, apesar das repetidas tentativas

de trazer de volta a tranquilidade que conheceram no século XVIII. Rupert deixou seu alvo se afastar um pouco. Apesar do calor sufocante, tirou da mochila um pulôver fininho, que deixou sobre os ombros, e colocou na cabeça o capacete de beisebol preto. Porém, duvidava que o sujeito o tivesse percebido, tanto a futura execução de outra puta o seduzia.

Quando desembocaram na Alphonsus Street, Rupert duvidou que estivessem se aproximando de Mission Hill e atravessou a rua para seguir Grady do outro lado da calçada. Stephen diminuiu o ritmo, adotando um passo de passeio. Entretanto, pela tensão de suas costas, Rupert sabia que estava alerta. Será que escolhia uma puta porque ela lhe lembrava alguma coisa? Ou porque lhe parecia mais fácil, mais manipulável do que outra? O que importa isso? De qualquer modo, ele a atraía apenas para ejacular entre as coxas dela enquanto a estrangulava.

O delicado Stephen lançava olhares furtivos para os pórticos dos prédios sob os quais as moças esperavam. Ele parou, parecendo hesitar. Rupert virou de costas e se apoiou contra o capô de um carro, de braços cruzados. Seu alvo voltou sobre seus passos e fez um gesto discreto e infantil para uma sombra que, imediatamente, desceu os degraus na direção dele. A jovem morena, vinte e cinco anos ou mais, escutou o que ele dizia, balançando negativamente a cabeça. De onde estava, Rupert a via de costas e observava as expressões que se sucediam no rosto de Grady : decepção, tristeza, esperança de bom menino. A moça deu de ombros com irritação, cansaço, e embolsou o dinheiro que ele lhe estendia. Grave erro. Não fatal, contudo, pois Rupert estava lá.

O que ele inventava para convencê-las a ir até um motel? Que temia que um cafetão indelicado o espancasse para roubá-lo? O caso tinha acontecido há pouco tempo. Porém, raríssimos clientes roubados tinham ousado reclamar. O pretexto combinava bastante com seu jeito de menino frágil e reforçava seu lado inofensivo e medroso. A jovem pensava, então, que estaria em posição de vantagem em caso de escorregão. Enganava-se.

Rupert os seguiu sem pressa, certo de que Grady já identificara os lugares e que o motel ficava perto. Apesar de toda a persuasão,

o educado Stephen nunca teria convencido uma puta empoleirada em saltos alto e bambos a caminhar mais de trezentos metros.

Situado perto de um posto de gasolina, o *Clairview Motel* era um magnífico exemplo de construção sinistra, pobre e decrépita, até nas rachaduras que abriam suas paredes de cimento e nas cortinas de lâminas que pendiam do interior da maioria das janelas. Devia haver pessoas que moravam ali durante uma semana ou um mês, porque roupas íntimas secavam do lado de fora, penduradas em cabides suspensos nas barras protetoras das aberturas que davam para um imenso terreno baldio. Boa escolha. Tratava-se de uma espécie de estabelecimento onde ninguém cuida da vida de ninguém, exceto quando um vizinho fala tão alto que impede os outros de dormir.

O improvável casal contornou o motel, e a moça se dirigiu para a mesa da recepção.

Teelaney os viu entrar no quarto 11. Consultou seu relógio. A primeira parte da encenação era rápida. Grady abatia a mulher, depois a estrangulava e lhe metia uma bola de tecido na goela. Em seguida, as coisas eram mais devagar. Ele a estrangulava lentamente, muito lentamente, para atingir o orgasmo. Rupert dispunha, então, de cinco a seis minutos para encontrar o meio de entrar no quarto. A adrenalina crescia.

Adotando uma voz sombria e vulgar que, esperava, se assemelhasse à de um gerente nojento digno daquele motel, bateu com o punho na porta do quarto. Sem resposta, como esperava. Bateu de novo, berrando :

– Ei ! Ela esqueceu o troco. Três dólares e quinze. Ei?

Ainda sem resposta. Com um tom que forçou desconfiado, exigiu :

– Ei... Está acontecendo alguma coisa ou o quê? Você tem algum problema? Ei, senhora, abre a porta. Não ligo que você esteja com um cliente, mas não quero chateação no meu estabelecimento.

Ainda sem resposta. Em compensação, barulhos lhe chegavam do interior.

– Abra ou chamo a polícia !

A porta se entreabriu, enfim. Stephen Grady, com ar surpreso e aborrecido, apontou a cabeça. Um pontapé contra o batente o jogou para dentro do quarto. Rupert fechou a porta atrás de si. Grady abriu a boca, talvez para gritar. Um violento soco no plexo solar o fez se curvar. Outro golpe, na nuca, com a mão aberta, o fez desmaiar.

Empurrou a fina porta do banheiro. A garota jazia no chão, inconsciente, amarrada. Stephen a tinha colocado ali quando o suposto recepcionista tinha batido. Rupert ergueu o pequeno Stephen pelas axilas e o fez sentar-se na cadeira de plástico vermelha do quarto.

Tinha pouco tempo, infelizmente. Ela ia acordar. Se os policiais ainda não tinham sido avisados, ela fugiria rapidinho sem perguntar nada, feliz por não ter virado presunto. Entretanto, alguns minutos seriam suficientes para fazer com que o gentil Stephen lamentasse dos seus atos. Rupert deveria acabar logo com aquilo. Seria um pouco rápido demais para seu gosto, mas tudo bem. A necessidade faz a lei.

O olhar aterrorizado do assassino fez com que Rupert sorrisse. Avançando para ele, murmurou, faca de caça na mão :

– Não pega bem ficar matando mulheres. Não pega nada bem.

Um longo gemido abafado vazou pela mordação de fita adesiva cinza.

– Vou abaixar um pouco o volume da televisão. Não desejaria que isso nos incomodasse.

Inclinou-se e deslizou, com gesto de especialista, a lâmina larga sob a pele da coxa de Stephen.

Um urro animal repercutiu na fita cinza e produziu apenas um balbucio esquisito, trêmulo.

Rupert trocou rapidamente de roupa e cortou as amarras da garota, que gemia, recuperando aos poucos a consciência. Droga, não tinha mais tempo para uma celebração. Mas um quarto tão deprimente era capaz de estragar o melhor dos havanos.

[16](#) Em português, Santo Estêvão, considerado o primeiro mártir do cristianismo. (N.T.)

*Base militar de Quantico, Virgínia,
Estados Unidos, julho de 2008*

O telefone pré-pago que Diane acabava de comprar e cujo número uma única pessoa conhecia tocou. Ela tirou o aparelho às pressas da mochila.

– Dra. Silver, podemos arquivar o dossiê “Boston” – anunciou uma voz alegre.

– Bem ! Você fez rapidinho – comentou a psiquiatra, admirada.

– Era preciso. Uma mulher corria perigo ! De fato, ele era órfão e...

– Não importa ! – cortou a voz, agora seca. – Você quer uma breve lista de órfãos? Jean-Sébastien Bach, Albert Camus, Tolstoï, Keats, Steven Jobs (da Apple), Jean-Jacques Rousseau, e assim por diante ! Então, não me venha com circunstâncias atenuantes. A única coisa que me importa é que ele não vai mais matar.

Uma gargalhada de júbilo saudou aquela réplica pungente :

– Peguei você ! Quanto a matar, não, pois é... ele não pode mais. Parto depois de amanhã pra Nova Iorque. Mantenho você informada.

– Bem. – A voz, desta vez tensa, terminou : – Rupert? Obrigada.

– Nããão ! Eu é que agradeço. Em breve, espero. Diane... Tome cuidado. Temos tanto trabalho juntos pela frente ! Quantos assassinos em série estão soltos por aí, segundo você?

– Os cálculos são muito variáveis e pouco confiáveis. Nos Estados Unidos, diria entre duzentos e cinquenta e quatrocentos.

– Multiplicados por de dez a cem vítimas cada um...

– Os números não são precisos, são aproximações – pontuou ela.

– Mas o que eles dizem é de uma clareza terrível.

– É verdade.

– Tome cuidado – repetiu ele. Depois, com uma gargalhada gutural : – Você é a mulher mais importante de minha vida. A pessoa mais importante.

– Ah, bem, vou tomar isso como um elogio – brincou ela.

– E você tem razão.

No final da tarde, quando Diane voltava da máquina de café perguntando-se que perversidade a levava a engolir aquela horrível bebida batizada, de modo fraudulento, de “café”, Mike Bard foi falar com ela.

– Você está sabendo? – perguntou, sem preâmbulo.

– De quê?

– O assassino de putas, de Boston... Executado, em um quarto de motel, em Roxbury. Suas impressões digitais foram confirmadas, e o DNA vai sair daqui a pouco. Devia ter uma mulher com ele. Foram encontrados pedaços de cordas e uma meia-calça no banheiro. O recepcionista disse que uma prostituta tinha alugado o quarto pra duas horas. Depois de umas três horas, ele foi expulsá-los e descobriu o sujeito. Num estado nojento. Algo extremamente bizarro : ele foi esfolado vivo. Uma parte do rosto e uma coxa. Isso não lhe sugere algo?

– O quê? – exclamou Diane sem que seu tom se modificasse.

– Sim, você me ouviu.

– Espere aí, como nossas duas investigações poderiam se cruzar? Se for verdade, estamos lidando com um *copy cat*, um cara que ouviu falar do assassino de Valdez e de Armstrong e quis fazer igual.

– Não sei.

Ele lançou um olhar insistente antes de despedir-se :

– Você gosta do risco, percebe.

– Como?

Ele apontou o copo que ela segurava.

– É preciso amar o risco pra beber essa porcaria !

– A gente só morre uma vez – respondeu Diane, abrindo a porta de seu escritório.

Permaneceu lá, em pé atrás da porta. A ideia de Mike Bard a tinha incomodado. Ela sentira que havia mais do que apenas a história de café ruim. Estaria ficando paranoica? Suspirou, irritada : não havia nada a ser feito a respeito de Bard e do que ele podia pensar dela !

Em contrapartida, um problema a incomodava : Yves. Yves, o único que conseguia penetrar em sua carapaça, mesmo que os dois não tivessem muito mais em comum do que uma noção de justiça. É provável que esta seja a melhor definição do verdadeiro amor. Amar o que é diferente. No fundo, a atração intelectual que sentia por Nathan/Rupert era mais simples, mais evidente : o objetivo fundamental deles era similar, mesmo se motivações diferentes os tivessem conduzido até ali – proteger os cordeiros de seus predadores. O que ela compartilhava com Yves era muito mais difuso, muito mais complexo e mais precioso : uma concepção de Homem e de civilização.

Yves não a reconheceria mais, agora que tinha dado o passo decisivo, do qual não se pode voltar. De peito aberto, Diane sabia que tinha feito uma escolha inevitável. Entretanto, a ideia de perder Yves era um sofrimento pelo qual não esperava passar – ela, que pensava que nenhum sofrimento, fora o que se relacionasse com Leonor, pudesse atingi-la.

E se Yves e aquela Heurtel ficassem obcecados em encontrar o assassino de Louise e de Cyril, o que faria?

Ela estava certa, certa !

Mas Yves não estaria de acordo. E apenas a opinião do policial francês importava para Diane.

Títulos da Vertigo

.....

Sete dias em river falls | Alexis Aubenque
Algumas garotas escondem terríveis segredos...
Tradução : Fernando Scheibe

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen
Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...
Tradução : Salma Saad

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost
Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...
Tradução : Fernando Scheibe

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?
Tradução : Márcia Guimarães

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen
O que realmente sabemos sobre nossos filhos?
Tradução : Elisa Nazarian

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp
Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...
Tradução : Vinicius Carneiro

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre
Ninguém está a salvo da loucura...
Tradução : Zéfere

Copyright © Calmann-Lévy, 2009
Copyright da tradução © 2013 Editora Nemo/Vertigo

título original

Dans la tête, le venin

CAPA

Diogo Droschi
(sobre foto de D. Sharon Pruitt)

TRADUÇÃO

Vinicius Carneiro

PREPARAÇÃO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Renato Potenza

DIAGRAMAÇÃO

Tristelune Production

Coleção dirigida por Arnaud Vin

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de
1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por
meios mecânicos, eletrônicos,
seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

VERTIGO

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar,

Conj. 2301, Cerqueira César . São Paulo . SP .
cep 01311-940 Tel. : (55 11) 3034 4468

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

app, Andrea H.

Na mente, o veneno : Diane Silver inicia sua caça ao serial killer... -
- / Andrea H. Japp ; tradução Vinicius Carneiro. -- 1. ed. -- São
Paulo : Vertigo, 2013.

Título original : Dans la tête, le venin.

ISBN : 978-85-8286-018-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.
13-10220 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático :

1. Ficção policial e de mistério :
Literatura francesa 843.0872